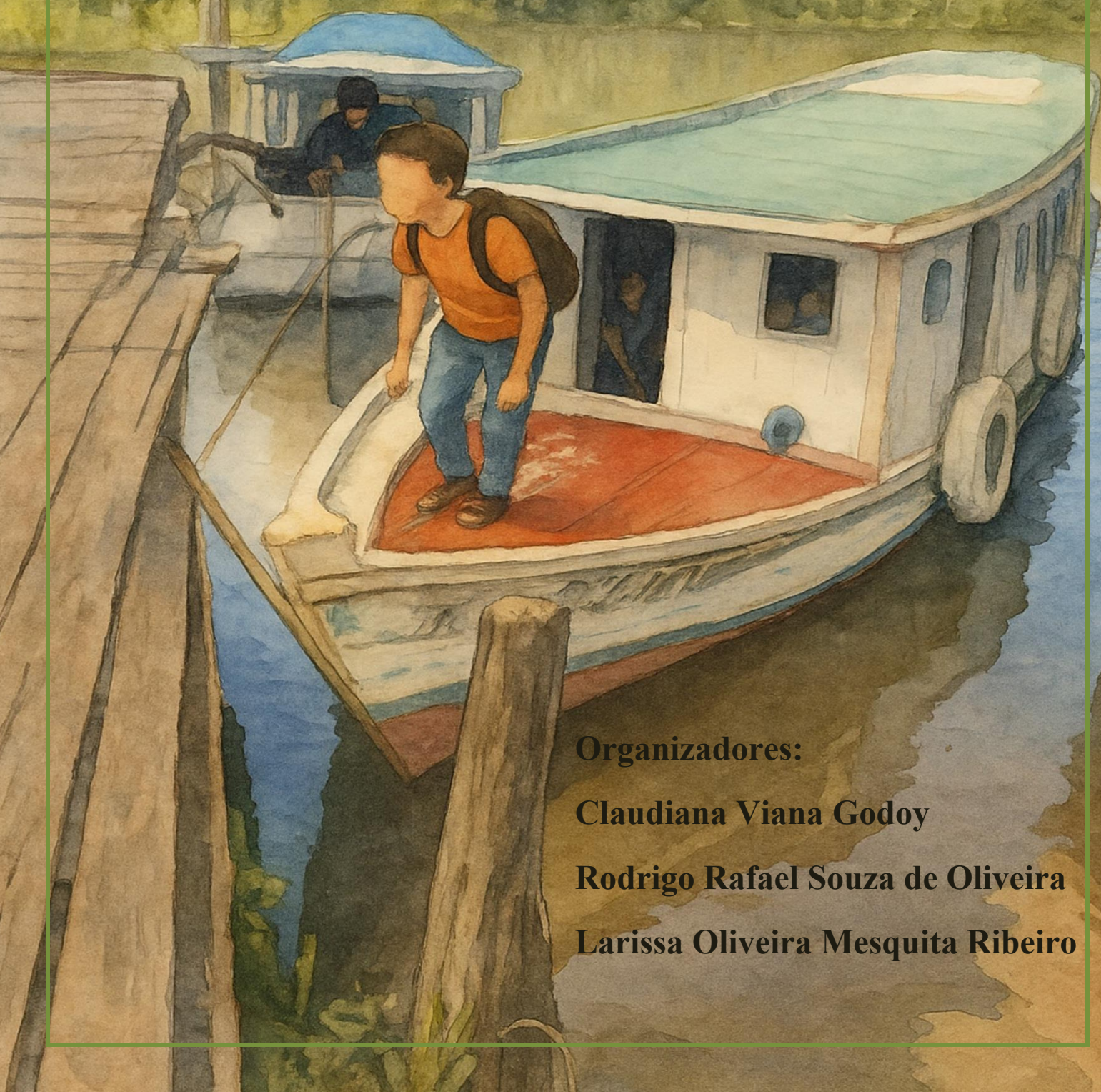


I Jornada de Estágio do Curso de Geografia:

vivências, diálogos e novos desafios



Organizadores:

Claudiana Viana Godoy

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira

Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro

**I JORNADA DE ESTÁGIO DO
CURSO DE
GEOGRAFIA**

**“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”**

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA: vivências, diálogos e novos desafios

Organizadores:

Claudiana Viana Godoy

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira

Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
COORDENAÇÃO DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

DR. CLAY ANDERSON NUNES CHAGAS

Reitor da Universidade do Estado do Pará

DRA. ILMA PASTANA FERREIRA

Vice-Reitora

DR. WANDERSON CARVALHO DA SILVA

Chefe do Departamento Geografia

DR. RODRIGO RAFAEL SOUZA DE OLIVEIRA

Coordenador do Curso de Licenciatura Plena em Geografia

DRA. CLAUDIANA VIANA GODOY

Coordenadora de Estágio do Curso de Licenciatura Plena em Geografia

MA. LARISSA OLIVEIRA MESQUITA RIBEIRO

Professora efetiva do Curso de Licenciatura Plena em Geografia

DR. WILLAME DE OLIVEIRA RIBEIRO

Professor efetivo do Curso de Licenciatura Plena em Geografia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade do Estado do Pará**

J82a Jornada de Estágio do Curso de Geografia (1. ; 2025 : Belém, PA)
 Anais da 1ª Jornada de Estágio do Curso de Geografia: vivências,
 diálogos e novos desafios / Claudiana Viana Godoy; Rodrigo Rafael
 Souza de Oliveira; Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro. — Belém-PA:
 EDUEPA, 2025.
 255 p. : il.

Inclui bibliografias

ISBN (e-book): 978-85-8458-072-9

1. Geografia – Educação. 3. Geografia – Estudo e Ensino. 3.
Geografia – Amazônia. 4. Estágios supervisionados. 5. Saberes. 6.
Educação ambiental. 7. Espaço urbano. I. Godoy, Claudiana Viana.
II. Oliveira, Rodrigo Rafael Souza de. III. Ribeiro, Larissa Oliveira
Mesquita.

CDD 22.ed. 910.7

**I JORNADA DE ESTÁGIO DO
CURSO DE
GEOGRAFIA**
“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



SUMÁRIO

PREFÁCIO	6
APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO I	10
Desafios dos ensinos colaborativo e inclusivo de Geografia em uma escola pública de Belém, Pará, Brasil.....	11
Estágio Supervisionado I em Geografia: aprendizagens e desafios na trajetória do licenciando	18
Vivências e aprendizagens no ensino de geografia: relato de estágio na Escola Estadual Rotary Club, de Castanhal.....	23
Desafios do ensino de Geografia: os impactos da abordagem tradicional em sala de aula	28
O professor influente: metodologias que apresentam resultados promissores em sala de aula	34
Prática da docência: contribuições do estágio supervisionado em Geografia na formação do discente	38
A importância do estágio supervisionado no exercício da docência	42
Globalização em sala de aula: regência e práticas pedagógicas no Estágio II na EEEF Paulo Maranhão.....	46
Prática geográfica e os desafios do cotidiano escolar: reflexões, a partir do estágio supervisionado em Geografia, realizado em uma escola pública estadual.....	51
A prática docente em construção: experiências de regência no estágio supervisionado de Geografia.....	55
CAPÍTULO II	60
Aluno invisível, escola hostil e indisciplina: relato do estágio docente em uma instituição pública de Belém (PA).....	61
Geografia escolar em crise: observações críticas sobre a formação do pensamento crítico, a partir do estágio docente	67
A atuação do estagiário no processo de ensino-aprendizagem de Geografia no ensino fundamental: experiência na EEEF 15 de Outubro, em Belém (PA)	73
Ensino de Geografia na educação pública: o reflexo de uma alfabetização deficitária nos anos finais do ensino fundamental em Ananindeua (PA).....	78
Estágio supervisionado em Geografia: vivências, desafios e aprendizagens em uma escola da rede estadual de Belém (PA)	83
Ensino de Geografia: vivências e aprendizagens no estágio supervisionado.....	87

Vivência no estágio de Geografia: os desafios da docência no ensino fundamental II	91
Relatório do estágio docente: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL	97
Relatório de Estágio Docente II em Geografia: práticas e experiências no ensino fundamental	102
Especificidades do ensino de Geografia no contexto da educação infantil de uma escola pública periférica de Castanhal (PA)	108
Inclusão escolar e ensino de Geografia: desafios e práticas no estágio supervisionado com alunos com deficiência	113
Reflexão sobre a experiência de estágio docente em Geografia: um estudo de caso em duas escolas públicas em Ananindeua, Pará, Brasil	119
Vivências e reflexões no estágio supervisionado	125
Estágio Supervisionado II: entre desafios e descobertas	130
Vivências e contribuições do estágio supervisionado em Geografia em uma escola estadual de Belém (PA)	136
Desafios do ensino de Geografia: relato de estágio supervisionado no turno noturno	139
CAPÍTULO III	143
Educação Ambiental e o uso do jornal geográfico no ensino de Geografia: reflexões de uma prática de estágio no ensino fundamental II	144
A Educação Ambiental no ensino médio: desafios e potencialidades no contexto de uma escola da rede estadual em Belém (PA)	149
Geografia feita à mão: atividades manuais como ferramentas de ensino no estágio supervisionado	154
Entre saberes e práticas: o uso de metodologias ativas no ensino de Geografia, na escola José Marcelino de Oliveira, em Ananindeua (PA)	160
Jornal escolar como espaço de cidadania: percepções e engajamento dos alunos da Escola Paulino de Brito	165
Relatório de estágio supervisionado em Geografia	169
Ensino de Geografia, frente à vulnerabilidade socioambiental: uma análise comparativa de escolas públicas e privadas dos municípios de Belém e de Ananindeua	173
CAPÍTULO IV	181
A redefinição do estereótipo social da Amazônia, a partir do ensino de Geografia no nível fundamental II	182
Relatório de experiência do estágio docente supervisionado: estudo de caso na Escola Maria das Mercês de Oliveira Conôr, em Castanhal (PA)	189
Entre a teoria e a prática: vivências no estágio supervisionado em Geografia	194
O evento COP30 e os desafios da educação na Amazônia: a visão dos educadores de escolas de Belém e de Ananindeua	199

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



Vivências do estágio docente no ensino fundamental: caminhos para uma aprendizagem significativa.....	203
Práticas educativas significativas no ensino de Geografia: vivências na disciplina Estágio Supervisionado II	208
Relatório de estágio docente em Geografia: a relação entre a prática e a teoria	212
Relatório de estágio supervisionado na EEEFM Profa. Maria Pia dos Santos Amaral	217
Período de estágio na escola Monsenhor Azevedo	220
Relatório de estágio supervisionado em Geografia: vivências e desafios.....	224
O estágio supervisionado como instrumento de formação docente em Geografia	229
O estágio supervisionado e a construção da identidade do professor em formação: experiências e desafios	235
Valores e desafios na docência: relatório da disciplina de Estágio Supervisionado I em Geografia, em uma escola da rede estadual de Belém (PA)	240

PREFÁCIO

Antes de me referir diretamente à relevante obra “I Jornada de Estágio do Curso de Geografia: vivências, diálogos e novos desafios”, gostaria de tratar de quatro aspectos imersos no contexto no qual ela se insere, bem como relativos às problemáticas e aos expedientes objetos dos diversos textos que a compõem.

O primeiro deles refere-se ao Ensino de Geografia na Educação Básica, que vem, há algum tempo, juntamente com outras disciplinas do campo das humanidades, passando por um processo de fragilização e desconstrução, expresso, por exemplo, nas progressivas diminuições de carga horária das aulas e na sua ausência ou presença apenas indireta em exames voltados à aferição da qualidade da formação básica. Essa realidade compõe um grande contrassenso ao se ter em conta que boa parte dos desafios da sociedade brasileira contemporânea, como violência e criminalidade, moradias precárias, ausência ou insuficiência de saneamento básico, concentração fundiária, degradação ambiental, entre outros, são diretamente relativos ao ensino de geografia.

E isso ganha ainda mais envergadura ao se atentar para o fato de que essas tão complexas questões são, antes de qualquer coisa, problemáticas sociais, todas elas articuladas entre si e com outras dimensões da realidade. Em consequência disso, seus equacionamentos são mediados pelas condições efetivas de se ver a realidade de forma integrada e de se construir estratégias de enfrentamento também articuladas, o que, por sua vez, demanda da sociedade uma compreensão holística, algo inerente à geografia desde seus primórdios. Assim, poderíamos dizer que a perda de “espaço” da geografia, como disciplina e como ciência, dá-se quando a sociedade mais dela precisa.

O segundo aspecto que gostaria de realçar diz respeito à desvalorização da docência e, por conseguinte, da formação de professores no Brasil. Apesar da concretude dessa condição, ela não está isenta de distorções e enviesamentos em seu reconhecimento. A desvalorização se evidencia nos baixos salários de professores(as), na maior parte dos casos, especialmente ao se comparar com as remunerações conferidas a algumas outras profissões, a exemplo daquelas relativas às áreas de direito e saúde. Também, em termos materiais, a desvalorização da docência se traduz na não rara precariedade da infraestrutura das escolas públicas, da falta, insuficiência ou inadequação de materiais didáticos, nas limitações de autonomia, baixos salários e jornadas estressantes vivenciadas por docentes dos sistemas privados de ensino.

Contudo, essa desvalorização não se revela apenas na dimensão material, ela também possui uma natureza imaterial e simbólica, concernente às relações sociais e ao modo como o magistério é tomado e comunicado, especialmente em sua comparação com outras áreas. Particularmente neste item, há um certo efeito colateral das manifestações dos(as) próprios(as) docentes. É evidente que diante da identificação da desigualdade, do desprestígio e da injustiça faz-se necessária a luta, que perpassa pela divulgação dos fatos e pelo protesto, todavia, não são em todas as ocasiões e ambientes que a problematização e exaltação das deficiências conformam-se em estratégias eficazes. Os méritos e as dimensões positivas do magistério precisam ter seus momentos e espaços de divulgação, possivelmente, de modo prioritário nas

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



relações com os estudantes. Isso para evitar que a profissão se torna vítima de sua própria luta.

O terceiro aspecto a ser mencionado refere-se à relevância do estágio de docência no processo de formação de professores(as), neste caso particular, professores(as) de geografia. A inclusão nos cursos de graduação de disciplinas e atividades de viés prático, que permitam a antecipação de vivências e experiências na docência, no “chão” da sala de aula da escola básica, é indispensável à formação de qualidade de futuros(as) professores(as), especialmente diante das evidentes e compreensíveis diferenciações entre a Universidade e a Escola e, por consequência, no que está aqui em pauta, entre a Disciplina Geografia e a Ciência Geográfica. O estágio supervisionado no ensino fundamental e médio garante o entrelaçamento entre essas duas realidades durante o processo de formação de professores(as) e, portanto, é vital a qualquer curso de licenciatura.

O quarto e último aspecto diz respeito à configuração do ensino como objeto de pesquisa e prática nos cursos de Licenciatura em Geografia. Apesar de ser uma questão pertinente a todos os cursos de formação de professores, ela se sobressai como demanda, como algo inalcançado, em muitos cursos de formação de professores(as) de geografia. Um certo desdém marca o modo como o ensino de geografia é visto no âmbito da ciência geográfica brasileira, com raras exceções. Mesmo nos cursos de licenciatura, em geral, o foco recai sobre estudos e pesquisas mais alinhadas com o bacharelado que com a formação do(a) professor(a), particularmente nas universidades públicas. Inclusive trabalhos de conclusão de curso com objeto de estudo no campo do ensino de geografia são escassos em muitas instituições.

Mudar esse cenário nos cursos de Licenciatura em Geografia, trazendo o ensino para o foco das preocupações, tanto no exercício prático quanto na investigação científica, é premente. O estágio de docência é uma grande oportunidade para tanto e esta obra expressa muito bem a viabilidade e os frutos desse empreendimento.

O livro “I Jornada de Estágio do Curso de Geografia: vivências, diálogos e novos desafios”, organizado por Claudiana Viana Godoy, Rodrigo Rafael Souza de Oliveira e Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro, docentes do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Pará, e protagonizado por futuros(as) professores(as) de geografia, fornece avanços nos quatro aspectos aqui mencionados.

Ricas, complexas e instrutivas vivências e experiências nas escolas paraenses, por meio da realização do estágio de docência em geografia, são aqui relatadas. Mais que isso, investigações, problematizações, proposições foram desenvolvidas e socializadas, materializando o ensino de geografia como prática e como campo de pesquisa.

Aos leitores, a obra oferece importantes exemplares da realidade do ensino de geografia em diversas realidades do estado do Pará, podendo inspirar práticas exitosas,

advertir sobre procedimentos equivocados, convidar à pesquisa e, especialmente, demarcar a contribuição que a geografia tem a dar à educação escolar brasileira.

Prof. Dr. Willame de Oliveira Ribeiro (UEPA)
Belém/PA, novembro de 2025

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



APRESENTAÇÃO

A Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, através da Coordenação de Estágio Docente em Geografia, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), tem a satisfação de apresentar o E-book da I Jornada de Estágio do Curso de Geografia. Com o tema "Vivências, Diálogos e Novos Desafios", esse evento promoveu um espaço de diálogo e reflexão sobre as práticas de ensino em Geografia, reunindo estudantes e profissionais para compartilhar suas experiências e resultados.

Acreditamos que a universidade pública deve ser um espaço de produção e disseminação de conhecimento, onde a comunidade acadêmica possa se reunir para discutir e refletir sobre suas experiências e saberes. Nesse sentido, a I Jornada de Estágio do Curso de Geografia surgiu como uma oportunidade para que os estudantes e profissionais da área pudessem compartilhar suas vivências e resultados, contribuindo para o avanço do conhecimento em Geografia.

Durante o evento, os estudantes que cursaram as disciplinas de estágio supervisionado no primeiro semestre de 2025 tiveram a oportunidade de divulgar e comunicar oralmente os resultados de suas vivências, compartilhando metodologias, projetos interventivos e experiências realizadas no âmbito escolar. O evento foi organizado de forma híbrida, com 122 inscrições e 54 trabalhos aprovados para as apresentações orais. Parte dos trabalhos foi apresentada de forma presencial no Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE - Campus I) em Belém, na Sala de Recitais, com a mesa temática 1 intitulada "Práticas Pedagógicas em Geografia". Além disso, parte das comunicações dos discentes de Belém e Castanhal foi apresentada no modo remoto, em três diferentes salas temáticas, classificadas de acordo com a temática dos artigos: Sala 2 - "Ensino de Geografia na Educação Básica"; Sala 3 - "Tecnologias, Inovação e Cartografia no Ensino de Geografia"; e Sala 4 - "Formação Docente e Desafios Contemporâneos". A comunicação científica apresentada nestas salas compõe os quatro capítulos temáticos deste livro.

O livro que ora apresentamos compõe a propagação de diferentes metodologias do fazer científico, estimulando a discussão e a reflexão sobre as práticas de ensino em Geografia a partir do olhar dos "discentes-estagiários" e seus orientadores. Com essa iniciativa, buscamos criar um espaço de diálogo e troca de experiências entre a comunidade acadêmica, onde os estudantes e profissionais puderam comunicar suas ideias e resultados, contribuindo para a formação de profissionais mais qualificados e para o avanço do conhecimento em Geografia. Acreditamos que a I Jornada de Estágio do Curso de Geografia foi um evento enriquecedor e produtivo, que permitiu a construção coletiva do conhecimento e a promoção da excelência em Geografia.

Organizadores

CAPÍTULO I
Práticas Pedagógicas em Geografia



DESAFIOS DOS ENSINOS COLABORATIVO E INCLUSIVO DE GEOGRAFIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

Lorennna Oliveira Rodrigues

lorennaoliveira.lor@gmail.com; Estágio Supervisionado em Geografia II - 2025.1

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O estágio docente, segundo Pimenta e Lima (2004), é fundamental à formação e à construção da identidade do futuro docente, visto que tal experiência permite a reflexão e a criatividade, para a criação de estratégias pedagógicas, a partir de sua realidade. Analisando os diversos desafios do cotidiano de uma escola estadual de ensino fundamental do município de Belém, foi possível observar a dificuldade de inclusão efetiva de alunos com deficiência em sala de aula, mesmo com a escola contando com sala de recursos e com professoras de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Por meio desta observação, pôde-se constatar que o ensino colaborativo se encontra fragilizado nesta instituição.

Na concepção de Mendes, o ensino colaborativo é um modelo de prestação de serviço de educação especial, no qual o professor do ensino regular e o professor do AEE dividem as responsabilidades de planejar, de instruir e de avaliar os alunos, sendo esta uma alternativa viável na atenção às demandas das práticas de inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais (Mendes, 2006).

Durante o acompanhamento realizado na escola, por meio do estágio supervisionado, surgiu a seguinte questão central: "quais são as possibilidades e os desafios à implementação de um ensino colaborativo em uma escola com recursos materiais e com profissionais limitados e como isto poderia impactar a qualidade do ensino de Geografia, direcionado aos estudantes PCD?". Assim, esse trabalho tem, como objetivo, além de apresentar algumas observações feitas no período de estágio supervisionado, refletir sobre os possíveis caminhos e desafios dos ensinos colaborativo e inclusivo de Geografia em sala de aula.

A elaboração deste trabalho se baseou em observações, feitas durante o período do cumprimento do componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia II, e as verificações empíricas foram complementadas por revisões de literatura

focadas na: importância do estágio (Pimenta; Lima, 2004), no ensino colaborativo (Mendes, 2006), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), na formação de professores (Callai, 2006; Cavalcanti, 2016), na afetividade e Geografia inclusiva (Ribeiro, 2017), entre outras questões.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

O estágio foi realizado no turno da manhã, em uma escola estadual de ensino fundamental, localizada no bairro Cabanagem, em Belém, no período de março a junho de 2025. A mesma instituição possui um prédio, que, apesar de pequeno, é muito bem organizado e que foi reformado, recentemente, logo mantém o funcionamento de salas climatizadas. A escola oferece duas turmas para todas as séries do nível Fundamental II, totalizando oito salas de aula, e também conta com uma sala de recursos e com duas professoras do Atendimento Educacional Especializado, cujos atendimentos acontecem no contraturno.

Uma importante observação a se fazer é o de que, além de a escola proporcionar o Atendimento Educacional Especializado a alunos com deficiência (PCD), as professoras do AEE produzem uma cartilha a cada ano, que é disponibilizada à direção e a todos os professores da instituição, contendo os nomes dos alunos PCD que possuem laudo, bem como os nomes daqueles alunos sob investigação. Essa cartilha possui diversas informações, como a turma do aluno, a sua deficiência, as sugestões de adaptações da sala de aula e, durante a aplicação de provas, o desempenho pedagógico, além das habilidades sociais que o aluno precisa desenvolver ou melhorar.

Analisando a cartilha do turno da manhã, foi possível identificar 23 alunos matriculados no atendimento do AEE. Frise-se que esta é uma importante ferramenta para os professores, visto que estes podem compreender de forma prévia o motivo de alguns comportamentos desafiadores de seus alunos, bem como indica sugestões de adaptações aplicáveis em sala de aula, durante o período avaliativo, proporcionando experiências mais acolhedoras e adequadas ao aluno.

Apesar de todas as qualidades observadas nos recursos proporcionados ao atendimento especializado, durante o período de estágio, pôde-se observar a fragilidade do ensino colaborativo na escola, sendo necessário um trabalho conjunto entre as professoras do AEE e as do ensino regular de Geografia. Nesse sentido, para Mantoan (2006), a cooperação entre profissionais é fundamental para garantir a efetividade da inclusão escolar, beneficiando todos os alunos.

Foi visto que, por muitas vezes, a professora regente de Geografia não soube lidar com seus alunos. As principais dificuldades notadas incluíram fragilidades na relação aluno-professor, como não saber os nomes da maior parte dos alunos, mesmo ministrando aulas há anos na escola, por exemplo, além de pouco diálogo entre a professora regente e os estudantes, de falta de estratégias para contornar situações de sala de aula, por parte da docente, muitas vezes tendo que usar tons de voz mais altos para fazer as explicações, o que acabou desgastando-a muitas vezes, entre outras situações.

**I JORNADA DE ESTÁGIO DO
CURSO DE
GEOGRAFIA**
“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



No entanto, nas diversas observações feitas em sala, o mais tocante foi a forma como a professora regente conduz os alunos PCD nas aulas. No primeiro dia de estágio, foi possível notar que a professora forneceu atividades adaptadas aos alunos atípicos, no entanto somente neste momento a docente teve contato direto com estes alunos, assim, no decorrer da aula, ela ministrou o assunto para os demais alunos e pediu para que estes formassem grupos, para a realização de uma atividade, após o intervalo. Os dois alunos PCD presentes em sala não foram incluídos na formação dos grupos: um deles pediu para ir ao banheiro neste momento, inclusive (o aluno possivelmente usou esta estratégia para não se sentir excluído), enquanto o outro ficou isolado em sua carteira, sem interagir com os colegas de classe ou ser incluído em algum grupo. O episódio evidenciado aconteceu, sem que a professora regente notasse ou interviesse, para a inclusão dos alunos na atividade.

Após o intervalo, um colega de classe informou à professora que o aluno que havia pedido para ir ao banheiro não retornara do intervalo — o estudante foi para casa, sem participar da atividade avaliativa. A professora, com ares de indiferença e de alívio, não questionou o motivo de o aluno ter saído mais cedo da escola — ou se este estava se sentindo bem. Após certo tempo, a docente se aproximou de mim, estagiária, e fez um comentário eticamente questionável, em relação aos alunos PCD: “Esses alunos mais atrapalham do que ajudam na aula”. Tal conduta mostra a triste e séria realidade do quadro educacional brasileiro, em que ainda é possível encontrar professores que acreditam que os alunos atípicos não deveriam frequentar o ensino regular, disseminando a ideia de que estes têm o dever de frequentar somente uma escola especializada alunos nesta condição.

No entanto, de acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 1988) e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei n.º 9.394/1996), pessoas com deficiências possuem total direito ao acesso e à permanência no ensino regular, sendo dever da escola e dos docentes proporcionar uma educação de qualidade a todos os estudantes, sem discriminação.

Ao longo das observações, foi possível notar outros episódios, que mostram a fragilidade do ensino colaborativo na escola, como o fato de os alunos atípicos buscarem atividades adaptadas diretamente na sala do AEE e, também, fazer a entrega das atividades diretamente nas mãos das professoras do serviço. Tal fato chamou a atenção, visto que, se este ato é recorrente, a professora do ensino regular de Geografia não acompanha o desenvolvimento dos alunos com especificidades, o que gera um maior distanciamento entre esta e os estudantes.

Chamou a atenção, também, o fato de alguns alunos PCD não interagirem com os colegas e com a professora, ficando em silêncio durante toda a aula, sem copiar no caderno ou responder às atividades. É possível afirmar, a partir de um olhar crítico, que é dever do professor regente perguntar se o aluno está bem ou está sentindo dificuldades na realização das atividades. No entanto, essa atitude não foi realizada, pela professora regente, em qualquer das aulas observadas — o comportamento citado dos alunos é recorrente nas aulas.

Houve diversas outras situações, que demonstraram a falta de afetividade da professora regente para com os alunos, sendo possível afirmar que muitos deles não se sentiram confortáveis, possivelmente pelo fato desta se mostrar distante e indiferente em muitas situações. Tal atitude prejudica seriamente o processo de ensino-aprendizagem dos alunos na escola. Além desta séria atitude, também foi observada a falta de comunicação entre as professoras do ensino regular e as do AEE — no período de acompanhamento, não houve diálogos diretos entre elas.

3. DISCUSSÃO.

Para chegarmos às possíveis causas da fragilidade do ensino colaborativo na escola, é necessário analisar a lacuna histórica na formação de professores de Geografia, no que diz respeito ao aperfeiçoamento docente direcionado à inclusão escolar, e as ferramentas teóricas e metodológicas dos cursos de licenciatura em Geografia voltadas às diversidades dos sujeitos e das práticas em sala de aula. Nesse viés, é fundamental uma formação mais crítica e mais reflexiva, dentro das universidades, indo além da técnica e levando em consideração as necessidades de todos os alunos.

Na obra *A formação do professor de Geografia: desafios e perspectivas*, Cavalcanti (2016) destacou que a formação docente negligencia aspectos importantes, como o trabalho os alunos PCD, visto que tal aspecto ainda carece de uma perspectiva, que considere as diversidades dos sujeitos e das práticas escolares, de modo a preparar os docentes para atuar com as múltiplas diferenças presentes no cotidiano escolar (Cavalcanti, 2016).

Já Callai (2006) defende que o professor precisa ser preparado para atuar em uma escola que é plural e diversa e que exige, além do domínio técnico dos conteúdos, sensibilidade, diálogo e compromisso ético com todos os alunos. Dessa forma, é possível identificar o despreparo como principal barreira na formação de professores no Brasil, visto que estes não tiveram formações voltadas a atender alunos com necessidades educacionais especiais.

No entanto, apesar de a formação docente brasileira apresentar tal deficiência, é indispensável destacar que é dever do professor se preparar para lidar com seus alunos com necessidades educacionais especiais da melhor maneira possível. Nesse sentido, é fundamental que o docente busque se aprimorar, durante o processo de ensino, buscando novas estratégias, para romper com as práticas excludentes na esfera escolar (Santiago, 2021).

Outra autora que defende este ponto de vista é Ribeiro (2017), que ressalta que a palavra-chave para a Educação Inclusiva é dedicação, visto que cabe aos

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



professores manifestar interesse por pesquisas, que ajudem a proporcionar novas formas de acessar e de receber conhecimentos aos alunos.

No entanto, uma das principais barreiras à implementação do ensino colaborativo na escola analisada é a falta de comunicação entre as educadoras do ensino regular de Geografia e do ensino especializado, visto que, no período de observação, não houve diálogos entre estas docentes, tanto sobre o desenvolvimento dos alunos durante as aulas quanto sobre a criação de materiais adaptados. Assim, como afirmam Marin e Braun (2013), os professores não devem trabalhar individualmente, mas em equipe, de modo que possam construir propostas com objetivos comuns, para garantir a escolarização de todos os alunos.

Ademais, Rabelo (2012) destaca que o trabalho colaborativo entre os educadores pode enriquecer as ações pedagógicas, pois a contribuição de diferentes profissionais gera resultado: um olhar mais ampliado, frente às dificuldades de escolarização dos alunos.

Outro fator fundamental à discussão das dificuldades enfrentadas pelos alunos na escola é a pouca afetividade demonstrada pela professora para com os estudantes, ao longo de suas aulas. Em seu texto sobre a inclusão de alunos com deficiência visual nas escolas, Ribeiro (2017) destaca que as relações afetivas no meio escolar contribuem para o desenvolvimento pessoal e produzem maiores chances de resultados positivos no aprendizado. Para tanto, os alunos, como quaisquer outros seres humanos, precisam de boas relações, para se sentirem amados, queridos, respeitados e, acima de tudo, valorizados. Nesse caminho, a autora reforça a ideia de que a educação e a afetividade são inseparáveis, sendo dever do professor criar laços afetivos no ambiente escolar, além de ensinar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao final do estágio docente, realizado em uma instituição de Educação Básica, pôde-se chegar à conclusão de que, embora a escola em questão possua os aparatos formal e estrutural para receber alunos PCD, o ensino colaborativo se encontra deveras fragilizado na escola, por quatro motivos: a deficiência histórica na formação docente, em relação a estratégias de atendimento a alunos PCD; o baixo interesse da professora regente de Geografia em adaptar suas estratégias, para melhor atender a seus alunos; a falta de comunicação entre a professora do ensino regular de Geografia e as professoras do AEE; e a quase inexistência de afetividade entre a docente de Geografia e os seus alunos. Tais fatores podem comprometer o processo de ensino-aprendizagem destes alunos, fazendo com que não se sintam bem-vindos à escola, que têm o pleno direito de frequentar, sem distinções.

Para que todos os alunos se sintam incluídos, é necessário que a comunidade escolar respeite as especificidades de cada um deles, possibilitando a efetivação da educação inclusiva (Souza; Lopes, 2023). Também cabe nos questionarmos: as escolas que atendem a alunos atípicos estão realmente garantindo a permanência destes ou apenas o seu acesso? Quais outras barreiras atitudinais precisam ser quebradas, para promover o ensino efetivo?

PALAVRAS-CHAVE: Ensino colaborativo. Geografia. Inclusão. Estágio. PCD.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, por me conceder força, saúde e a oportunidade de chegar até aqui. Manifesto minha profunda gratidão à professora Dra. Claudiana Godoy, pela orientação na elaboração deste trabalho, sempre se mostrando acessível e atenta às minhas dúvidas. Também gostaria de agradecer à professora Dra. Larissa Ribeiro, que contribuiu de forma significativa para o meu processo de escrita e para a minha formação profissional. Por fim, agradeço à direção e à professora regente de Geografia da escola em que realizei meu estágio, visto que pude aprender muito mais com esta experiência.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**, Seção 1, Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 29 maio 2025.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Seção 1, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 29 maio 2025.
- CALLAI, Hugo Rodolfo. A formação do professor de Geografia e as metodologias de ensino: desafios e perspectivas. **Revista Terra Livre**, n. 25, p. 71-88, 2006.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



CAVALCANTI, Lana de Souza. A formação do professor de Geografia: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 6, n. 13, p. 36-57, 2016.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. 7. ed. São Paulo: Summus, 2006.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil.

Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 387-559, dez. 2006.

MARIN, M.; BRAUN, P. Ensino colaborativo como prática de inclusão escolar. In: GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. (org.). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013. p. 49-64.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

RABELO, Lucélia Cardoso Cavalcante. **Ensino colaborativo como estratégia de formação continuada de professores para favorecer a inclusão escolar**. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFSCar, São Carlos, 2012.

RIBEIRO, Larissa Oliveira Mesquita. A inclusão do aluno com deficiência visual em contexto escolar: afeto e práticas pedagógicas. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 13, n. 1, p. 8-32, jan./abr. 2017.

SANTIAGO, I. T. A. **A Geografia física crítica como estratégia pedagógica para inclusão escolar**. 2021. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SOUSA, Raimunda Aurilia Ferreira de; LOPES, Kalene Carla Ferreira. Ensino de Geografia e as barreiras na inclusão escolar. **Revista Estrabão**, v. 4, p. 255-268, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.53455/re.v4i.153>. Acesso em: 25 maio 2025.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I EM GEOGRAFIA: APRENDIZAGENS E DESAFIOS NA TRAJETÓRIA DO LICENCIANDO

Adrian Yves de Oliveira Maia

adrianyvex@gmail.com; *Estágio Supervisionado I - 2025.1*

Hyan Alifer Rodrigues Fernandes

hyan.fernandes@aluno.uepa.br; *Estágio Supervisionado I - 2025.1*

Juliana de Lemos Novais

juliana.novais@aluno.uepa.br; *Estágio Supervisionado I - 2025.1*

Profa. Ma. Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro (orientadora do estágio)

larissa.ribeiro@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

Desde os primeiros anos escolares, até o ingresso no ensino superior, o estudante interessado na licenciatura vivencia experiências, que influenciam sua formação como futuro educador. A formação do professor de Geografia vai além do domínio teórico adquirido na universidade, exigindo uma aproximação gradual com a prática educativa e com os desafios do cotidiano escolar. Nesse contexto, o estágio supervisionado é fundamental, pois permite, ao licenciando, vivenciar o ambiente escolar, compreender a diversidade dos alunos e refletir criticamente sobre o processo de ensino-aprendizagem. Essa experiência articula teoria e prática, contribuindo para o desenvolvimento de competências pedagógicas e para a construção de uma identidade docente comprometida com a realidade da escola pública.

Esse resumo tem, como objetivo, relatar e analisar a experiência de estágio realizada na Escola Estadual Marechal Cordeiro de Farias, localizada em Belém (PA), instituição pública que atende a turmas dos ensinos fundamental II e médio. Ao longo do estágio, foi possível observar as práticas pedagógicas na disciplina de Geografia, os desafios enfrentados por professores e por alunos e as estratégias adotadas para lidar com as limitações do contexto escolar. A partir desta vivência, a reflexão central, que orienta o texto, é: qual é o papel do professor, diante dos desafios da educação pública e como ele pode se reinventar, para promover uma formação cidadã significativa?

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

O Estágio Supervisionado em Geografia I foi fundamental à formação docente, ao permitir a integração entre teoria e prática. Realizado na Escola Estadual Marechal Cordeiro de Farias, o estágio envolveu observação e participação em turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, vivência que possibilitou compreensões mais realistas da rotina escolar e dos desafios enfrentados no

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



ensino público, contribuindo para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais crítica e mais consciente.

Durante o acompanhamento do professor regente, foi possível observar uma metodologia alinhada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o objetivo de relacionar os conteúdos geográficos ao cotidiano dos alunos. Temas como paisagens amazônicas, biomas e questões climáticas foram trabalhados de forma contextualizada, com os usos de mapas, de textos e de imagens. A participação dos estudantes foi incentivada por estes recursos, promovendo um aprendizado mais dinâmico e mais significativo.

Além das atividades em sala, os estagiários auxiliaram na organização de materiais didáticos, nas correções de tarefas e na condução de pequenas explicações. Um dos momentos mais relevantes foi o da elaboração de avaliações para as diferentes turmas do 6º e do 8º ano do ensino fundamental e do 1º ano do médio, em que cada prova foi planejada, de acordo com os objetivos de aprendizagem da BNCC, utilizando textos motivadores, charges e questões interpretativas, adaptadas ao nível de cada turma.

Durante a experiência, também foram observadas dificuldades comuns à prática docente, como distrações dos alunos, usos inadequados de celulares (por parte dos alunos) e falta de engajamento destes em algumas aulas. Para enfrentar estes desafios, o professor adotou estratégias variadas, como os usos de recursos visuais e de atividades diferenciadas e o incentivo à participação, práticas que estão em sintonia com a proposta da BNCC, que valoriza o protagonismo estudantil e a construção coletiva do conhecimento.

Em resumo, o estágio proporcionou uma vivência significativa e enriquecedora do ambiente escolar, bem como reforçou as importâncias do planejamento pedagógico, da atuação ativa do professor e da construção de práticas educativas, que dialoguem com a realidade dos alunos. Esse processo contribuiu para a formação de uma postura docente ética, crítica e comprometida com a educação pública e com a formação cidadã.

3. DISCUSSÃO.

Conforme Veiga (2008), o estágio permite, ao licenciando, desenvolver um olhar investigativo sobre a prática, identificando necessidades pedagógicas e propondo ações para melhorar o ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o estágio supervisionado é essencial à formação docente, pois possibilita vivenciar a

realidade escolar e analisar a aplicabilidade das teorias universitárias no cotidiano.

A experiência na Escola Cordeiro de Farias proporcionou um entendimento do dia a dia escolar, revelando desafios e possibilidades do ensino de Geografia. Desde as primeiras observações, notou-se a complexidade do fazer docente, que vai além da simples transmissão de conteúdo. Libâneo (2013) destaca, nesse viés, que “[...] o professor é um mediador entre o conhecimento sistematizado e a realidade vivida pelos alunos, exigindo não apenas domínio teórico, mas sensibilidade para lidar com as diversas situações que emergem no espaço escolar”.

Um dos principais aprendizados foi perceber que o ensino de Geografia deve estar conectado à realidade dos estudantes, valorizando suas vivências. Com base em Vesentini (1992), ressalta-se a necessidade de uma Geografia crítica, voltada aos pensamentos reflexivo e contextualizado: “Em outros termos, o conhecimento a ser alcançado no ensino, na perspectiva de uma geografia crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser ‘ensinada’ ou vulgarizada, e sim no real, no meio em que aluno e professor estão situados e é fruto da práxis coletiva dos grupos sociais” (Vesentini, 1992, p. 11).

O estágio também revelou limitações, como a falta de recursos na instituição e a sobrecarga docente, que comprometem o ensino. Observou-se que o professor de Geografia acumulava outras disciplinas, dificultando seu planejamento e sua prática; ainda assim, havia esforço de sua parte em promover um ensino significativo. A interação com os alunos permitiu refletir sobre metodologias e sobre a necessidade de adequar os conteúdos à realidade local.

Assim, o estágio supervisionado contribuiu para o desenvolvimento de competências pedagógicas e reforçou a importância de uma formação crítica e comprometida com a transformação social. O futuro docente deve saber dialogar com a realidade escolar, reconhecendo seus limites e suas potencialidades, para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A primeira jornada em estágio supervisionado é uma experiência enriquecedora e fundamental ao desenvolvimento profissional de um futuro profissional da Educação. É durante este período que se tem as oportunidades de observar e de participar de práticas pedagógicas em uma escola, ainda mais em uma instituição que é referência em Educação Ambiental e em sustentabilidade. A articulação entre teoria e prática, a reflexão sobre a ação educativa e os compromissos com a formação cidadã e a conscientização ambiental foram aspectos destacados na experiência. Com esta jornada, pôde-se desenvolver olhares mais críticos sobre a Educação brasileira e sobre a forma pela qual se educa os futuros elementos atuantes na sociedade, pois os professores criam e moldam seus membros funcionais.

Percebe-se, também, a importância da formação contínua dos professores, pois estes profissionais nunca param de estudar e evoluem e se reinventam

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



constantemente, em um mundo que avança cada vez mais rápido. A realização desta jornada de estágio é fundamental, para que o professor em formação possa compreender melhor o seu papel e a forma como suas ações vão impactar as vidas dos alunos.

Em resumo, a jornada de estágio é um passo importantíssimo para a carreira acadêmica de um professor, pois muitas vezes é seu primeiro contato com uma sala de aula de verdade, uma sala de aula "orgânica", em que cada aluno tem sua vida e, também, suas habilidades e suas competências: alguns tendem a saber mais de Matemática e de Ciências Exatas, enquanto outros tendem às linguagens e as Ciências Humanas; e é nesse momento que o educador precisa se adaptar aos seus alunos, logo a jornada de estágio oferece uma oportunidade perfeita para que se observe, na prática, como um professor atuante e com experiência age em dadas situações.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Geografia escolar. Prática pedagógica. Realidade escolar. Formação docente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, às nossas famílias, que sempre estiveram ao nosso lado, com apoio, com paciência e com incentivo, desde o início da jornada acadêmica; sem este suporte, nada disso seria possível.

Estendemos nossa gratidão ao professor regente de Geografia e à Escola Estadual Marechal Cordeiro de Farias, por proporcionarem um ambiente de aprendizado, que estimula o pensamento crítico, o desenvolvimento acadêmico e o crescimento pessoal.

Um agradecimento especial à professora Larissa, cuja dedicação, compromisso e sensibilidade a fizeram a espinha dorsal da turma e da disciplina. Suas orientações, suas contribuições e suas palavras de incentivo foram fundamentais à realização deste resumo e, também, à nossa formação, enquanto estudantes e futuros profissionais da Educação; seu papel foi essencial em cada etapa do processo, guiando-nos com sabedoria e nos inspirando a seguir nossos caminhos com confiança.

REFERÊNCIAS

- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 27. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Estágio e docência: diferentes concepções. *In*: PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 11-34.

VESENTINI, José William. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Ática, 1992.



VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATO DE ESTÁGIO NA ESCOLA ESTADUAL ROTARY CLUB, DE CASTANHAL

Elen do Socorro Silva Oliveira

elen.dss.oliveira@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado II - 2025.1

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)

rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O estágio supervisionado constitui um momento decisivo na formação docente, pois proporciona, ao licenciando, a oportunidade de vivenciar, na prática, os desafios e as potencialidades da sala de aula. É neste espaço de experimentação e de reflexão que a teoria encontra eco na realidade concreta da escola, permitindo que o futuro professor construa, a partir da experiência, sua identidade profissional.

Esse trabalho tem, por objetivo, relatar as experiências vivenciadas na disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório II, do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado do Pará (UEPA), realizado na Escola Estadual Rotary Club, da cidade de Castanhal, durante o primeiro semestre letivo de 2025. O estágio teve, como principal foco, a atuação nos anos finais do ensino fundamental, compreendendo turmas do 6º ao 9º ano.

A Escola Estadual Rotary Club está situada na zona urbana do município de Castanhal, Pará, e atende a estudantes da rede pública, provenientes de diferentes bairros e de comunidades periféricas da região. A escola conta com uma equipe pedagógica engajada, que busca, dentro das limitações estruturais e materiais, promover um ensino de qualidade, e o corpo docente é formado por professores experientes, que desenvolvem suas atividades com compromisso e com dedicação. Os alunos das turmas acompanhadas no estágio apresentavam perfis diversos, tanto no que diz respeito à faixa etária quanto aos interesses e aos níveis de aprendizagem. Essa diversidade exigiu sensibilidade e adaptação, por parte do estagiário, possibilitando ricas trocas de saberes e de vivências.

A questão que norteia este relato é: como o estágio supervisionado contribuiu para a minha formação como futura professora de Geografia, considerando suas diversas dimensões e abordagens?

2. METODOLOGIA.

O estágio foi desenvolvido entre os dias 27 de fevereiro e 07 de maio de 2025, totalizando cerca de dois meses de atuação direta na escola-campo, e as atividades foram divididas em três etapas fundamentais: observação; participação; e regência. Durante o período, foram elaborados planos de aula, aplicadas estratégias didáticas e desenvolvidas atividades interativas, sempre em diálogo com o professor orientador, com o professor supervisor regente da escola e com os alunos.

Na fase de observação, acompanhei aulas ministradas pelo docente titular, registrando metodologias utilizadas, dinâmicas em sala, interações entre os sujeitos do processo educativo e recursos didáticos empregados. Também observei a infraestrutura da escola, o ambiente de ensino e a gestão de sala de aula.

Na etapa de participação, comecei a interagir de forma mais ativa, auxiliando nas atividades em sala, acompanhando as correções, propondo intervenções didáticas e contribuindo com sugestões de atividades. Essa fase foi essencial para construir vínculos com os estudantes e para compreender as suas realidades.

Por fim, na regência, assumi a responsabilidade de ministrar aulas para as turmas do 6º ao 9º ano, organizando conteúdos, estratégias e avaliações. Toda a atuação foi documentada com registros reflexivos, com fotografias das produções dos alunos (com autorização da escola) e com trocas constantes com o professor responsável.

A metodologia do estágio se apoiou na abordagem qualitativa, considerando a subjetividade das interações, a valorização da experiência e o protagonismo dos envolvidos. O planejamento pedagógico buscou respeitar os objetivos curriculares da Geografia, mas também aproximar o conteúdo da realidade dos alunos, valorizando seus territórios, suas vivências e suas percepções.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

Durante a fase de observação, pude compreender melhor a dinâmica escolar, os recursos disponíveis, as metodologias aplicadas pelo professor e os perfis das turmas. Observei aulas expositivas, esquemas de quadro e estratégias baseadas na oralidade e em exemplos do cotidiano. A relação entre professor e alunos era respeitosa, embora houvesse desafios, quanto à disciplina e ao engajamento dos estudantes.

Na etapa de participação, auxiliei na organização de atividades, na tomada da frequência diária, na correção de exercícios e no apoio direto aos alunos, durante as aulas. O diálogo com o professor supervisor foi constante, especialmente na preparação das aulas e na escolha dos recursos didáticos. Já na etapa de regência, desenvolvi planos de aula adaptados a cada série, trabalhando temas do primeiro bimestre como:

- 6º ano: O trabalho e a transformação do espaço geográfico;

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



- 7º ano: Estudos amazônicos: domínio morfoclimático e apropriação de recursos naturais;
- 8º ano: Processo histórico das cidades amazônicas formadas às margens dos rios;
- 9º ano: Globalização e meio ambiente.

As aulas foram planejadas com objetivos claros, com metodologias diversificadas (dinâmicas, usos de vídeos, produções de cartazes, debates) e com avaliações baseadas em participação e em produção textual. Uma das atividades mais marcantes foi uma dinâmica com o 8º ano, em que se simulava a formação de cidades às margens do rio Amazonas, gerando grande envolvimento dos alunos.

As principais descobertas desta vivência foram o reconhecimento da complexidade do processo de ensino-aprendizagem, a importância da contextualização dos conteúdos e as necessidades constantes de planejamento e de escuta atenta. A Geografia, enquanto campo de conhecimento que integra múltiplas dimensões do espaço, mostrou-se uma poderosa ferramenta de leitura do mundo, desde que trabalhada de formas significativa e crítica.

3.1. DISCUSSÃO.

Dialogando com autores, como Cavalcanti (2008), Callai (2010) e Carlos (2007), compreendi que o ensino de Geografia não pode se limitar a memorizações de conceitos e de localizações, mas deve promover a leitura crítica da realidade, partindo do cotidiano dos alunos. A experiência do estágio me fez perceber que os conteúdos da Geografia — físicos, humanos, econômicos ou culturais — podem ser trabalhados de forma contextualizada, relacionando fenômenos globais e locais.

A observação da prática docente e a elaboração de aulas voltadas à realidade amazônica permitiram uma abordagem mais próxima aos alunos, que se sentiram protagonistas no processo. O estágio confirmou que o conhecimento geográfico ganha sentido, quando articulado às vivências dos sujeitos e aos territórios em que habitam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O estágio supervisionado foi uma experiência transformadora, pois me proporcionou visões mais amplas da realidade educacional e dos desafios que

envolvem o ensino de Geografia na escola pública. As convivências com alunos e com professores, os momentos de preparação de aulas, os acertos e os erros fizeram parte de processos contínuo, dinâmico e enriquecedor de formação.

Compreendi que ser professora de Geografia exige domínio dos conteúdos e, também, sensibilidade, escuta ativa, criatividade e capacidade de adaptação. Cada aula foi uma oportunidade de aprendizado e cada interação trouxe lições sobre humanidade, sobre respeito e sobre compromisso com a Educação.

A experiência fortaleceu ainda mais minha escolha pela docência e reafirmou meu desejo de seguir contribuindo com a construção de uma escola mais justa, mais democrática e mais acolhedora. Ao final do estágio, carrego comigo as certezas de que a Educação transforma e de que o professor é agente fundamental neste processo.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Ensino de Geografia. Formação docente. Educação pública. Prática pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão para com todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste estágio.

Em especial, agradeço ao professor Dennis e à professora Raíci, pela valiosa gestão e pelo apoio, durante o processo, ao professor supervisor regente Flávio Viana, pela acolhida e pela orientação no ambiente escolar, e ao professor orientador de estágio Rodrigo Rafael, pelas fundamentais contribuições e pelos direcionamentos dados, ao longo desta jornada.

Também agradeço à UEPA, e à equipe pedagógica, em especial, pelo suporte institucional e pelas oportunidades de aprendizado, e à professora Milena Quaresma, que iniciou o estágio, mas que, por motivos alheios à sua vontade, não pôde acompanhá-lo até o final, deixo meu reconhecimento, pelo trabalho iniciado.

Agradeço, ainda, aos alunos da escola, que foram essenciais à prática docente, proporcionando experiências enriquecedoras, e, por fim, aos colegas de estágio, com quem compartilhei desafios, aprendizados e momentos significativos neste percurso formativo.

A cada um, deixo meu profundo agradecimento, por fazer parte desta importante etapa da minha formação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm. Acesso em: 22 maio 2025.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



CALLAI, Helena Copetti. **O ensino de Geografia**: prática e formação do professor. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Geografia**: pequena história crítica. 17. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

DESAFIOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA: OS IMPACTOS DA ABORDAGEM TRADICIONAL EM SALA DE AULA

Isabelle Rodrigues Ferreira

ferreiraisabelle952@gmail.com; *Estágio Docente Supervisionado - 2025.1*

Maria Clara Barradas Mota

mariacларabarradas21@gmail.com; *Estágio Docente Supervisionado - 2025.1*

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O estágio realizado na escola Profa. Anésia Meira foi necessário para vivenciar a futura profissão na prática, além de promover os primeiros contatos com a educação básica pública e com os alunos. Esse contato foi e é essencial aos discentes que se tornarão docentes, pois proporciona a imersão no ambiente escolar, possibilitando o conhecimento da realidade que envolve a docência, incluindo a questão estrutural das escolas, podendo praticar tudo que foi passado na universidade e construindo a sua identidade profissional (Santos; Muniz; Silva, 2020, p. 142).

Mediante isto, é primordial destacar a relevância do momento de estágio, que vai além de apenas uma disciplina para compor a grade curricular; ele é fundamental para articular o que é aprendido na universidade à sala de aula, contribuindo para um aprendizado contínuo. Portanto, é importante alinhar a didática e a atividade de estágio, através da práxis (Pimenta, 1994, p. 64).

Na escola de realização do estágio possui somente o ensino fundamental dos anos finais, oferecendo os 6º e 7º anos no turno matinal e os 8º e 9º anos no vespertino, e seus estudantes estão na faixa etária de 11 a 16 anos. A escola é frequentada, em sua grande maioria, por alunos do bairro Curió-Utinga, de Belém (PA), mas também por alunos que moram mais distantes e que optaram por escolhê-la pela sua localização estratégica, em uma das avenidas mais movimentadas da capital: a Almirante Barroso. A escola oferta uma sala de Apoio Educacional Especializado (AEE), que funciona nos dois turnos, em que são atendidos de 10 a 15 alunos laudados, com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e com Síndrome de Down.

A pesquisa tem, como objetivo, analisar os impactos da abordagem tradicional do ensino de Geografia em sala de aula, identificando os principais desafios e limitações da metodologia para o aprendizado dos alunos. Portanto, é necessário discutir sobre como a abordagem tradicional em sala afasta o conteúdo do cotidiano do aluno.

O presente resumo é uma pesquisa de abordagem qualitativa, na qual foi utilizada a observação direta em turmas de 8º e 9º anos de uma escola da rede pública de Belém, localizada na avenida Almirante Barroso. Foram observados em média 25



alunos por turma e dois professores regentes de Geografia no turno vespertino, entre os meses de março e de junho de 2025.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

O período da jornada de estágio se deu com o acompanhamento de dois professores nas disciplinas de Geografia, de Estudos Amazônicos e de Educação Ambiental, um dos quais ministra apenas Geografia e o outro, as três disciplinas. Durante as participações nas aulas, as atividades realizadas foram principalmente observação, mas também foram realizadas regências de conteúdos e de atividades, correções e atribuições de vistas a atividades, transcrições de conteúdos no quadro e tomadas de frequência. Algumas destas regências, de conteúdo, foram incentivadas pelo professor, que passava um tema e algumas orientações básicas, informações a partir das quais era possível procurar materiais com total liberdade, dada pelo professor, assim era possível estudar o conteúdo e montar a apresentação. Tal situação contribuiu para a criação de relações de amizade e de respeito mútuo entre os alunos das turmas do 8º ano e as estagiárias — os estudantes ficaram entusiasmados, ao ver que as aulas seriam ministradas pelas estagiárias-professoras.

A didática adotada na regência foi a de construção do conteúdo, com aproximação entre este e aspectos da realidade dos alunos, conectando-os ao assunto e construindo a aula e o conhecimento, fazendo perguntas sobre o que os alunos entendiam sobre certas questões e explicando o conteúdo, a partir disto. Essa didática é importante, pois traz os conhecimentos que os alunos já têm, relacionando-os ao tema de aula de forma investigativa, logo os discentes participam das aulas, por conta do interesse despertado — e constroem a aula, junto do professor —, e não a assistem de maneira passiva, apenas (Mafra; Santos; Conceição, 2023, p. 219).

A partir do acompanhamento de dois professores, cujas didáticas, personalidades, relações com alunos e formulações de materiais são diferentes, foi possível obter uma análise mais ampla sobre os aspectos do ensino-aprendizagem. Frise-se que estas observações não tiveram uma intenção comparativa, mas de refletir sobre como os fatores que diferenciam os regentes impactam a sala de aula.

Ambos usam a mesma metodologia de escrever o conteúdo no quadro, dar um tempo para os alunos copiarem, para poder explicar o assunto e passar atividades, que valem visto nos cadernos, principalmente para serem realizadas em casa e corrigidas na próxima aula, algumas poucas vezes utilizando o apoio de livros didáticos, para análise de figuras e de gráficos ou leitura de textos.

Outro fator observado foi a falta de contato entre os professores sobre questões educacionais, principalmente nos casos dos alunos neurodivergentes, que precisam de materiais adaptados, por exemplo. Não há um contato entre a professora do Apoio Educacional Especializado e as acompanhantes dos alunos. Na relação com os alunos, foi observado que o jeito de os docentes falarem e lidarem com os alunos influencia diretamente a relação estabelecida entre eles: o professor mais calmo e paciente tem mais aproximação e amizade com os alunos, enquanto o professor com menores paciência e proximidade impacta negativamente o desenvolvimento dos discentes. Uma boa relação entre todos, baseada no carinho e na atenção, é fundamental para que o aluno possa ver a figura do professor como alguém experiente, que pode ajudá-lo (Kubata *et al.*, 2012, p. 15).

No período de estágio, foram escolhidas as turmas de 8º ano para aplicar as primeiras regências, nas quais foi feita a atividade do jornal geográfico. Ao desenvolvê-la, foi decidido abordar um tema do cotidiano dos alunos, a partir disto o tema adotado foi o do desmatamento na Amazônia, com uma charge humorística, que tratasse do mesmo assunto.

Para repassar o conteúdo, e o jornal, de maneira crítica para o aluno, foi necessário pensar no processo de ensino, que parte da construção-teórica, da metodologia e da realidade do aluno, com destaque para o conhecimento deste, que vai ser medido pelo conteúdo a ser repassado e pela mediação do professor, em conjunto (Cavalcanti, 1991, p. 51). Esse olhar mais centrado no aluno, por parte do professor-estagiário, é notável nos resultados das atividades passadas em sala.

Ademais, a primeira regência foi desenvolvida, através de uma manchete de jornal, informando sobre as derrubadas de árvores na Amazônia, inclusive em áreas de preservação, com a justificativa de que Belém precisaria de uma nova estrada para melhorar o tráfego da cidade, para sediar a conferência COP30. Após a preparação do jornal, foi feito o plano de aula, o qual foi pensado detalhadamente para as duas turmas de 8º ano.

Com isto, destaca-se a importância da preparação do plano de aula para as regências de um docente, como formas de refletir e de dominar os conteúdos, focando nos objetivos e se adaptando, conforme as dinâmicas imprevisíveis de sala de aula (Ponte; Quaresma; Pereira, 2015, p. 34). Nesse sentido, o objetivo abordado no plano de aula foi o de compreender as causas e consequências do desmatamento na Amazônia, destacando seus impactos ambientais, sociais e econômicos para a região. Os objetivos específicos foram os de problematizar a incoerência da construção de estradas na Amazônia para uma conferência que discute as mudanças climáticas e de construir um pensamento crítico acerca dos impactos que os desmatamentos podem ocasionar na natureza e, também, na realidade que cerca os estudantes.

A metodologia do plano de aula foi composta de três momentos: o primeiro, através da abordagem em que o aluno constrói na aprendizagem, a partir de um novo conhecimento, na qual o aprendiz consegue conectar tal conhecimento a



uma informação que já está cognitivamente desenvolvida — esse foi o método aplicado: a aprendizagem significativa, descrita por Tavares (2004, p. 5); o segundo momento de aula incluiu a contextualização da importância da Amazônia e a aproximação do conteúdo às vivências e ao cotidiano dos alunos, discutindo a atualidade dos desmatamentos na região e o modo como eles sentem as consequências do problema, assim como possibilitou explicar o que é a COP30, os temas que serão nela debatidos, quem dela participa e a importância de seus debates para a sociedade, buscando discutir medidas para conter os avanços das mudanças climáticas; e o terceiro momento se deu, através da leitura do recurso didático (o jornal) em conjunto com os alunos, auxiliando no surgimento de dúvidas.

Foram desenvolvidas duas questões: o comando da primeira questão estava relacionado à manchete de jornal, sobre a qual os alunos deveriam expor suas opiniões, relacionando-as à aula ministrada; o comando da segunda foi elaborado para os alunos expressarem suas visões críticas sobre o tema do jornal, através de desenhos, tendo em vista a importância da inclusão de práticas lúdicas em sala de aula. A avaliação da atividade veio do interesse e da participação dos alunos, bem como da clareza de argumentação na resposta escrita e da criatividade na expressão pelo desenho.

Através das regências, cujos conteúdos eram sempre relacionados aos cotidianos dos alunos, para melhor entendimento e aproximação as suas vivências, trazendo exemplos que estes veem ou vivenciam, instigou-se a participação e o interesse dos estudantes pelo assunto e pelo debate, mesmo por parte dos que não costumavam fazer contribuições nas aulas dos professores regentes, demonstrando a importância da relação na participação dos alunos e no entendimento destes acerca do assunto. Com isto, pode-se perceber a importância do lugar de vivência para o aluno, ao refletir sobre ele e ao compará-lo com outros lugares, o que pode despertar, mesmo que inicialmente, a vontade de mudá-lo, de melhorá-lo. Por ser algo do cotidiano, a realidade faz com que o estudante se interesse pelos debates sobre este lugar, então o professor vai ter o papel de trazer questionamentos, que chamem a sua atenção, para conduzi-lo ao pensamento ativo (Mafra; Santos; Conceição, 2023, p. 220-221).

Nesse período do estágio, as trocas com os alunos foram cruciais para compor uma relação de confiança, a partir da qual foi praticado o processo de ensino-aprendizagem, no qual se destaca a relevância de o professor discutir o conteúdo de maneira didática, usando exemplos que o aproximam do aluno, sem se afastar do essencial, também desenvolvendo as dificuldades dos alunos, que vão sendo exploradas no decorrer das aulas (Braint *et al.*, 2010, p. 4).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O presente trabalho foi idealizado, com o propósito de discutir questões sobre a abordagem tradicional de ensino — e a importância da sua desconstrução — tendo em vista que o estágio foi esclarecedor, quanto à diferenciação entre este tipo de abordagem e uma, que insere o aluno, e sua vivência, na construção da aula e no conhecimento acerca do conteúdo, conseqüentemente. Tal pôde ser visto, quando foi apresentada a dinâmica de construção coletiva do conteúdo, com a participação dos alunos, trazendo exemplos práticos e questionamentos do cotidiano deles, sobre o que sabiam, em relação ao assunto, para, a partir disto, conduzir a aula. Nesse sentido, foi observado que este formato de ensino fugiu das dinâmicas de condução, às quais eles estavam acostumados, despertando o interesse, a participação e o levantamento de questões mesmo de alunos que costumavam ficar dispersos nas aulas. Assim, notou-se que o emprego de metodologias de ensino-aprendizagem baseadas na construção coletiva é um diferencial positivo, tanto para o aluno quanto para o professor.

Portanto, é necessário reforçar a importância destes questionamentos para o ensino geográfico, tendo em vista que a vivência descrita proporcionou uma comparação entre as abordagens tradicional e esta, que traz uma aproximação entre o cotidiano do estudante e o conteúdo; aproximação essencial para estudar aspectos que a Geografia aborda, pois desenvolve os pensamentos espacial e crítico dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem. Cotidiano. Didática. Abordagem tradicional.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, as autoras agradecem à orientadora, Profa. Dra. Claudiana Godoy, pelo apoio, pela dedicação e pelo suporte, durante a produção deste trabalho; em seguida, aos professores regentes, que foram essenciais nesta jornada, os quais não mediram esforços para ensinar sobre a profissão; e por fim, à escola na qual foi realizado o estágio, por todo o acolhimento.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino crítico de geografia em escolas públicas do ensino fundamental**. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1991.
- KUBATA, Laura; FRÓES, Rafael de Carvalho; FONTANEZI, Renta Munhoz; BERNABÉ, Flávia Hecker Lopes. A postura do professor em sala de aula: atitudes que promovem bons comportamentos e alto rendimento educacional. **Revista Eletrônica de Letras**, v. 3, n. 1, 2012.
- MAFRA, Marcela Vieira Pereira; SANTOS, Danielle Miriam Araújo dos; CONCEIÇÃO, Francilene Sades da. Metodologias ativas e o ensino a Geografia na Amazônia. In: VIANA, Willian Carboni; SANTOS, Danielle Mirian Araújo. (org.). **Amazônia: tópicos atuais em ambiente, saúde e Educação**, 2. ed. São Paulo: Científica Digital, 2023. v. 2, p. 215-232.
- PIMENTA, Selma Garrido. Estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática? **Cadernos de Pesquisa**, n. 94, p. 58-73, 1995.
- PONTE, João Pedro; QUARESMA, Maraisa; PEREIRA, Joana Mata. **É mesmo necessário fazer plano de aula?** [S. l.]: Ed. APM, 2015. (Série Educação e Matemática)
- RODRIGUES BRAIT, Lilian Ferreira; DE MACEDO, Keila Márcia Ferreira; DA SILVA, Francis Borges; SILVA, Márcio Rodrigues; REZENDE DE SOUZA, Ana Lúcia. A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 6, n. 1, 2010.
- SANTOS, Valdelina Bezerra dos; MUNIZ, Simaria de Sousa; SILVA, Denyse Mota da. A importância do estágio supervisionado na formação inicial docente: relato de experiência. **J. Business Techn.**, v. 13, n. 1, p. 140-147, 2020.
- TAVARES, Romero. Aprendizagem Significativa. **Revista Conceitos**, v. 10, n. 55, 2004.

O PROFESSOR INFLUENTE: METODOLOGIAS QUE APRESENTAM RESULTADOS PROMISSORES EM SALA DE AULA

Arthur Fernando Trindade Santana

arthur.ftsantana@aluno.uepa.br; *Estágio Docente em Geografia II - 2025.1*

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O estágio obrigatório em escolas é de fundamental importância para que nós, enquanto futuros profissionais da educação, possamos ter a sensibilidade de conhecer as etapas escolares. Assim como Vygotsky (1998) destaca a importância do papel do professor em sala de aula, já que este precisa observar, participar e compreender os desafios nela colocados, o período de estágio pode se tornar uma tarefa muito prazerosa, pois o graduando sai da teoria e coloca em prática o que foi estudado, passando a aprimorar conhecimentos, em relação ao ensino de Geografia.

O estágio em questão foi iniciado no dia 11 de março de 2025, na Escola Estadual Instituto Bom Pastor, no turno matutino, com posterior troca de turno para o vespertino, e abrangeu turmas do 6º ao 9º ano do nível Ensino Fundamental I. A princípio, contando com a participação dos estagiários Athos Maia e Karen Cristina, também do 7º semestre do curso de Licenciatura Plena em Geografia, da UEPA, houve a introdução inicial às turmas, feitas pelo professor regente de Geografia da escola, cujas receptividades foram positiva e respeitosa, tanto da parte dos corpos pedagógico e administrativo da escola quanto da dos próprios estudantes. Posteriormente, devido a um conflito de horários entre trabalho e estágio, acabei optando por trocar o horário do estágio, passando a atuar no turno vespertino, junto de outro docente de Geografia da instituição. Devido à troca de turno, percebi uma grande diferença na atuação dos professores em sala de aula, desmistificando uma grande questão sobre a educação e dando ênfase à questão de como o professor impacta diretamente os resultados de aprendizagem dos alunos.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

No local do estágio, as dificuldades começaram a se tornar barreiras ao avanço da aprendizagem coletiva: no primeiro momento de estágio, que ocorria no turno da manhã, o primeiro professor mencionado conseguia desenvolver sua aula, mesmo com tais atividades, porém algo que me incomodou foi o fato de que a escola não conseguia disponibilizar livros didáticos a todos os alunos, dificultando o desenvolvimento de atividades na turma de estágio. Assim, o professor e eu, para a melhor inclusão de todos, escrevíamos todas as atividades no quadro, mas

**I JORNADA DE ESTÁGIO DO
CURSO DE
GEOGRAFIA**
“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



acabávamos perdendo um horário completo de 45 minutos, escrevendo e aguardando os alunos terminarem de copiar. Também neste início de estágio, outra situação que me intrigou foi o modo como o professor deve buscar formas para que o aluno fique integrado às aulas no atual cenário escolar, já que muitos deles acabam perdendo a atenção, durante as aulas, não conseguindo acompanhar o raciocínio. Com isto em mente, procurei dividir as aulas em dois momentos: o primeiro seria de exposição de conteúdos, buscando compor boas explicações sobre os assuntos; e, no segundo momento, trabalharíamos de forma descontraída, com uma abordagem mais leve do assunto da aula.

No desenvolvimento de uma atividade com alunos do 7^a ano, turma que me foi designada para executar regência, fiz uso do livro didático da turma para escolher o assunto e, após revisão bibliográfica, o tema selecionado foi “Migrações humanas”, porém a atividade não pode ser aplicada por conflitos de horários, pois ocorreu uma atividade coletiva sobre meio ambiente na escola, no dia de aplicação da atividade.

No momento de aplicação da atividade, a dividimos em três partes: iniciamos com uma explicação sobre o assunto e com uma análise dos mapas migratórios de todas as civilizações; após isto, formamos uma roda de conversa e trabalhamos as histórias de vida de cada aluno, assim como aponta Cavalcanti (2010), com perguntas do tipo: seus pais ou avós eram imigrantes? Algum membro da sua família emigrou para outro país?; na segunda parte, considerada fundamental à atividade, foi confeccionado um mapa-múndi futurístico do ano de 2125, em que os alunos ilustraram suas previsões de novas ordens de migração; no terceiro momento, iniciamos uma nova roda de conversa, para socializar resultados e para definir os motivos que levaram cada um a seus resultados.

Entretanto, na segunda parte de minha experiência no estágio, ocorrida no turno vespertino, participei de poucas aulas, passando por uma vivência negativa, pois o professor não conseguiu desenvolver atividades relevantes, que pudesse me envolver, fazendo com que eu e os outros estagiários, Rodrigo Moraes e Maria Giselia, tentássemos algumas atividades, em busca de uma aproximação com a turma, já que o mediador não o havia feito.

3. DISCUSSÃO.

Ao iniciar este tópico, destaco a estrutura que a escola oferece aos seus alunos, salientando que a escola foi reformada no ano de 2020, através de obra financiada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, orçada em 4,7 milhões de reais, em parceria com o governo do estado, porém chamou a atenção um comentário de um docente, feito na sala dos professores: “A escola foi reformada, mas hoje não está mais reformada”, evidenciando o descaso, por parte do poder público, em manter um bom serviço (de educação, no caso) à população. O ambiente da instituição é acolhedor, desde a coordenação aos alunos, passando pelo corpo docente e de funcionários da escola, com os quais tive uma fácil comunicação, para que a orientação na instituição fosse tranquila, tal como ocorria com o professor de Geografia do turno da tarde, que também buscava compreender seus alunos, utilizando uma metodologia orientada a reconhecer as especialidades de cada criança, como sua cultura e seu cotidiano em sala de aula — como em Cavalcanti (2010) —, a partir do que o professor tinha uma ligação com a turma, que o colocava em posição de respeito.

No geral, foi possível compreender que existe uma grande diferença nos exercícios das funções de alguns profissionais, já que uns conseguem colocar em prática boas metodologias e outros enfrentam dificuldades, ou mesmo não tentam fazer de sua presença em sala de aula uma coisa positiva. Sendo assim, é necessário entendermos que a busca pela aprendizagem do aluno deve ser um trabalho mútuo, que se inicia na coordenação e que chega ao professor, passando por processos pedagógicos, por reuniões e por metodologias, que devem ser adotadas em uma instituição de ensino. Avulto que a experiência no estágio é indispensável para compreender o papel que o professor deve manter em sala de aula, passando pelo respeito com seus discentes e com o restante do corpo docente e pela compreensão das necessidades da sua instituição de inserção.

A partir da discussão das contradições e dos conflitos trazidos para a sala de aula, pelos alunos, pôde-se estabelecer uma matriz de análise para a realidade em que vivemos, subordinada a uma ordem social complexa e globalizante (Callai, 2001, p. 142-143), colocação que tem ênfase na construção de aulas de Geografia em escolas, já que estamos encaixados em modelos, que engessam o ensino e que limitam o acesso à educação — modelos que podem ser encontrados até mesmo na BNCC. Logo, a Geografia deve ser a ciência que leva o saber da mudança geográfica ao aluno, ainda que as mudanças do próprio espaço geográfico geralmente não sejam discutidas em sala de aula.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Autores como Pimenta e Lima (2011) destacam a importância do estágio e a forma como este se torna a base para a construção da identidade profissional da docência, afirmando que a atividade é elemento fundamental para os saberes e para as posturas adotadas em sala de aula. Enfatizando minha experiência in

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



loco, trago resultados positivos de todos os autores citados e ênfase que prática e teoria devem estar sempre alinhadas, para a construção de aprendizagens coletiva e inclusiva.

Sendo assim, como necessidade urgente na escola, vejo uma comunicação melhor entre o corpo docente e os alunos, pois, de certa forma, compreender quem está sentado em cada carteira de uma sala de aula é entender que existem sonhos, costumes, interesses, vivências e conceitos diferentes em cada uma destas pessoas, características que cada um deve agregar ao próprio estímulo à aprendizagem. Logo, o docente deve assumir o papel que Vygotsky (1998) orienta todo professor a buscar: a verdadeira aprendizagem, pelas formações do senso crítico, da ética e da moral do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Ensino. Metodologia. Experiência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à escola Instituto Bom Pastor, pela recepção e pela hospitalidade, dentro da instituição, ao corpo docente, agradeço pelos diálogos, pelas trocas de conhecimento e pela compreensão dos erros, que aconteceram no processo de aprendizagem dos alunos, visando a melhoria das metodologias implementadas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 16, p. 133-152, 2015. DOI: 10.62516/terra_livre.2001.353.

Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/353>. Acesso em: 1 jun. 2025.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. **Estágio e docência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone; Ed. USP, 1998.

PRÁTICA DA DOCÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DO DISCENTE

Alisson Antônio Craveiro Guimarães

alisson.guimaraes@aluno.uepa.br; *Estágio Supervisionado I - 2025.1*

Bruna Karollyne da Silva Guterres

bruna.guterres@aluno.uepa.br; *Estágio Supervisionado I - 2025.1*

Profa. Ma. Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro (orientadora do estágio)

larissa.ribeiro@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O Estágio Supervisionado I em Geografia tem, como objetivo, promover a reflexão sobre a prática docente, além de permitir conhecer melhor a organização, a estrutura e o funcionamento da escola. O estágio supervisionado proporciona, aos discentes do curso de Licenciatura Plena em Geografia, vivenciar as experiências na escola, analisar as políticas pedagógicas e acompanhar a abordagem dos conteúdos da Educação Básica, bem como favorece as observações das práticas pedagógicas adotadas pelos professores de Geografia e da interação entre educadores e discentes, proporcionando um olhar crítico sobre o ensino da disciplina.

2. METODOLOGIA.

Esse estudo adota uma abordagem qualitativa, com ênfases na observação participante e nas análises documental e bibliográfica, conforme as diretrizes do estágio supervisionado em Geografia. A investigação realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Lauro Sodré destacou as práticas pedagógicas em Geografia, considerando os fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam a formação docente. Os dados foram coletados por observação sistemática das aulas e por anotações de campo, as quais registraram estratégias didáticas, interações e recursos utilizados, além dos desafios inerentes ao contexto escolar. Paralelamente, as análises documental e bibliográfica envolveram o levantamento das políticas pedagógicas, dos referenciais teóricos e das diretrizes curriculares, permitindo a correlação entre a prática observada e os conceitos acadêmicos.

A metodologia se fundamentou na perspectiva reflexiva sobre a docência, conforme discutido por Nóvoa (1992) e por Pimenta e Lima (2004), contribuindo para a articulação entre teoria e prática, visando a compreensão crítica dos desafios do ensino de Geografia e a proposição de estratégias que valorizem a disciplina.



3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

Durante o período de estágio, foi possível acompanhar de perto a dinâmica da sala de aula no ensino médio, especificamente com alunos do segundo e do terceiro anos. A experiência permitiu observar a interação entre professora e estudantes, bem como as metodologias utilizadas para engajar os alunos no aprendizado. Durante o período de observação, a docente adotou metodologias diversificadas, para atender às diferentes necessidades dos alunos. Além das aulas expositivas, houve incentivos à participação ativa dos estudantes, por meio de debates, de projetos colaborativos e de atividades interativas.

Assim, observou-se que a professora apresentava, aos alunos, os objetivos específicos das aulas, com o intuito de fazê-los compreender e problematizar questões, como, por exemplo: os conceitos de trabalho e de desemprego; as desigualdades socioeconômicas; e as mudanças profissionais, que são provocadas pelas novas tecnologias, como Internet, 5G, robótica, objetivando trazer reflexão fundamentais à aprendizagem dos alunos.

Durante o período de participação, foi possível notar a dinâmica integrada das aulas de Geografia, que contemplou a implementação de metodologias pedagógicas diversificadas, abrangendo colocações expositivas, debates interativos, atividades colaborativas, entre outras, e o emprego estratégico de plataformas digitais, tais como *WhatsApp* e *Google Classroom*, para otimizar a comunicação e o acompanhamento individualizado dos discentes.

Concomitantemente, realizavam-se reuniões periódicas com a docente, destinadas a discussões aprofundadas sobre os conteúdos ministrados, sobre as metodologias aplicadas e sobre os desafios emergentes do processo ensino-aprendizagem, as quais propiciaram reflexões críticas sobre a articulação entre teoria e prática no contexto escolar. Essa experiência consolidou as compreensões acerca da complexidade e da eficácia das práticas docentes, destacando a importância de um ambiente educacional, que fomente a participação ativa, o desenvolvimento do pensamento crítico e a adaptação contínua às transformações tecnológicas e sociais.

Por fim, as experiências vividas na realização do estágio supervisionado I colaboraram para proporcionar representações e observações neste primeiro momento na iniciação à docência, com o intuito de fazer análises das soluções pedagógicas exercidas na Educação Básica e das histórias e práticas apresentadas na realidade singular, tendo foco em ponderações sobre o espaço escolar e sobre as dinâmicas de saberes, que resultam no exercício diário, que envolve a relação entre aluno e professor na sala de aula.

3.1. DISCUSSÃO.

Segundo Callai (2022), a Geografia, para a formação de profissionais, permite abordar a compreensão e a percepção da realidade, as quais são direcionadas, pela prática e pela teórica, a atribuir processos de espacialidades, questionando o olhar “investigativo” do estagiário e elaborando, através da visão do cotidiano, unida à criatividade e à produção de saberes, como forma de fixar a escola como espaço-objeto de estudos e de criação de laços.

O estágio supervisionado proporcionou uma grande experiência, sendo possível observar o importante papel que o professor exerce na vida dos alunos. O estágio representa um momento fundamental na formação de futuros docentes de Geografia, proporcionando uma compreensão aprofundada da realidade escolar, sob a perspectiva docente. Nesse sentido, o estágio tende a proporcionar significativas aprendizagens, durante a iniciação à docência, incluindo histórias e práticas, que envolvem os sujeitos neste processo. Nele, são alcançadas construções, mediante representações da realidade nos percursos formativos.

Durante a experiência, foi possível vivenciar o cotidiano da escola pública, analisando sua política pedagógica e acompanhando a abordagem dos conteúdos da Educação Básica. A vivência na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Lauro Sodré evidenciou que a missão da instituição vai além da simples transmissão de conhecimentos, focando na formação de cidadãos críticos e socialmente responsáveis.

Por fim, o aprendizado da profissão é, portanto, um processo de continuação, que parte dos envolvimento pessoal e profissional docente, o que implica a idealização do espaço escolar, sendo resultados o crescimento profissional, permeado pela aprendizagem e pelo saber ensinar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao concluir esta etapa, fica evidente o impacto positivo do estágio na minha trajetória profissional. A experiência adquirida fortalece minha vocação docente e reafirma o meu compromisso com uma educação de qualidade, destacando o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Como apontam Pimenta e Lima (2005, 2006), o estágio supervisionado, sendo um campo de saberes e de conhecimentos, é apresentado como um campo social e interativo entre docentes de Educação Básica, estagiários, alunos e a escola, uma vez que o estágio é voltado a atividades de pesquisas, como forma de fundamentar análises e concepções sobre a formação de professores.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Ensino-aprendizagem. Saberes. Experiências. Educação.

AGRADECIMENTOS

Dedicamos agradecimentos especiais a nossas famílias, a docentes e coordenadores e à direção da Escola Estadual Lauro Sodré, pelo apoio e pela

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



compressão, ao longo deste momento de estágio supervisionado, e a docentes da Universidade do Estado do Pará, que auxiliaram neste processo de aprendizagem acadêmica.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **O ensino de Geografia**: realidade e possibilidades. Porto Alegre: Mediação, 2005.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e profissão docente**. Lisboa: Educa, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Fredson Pereira da; SOUSA, Raimunda Aurea Dias de. Callai, Helena Copetti. A formação do profissional da geografia. Ijuí, RS: editora unijuí, 1999. **Revista Ensino de Geografia**, Recife, v. 5, n. 2, p. 226-233, 2022.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Eva da Rocha Fűresz

eva.furesz@aluno.uepa.br; *Estágio Supervisionado em Geografia II - 2025.1*

Gabriele da Gama Silva

gabriel.g.silva@aluno.uepa.br; *Estágio Supervisionado em Geografia II - 2025.1*

Yan Wagner Pontes dos Santos

y.pontessantos@aluno.uepa.br; *Estágio Supervisionado em Geografia II - 2025.1*

Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro (orientadora do estágio)

larissa.ribeiro@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

A experiência do estágio na escola Lauro Sodré trouxe a oportunidade de vivenciarmos a realidade do ensino público básico, aliada à aplicabilidade das teorias educacionais e geográficas. O principal objetivo deste trabalho   o de incentivar o que Libâneo (2009) denominou mediação didática, ou seja, orientar e direcionar a aprendizagem dos discentes. A despeito dos problemas estruturais das escolas públicas brasileiras, a vivência de estágio no Lauro Sodré mostrou a disposição dos docentes de Geografia em promover o ensino de qualidade aos alunos. Toda esta experiência vivida traz à tona a seguinte problemática: quais são os impactos trazidos pela experiência de estágio nas escolas públicas e de que forma estes influenciam os licenciandos de Geografia?

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

O estágio supervisionado teve início no dia 21 de março de 2025, quando tivemos contato com a professora Marcelle Rolim, que ministra tr s disciplinas: Geografia; Projeto de Vida; e Aprofundamento Curricular. Inicialmente, o estágio foi apenas de observação, porém este período de dois meses foi fundamental, na medida em que pudemos notar o cotidiano de uma escola pública de período integral, observando a metodologia, para o melhor entendimento dos alunos, durante as aulas. Foi levada em consideração a aprendizagem significativa, que inclui os saberes dos discentes e promovendo a formação de cidadãos críticos.

As atividades realizadas nas aulas foram variadas. Inicialmente, os alunos da turma do último ano do ensino médio prepararam uma carta para si mesmos, respondendo à seguinte pergunta: “o que fazer, após o término do ensino médio?”, incluindo os registros de sonhos e de projetos dos alunos. Nas turmas do primeiro e do segundo ano do ensino médio, foram desenvolvidas tarefas, como criação de mapas conceituais, relacionados à Globalização, produção de desenhos sobre as projeções cartográficas, composição de discussões sobre mudanças climáticas e sobre *fake news* construídas sobre o assunto e promoção de debates sobre direitos humanos. As avaliações não seguiram o modelo tradicional, o qual estamos acostumados a ver; elas consistiam na soma de



pontos com atividades realizadas em sala de aula (totalizando cinco pontos) e com um teste propriamente dito, de cunho objetivo (totalizando os outros cinco pontos).

O período de estágio foi enriquecedor e, como futuros docentes, aprendemos muito com as aulas ministradas. Muitas das atividades nelas realizadas serão utilizadas por nós, posteriormente. Além disso, todas as teorias geográficas discutidas no curso de licenciatura em Geografia, até o presente momento, foram aplicadas nas aulas ministradas.

2.1. DISCUSSÃO.

Uma das grandes indagações que se tem acerca da Geografia Escolar é seguir ou não as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) — Cavalcanti questiona a conveniência de abolir inteiramente as orientações e os programas curriculares vindos de fora, e a vivência do estágio na escola trouxe propostas de ensino, que valorizam a formação de cidadãos críticos. A autora aponta as "ideias motrizes", as quais foram utilizadas na escola: 1. O construtivismo como atitude básica de trabalho com a Geografia Escolar; 2. A "Geografia do aluno" como dimensão do conhecimento geográfico construído em sala de aula; e 3. A definição de conteúdos procedimentais e valorativos para orientação de ações, de atitudes e de comportamentos socioespaciais.

Libâneo fala sobre as mediações didática e social, enfatizando o socioconstrutivismo: "É 'sócio' porque compreende a situação de ensino-aprendizagem como uma atividade conjunta, compartilhada, do professor e dos alunos, como uma relação social entre professores e alunos ante o saber escolar. É 'construtivista' porque o aluno constrói, elabora seus conhecimentos, seus métodos de estudo, sua afetividade, com a ajuda da cultura socialmente elaborada, com a ajuda do professor" (1995, p. 6).

Por fim, "[...] é preciso que se veja a Geografia não apenas no livro didático ou no que o professor fala", conforme diz Kaercher, que continua: "[...] os conceitos e vivências espaciais (geográficas) são importantes, fazem parte da nossa vida. Você faz a Geografia diariamente. Ao vir para a escola a pé, de carro ou de ônibus, por exemplo, você mapeou na sua cabeça, o trajeto" (1997, p. 74). Além do aprendizado como discentes do curso de Licenciatura Plena em Geografia, o estágio supervisionado reforçou o compromisso de sermos bons profissionais e especialmente comprometidos com a construção de sujeitos críticos e conscientes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A realização do estágio supervisionado na Escola Lauro Sodré representou uma etapa fundamental na formação docente inicial, pois tal vivência prática permitiu compreender a complexidade do ensino público, a importância de estratégias pedagógicas inclusivas e a necessidade de um ensino de Geografia, que forme cidadãos críticos e sensíveis às questões socioespaciais.

A aplicação de metodologias ativas e a valorização do conhecimento prévio dos alunos mostraram-se eficazes para promover uma aprendizagem significativa. Ademais, a constante articulação entre teoria e prática contribuiu para consolidar a identidade profissional dos licenciandos.

Contudo, a experiência também evidenciou uma realidade, que precisa ser encarada com seriedade: a licenciatura é um curso voltado à formação de professores, que deve ser escolhido por aqueles que realmente desejam atuar em sala de aula. Não se trata de um caminho fácil, tampouco de uma escolha neutra; são precisos vocação, compromisso ético, preparo constante e, acima de tudo, respeito à profissão docente. O estágio mostrou que, apesar das limitações da estrutura escolar, é possível transformar o ensino, quando há dedicação e intencionalidade pedagógica.

Portanto, o estágio reafirma sua relevância, como espaço formativo e reflexivo, impulsionando futuros professores a buscar constantemente o aprimoramento de sua prática, reafirmando a responsabilidade que é ser educador, em um país de tantas desigualdades e desafios educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Ensino de Geografia. Escola pública. Formação docente. Aprendizagem significativa.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora Larissa Ribeiro, orientadora da disciplina de Estágio Supervisionado I, por sua paciência, por sua orientação e por seu incentivo, ao longo deste processo, e, também, à professora Marcelle Rolim, por nos acompanhar e pela troca de experiências neste período.

REFERÊNCIAS

- CALLAI, Helena Copetti; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. (org.). **Ensino de Geografia: prática e revitalização no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- CALLAI, H. C. *et al.* O ensino de Geografia nos trabalhos apresentados no XI Enanpege. **Revista da Anpege**, [s. l.], v. 12, n. 18, p. 43-55, 2016.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Apontamentos sobre pedagogia crítico-social**. Goiânia: [s. n.], 1995.

GLOBALIZAÇÃO EM SALA DE AULA: REGÊNCIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ESTÁGIO II NA EEEF PAULO MARANHÃO

Antônio Rafael Oliveira dos Santos
antoniosantos.04@oulook.com; *Estágio Docente em Geografia II - 2025.1*

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)
claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O presente resumo é resultado das experiências do componente curricular Estágio Docente em Geografia II, ofertado pelo curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no período 2025/1. O estágio é uma etapa fundamental ao curso de formação de professores, promovendo o encontro com a realidade da sala de aula e com o cotidiano escolar, em que o professor irá atuar em sua carreira. Vigotski (1998) discorre que o aprendizado ocorre de forma mais expressiva, quando há trocas de significados, interação e processos de mediação — e tudo está presente na experiência docente. Dessa forma, a fim de construir criticidade no ambiente escolar, o domínio e o entendimento dos saberes culturais cotidianos serão fontes de ludicidade ao estagiário, futuro professor, em sua busca por se tornar um bom profissional.

Essa experiência ocorreu na Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Maranhão, localizada no bairro Guamá, em Belém do Pará. A escola possui quatro turmas, do 6º ao 9º anos do ensino fundamental II, dispõe de um corpo docente formado majoritariamente por mulheres e vigilância policial e é destaque no acompanhamento a estudantes neurodivergentes, que são incluídos em todas as fases do ensino. A instituição oferta o ensino em tempo integral e é ativa em projetos pedagógicos, que estimulam o ensino, a aprendizagem, a cultura e a leitura.

A aplicação desta pesquisa ocorreu na regência de uma aula de Geografia para uma turma do 9º ano do ensino fundamental II, com a proposição da temática Globalização; aula que foi planejada com bases metodológicas interacionistas e socioconstrutivistas, fundamentadas em Piaget (1976) e em Vigotski (1998). A pesquisa teve, como objetivo, compreender como a aplicação de metodologias interativas e significativas, baseadas na epistemologia interacionista, contribui para a formação crítica dos alunos no ensino de Geografia, e a seguinte questão central: como a prática pedagógica baseada no interacionismo pode contribuir para a aprendizagem significativa de conteúdos geográficos em turmas com diversidade de habilidades cognitivas?



2. METODOLOGIA.

Os processos metodológicos contaram com abordagens interacionistas e sociointeracionistas (já mencionadas na introdução), e a aula teve a Globalização como tema principal, abordada por meio de recursos pedagógicos e lúdicos, como um jornal geográfico personalizado, direcionado à turma do fundamental II, com o tema: brinquedos diversos, com fabricação chinesa, e o livro didático.

Os processos foram esquematizados em quatro momentos: ativação de conhecimentos prévios (por meio do jornal personalizado, com perguntas norteadoras e com discussão aberta); análise coletiva dos brinquedos (identificação dos seus países de fabricação); estudo dirigido com o livro didático (relação entre os conceitos de Globalização, mundialização e fases do capitalismo, com discussão e com sistematização); e retomada dos conceitos, com focos na fixação e na participação colaborativa.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

O estágio docente se iniciou em março de 2025, com quatro aulas experienciadas, em que pude fazer um levantamento de campo sobre as características da infraestrutura e do alunado da escola. Esse momento de observações foi importante para as crianças absorverem a informação da presença de um novo profissional estudante, participando de suas aulas; momento oportuno, também, para criar interações e conexões entre as realidades do estagiário e do alunado. Os intercâmbios com os demais professores foram receptivos, dado o apoio entre os educadores para construir o ensino — com destaque para o professor do AAE, sempre disposto a avaliar materiais didáticos propostos em sala de aula para os alunos. Em especial no ensino de Geografia, as abordagens observadas foram as tradicionais: usos do quadro e do livro didático; leituras em sala de aula; atenção a notícias recentes; emprego de músicas; competições; e trabalhos em grupo.

No período da regência, a elaboração do plano de aula foi orientada pela necessidade de tornar o conteúdo Globalização significativo e próximo à realidade dos alunos. Com este objetivo, foram selecionadas estratégias pedagógicas, baseadas na interdisciplinaridade e na mediação crítica do conhecimento geográfico.

Como mencionado, os processos da aula foram esquematizados em quatro momentos: no primeiro, houve a ativação dos conhecimentos prévios dos alunos, por meio das apresentações de um jornal geográfico ilustrado e personalizado, de perguntas norteadoras e de uma discussão aberta, que buscou conectar os saberes dos alunos à temática da Globalização; no segundo momento, foi

realizada uma análise coletiva de alguns brinquedos apresentados, com foco na identificação dos seus países de fabricação, o que despertou curiosidade e possibilitou a introdução espontânea de temas, como circulação global de mercadorias e interdependência econômica; o terceiro momento consistiu em um estudo dirigido com o livro didático, em que os alunos realizaram leituras e interpretações críticas dos conceitos de Globalização, de mundialização e de fases do capitalismo (mercantil, industrial e financeira), articulando a teoria e a prática de forma colaborativa; por fim, no quarto momento, os conceitos foram retomados, com focos na fixação do conteúdo e na participação da turma, promovendo o fechamento reflexivo da aula, com contribuições orais e com sistematização do conteúdo no quadro. A avaliação da prática foi realizada por observação direta, por anotações e por participação oral dos alunos, considerando critérios, como envolvimento nas atividades, capacidade de estabelecer relações conceituais e clareza nas intervenções.

A experiência revelou que metodologias que valorizam o cotidiano do aluno, a ludicidade e a mediação dialógica favoreceram o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, mais crítico e mais inclusivo, e, como principais descobertas, destaco a potência do uso de objetos concretos como disparadores de discussões, a importância da escuta ativa em sala de aula e a necessidade de flexibilidade pedagógica, diante das respostas e dos interesses da turma.

3.1. DISCUSSÃO.

A experiência de estágio docente evidenciou a importância da Globalização no contexto do ensino de Geografia, bem como o seu impacto na construção do conhecimento dos alunos. A aula demonstrou que metodologias ativas e interativas proporcionam uma aprendizagem mais significativa, considerando a diversidade cognitiva dos estudantes. Vigotski (1998) destacou que o aprendizado ocorre de forma mais enriquecedora, quando há interação, troca de significados e processos de mediação na construção do conhecimento/conceito, teoria que foi aplicada na prática pedagógica, ao conectar os saberes cotidianos dos alunos a conceitos geográficos (nesse caso, o de Globalização), utilizando recursos lúdicos e materiais didáticos interativos. O uso de objetos concretos, como os brinquedos fabricados na China e o jornal personalizado, permitiu que os alunos compreendessem a circulação global de mercadorias de maneira concreta.

Desse jeito, cabe integrar as perspectivas de Cavalcanti (2011) sobre Geografia Urbana às sobre Globalização, haja vista que as dinâmicas globais se refletem diretamente na organização espacial das cidades e, também, no cotidiano, na cultura e na percepção do alunado. A homogeneização cultural e a circulação de bens e serviços influenciam a maneira como os alunos percebem seu território e sua relação com o espaço urbano, logo a abordagem de brinquedos como objetos dialéticos, que articulam inclusão/exclusão e global/local, permitiu ampliar a visão dos estudantes sobre os impactos da Globalização em seu cotidiano. Além disso, a abordagem interacionista de Piaget (1976) reforça que a construção do conhecimento se dá pela experiência direta dos alunos com o meio, assim a aula

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



baseada na ativação de conhecimentos prévios, na interação com objetos concretos e na sistematização de conceitos favoreceu o desenvolvimento da autonomia intelectual dos estudantes, tornando a aprendizagem mais participativa.

Enfim, a experiência de estágio mostrou que a aplicação de metodologias interativas, fundamentadas nas epistemologias interacionista e sociointeracionista, colaborou para a formação crítica dos alunos, permitindo-lhes compreender a Globalização como conceito abstrato e como fenômeno concreto, que afeta suas vidas, seu espaço urbano e suas práticas sociais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As aprendizagens obtidas no estágio docente foram marcadas por constantes construções de saberes em sala de aula, relacionados à Geografia, ao uso de recursos didáticos, à pedagogia crítica, ao cognitivismo e à ludicidade. A dedicação à turma, especialmente nos momentos de preparação e de regência, evidenciou a importância do cuidado na mediação do conhecimento científico escolar e no desenvolvimento de sujeitos críticos e conscientes de seu papel social.

A experiência também revelou as contradições enfrentadas pelos educadores no cotidiano escolar, como os desgastes físico e emocional, diante de políticas públicas desvalorizantes e de constantes ataques à educação. A realidade vivenciada permitiu compreender, na prática, o papel transformador do ensino interacionista e a sua capacidade de promover aprendizagens significativas, inclusivas e contextualizadas. As conclusões da pesquisa indicam que o uso de metodologias ativas e sensíveis às vivências dos alunos é essencial a uma educação geográfica emancipadora, porém concretizar este processo é um ato de resistência, em meio às dificuldades mencionadas e mantidas pelo sistema capitalista e financiadas pelo estado.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia. Globalização. Metodologias interativas. Formação docente. Educação crítica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos corpos institucional e docente da Escola Paulo Maranhão, ao meu professor de estágio Luiz Dantas, à profa. Claudiana Godoy e aos meus colegas de sala, por também compartilharem suas experiências.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. Aprender sobre a cidade: A Geografia Urbana Brasileira e a Formação de Jovens Escolares. **Revista Geográfica de América Central**, num. esp. EGAL, p. 1-18, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



PRÁTICA GEOGRÁFICA E OS DESAFIOS DO COTIDIANO ESCOLAR: REFLEXÕES, A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA, REALIZADO EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL

Luiz Otávio Saraiva da Conceição

lztvsaraiva@gmail.com; Estágio Supervisionado em Geografia I - 2025.1

Ryan Costa da Silva Cruz

ryancruz0904@gmail.com; Estágio Supervisionado em Geografia I - 2025.1

Profa. Ma. Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro (orientadora do estágio)

larissa.ribeiro@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O estágio supervisionado é um marco significativo na formação de professores, especialmente no curso de Licenciatura Plena em Geografia. É neste espaço de experiência prática que os discentes em formação se aproximam da realidade escolar e compreendem os desafios enfrentados no cotidiano, em que a teoria e a prática se articulam, permitindo as análises críticas do papel do educador e das circunstâncias que influenciam o processo de ensino-aprendizagem.

A vivência do estágio ocorreu em uma escola estadual, situada no bairro Souza, em Belém (PA), instituição que opera em regime integral e que oferta os ensinos fundamental e médio. Durante as atividades, que incluíram momentos de observação e de participação, foi possível identificar elementos, que impactam diretamente a qualidade da educação. Entre os principais desafios, destacam-se a escassez de recursos pedagógicos para a disciplina de Geografia, como livros atualizados e materiais complementares, além da ausência de um suporte pedagógico estruturado para estudantes neurodivergentes e com deficiência.

Esse estudo tem, como objetivo, apresentar as observações feitas, durante o estágio, ressaltando aspectos do cotidiano escolar, que afetam o ensino de Geografia, e buscando refletir sobre a seguinte questão: como as limitações estruturais e pedagógicas influenciam o ensino de Geografia em uma escola pública de tempo integral?

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

Durante o período de observação, acompanhamos de perto o trabalho do professor regente de Geografia, que também foi responsável pela supervisão dos

estagiários, especialmente nas turmas do ensino médio. As aulas seguiam uma estrutura cíclica, com momentos de exposição teórica intercalados com atividades voltadas à fixação dos conteúdos. O professor procurava contextualizar os temas, com base na realidade amazônica e em questões locais, o que facilitava a aproximação entre os alunos e os assuntos tratados, estimulando maiores interesse e participação nas discussões.

Entretanto, a escassez de livros didáticos de Geografia impunha dificuldades significativas ao trabalho docente, fazendo com que o professor dependesse quase exclusivamente da oralidade e restringindo o acesso dos estudantes a recursos de apoio. A carência de elementos visuais, como mapas, gráficos e imagens, também dificultava a compreensão de determinados conteúdos. Ao final do estágio, a escola recebeu um livro experimental, destinado ao 3º ano do ensino médio, mas, apesar de representar um avanço, o material apresentava limitações, em termos de profundidade e de recursos didáticos.

Outro aspecto observado foi a presença significativa de alunos com diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA), de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e de surdez na escola, que não possuía suporte especializado para atender adequadamente a este público. O professor, de forma autônoma, tentava adaptar sua linguagem e sua metodologia, mas era evidente a ausência de apoio institucional, a exemplo de intérpretes, de recursos adaptados ou de professores de apoio, que garantissem uma inclusão efetiva.

Durante a fase de participação, nossa atuação no cotidiano da sala de aula se intensificou, resultando em colaborações em tarefas específicas e em auxílios na gestão das turmas. Também conhecemos alguns projetos implementados na escola, como o Nenhum Aluno Fora da Escola (NAFE) e o Ecobags pela Amazônia (PPA), iniciativas voltadas à permanência escolar e à promoção da Educação Ambiental. Embora não tenhamos participado diretamente destes projetos, sua presença evidencia o esforço da instituição em conectar o currículo a temáticas sociais relevantes, promovendo a consciência crítica dos alunos.

Além disso, observamos atividades eletivas, com foco em questões ambientais, como a construção de composteiras e o plantio de espécies vegetais no ambiente escolar, ações que buscam aplicar conceitos geográficos de maneiras prática e interdisciplinar. Apesar da limitação de recursos, essas iniciativas revelam um potencial pedagógico expressivo, ligando os conteúdos escolares aos cotidianos dos estudantes e da escola.



3. DISCUSSÃO.

Pimenta e Lima (2010) afirmam que o estágio é um espaço formativo, no qual o estudante de licenciatura aplica seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, confronta suas expectativas com os desafios concretos do ambiente escolar. A observação da rotina escolar, o planejamento e a atuação em sala nos permitiram compreender o papel do professor com mais profundidade, o qual vai muito além da simples transmissão de conteúdos.

Durante o estágio, tornou-se evidente que a ausência de livros didáticos específicos para a disciplina de Geografia prejudica o desenvolvimento de aulas mais interativas e limita o acesso dos estudantes a fontes de apoio. Isso reforça a reflexão de Callai (2013), que defende a importância de um ensino contextualizado, ancorado na realidade vivenciada pelos alunos. Já em relação ao atendimento a estudantes com necessidades educacionais específicas, como os com TEA, com TDAH e com surdez, Garcia (1999) aponta que lidar com a diversidade exige mais do que sensibilidade: é necessária uma formação continuada, aliada a políticas institucionais, que garantam condições adequadas de trabalho ao docente e oportunidades equitativas de aprendizagem.

Cavalcanti (2024) enfatiza que o ensino de Geografia deve possibilitar uma leitura crítica do espaço vivido, exigindo metodologias, que conectem os conteúdos escolares às experiências dos alunos. No entanto, quando esta proposta encontra barreiras, como a escassez de recursos e a falta de apoio especializado, o desafio de construir uma prática pedagógica inclusiva e reflexiva se torna ainda maior. O professor, nesse cenário, precisa incentivar o raciocínio geográfico e garantir que todos os estudantes participem do processo de ensino-aprendizagem de forma significativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A realização do estágio supervisionado proporcionou um contato direto com os desafios enfrentados diariamente no ensino público, especialmente no que diz respeito ao ensino de Geografia. Do mesmo modo, a experiência na escola evidenciou que a falta de livros didáticos específicos, o alto número de alunos e a ausência de suporte especializado a estudantes da Educação Especial afetam consideravelmente a qualidade do processo educativo.

Apesar das limitações, observamos o esforço do professor em se adaptar e em manter o engajamento dos alunos, o que evidencia a importância de uma atuação docente comprometida e sensível às demandas escolares. Essa vivência reforçou a ideia de que a profissão de professor exige, além do conhecimento teórico, criatividade, empatia e capacidade de adaptação às diferentes realidades.

Como proposta aplicável à realidade observada, uma boa ideia seria a da construção de coleções pedagógicas colaborativas, utilizando recursos visuais acessíveis (mapas, diagramas, imagens impressas, etc.), bem como a ampliação da formação continuada de professores, com foco em práticas inclusivas e de baixo custo. Além disso, fortalecer os vínculos com a comunidade escolar pode contribuir significativamente para a construção de um ambiente mais participativo e mais acolhedor.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia. Educação inclusiva. Estágio supervisionado.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor regente de Geografia, da escola Estadual, pela recepção e pelo suporte, durante a realização das atividades de estágio, cuja orientação prática teve um impacto significativo em nossa formação, e à professora Larissa, encarregada da disciplina de Estágio Supervisionado I e orientadora deste trabalho, pela mediação teórico-metodológica, pelas orientações meticolosas e pelo apoio constante, durante a elaboração deste resumo.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **O ensino de Geografia na escola:** a construção de conhecimentos sobre o lugar. 5. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 9. ed. Campinas: Papirus, 2024.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência:** a relação teoria e prática na formação docente. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tânia Maria; CACETE, Nilceia. **Geografia em sala de aula.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.



A PRÁTICA DOCENTE EM CONSTRUÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE REGÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE GEOGRAFIA

Jonatas Costa Cavalcante

jonatas.c.cavalcante@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado II - 2025.1

Darsayewen dos Santos Farias

darsayewen.farias@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado II - 2025.1

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)

rodrigo.oleiveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

Ao longo da formação como professor, temas relacionados à profissão e aos seus desafios sempre estiveram presentes em conversas de sala de aula, especialmente nas matérias relacionadas aos processos de ensino. Um exemplo disto é a própria disciplina de Estágio Supervisionado. Segundo Scalabrin e Molinari (2013), a preparação para o estágio supervisionado é fundamental ao seu êxito, já que este componente é essencial em cursos de licenciatura. Nesse sentido, destaca-se que o estágio permite relacionar teoria e prática, oferecendo, aos acadêmicos, a oportunidade de conhecer a realidade da profissão escolhida. Ao vivenciar as atividades propostas, o estudante passa a compreender melhor os conteúdos estudados e a conectá-los ao cotidiano de seu futuro trabalho (Scalabrin; Molinari, 2013).

Assim, é por meio dos contatos com o ambiente e com a comunidade escolar que o aluno da graduação em licenciatura consegue se ver e se entender como futuro professor, além de entender a importância de sua profissão.

Nesse documento, são relatadas as observações feitas na disciplina de Estágio Supervisionado II, realizadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Rotary Clube, localizada na cidade de Castanhal, no estado do Pará. A instituição oferece ensino presencial nos turnos diurno e vespertino, atendendo do 6º ao 9º anos do ensino fundamental. A escola conta com 206 alunos e com 23 professores, sendo dois responsáveis pela disciplina de Geografia. A proposta deste estágio foi dividida entre observação e regência.

O objetivo deste relato é o de refletir sobre o processo de construção da prática docente, a partir do contato direto com a sala de aula, analisando desafios, aprendizados e descobertas vivenciadas neste contexto. A questão central, que orienta este trabalho, é: como a experiência de regência no estágio contribui para

a formação e para a consolidação da identidade docente do licenciando em Geografia?

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

O estágio teve início no dia 17 de março de 2025 e foi concluído no dia 9 de maio do mesmo ano, proporcionando uma vivência significativa. Durante o período, o estágio foi dividido em dois momentos, considerados essências à formação docente: observação; e regência.

Durante a observação, pude acompanhar as dinâmicas das turmas do 6º ao 9º ano, e as estratégias utilizadas pelo professor regente, Flávio Viana, além de identificar os perfis dos alunos e do ambiente escolar. As aulas seguiam uma dinâmica interativa, privilegiando discussões e a promoção da reflexão crítica entre os estudantes. O professor se integrava ativamente aos debates, fomentando um espaço de troca e de colaboração no desenvolvimento do saber. Essa experiência demonstrou a importância de o docente estimular a autonomia e a participação ativa dos alunos no próprio aprendizado — esse breve contato foi importante para planejar as aulas, que viriam a seguir.

A regência foi o foco principal da minha experiência e marcou meu primeiro contato direto com a prática docente. No início, o nervosismo foi um desafio, pois havia a insegurança natural de quem está iniciando, contudo, com o passar das aulas, fui adquirindo maior confiança, ajustando a didática às reações dos alunos e aprimorando a comunicação. A elaboração dos planos de aula foi essencial, para ter um bom planejamento das aulas que ministrei, durante a regência. Cada plano contemplava objetivos claros, metodologias adequadas, recursos pedagógicos e formas de avaliação compatíveis com a realidade das turmas. A experiência prática permitiu visualizar os desafios de sala de aula com clareza, bem como as importâncias da flexibilidade e da escuta ativa no processo de ensino-aprendizagem.

A escola ofereceu o suporte necessário, disponibilizando materiais, como projetor, folhas A4 e impressões, que facilitaram a realização das atividades planejadas. Essa estrutura contribuiu para uma prática mais dinâmica e interativa.

A vivência despertou ainda mais meu interesse pela docência, fortalecendo minha escolha profissional e contribuindo significativamente para a construção da minha identidade como educador.

3. DISCUSSÃO.

A formação de professores está relacionada à junção entre teoria e prática. Segundo Freitas (2024), o estágio supervisionado desempenha um papel crucial neste processo, pois permite, ao futuro docente, vivenciar o cotidiano escolar. Para compreender a dinâmica do ensino de Geografia, é necessário abordar conceitos, como a interação entre sociedade e espaço geográfico e as metodologias ativas, que facilitam a aprendizagem. Para Feldkercher (2009), estagiar é mais do que dar aulas; é se inserir profundamente no espaço escolar,

**I JORNADA DE ESTÁGIO DO
CURSO DE
GEOGRAFIA**
“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



conhecendo sua realidade, identificando seus problemas e lutando pela aprendizagem de todos os alunos.

Como fundamento essencial ao aprendizado, cabe ao professor de Geografia o papel de incentivar os alunos a refletir sobre o espaço, promovendo o desenvolvimento do pensamento geográfico, pois, na visão de Saviani (1980), “[...] o homem não é um ser passivo, mas um ser que reage perante o seu meio natural e cultural, mostrando-se capaz de aceitar, rejeitar ou transformar esse meio”. É neste contexto que a educação geográfica assume seu papel, junto aos estudantes, contribuindo para torná-los indivíduos conscientes e capazes de compreender e de exercer suas responsabilidades na sociedade.

A experiência de regência no estágio supervisionado reforçou a ideia de que a formação docente se constrói na prática, como destacam autores, como Tardif (2002), que considera os saberes da experiência fundamentais à constituição da identidade do professor. Vivenciar o cotidiano escolar, elaborar planos de aula e interagir diretamente com os alunos foram elementos que contribuíram para os meus amadurecimentos profissional e pessoal, fortalecendo minha percepção sobre o papel do educador no processo de ensino-aprendizagem.

O nervosismo inicial, típico do primeiro contato com a sala de aula, revelou-se um desafio natural e superável, conforme abordado por Freire (1996), para quem o professor está sempre em formação, aprendendo com a prática e com os sujeitos do processo educativo. A prática da regência exigiu preparo, escuta atenta, flexibilidade e sensibilidade, para lidar com diferentes situações, evidenciando que a sala de aula é um espaço dinâmico e desafiador.

A elaboração de planos de aula e o uso de recursos, como o data show, contribuíram para tornar as aulas mais atrativas, refletindo uma postura didática alinhada às necessidades dos alunos. Nesse caminho, Libâneo (2013) coloca que o planejamento pedagógico é um instrumento essencial para orientar o trabalho docente e para garantir intencionalidade ao processo educativo.

Assim, o estágio supervisionado cumpriu uma função central na articulação entre teoria e prática, oferecendo subsídios concretos para a construção da identidade docente e para a compreensão mais profunda do fazer pedagógico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A experiência de regência vivenciada no estágio supervisionado foi essencial a minha formação, enquanto futuro professor de Geografia. O contato direto com a sala de aula proporcionou aprendizados, que vão além dos conteúdos teóricos estudados na academia, permitindo compreender, na prática, os desafios e as possibilidades da atuação docente.

A elaboração de planos de aula, o uso de recursos, como o data show, e as interações com os alunos fortaleceram minha autonomia e meu senso de responsabilidade profissional. Ao enfrentar o nervosismo inicial e ao perceber minha evolução, ao longo das aulas, compreendi a importância da prática como espaço formativo e de construção da identidade docente. Embora a experiência tenha sido enriquecedora, reconheço limitações, como o curto período de regência e a necessidade de explorar outras metodologias ativas, como projetos interdisciplinares, porém concluo que o estágio foi uma oportunidade valiosa de crescimento, tanto pessoal quanto acadêmico, que reforçou minha escolha pela docência. As vivências e as reflexões construídas neste período serão bases para a minha atuação futura, sustentada por práticas consciente, crítica e comprometida com a formação dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Formação docente. Prática pedagógica. Ensino de Geografia. Identidade profissional

AGRADECIMENTOS

Agradeço à direção da EEEF Rotary Clube, em especial ao diretor Denis dos Santos Aquino e à vice-diretora Raici Souza Pereira Ribeiro, pelo acolhimento, pela atenção e pelo suporte, durante toda a minha experiência de estágio, sempre prontos a auxiliar nas necessidades que surgiram, ao longo da regência.

Estendo meu agradecimento ao professor Flávio Viana, regente da turma, pela orientação generosa, pelos conselhos compartilhados e pela disposição em colaborar com a minha formação. Sua escuta e seu incentivo foram fundamentais, para que eu me sentisse seguro e confiante em minha primeira experiência como docente.

Agradeço, também, ao professor orientador Rodrigo Rafael Souza de Oliveira, pelas contribuições valiosas, durante todo o processo da disciplina, e por fazer parte desta etapa tão significativa da minha formação.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



REFERÊNCIAS

- FELDKERCHER, N. O estágio curricular supervisionado na formação de professores e nas políticas educacionais. **Revista Virtual Partes**, 2009. Disponível em: <http://www.partes.com.br/educação/estagiocurricular.asp>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, J. S. D. **Percepções e práticas de professores da rede básica acerca do ensino de geografia para alunos com síndrome de Down**: um estudo de caso. 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, [Londrina], 2024.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- SAVIANI, Demerval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1980.
- SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. A importância da prática do Estágio Supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <http://revistaunar.com.br/cientifica/volumes-publicados/volume-7-no1-2013>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAPÍTULO II
Ensino de Geografia na Educação Básica



ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DO ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM (PA)

Cassio Henrique Costa Oliveira

cassio.hcoliveira@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado em Geografia II - 2025.1

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

A segunda etapa de estágio no ensino em Geografia foi marcada por desafios significativos aos crescimentos profissional e pessoal. Nesse estágio docente em sala de aula, houve algumas questões, envolvendo microviolências, referentes a comportamentos ou ações sutis e muitas vezes inconscientes, que podem causar dano, desconforto ou marginalização a indivíduos ou grupos; atitudes vindas de crianças e de adolescentes, ao mesmo tempo, o pode ser entendido como parte do crescimento individual. Contudo, a presente pesquisa busca compor uma compreensão estrutural da desvalorização das escolas, que reproduzem violências e que inviabilizam os desenvolvimentos socioafetivo e cognitivo dos estudantes.

O presente trabalho apresenta uma metodologia, que pode ser analisada como empírica e exploratória, pois parte de uma experiência realizada em campo e, junto a ela, de uma revisão de literatura, que fortalece a ideia do artigo, visando um debate sobre hostilidade escolar com autores que debatem o tema na Geografia, como Tuan (2013) e Santos (2012), além dos que estudam o espaço escolar, a exemplo de Freire (1970) e de Guimarães *et al.* (2019). Com isto, esse artigo se faz importante, pois busca entender as dinâmicas de escolas, que reproduzem microviolências e que fazem com que os alunos acabem sendo relativos a estes estímulos, gerando espaços de violência entre eles.

Como podemos, como educadores e como membros da comunidade escolar, criar um ambiente mais acolhedor e mais inclusivo para os alunos que se sentem “invisíveis” em uma escola pública de Belém (PA), e como isto pode impactar os aspectos socioemocional, a experiência escolar e o bem-estar dos estudantes da instituição?

Assim, é possível pensar em respostas para as questões trazidas no período de estágio, que, mesmo tendo apenas quatro meses, foi de grande intensidade,

visando a construção de um futuro educador, as quais podem parecer simples, mas geram bastante influência na vida do aluno e na sua relação com a escola.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

O estágio foi realizado de maneira bastante satisfatória, apesar das dificuldades presentes no ambiente escolar, seja pela falta de estrutura da escola, seja pela relação com alguns alunos, em seus comportamentos. As atividades do estágio docente ocorreram entre março e junho de 2025, contabilizados em 23 dias de trabalho, que possibilitaram a ministração de quatro aulas de regência na aplicação do jornal geográfico, trabalho elaborado na Universidade do Estado do Pará e aplicado à escola da pesquisa.

No momento de observação, que foi próximo ao período de provas, as interações se resumiram a atividades avaliativas voltadas aos exames, grande parte das quais foi retirada do livro didático, que era acessado exclusivamente pela professora regente, tendo em vista a indisponibilidade de livros aos estudantes na escola investigada.

Foi observada a relação desenvolvida entre a professora regente e os alunos, que, a meu ver, pode ser classificada com tentativa de interação, no início das aulas, seguida de recuo e de rigidez, por conta dos comportamentos de muitos alunos, que ultrapassaram o limite do respeito, notado na postura desgastada da docente, que estabelecia uma relação hierárquica vertical, na qual não presenciei trocas de conhecimentos entre professor e aluno; ao contrário disto. Acreditamos que, em razão das maneiras inadequadas de alguns alunos, para com a professora, com comportamentos desinteressados e desafiadores, o processo de ensino-aprendizagem foi prejudicado.

As ações participativas foram elaboradas em três passos, sendo o primeiro baseado na dita Cartografia Social (Faria, 2020), ideia facilitadora dos ensinamentos cartográfico e espacial no Ensino Básico. Junto dela, foram utilizadas teorias de Pinheiro (2023), cujo método de ensino tem, em seu cerne, o antirracismo, propondo um ensino que quebra os paradigmas da branquitude intelectual, e de Santos (2012), por conta da sua leitura racial do espaço urbano, considerando como tal interfere diretamente na mobilidade de pessoas não brancas, e a Lei n.º 10.639/2003, que visa os ensinamentos da história e da cultura afrobrasileiras, também de grande importância na luta antirracista.

Na primeira atividade, foram elaboradas perguntas simples, envolvendo a afinidade entre os alunos e a disciplina de Geografia e as formas de proveito dos momentos de lazer, pelos alunos, e foi solicitada a elaboração de um mapa do itinerário do caminho da escola à casa, em modelo de croqui, com espaço para descrição de detalhes observados no percurso, a exemplo das placas incluídas no mapa de um discente, com o escrito: “tia(o) do guaraná”.

Além das perguntas, foi feita uma segunda atividade, que incluiu uma roda de conversa, com a proposta temática da COP30, a partir de um prognóstico sobre o que os estudantes entendiam sobre o tema, junto do que foi feita uma explanação sobre a região amazônica. Essa proposta foi desenvolvida com as apresentações

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



do jornal geográfico e de duas perguntas, ligadas à matéria do Jornalismo, projetadas para a COP30: a construção de uma avenida, que ameaça a posição de um quilombo da Grande Belém (o Alma Preta); e as invasões ao Quilombo do Abacatal, em Ananindeua (PA). Também abrimos espaço para a produção e a representação artística, em formato de desenhos, feitos pelos discentes para representar seus conhecimentos acerca da COP30; além disso, foi feito um material sobre as comunidades originárias, com os usos de um documento do governo federal (2018) e de textos dos teóricos Bispo (2023) e Nunéz (2023).

As atividades tiveram o apoio e o acolhimento da professora regente de Geografia da escola pesquisada, mas houve certo nervosismo da minha parte — algo normal, que foi contornado no processo —, pois o planejamento inicial incluía a aplicação das atividades supracitadas em formato de apresentação no projetor, contudo, por orientação dela, ficou entendido que a aplicação seria melhor em material impresso, em razão da praticidade e da dificuldade no acesso ao aparelho. A partir desta experiência, compreendi como cada turma funciona e observei que os materiais didáticos servem para atender à realidade dos alunos e a sua melhor relação com os conteúdos.

O método avaliativo foi dividido em dois critérios: a) Articulação com os objetivos - A avaliação dos alunos foi baseada nos conhecimentos compartilhados, durante as aulas, valorizando a aprendizagem elaborada na atividade — a apresentação final dos alunos foi o momento culminante da avaliação; e b) Instrumentos de avaliação - Para verificar a aprendizagem dos alunos, foram utilizados os instrumentos perguntas e apresentações — as apresentações sobre os assuntos foram elaboradas pelos próprios alunos, como forma de fixar o conhecimento adquirido.

É interessante pensar sobre o componente curricular Estágio Docente em Geografia II, pois, enquanto futuros professores (no sentido de estar presente), muitos se encontrarão apenas no estágio supervisionado, justamente por proporcionar um contato direto com a sala de aula, a despeito do que é apresentado na teoria. Para melhor explicar este entendimento, faço uso das palavras de Moreira (2015), que diz que o enfrentamento às “[...] dificuldades para aplicar em sala de aula os conhecimentos adquiridos na universidade ao longo dos anos. Ante o exposto, uma questão aponta no horizonte” (Moreira, 2015, p. 6).

Quanto à questão de atrelar os conhecimentos adquiridos na universidade à prática, essa dificuldade pode ser muitas vezes compreendida pelo emprego de uma didática inadequada, pela/o responsável pela disciplina, fazendo com que o aluno tenha problemas em trazer o conteúdo para uma realidade educacional,

que possa chamar a sua atenção para a matéria, de modo que ele possa se ver naquele conteúdo proposto, na sua realidade local, aspecto que passa pelo professor e que recai sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

3. DISCUSSÃO

Partindo de um cenário, em que muitas escolas acabam “inviabilizando” seus alunos, de maneira direta ou indireta, a partir de transferências dos ditos “alunos-problema”, muitas vezes por agirem como as crianças que são, Freire (1970) vai usar o termo “sectarização”, que seria a transformação da realidade em algo que não pode ser mudado. Quando voltamos o olhar para as escolas, notamos que é justamente isto que vem acontecendo com alguns alunos, pois as formas como são tratados, ao invés de potencializar suas especificidades positivas, para mudarem suas realidades, gerando novas perspectivas para aqueles indivíduos que estão em formação, acabam produzindo o oposto, isto é, a manutenção do pensamento de que estes não vão mudar, tratando suas questões como algo patológico e definindo que as ações de tais alunos estariam ligadas aos seus meios sociais de inserção.

Carneiro (2023) relaciona este tipo de movimento, ligado à animalização do corpo humano, em que os mais visados, em termos quantitativos, são justamente estudantes negras/os, e, ao analisar estes fatores, é possível entender o motivos, pelos quais estes jovens acabam vendo a escola como algo ruim, desnecessária e sem importância em suas vidas. Tal acaba reforçando as ideias destacadas no início do texto, como se as ações dos jovens em resalto tivessem motivos patológicos ou influências dos meios em que vivem.

Ao pensar a estrutura escolar, chegamos à conclusão de que esta deveria ser um espaço que vai além da criação e da reprodução do conhecimento, apenas, por outro lado “[...] não há mais possibilidade de considerarmos o Ensino, a Educação, a Escola e a Sala de Aula como meros espaços de reprodução, mas sim de criação de conhecimento” (Guimarães *et al.*, 2019, p. 29). Dessa forma, é possível chegar a dois pensamentos: o primeiro, em que a escola se faz presente e potencializa o estudante para mudar a sua realidade; e o segundo, no qual a escola e a sala de aula são locais de reprodução de microviolências, sendo esta segunda linha de pensamento a mais reproduzida, situação que é fruto da omissão de dois agentes importantes: os pais, essenciais ao crescimento dos jovens; e o corpo estudantil, que acaba reproduzindo, direta ou indiretamente, a lógica que deixa os alunos(as) desinteressados(as) pelos conteúdos da escola, fazendo com que a presença nesta vire uma obrigação, ao invés de um desejo.

Dessa maneira, ao considerar uma leitura, que parte para um debate, que considera questões raciais como ponto principal para o entendimento de uma teoria mais próxima da realidade, Santos (2012) especifica a relação espaço-temporal, a qual vai delinear a relações sociais, principalmente no que toca aos acessos proporcionados à educação em escolas periféricas, que, em sua maioria, são frequentadas por pessoas negras. Dito de outro modo, quando colocamos questões raciais e de classe no debate educacional, chegamos a resultados



importantes, nos quais a tese de que a educação pública, seja ela estadual ou municipal, é horizontal é questionada, pois, em locais mais próximos a centros urbanos e em bairros nobres, é possível encontrar outras formas deste tipo de acesso a meios educacionais.

Nesse caminho, é necessário que haja um acesso à educação, que seja mais acolhedor e que dê mais destaque à aprendizagem do aluno, para que este possa ter uma educação digna, que o afete de maneira positiva. Em alguns bairros periféricos, vem ocorrendo um movimento de alojamento de escolas dentro de outras, causando grandes tumulto e tensão nos ambientes estudantis. Dessa forma, é possível trabalhar a questão proposta por Tuan (2013), que seria a ideia de não lugar, em que a escola seria entendida como um não lugar para o aluno inviabilizado pela instituição, fazendo com que ele passe a não ter estímulos para frequentar espaços educacionais, sendo muitas vezes obrigado a ir, para que perder benefícios, como o Bolsa família, por exemplo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A Educação Básica, apesar de ser um espaço de conhecimento — e de refúgio para muitos, por vezes — tem muito em que melhorar, tanto estrutural quanto socialmente. É necessário ir além de frases feitas, como a de que as crianças são o futuro do país, e humanizar os estudantes, tratando-os como seres humanos de fato, logo devem ser feitos trabalhos estruturais voltados ao desenvolvimento dos estudantes, como membros ativos da sociedade, que podem tomar decisões de maneira racional, porém necessitam de incentivos, para buscar as mudanças sociais, justamente.

Portanto, o estágio em comento foi de fundamental importância para a minha construção, enquanto professor, justamente para entender como funcionam as interações em uma sala de aula de maneira prática, além de perceber que existem momentos, em que é preciso ser um pouco mais rígido, para não perder a dinâmica da sala de aula, bem como há momentos de acolhimento, seja por meio de conversas ou de brincadeiras, que podem ter grande significância para os estudantes. Dessa forma, é muito importante destacar a falta de materiais didáticos, as estruturas precárias, o manejo indevido de escolas, fatores que acabam gerando espaços e ambientes estressantes para todas as partes.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Estágio II. Microviolência. Invisibilidade.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Universidade do Estado do Pará e à coordenação do curso de Licenciatura em Geografia, pela oportunidade de realização deste estágio, à professora Dra. Claudiana Godoy, pelas orientações e pelas conversas, mediante as adversidades do estágio, e à escola-campo, pela grande troca de conhecimentos entre estagiário, escola e universidade.

REFERÊNCIAS

- BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 8 jun. 2025.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- DOS SANTOS, Renato Emerson. Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: DOS SANTOS, Renato Emerson (org.). **Questões urbanas e racismo**. Rio de Janeiro: ABPN, 2012. p. 36-67.
- FARIA, Ana Paula. Reflexões sobre cartografia social: comunidades tradicionais na luta por direitos e valorização. **Fórum Nacional NEPEG**, v. 10, p. 261-269, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- LOPES, Ana Lúcia de Souza. Estratégias pedagógicas de formação de professores para a produção de materiais didáticos em EaD. **Revista EDaPECI – Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais**, v. 17, n. 1, p. 151-165, jan./abr. 2017. DOI: 10.29276/redapeci.2017.17.16291.151-165.
- NUÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Paidós, 2023.
- PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.
- SILVA, C. C. L. Possibilidades geográficas: você sabia que existem “outras” Geografias? In: GUIMARÃES, G. F. et al. (org.). **Geografias negras e estratégias pedagógicas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 27-36.
- TUAN, Yi-Fu. **Space and place: the perspective of experience**. 1. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.



GEOGRAFIA ESCOLAR EM CRISE: OBSERVAÇÕES CRÍTICAS SOBRE A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO, A PARTIR DO ESTÁGIO DOCENTE

Nazareno Alencar da Silva

nass.servicos@gmail.com; *Estágio Docente em Geografia II - 2025.1*

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

Esse trabalho tem o objetivo de analisar a crise da Geografia Escolar, a partir de observações realizadas no estágio docente na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Técnico Presidente Costa e Silva, em Belém (PA), no ano de 2025. A análise parte do pressuposto de que o ensino tradicional de Geografia, focado na memorização de conteúdos e na reprodução acrítica de informações, tem se mostrado ineficaz na formação de cidadãos com pensamento crítico sobre a proximidade que os conceitos geográficos têm no seu cotidiano e sobre o papel social destes, como agentes transformadores do espaço geográfico em que vive. Durante o estágio, foi possível constatar que as aulas, em sua quase totalidade, priorizam a transmissão descritiva de conteúdos e a reprodução de temas contidos nos livros didáticos fornecidos aos alunos. Para além disto, há problemas com a infraestrutura, há o desestímulo, por parte dos professores, em buscar uma formação continuada e há o desinteresse dos alunos, em sua quase totalidade. Tais aspectos nos obrigam a, pelo menos, refletir sobre o assunto e a tentar, de alguma forma, encontrar soluções possíveis, que mudem o rumo catastrófico que a educação brasileira vem trilhando.

Diante de tantos dilemas, tendemos a pensar em experiências pedagógicas inovadoras (como projetos interdisciplinares, saídas de campo ou usos de tecnologias) e nas formas como elas poderiam ser implementadas, para transformar o ensino de Geografia na escola, porém o principal questionamento que fazemos é: qual é o papel do professor na construção de uma Geografia escolar crítica, que vá além da descrição e que estimule a ação cidadã?

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

Por se tratar do tema da Educação, com sua importância na formação de cidadãos conscientes e críticos, e levando em consideração a problemática e a

complexidade que envolvem o tema, as observações feitas se fundamentaram em conceitos e em estudos voltados ao ensino de Geografia, como Straforini (2001) e Cavalcanti (2012), e, também, em eixos teóricos direcionadores de uma “educação emancipadora”, como a de Freire (1967). Acreditamos que é relevante trazer as importâncias urgente e necessária da interdisciplinaridade para o cerne deste debate, a fim de encontrar possibilidades de proposições viáveis, que possam ser colocadas em prática nas escolas.

2.1. Um projeto de destruição da educação.

Não é novidade que os ataques que a Educação vem sofrendo, ao longo dos anos, fazem parte de um projeto grandioso e altamente nocivo de precarização da educação pública — não apenas da educação, mas dos serviços públicos de maneira geral —, em favor de interesses escusos do grande capital.

Discorrer sobre o assunto, quando se está alheio ou distante da realidade diariamente vivenciada em escolas, por todos os seus agentes, poderia ser menos complexo, se a escola realmente formasse cidadãos com discernimento crítico sobre esta realidade, no entanto estamos expostos aos infortúnios de uma herança degradante, que incluem o domínio exploratório de um indivíduo pelo outro e a nossa alienação, perante os fatos. Necessitamos urgentemente de uma educação verdadeiramente libertadora, responsável por formar indivíduos, que enfrentem corajosamente os desafios de sua realidade, refletindo criticamente sobre o seu contexto e sobre os riscos de seu tempo.

Dessa forma, em vez de se deixar dominar por imposições externas, o sujeito desenvolveria autonomia e engajamento crítico, mantendo um diálogo constante com os outros e estando aberto a revisões e a questionamentos, abordagem que incentivaria posturas questionadora e científica, promovendo rebeldias criativa e humanizadora (Freire, 1967, p. 90).

Ao falar sobre a sociedade ou o cidadão externo à comunidade escolar, estamos tratando de alguém, que já passou pelos bancos desta mesma escola, complexa e problemática, ou seja, alguém que é um produto deste projeto de desintegração ou desmonte do ensino público. No nosso entendimento, a Geografia, assim como as outras disciplinas das Ciências Humanas, tem papel crucial na formação de pessoas com forte pensamento crítico, razão pela qual estas sejam as mais atacadas por este sistema, que prioriza a alienação e a escravidão das mentes. Portanto, é urgente discutirmos sobre que tipo de educação estamos oferecendo a nossa sociedade futura e sobre que tipo de cidadãos estamos formando, a partir desta escola.

2.2 Professor educador ou professor profissional?

Durante o período de estágio, nossa imersão no cotidiano escolar permitiu perceber a realidade desoladora do jogo de empurra, que permeia aquele ambiente, o que, segundo relatos de outros colegas discentes, estagiando em outras escolas, é praticamente um padrão, em que todos são vítimas e, ao



mesmo tempo, culpados e em que não existe um responsável pela situação. Por isto, gostaria de deixar aqui meu ponto de vista sobre este assunto.

Ao realizar exercícios simples de escuta e de observação, é possível perceber que a comunidade docente, apesar de estar sob constante pressão, também compartilha de responsabilidades, considerando a importância de seu papel social.

Importa destacar, nesse sentido, que o professor exerce uma função primordialmente intelectual, trabalhando com instrumentos simbólicos para mediar a compreensão do mundo e para enfrentar os desafios cotidianos e sociais. Sua atuação se caracteriza por uma dupla dinâmica: enquanto ensina, também está em constante processo de aprendizagem, posicionando-se como sujeito ativo na construção do conhecimento. Esse profissional se recusa a aceitar as aparências superficiais da realidade, buscando desvendar suas múltiplas camadas e compreendendo que toda situação possui diferentes perspectivas, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, transcendendo a mera imediatidade dos fenômenos (Cavalcanti, 2012, p. 20).

Considerando o que este autor coloca, refletimos sobre os termos que intitulam este tópico e percebemos uma possível evidência sobre sua plausibilidade e assim os definimos, afirmando que o professor educador é aquele que entende a importância do seu papel social e que tenta, dentro de suas possibilidades, exercê-lo, para que o fruto de seu trabalho tenha algum resultado efetivo na formação dos cidadãos, que por ele passem. Ele vai tentar deixar seu legado, independentemente das circunstâncias que enfrente na caminhada do “aprender-ensinar”. Percebemos, infelizmente, que ele é o primeiro a ser afligido pelos adoecimentos mental e físico.

Já o professor profissional é aquele que acaba se conformando e se adequando ao que lhe é imposto; aquele que cumpre com os seus horários, que entrega os seus resultados, que aprova, como lhe foi ordenado, que não se permite transgredir ou resistir e que, infelizmente, não percebe o quanto nociva é a sua atitude para a sociedade, mas percebe que ele também é um produto e uma ferramenta do projeto de destruição ou desmonte da educação pública. Porém, isso não o impede de buscar outras perspectivas neste cenário; não o impede de priorizar sua formação continuada e, assim, produzir medidas e mudanças em sua maneira de ensinar.

Portanto, o professor é um profissional, que necessita de formação constante para exercer bem o seu papel; formação esta que se articulada a sua atuação, ao longo da vida profissional, desde os tempos de formação inicial (Cavalcanti, 2014). Dessa forma, acreditamos que seja necessário iniciar a quebra destes

paradigmas no princípio de tudo, inclusive com reformulação dos currículos de licenciatura, priorizando a real formação de professores — e não apenas de novos pesquisadores das áreas de interesse de grupos de pesquisa da universidade.

2.3 A escola mata poetas/nada te mata mais do que sua própria mente.

Os dias de acompanhamento das turmas e o sentido da frase “Vocês não são o futuro... vocês são o presente”, dita pela professora, durante o estágio, ecoaram em mim como um chamado à responsabilidade. Na sala de aula, entre paredes pichadas com os versos, que compõem o título deste tópico, de um aluno consciente ou angustiado, vi-me mergulhado em contradições: um olhar fixo, em direção ao desinteresse dos alunos, diante de temas urgentes e tão pertinentes para suas vidas; a crueldade de um sistema, que nos aprisiona em ciclos de repetição; e as minhas próprias dúvidas sobre escolhas e sobre posicionamentos. Não podemos mais negar a realidade ao aluno. Necessariamente, a Geografia deve proporcionar a construção de conceitos, que possibilitem, ao aluno, compreender o seu presente e pensar o seu futuro com responsabilidade — ou, ainda, preocupar-se com o futuro, através do inconformismo do presente (Straforini, 2001, p. 23).

Percebi, então, que a escola — e a Geografia — falha em formar cidadãos capazes de transformar a realidade. Onde erramos? Que ponto de inflexão é necessário atingir, para que a educação deixe de ser uma fábrica de conformismo e passe a ser um espaço de emancipação? E, mais angustiante, ainda: será que ainda temos sensibilidade para enxergar a dor e a angústia por trás das frases escritas nas paredes ou o sistema já nos tornou insensíveis e desumanizados?

Essas perguntas, nascidas do chão da escola, são os cernes da mudança de percepção e da escrita do meu trabalho de conclusão de curso e da minha perspectiva como educador; elas revelam, igualmente, a crise da educação e a urgência de repensá-la, em termos políticos e humanos, antes de que o presente vire um futuro irremediável.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Esse trabalho não tem a intenção de apontar culpados pela incapacidade da Geografia Escolar em desempenhar seu papel no desenvolvimento do pensamento crítico, na formação de cidadãos, e tampouco tem o mote de retroalimentar o jogo de empurra já existente; nossa intenção é a de trazer luz ou evidenciar a necessidade de novos olhares para uma problemática, que necessita de proposições urgentes de mudança. Ele deriva tão somente de simples observação e reflexão, através do olhar de um profissional em formação, durante sua práxis no estágio docente.

Ele traz, sim, a percepção de que não estamos prontos, ao sair da universidade; não, a ponto de enfrentar todos estes dilemas, sem sermos afetados por eles, e tenta inspirar outro olhar, mais consciente e humanizado, sobre o ato de ensinar e sobre a necessidade de olhar o outro e o enxergar, de fato.

Talvez, nosso pensamento pareça utópico e muito distante da realidade, em muitos momentos, então tenhamos a capacidade de reabilitar as ferramentas que o sistema nos oferece e consigamos usá-las de maneiras significativas, em busca de mudanças efetivas em nossa forma de ensinar.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia. Geografia em crise. Geografia Escolar.

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento vai a todos aos que me antecederam na luta por uma educação melhor neste país, incluindo minha família e os colegas discentes, que me proporcionaram vivenciar o contraditório e toda a sua importância para debates mais férteis e produtivos.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia e cenários urbanos cotidianos: laboratórios para o desenvolvimento do pensamento geográfico. **Punto Sur**, Buenos Aires, n. 1, p. 122-143, 2019. DOI: 10.34096/ps.n1.6916.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. O professor de Geografia e princípios da formação para a condução de ação docente voltada a aprendizagens transformadoras. **Formação de professores**, ed. esp., p. 65-76. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/758407470/Lana-Cavalcanti?v=0.072>. Acesso em: 16 jul. 2025.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia**: ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

MARTINS, Victor de Oliveira; ARAUJO, Alana Ramos. Crise Educacional e Ambiental em Paulo Freire e Enrique Leff: por uma pedagogia ambiental crítica. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 46, n. 2, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/105854>. Acesso em: 18 jul. 2025.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia nas series iniciais**: o desafio da totalidade mundo. Campinas: [s. n.], 2001.



A ATUAÇÃO DO ESTAGIÁRIO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIÊNCIA NA EEEF 15 DE OUTUBRO, EM BELÉM (PA)

Pedro Vinicius Martins Monteiro

pedrovinicius9638@gmail.com; *Estágio Docente em Geografia II - 2025.1*

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O estágio supervisionado é uma experiência essencial a todo futuro professor, pois oferece a oportunidade de vivenciar, na prática, os desafios e as responsabilidades da docência, além de proporcionar uma compreensão mais concreta do ambiente escolar. O presente trabalho tem, como objetivo, relatar experiências vividas no estágio supervisionado do curso de Geografia, realizado na Escola de Ensino Fundamental 15 de Outubro, localizada no bairro Guamá, na cidade de Belém, no estado do Pará, vivência marcada por observações relevantes e por reflexões críticas sobre o cotidiano escolar.

Durante este período, foi possível perceber dificuldades significativas no processo de aprendizagem, por parte dos alunos, principalmente em relação à compreensão dos conteúdos e ao comprometimento com as atividades escolares. No entanto, essas dificuldades não se limitam aos estudantes; também refletem a ausência de um maior envolvimento, por parte de alguns professores, e da coordenação da escola, que muitas vezes não adotam estratégias eficazes para motivar, para orientar e para apoiar seus alunos, independentemente de suas limitações.

2. METODOLOGIA.

Esse trabalho foi desenvolvido, a partir da experiência prática do estágio supervisionado, realizado na Escola de Ensino Fundamental 15 de Outubro, no bairro Guamá, como já mencionado. Durante o estágio, participei das aulas de Geografia, observando o dia a dia dos alunos e dos professores, e interagindo sempre que possível, para entender melhor o processo de ensino-aprendizagem. Minhas anotações e reflexões foram feitas, ao longo do período, para registrar os desafios encontrados, as dificuldades dos estudantes e as formas como os

professores buscavam lidar com estas situações. Dessa forma, pude analisar o que acontece em sala de aula e refletir sobre meu papel como futuro professor.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

No período de março a junho de 2025, realizei meu estágio supervisionado na Escola 15 de Outubro, instituição pública da rede básica de ensino da cidade de Belém. Essa experiência foi fundamental para a minha formação como futuro professor de Geografia, pois me permitiu vivenciar o cotidiano escolar e os desafios do exercício da docência de formas prática e crítica. Nesse sentido, o estágio supervisionado representou um momento privilegiado de aprendizagem, pois possibilitou o confronto entre teoria e prática.

Atuei sob orientação da professora regente da turma investigada, uma profissional experiente, com mais de 25 anos como servidora do estado. Acompanhei e participei de diversas atividades pedagógicas, como aplicações de avaliações, correções de provas da primeira avaliação, explicações no quadro, juntamente da professora, e auxílios nas marcações de pontos dos alunos. Uma das experiências mais significativas foi a atividade do portfólio sobre a COP30 e sobre a infraestrutura urbana de Belém e do bairro Guamá, realizada no dia 7 de maio, na turma 601 — proposta que estimulou os alunos a refletir sobre sua cidade e sobre a realidade social de seu bairro.

Apesar das experiências positivas, o estágio também evidenciou diversas dificuldades estruturais e pedagógicas, que impactam negativamente a qualidade do ensino. A infraestrutura da escola é bastante precária: não há quadra esportiva; e muitos banheiros estão quebrados e, em alguns casos, os próprios alunos precisam segurar as portas para os colegas, devido à falta de trancas. Além disso, há reclamações frequentes sobre a merenda escolar, visto que, muitas vezes, os estudantes recebem apenas frutas e sucos.

O intervalo é curto, desorganizado e não conta com atividades educativas, que ocupem o tempo dos alunos de forma produtiva; e crianças e adolescentes de diferentes faixas etárias compartilham o mesmo espaço, o que frequentemente gera brigas e confusões. Muitos pais já reclamaram de situações, em que alunos do fundamental II agrediram alunos do fundamental I, durante o intervalo, no entanto a direção ainda não tomou providências para resolver este problema, o que gera preocupações, quanto à segurança dos alunos.

Também foi possível observar a presença de alunos com deficiência intelectual e com transtorno do espectro autista (TEA), assim como também foi notável a falta de preparo de alguns professores para lidar com estes estudantes de forma inclusiva: muitos não buscam estratégias para promover a participação destes alunos nas atividades, ignorando suas necessidades específicas e, em alguns casos, tratando-os como se não fizessem parte da escola. A própria professora regente de Geografia buscou dar mais atenção a estes alunos, trazendo atividades e dinâmicas totalmente apropriadas, mas ela relatou que o quantitativo de turmas sob sua responsabilidade impede trabalhos específicos com eles.



Um exemplo claro disto foi o caso de uma aluna da turma 702/manhã, de 13 anos, que apresenta características do transtorno do espectro autista. Durante as aulas, percebi que ela passava a maior parte do tempo pintando desenhos trazidos de casa, sem qualquer envolvimento com o conteúdo trabalhado em sala. A professora responsável não questionava esta postura e tampouco fazia esforço para integrá-la às atividades de sala de aula. Sensibilizado com a situação, decidi elaborar uma prova diferenciada, visto que a primeira avaliação já estava chegando, baseada em pintura, atividade pela qual ela já demonstrava gosto. A aluna compreendeu muito bem a prova e soube desenvolver as ações pedidas, de acordo com seus modos cognitivos; a professora regente me parabenizou pelo desenvolvimento da prova e a proposta foi bem recebida, compondo um significativo passo, em direção à inclusão.

Na sala dos professores, o clima também reflete o desgaste da rotina escolar. Muitos docentes demonstram cansaços físico e emocional, sentem-se desmotivados e sobrecarregados e expressam o desejo de se aposentar o quanto antes. Muitos deles reclamavam dos alunos e da decepção com os fatos de muitos deles não compreenderem os assuntos ensinados, da falta de comportamento, do desrespeito com os professores, das notas vermelhas e da falta da entrega de atividades passadas em sala de aula.

Apesar dos inúmeros desafios, essa vivência foi extremamente valiosa para minha formação. Fui acolhido pelos alunos, que me chamavam carinhosamente de “tio”, e me senti útil, ao perceber que, mesmo com limitações, consegui contribuir com a aprendizagem deles. Corrigir provas, aplicar atividades, lidar com conflitos e tentar conquistar o interesse da turma me proporcionaram um entendimento mais profundo sobre o papel do professor, assim pude compreender com mais clareza que ser professor é um ato de compromisso com o outro, com a educação e com a transformação social.

3.1. DISCUSSÃO.

Todas as graduações devem compreender a importância do estágio supervisionado, principalmente as de licenciatura (Scalabrin; Molinari, 2013), o que se reflete na finalidade do estágio supervisionado, que é a de desenvolver, em cada estudante de cursos de licenciaturas, a compreensão das teorias estudadas da graduação e a sua aplicabilidade e a reflexão sobre a prática, que se inicia neste momento, instrumentalizando o professor em formação para a transformação da sociedade e contribuindo para a construção da cidadania, pelos seus estudantes.

Anteriormente, abordei as faltas de preparo da escola, que contém alguns problemas básicos no quesito de infraestrutura, e de alguns professores, que negligenciam a realidade dos alunos, principalmente no aspecto comportamental. De acordo com Silva (2021), para uma educação de qualidade, é preciso uma série de fatores, tais como boa estrutura escolar, assim como funcionamento, professores qualificados e bem remunerados, que participem das decisões que envolvem o ensino, como a escolha do material didático, por exemplo; enfim, é preciso que todos que integram a escola tenham compromisso com a educação.

É inevitável a falta de preparo técnico, de onde vem as importâncias da formação continuada e da especialização dos professores direcionados aos alunos, que necessitam de suporte da educação inclusiva, haja vista as faltas de acolhimento em sala de aula e de atividade pedagógicas diferenciadas para eles. Conforme Naujorks (2008), a proposta da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas classes regulares de ensino tem reforçado o quadro, pois os professores se sentem despreparados para lidar com estes estudantes. Como consequência, encontramos profissionais cada vez mais propenso ao processo de sobrecarga de trabalho e alunos cada vez mais estigmatizados.

Já foi discutido que muitos alunos têm dificuldades na compreensão dos conteúdos ensinados e, principalmente, no comprometimento com as aulas, em termos de comportamento, de entrega de atividades, etc. Segundo Osti e Brenelli (2013), o processo de ensino-aprendizagem envolve professores e alunos em um movimento, em que as reflexões pessoais e interpessoais são primordiais, porque o sujeito precisa estar interagindo com o outro para aprender.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O estágio supervisionado na Escola de Ensino Fundamental 15 de Outubro foi fundamental em minha formação como futuro professor de Geografia. Durante este período, enfrentei os desafios da prática docente e pude refletir sobre a realidade escolar, desde as limitações estruturais às dificuldades enfrentadas por alunos e por professores. Compreendi que ensinar vai além de repassar conteúdos: exige compromisso com os estudantes. A experiência descrita com a aluna reforçou as importâncias da inclusão e da promoção da equidade, por exemplo, e percebi que muitos dos obstáculos enfrentados na escola refletem as fragilidades do sistema educacional como um todo. Ainda assim, o estágio me mostrou que o professor pode ser um agente de transformação, mesmo diante das dificuldades. Finalizo esta etapa com a certeza de que integrar teoria e prática fortaleceu minha identidade docente e meu compromisso com uma educação pública de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Inclusão escolar. Prática pedagógica. Educação pública. Transformação social.



AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Claudiana Godoy, pela orientação, pelo apoio e pela correção, ao longo da realização deste trabalho. Suas atenção e dedicação foram fundamentais para que eu conseguisse organizar minhas ideias e concluísse esta etapa com segurança. Também agradeço à professora regente do meu estágio supervisionado, que teve um papel essencial na minha formação prática. Com ela, aprendi como planejar e conduzir uma aula, como escrever no quadro de forma organizada, como manter o controle da turma e como incentivar a participação dos alunos. Suas experiência e disponibilidade para ensinar fizeram toda a diferença neste processo de aprendizado. Também sou muito grato à Escola Estadual de Ensino Fundamental 15 de Outubro, pela recepção acolhedora e pelo espaço cedido para que eu pudesse desenvolver meu estágio. Por fim, deixo um agradecimento especial aos alunos das turmas 601 e 602, que me receberam com respeito e que contribuíram muito para minha vivência como estagiário regente. Cada momento com eles foi importante para os meus crescimentos pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

NAUJORKS, Maria Inês. Stress e inclusão: indicadores de stress em professores frente à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. **Revista Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, n. 20, p. 117-125, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5125>. Acesso em: 3 jun. 2025.

OSTI, Andréia; BRENELLI, Rosely Palermo. Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 18, n. 3, p. 417-426, set./dez. 2013.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista UNAR**, Araras, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Educação Já 2022**. São Paulo: Todos Pela Educação, 2022. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/04/educacaoja2022-abril02-todospelaeducacao.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.

ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO PÚBLICA: O REFLEXO DE UMA ALFABETIZAÇÃO DEFICITÁRIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ANANINDEUA (PA)

Giovanna Barroso de Lima

giovannablina4@gmail.com; *Estágio Supervisionado em Geografia II - 2025.1*

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

A experiência do estágio supervisionado é um momento crucial para os discentes da licenciatura em Geografia, no sentido de que ele permite compreender a fundo as vivências da profissão, formando sua percepção sobre seguir ou não no caminho da docência. Além disso, o estágio mostra sua relevância no sentido de proporcionar, ao aluno da licenciatura, a articulação entre os conhecimentos teóricos e práticos (Moreira, 2015), que, na maioria das vezes, não é tão bem estimulado, ao longo da graduação.

No ambiente escolar, além de aperfeiçoar nossa prática, também observamos situações desafiadoras ao professor, que se mostram das mais diversas maneiras. A problemática encontrada na experiência do estágio não é inédita ou atual e ocorre há muito tempo na Educação Básica, referindo-se à questão da alfabetização precária, que é fortalecida pela conduta do sistema de passar o aluno de ano, mesmo que não tenha habilidades nas disciplinas ou possua dificuldades de leitura e escrita, que se manifestam e influenciam diariamente a Geografia. A ideia inicial da não retenção escolar era a de diminuir as desigualdades de oportunidades educacionais, entretanto chegou a ampliá-las, considerando que os alunos avançam, sem saber conceitos ou habilidades básicas de sua formação (Glória, 2002).

Os procedimentos metodológicos foram fundamentados em levantamento teórico, com a utilização dos textos Moreira (2015) e Glória (2002), além de arquivos jornalísticos sobre a temática de pesquisa, na busca por compreender como se configura a situação de precarização da alfabetização no cenário atual, pela ótica do estágio supervisionado na formação docente; e em observação de campo, realizada durante o período de estágio, vigente nos meses de março a junho de 2025. Os dados da pesquisa foram captados, com o intuito de identificar a disposição de alunos com dificuldades básicas em cada série do ensino fundamental da escola estudada.

Esse trabalho tem, como objetivo, relatar a experiência acadêmica no estágio supervisionado, na EEEF Eugenia Cavalleiro de Macedo, a partir da compreensão dos reflexos de uma situação desafiadora observada no período vivenciado: os alunos que receberam uma alfabetização insuficiente nos anos iniciais do ensino



fundamental podem enfrentar dificuldades em compreender e em desenvolver atividades relacionadas à Geografia, o que pode limitar seus desempenho e aproveitamento na disciplina.

Nesse sentido, após discutir brevemente sobre a problemática, devemos nos fazer a seguinte pergunta: como a alfabetização insuficiente nos anos iniciais do ensino fundamental pode impactar o desempenho e o aproveitamento dos alunos na disciplina de Geografia na escola? O trabalho mostra sua relevância nos sentidos de refletir sobre os desafios enfrentados no cotidiano e de elaborar práticas, que possam ajudar o professor de Geografia a contornar este cenário.

2. RESULTADO E DISCUSSÃO

O estágio supervisionado ocorreu na EEEF Eugenia Cavalleiro de Macedo, localizada no bairro Atalaia, no município de Ananindeua (PA), teve início em 14 de março de 2025, ocorrendo às terças, às quintas e às sextas-feiras.

Os dias vivenciados na escola foram compostos por regências e por observações participativas, em colaboração com a professora regente, por meio de pequenas tarefas, como elaboração de atividades de sala, escrita no quadro e realização de frequência. Nessa perspectiva, foi possível ter a dimensão da vivência de um professor em sala de aula, que inclui compreender cada aluno, em suas devidas especificidades e modos de ser, criar laços e colocar em prática os conhecimentos teóricos.

A primeira regência ocorreu no dia 25 de abril de 2025, em uma turma do 9º ano. A aula teve o livro didático como base, dando continuidade ao conteúdo previamente trabalhado, e o tema abordado foi “Recursos naturais e tipos de energia”. Inicialmente, foi realizada uma aula expositiva sobre o assunto, com explicações e com anotações no quadro. Em seguida, os alunos participaram da atividade proposta, do jornal geográfico, que consistia em ler uma matéria e uma charge sobre desmatamento de um jornal, instigando os alunos a interpretar a imagem e a responder a uma questão, relacionada à aula.

A segunda regência ocorreu no mesmo dia, porém no último horário, com uma turma do 6º ano, discutindo sobre orientação e localização geográficas. A turma se demonstrou interessada e participativa na aula, trazendo muitas dúvidas e curiosidades sobre o assunto. A aula teve duração de 25 minutos, sendo complementada com contribuições e com a retomada do conteúdo, pela professora regente.

No terceiro momento de regência, vivido em uma turma do 8º ano, fez-se uma contextualização do assunto regionalização (que vinha sendo trabalhado na

turma), conectando-o a outro, novo, concentrado em indicadores de desenvolvimento.

Em meio às vivências do estágio, o que se ressalta, como situação desafiadora, é o caso dos alunos, que ainda têm resquícios da alfabetização insuficiente, recebida durante os anos iniciais do ensino fundamental I, até o fundamental II. Isso se nota em alguns aspectos comportamentais da postura educacional destes estudantes e acaba se tornando uma limitação, que influencia diretamente as aulas de Geografia.

As limitações são percebidas principalmente na realização de atividades em classe, como, por exemplo: leitura (percebemos dificuldades nos alunos em fazer leituras simples); interpretação (percebemos necessidades de entendimento crítico da imagem, pelos estudantes); e atividades, que exijam alguma suposição ou percepção dos alunos sobre o significado de conceitos básicos da Geografia.

No período de observação, foi possível notar a disposição dos alunos por turma, que possuem dificuldades, relacionadas à alfabetização insuficiente, durante o período de estágio no ensino fundamental II. Notou-se uma quantidade maior de alunos com poucas habilidades de leitura e de interpretação no 6º ano, fator que influencia diretamente a compreensão e a realização de atividades de sala, causando, por exemplo, dificuldades de concluir tarefas, devido ao tempo curto das aulas. Outro fator que chamou a atenção foi que, mesmo no 9º ano, alguns (poucos) estudantes ainda demonstram grandes dificuldades, em comparação aos do 6º ano. Das turmas observadas, a que apresentou menos alunos com limitações nas atividades foi a do 8º ano.

A atividade do jornal geográfico realizada no dia da regência rendeu um momento de observação acerca das habilidades dos alunos, assim foram vistos alguns casos de má interpretação de frases ou imagens, de acordo com o desempenho na atividade: um dos alunos respondeu algo totalmente oposto ao que foi pedido, por exemplo, o que se caracteriza como um comportamento não esperado de um estudante do 9º ano.

Outro momento importante, em meio às vivências do estágio, ocorreu na aula sobre um dos principais conceitos da Geografia: o conceito de lugar. Nesse sentido, os alunos foram questionados sobre o que seria lugar para eles, e surpreendeu a todos o fato de que dois alunos do 6º ano não conseguiram pensar ou visualizar uma solução, denotando dificuldades de imaginação, que possivelmente não foi bem estimulada nos anos iniciais do ensino fundamental.

Grande parte da problemática gira em torno da questão da não retenção escolar anteriormente citada, compreendendo que o sistema é autorizado a passar os alunos de ano, de acordo com suas idades, para não ocasionar uma junção de alunos com faixas etárias muito distintas. Nessa perspectiva, os alunos logo percebem que, independentemente de seus esforços ou desempenhos, sua aprovação era garantida (Glória, 2002). No cenário atual, essa questão, tão antiga, continua presente e apenas se ampliou, alcançando as últimas etapas escolares, segundo pesquisa apresentada pelo Jornal Nacional (2022), que

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



apontou que 33% dos alunos chegam ao ensino médio, sem conseguir ler com fluência e apresentando dificuldades na ortografia.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Esse trabalho cumpriu com o objetivo de relatar a experiência acadêmica do estágio supervisionado na EEEF Eugenia Cavalleiro de Macedo, a partir da compreensão dos reflexos de uma alfabetização insuficiente, que influencia diretamente o ensino de Geografia, dificultando seu aproveitamento em atividades de leitura, de escrita e de interpretação de frases e de imagens.

Com isto, entendemos a não reprovação escolar como fator principal, que contribui para a construção de tais dificuldades entre os alunos, mesmo aqueles em séries avançadas, não deixando de compreender, também, as faltas de estímulos nos anos iniciais do ensino fundamental, que se perpetuam em limitações nos últimos anos da vida escolar, dificultando o trabalho dos professores (de Geografia, especialmente), que são obrigados a se adaptar e a entender estes entraves.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Alfabetização insuficiente. Não retenção escolar. Ensino de Geografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora regente Cláudia, que esteve me acompanhando no estágio docente em Geografia, proporcionando-me diversos ensinamentos, ideias acerca da profissão e conversas diárias, que tornaram o processo muito mais leve.

Agradeço à professora Dra. Claudiana Godoy, orientadora deste trabalho, que sempre se mostrou presente e disposta a ajudar na sua elaboração, sendo um grande exemplo de organização e de compromisso com a disciplina de estágio. Por fim, sou grata a cada aluno do ensino fundamental, que me fez criar um olhar tão lindo sobre a docência e que me inspirou a ser cada vez melhor.

REFERÊNCIAS

GLÓRIA, Maria Dília. **“A escola dos que passam sem saber”**: A prática da não-retenção escolar na narrativa de professores, alunos e familiares. Belo Horizonte: [s. n.], 2002.

MAIS DE 50% dos estudantes chegam ao 3º ano do ensino fundamental sem ter habilidades básicas de leitura. Jornal Nacional, 23 maio 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/23/mais-de-50percent-dos-estudantes-chegam-ao-3o-ano-do-ensino-fundamental-sem-ter-habilidades-basicas-de-leitura.ghtml>. Acesso em: 07 jun. 2025.

MOREIRA, Lemos Gilsélia. O Estágio Supervisionado: retrocessos e avanços na formação de professores de geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 6, n. 10, p. 106-121, jan./jun. 2015.



ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA: VIVÊNCIAS, DESAFIOS E APRENDIZAGENS EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE BELÉM (PA)

João Vitor de Lima da Silva

j.limasilva@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado em Geografia I - 2025.1

Túlio José Moreira Nobre

tuliojosemoreiranobre@gmail.com; Estágio Supervisionado em Geografia I - 2025.1

Profa. Ma. Larissa Mesquita Oliveira Ribeiro (orientadora do estágio)

la.mesquita@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO.

O estágio supervisionado constitui uma etapa fundamental na formação inicial de professores, representando o momento, em que se articulam, de maneiras prática e reflexiva, os conhecimentos teóricos acumulados na trajetória acadêmica e as realidades concretas do ambiente escolar. É nesse contexto que o Estágio Supervisionado I busca proporcionar, ao licenciando, uma aproximação inicial com o cotidiano da escola, não apenas como espaço físico e institucional, mas como ambiente dinâmico, complexo e socialmente situado. Essa etapa é essencial à construção da identidade docente e à compreensão dos múltiplos fatores, que compõem o fazer pedagógico.

Durante o período de estágio supervisionado, o discente pode e deve aplicar tudo o que lhe foi mostrado em sala de aula, tornando este momento uma excelente oportunidade para integrar a teoria à prática e fazendo com que os conhecimentos adquiridos nas salas de aula da universidade sejam úteis à prática no estágio. Ademais, essa união torna o aprendizado muito mais eficiente, para que o discente possa praticar e vivenciar a docência, além de acumular experiências, para futuramente exercer a prática docente de forma plena. Por isso, o discente deve enxergar o estágio não somente como mais uma etapa do curso, mas como uma chance de adquirir experiência, com integração, com engajamento e com compromisso.

O presente relatório objetiva descrever a experiência vivida no estágio, realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Albanízia de Oliveira Lima, durante o período de nove semanas, totalizando uma carga horária de 96 horas, que ocasionou, ao estagiário, a prática supervisionada e o acúmulo de experiências no âmbito escolar.

2. METODOLOGIA

O estágio supervisionado é parte essencial da formação docente, pois vai além do acúmulo de conteúdos e promove vivências concretas da realidade escolar, como espaço de saberes, de desafios e de possibilidades pedagógicas. Na Escola Estadual de Ensino Médio Albanízia de Oliveira Lima, essa experiência foi marcada por observações, por reflexões e por aprendizagens significativas.

Segundo autores, como Selma Garrido Pimenta (1997), Antônio Nóvoa (1992), Paulo Freire (1996) e Ana Fani Alessandri Carlos Cavalcanti (2008), o estágio deve ser compreendido como um momento de construção crítica do saber docente, em que teoria e prática dialogam e se entrelaçam. Essa prática formativa possibilita, ao futuro professor, desenvolver uma identidade profissional consciente, ética e transformadora, especialmente no ensino de Geografia, que exige a mediação entre vivência e conhecimento científico. Assim, o estágio se revela um processo formativo profundo, que contribui efetivamente para a construção de uma docência crítica, reflexiva e comprometida com uma educação emancipadora.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Durante a observação/participação nas aulas de Geografia, os professores responsáveis pelo estágio supervisionado estiveram trabalhando em frentes distintas, que incluíram estudos sobre os períodos da Segunda Guerra Mundial, da Guerra Fria e da Nova Ordem Mundial e sobre a Educação Ambiental, com o aquecimento global e com as conferências mundiais do clima. As conduções das aulas foram de formas expositiva e dialogada, em que ambos os professores buscaram, além de apresentar os temas aos alunos, fazê-los entender os assuntos de forma ativa, com perguntas instigantes e reflexivas, objetivando o entendimento pessoal de cada aluno e adaptando, caso necessário, os entendimentos, com base na teoria apresentada.

Após o período de apresentação teórica dos assuntos, foram propostas atividades escritas e objetivas aos alunos, geralmente compostas por cinco questões, para que fosse feita a avaliação de compreensão dos assuntos, pelos discentes, por parte do professor. Algumas atividades propostas serviram como recursos para atribuir pontuações às notas finais da primeira avaliação dos alunos, juntamente de outras avaliações.

Por fim, o método de avaliação-base para atribuição da nota final aos alunos foi o chamado “provão”, que é dividido nas cinco áreas de conhecimento utilizadas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): Linguagens; Humanas; Ciências da Natureza; Matemática; e Redação. O “provão” da escola consistia em cinco questões objetivas de cada área, além da redação, sendo dividido em dois dias.

3.1. DISCUSSÃO

No ensino de Geografia, Cavalcanti (2002) ressalta a importância de uma mediação pedagógica, que relacione o conteúdo escolar às vivências dos alunos,



favorecendo a construção de um saber significativo. Durante o estágio, observou-se que este processo foi parcialmente comprometido por fatores externos, como o contexto de obras na escola, que contribuiu para um ambiente mais disperso. O desinteresse aparente, o uso de celulares e as conversas paralelas indicam como o espaço escolar interfere diretamente no envolvimento dos estudantes, tornando mais desafiadora a tarefa de promover aprendizagens crítica e reflexiva sobre o espaço geográfico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ficou claro que o estágio é uma etapa essencial à vida do discente, que busca o exercício pleno da licenciatura, pois é uma etapa que explicita a importância da integração entre teoria e prática, essencial na formação de professores, como ressalta Freire (1996, p. 25): “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, exige a corporificação das palavras pelo exemplo, exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.”.

Além disso, o estágio serve para o discente refletir sobre a escolha em seguir a carreira da docência, pois nesta etapa ele tem contato com situações da realidade escolar, como os desafios da infraestrutura da instituição, e com as relações estabelecidas na escola entre professores, funcionários, alunos e, muitas vezes, com pais ou responsáveis por alunos. Portanto, esse momento proporciona uma reflexão mais pessoal ao discente, evidenciando os verdadeiros desafios, que serão enfrentados no exercício pleno da docência.

Logo, a quantidade de experiências adquiridas no estágio serve para produzir um relatório ou documento direcionado à avaliação de uma disciplina e, também, para refletir sobre os desafios diários da vida de um professor, bem como para perceber o quanto um profissional tão essencial à sociedade é, por vezes, desvalorizado e não recebe o reconhecimento e o respeito que lhes são devidos, acarretando a depreciação cada vez maior de uma profissão tão nobre e tão fundamental à sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Geografia. Docência. Vivência.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, com sinceridade e com respeito, à professora Larissa Ribeiro, por ter oportunizado e acompanhado todo o processo de estágio de formas atenta e dedicada, contribuindo significativamente para a nossa formação docente. Aos

professores regentes, expressamos nossa gratidão, pela acolhida generosa, pela paciência e pela disposição em compartilhar experiências e práticas pedagógicas, durante nossa vivência na escola. Também estendemos nossos agradecimentos ao diretor da escola, por permitir a realização do estágio na instituição, viabilizando um espaço de observação, de reflexão e de aprendizado fundamental à construção de nossa identidade profissional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: **Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 19 mai. 2025.

COMPARA ESCOLA. **Escola Estadual EEEFM Profa. Albanizia de Oliveira Lima – Informações completas**. Disponível em:

<https://comparaescola.com/index.php/escola-estadual-eeefm-profa-albanizia-de-oliveira-lima-av-almirante-barroso-3107-souza-66613-710-belem-pa>.

Acesso em: 08 maio 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

MELHOR ESCOLA. **Escola Estadual EEEFM Profa. Albanizia de Oliveira Lima**. Disponível em: <https://www.melhorescola.com.br/escola/eeefm-profa-albanizia-de-oliveira-lima>. Acesso em: 08 maio 2025.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PARÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Escola Estadual Albanizia de Oliveira cria projeto para preparar alunos para o Enem**. Belém: SEDUC, 2023. Disponível em: <https://www.seduc.pa.gov.br/noticia/11120-escola-estadual-albanizia-de-oliveira-cria-projeto-para-preparar-alunos-para-o-enem>. Acesso em: 08 maio 2025.

PASSINI, Elza Yasuko *et al.* (org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**: lugar da formação e da prática docente. São Paulo: Cortez, 1997.

SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno de. A prática de ensino e o estágio supervisionado. In: PASSINI, Elza Yasuko *et al.* (org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.



ENSINO DE GEOGRAFIA: VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Eli Éwerton Monteiro Maciel

ewertonmonteiromaciel@gmail.com; *Estágio Supervisionado em Geografia I - 2025.1*

Profa. Ma. Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro (orientadora do estágio)

larissa.ribeiro@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é uma etapa essencial à formação de professores, pois aproxima o licenciando da realidade escolar e permite refletir sobre a prática docente. No ensino de Geografia, ele ajuda a entender como os conteúdos científicos se conectam ao cotidiano dos alunos. Realizado na Escola Estadual Lauro Sodré, com turmas do ensino médio, o Estágio Supervisionado I se iniciou em 21 de março de 2025 e possibilitou as observações de métodos, de conteúdos e de relações em sala de aula.

Os objetivos deste trabalho são os de analisar a prática docente observada e de refletir sobre os desafios enfrentados, com foco na falta de material didático. A partir disto, a questão central, que orienta esta reflexão, é: como a ausência de recursos didáticos adequados afeta o ensino de Geografia e como o estágio pode ajudar a construir alternativas pedagógicas mais eficazes?

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

O Estágio Supervisionado I foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Lauro Sodré, tendo iniciado em 21 de março de 2025, com turmas do 1º ao 3º ano do ensino médio. Durante o período de observação, foi possível acompanhar as práticas pedagógicas da docente regente, identificar os métodos utilizados em sala de aula e entender a dinâmica entre professores, alunos e demais profissionais da escola. Essa etapa permitiu perceber, de forma clara, os desafios enfrentados no cotidiano escolar, em especial a ausência de material didático de qualidade, o que impacta diretamente o ensino de Geografia. Mesmo sem livros didáticos atualizados, e com conteúdos rasos nos poucos materiais enviados à escola, a professora buscava estratégias alternativas para adaptar os conteúdos ao contexto dos alunos, promovendo discussões, que estimulavam o pensamento crítico e a consciência social. As aulas não se limitavam ao quadro e a exposições orais: a professora integrava temas atuais e provocava os alunos a relacionarem os conteúdos com as suas vivências. As

interações com os alunos mostraram o quanto estas estratégias são eficazes, quando bem conduzidas, mas também revelaram certo desinteresse, por parte dos estudantes, que muitas vezes se dispersavam ou nem entravam na sala. A gestão de sala, entretanto, era conduzida com firmeza e com empatia, o que garantiu certo equilíbrio nas turmas observadas.

Houve o acompanhamento de projetos, como o “Horta Escolar Sustentável” e o “VI Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente, Educação e Justiça Climática”, que mostraram como práticas interdisciplinares e baseadas na realidade local podem tornar o ensino mais significativo. A professora foi fundamental para discutir estratégias de ensino, para selecionar conteúdos e para pensar alternativas, frente à escassez de recursos. A horta, por exemplo, foi utilizada como ferramenta para trabalhar conceitos geográficos ligados a espaço, a sustentabilidade e a cidadania, reforçando a importância do uso de metodologias ativas.

A principal revelação, durante o estágio, foi perceber que a ausência de recursos didáticos adequados não impede, mas exige do professor, atuações ainda mais criativas, reflexivas e comprometidas com a formação crítica dos alunos. As dificuldades enfrentadas, como a escassez de livros, a falta de apoio pedagógico mais consistente e o desinteresse de parte dos alunos, exigem soluções coletivas, e o estágio permitiu compreender que a prática docente em Geografia vai muito além do conteúdo programático: envolve escuta ativa, adaptação a diferentes realidades e busca constante por metodologias, que deem sentido ao conhecimento.

3. DISCUSSÃO

A experiência de estágio supervisionado na Escola Estadual Lauro Sodré reforça o entendimento do estágio como momento crucial de formação crítica e de prática reflexiva, conforme destaca Vannucchi (1993). Mais do que uma simples atividade curricular, o estágio possibilita, ao futuro docente, o contato direto com práticas pedagógicas em contextos reais. No caso específico do ensino da Geografia, observou-se que a falta de materiais didáticos e atualizados dificulta o acesso dos alunos a conteúdos científico e compromete a construção de aprendizados significativo e engajado.

Esse cenário exige do professor, enquanto mediador, um esforço constante para adaptar metodologias e para buscar alternativas, que ultrapassem as limitações estruturais da escola. A ausência de recursos didáticos adequados, como aponta Libâneo (1994, 2006), evidencia a necessidade de compreender o ensino como uma prática social, que vai além do conteúdo, envolvendo compromisso ético e engajamento social. O estágio, nesse sentido, funciona como um espaço privilegiado para o futuro educador desenvolver esta consciência crítica, ao analisar como os conteúdos são selecionados, contextualizados e transmitidos a estudantes, que vivem realidades marcadas por desigualdades e por desafios.

Ademais, conforme destaca Cavalcanti (1998), o estágio possibilita observar que o ensino de Geografia deve ser sempre contextualizado, considerando o que,



como e para quem se ensina, além das intenções pedagógicas por trás das práticas adotadas. Na experiência vivenciada, as metodologias que aproximam o conteúdo geográfico da realidade dos estudantes, mesmo sem o suporte de livros didáticos, demonstraram-se essenciais à promoção de um pensamento crítico e à construção de um conhecimento, que dialogue com a vida cotidiana dos alunos. Assim, o estágio se mostra um espaço de diálogo entre o conhecimento científico e a realidade escolar, em que o futuro professor é desafiado a criar estratégias pedagógicas inovadoras e eficazes, capazes de superar a carência de recursos e de responder às necessidades dos estudantes. Essa vivência prática é fundamental para consolidar a compreensão do ensino como ação que requer criatividade, sensibilidade e compromisso social, preparando o educador para atuar em contextos complexos e para contribuir com a transformação da realidade educacional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A realização deste estágio foi fundamental em minhas formações acadêmica e pessoal. Pude presenciar a interação entre alunos e professor, compreendendo que o processo de educar vai muito além de livros. E este vínculo entre educador e alunos influencia bastante o processo de ensino-aprendizagem, mostrando a postura dos profissionais, diante dos desafios que se mostram a cada dia.

A escola, mesmo com todas as limitações existentes, mostrou-se um espaço de construção, em que não se educa apenas com conteúdo, mas também com respeito e com dedicação. Esse estágio me deu mais consciência sobre meu papel como futuro profissional da educação, bem como redobrou minha motivação para continuar seguindo este caminho, com bastante responsabilidade e com desejo de fazer a diferença na vida dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Geografia. Recursos. Ensino. Formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Larissa Ribeiro, professora orientadora da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I, por todo o apoio, durante o semestre, desde o primeiro dia de orientações em sala de aula, e por todo o suporte dado nas idas às escolas. Com orientações pontuais e necessárias, ela tornou melhor o entendimento da prática do estágio.

Agradeço, também, à direção da Escola Estadual Lauro Sodré, em que fui bem recebido por todos, em especial pela professora orientadora do campo de estágio, com quem foram feitas as observações e as experiências de sala de aula, pela

ótima recepção em seu ambiente de trabalho e por todas as experiências repassadas.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: teoria da instrução e do ensino. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2006.

VANNUCCHI, Aldo. **Didática e estágio supervisionado**: o exercício da docência. Campinas: Papirus, 1993.



VIVÊNCIA NO ESTÁGIO DE GEOGRAFIA: OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Rodrigo Silva Moraes

rodrigo06moares@gmail.com; Estágio Docente II - 2025.1

Maria Giselia Carvalho da Costa

carvalhogiseliacarvalhocosta@gmail.com; Estágio Docente II - 2025.1

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O presente resumo expandido tem, por objetivo, descrever experiências realizadas no estágio docente em Geografia, abordando algumas vivências do cotidiano escolar e refletindo sobre os desafios enfrentados no exercício da docência no ensino fundamental II. Considera-se que as observações e as participações em aulas com regência são de suma importância para as formações acadêmica e profissional do professor, sobretudo ao lidar com as complexidades e as especificidades desta etapa do ensino básico.

O estágio foi realizado no curso de Geografia da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no período de 28/02/2025 a 25/06/2025, sob orientação da Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy e do professor regente, responsável pela supervisão da escola participante da pesquisa. O estágio supervisionado possibilita, ao estudante da graduação, os desenvolvimentos teórico e prático dos conhecimentos adquiridos na universidade, ao mesmo tempo em que o aproxima da realidade escolar e das demandas concretas da prática docente.

Os relatos de experiências aqui evidenciados foram de metodologia qualitativa, por meio de observação participante e de práticas de ensino vivenciadas em uma escola da rede pública, situada no bairro Guanabara, no município de Ananindeua (PA). É nesta etapa do curso que o licenciando reflete sobre o que é ser professor e sobre o seu papel, frente à realidade escolar, sendo capaz de constituir sua identidade profissional docente, a partir de momentos de observação-participante, de intervenção regencial e de reflexão sobre a prática pedagógica. Essa construção contribui para as formações inicial e continuada do professor de forma significativa, sendo atravessada por desafios didáticos, metodológicos e relacionais (Vieira *et al.*, 2014, p. 2), especialmente no contexto do nível Ensino Fundamental II, que exige estratégias eficazes para engajar os alunos e para favorecer a aprendizagem.

A fundamentação teórica deste resumo expandido se encontra nas contribuições de Pimenta e Lima (2006), que refletem sobre o papel do estágio na formação docente, e de Libâneo (1995), ao explorar as didáticas e os processos de ensino-aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa empírica, com o objetivo central de apresentar as vivências presenciais no espaço escolar, expondo as atividades e as regências realizadas, bem como as dificuldades enfrentadas, sobretudo no que se refere às metodologias adotadas e aos desafios da docência na proposta de um ensino-aprendizagem, que desperte o interesse dos estudantes pelos conteúdos da Geografia Escolar do ensino fundamental II.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

O estágio supervisionado docente, principalmente no campo das licenciaturas, mostra-se de suma importância, por permitir sair, ainda que parcialmente, dos mundos acadêmico e teórico, para adentrar no mundo da prática ou práxis, em que são enfrentados diversos desafios e é presenciada a diversidade de complexidades das pessoas e dos espaços. Pimenta e Lima (2006) consideram o estágio como um espaço de produção de conhecimento e de pesquisa, e não apenas como um momento prático ou técnico, assim o estágio se torna parte essencial do processo formativo, com potencial para transformar o estagiário e a prática educativa.

Nesse contexto, as experiências adquiridas no estágio se revelaram fundamentais a nossa formação, enquanto futuros docentes, principalmente por possibilitar a vivência direta em sala de aula, mediante as possibilidades de observar a dinâmica escolar e de compreender melhor os desafios dos modelos educacionais atuais. Durante o estágio, foram desenvolvidas diversas atividades, especialmente com uma turma do 6º ano do ensino fundamental, composta por aproximadamente 20 alunos frequentes, percebida como uma sala animada e repleta de questionamentos e curiosidades.

Um ponto relevante nas observações realizadas com as turmas do 6º, do 8º e do 9º anos do ensino básico de uma escola pública foi as predominâncias de metodologias tradicionais e de aulas expositivas no ambiente escolar. As aulas, geralmente conduzidas por leituras do livro didático, revelaram um problema significativo: a escola não dispõe de recursos suficientes para garantir a distribuição igualitária deste material a todos os alunos — isso comprometeu o acompanhamento das aulas e a realização das atividades avaliativas.

Nesse sentido, algumas dificuldades observadas nas metodologias utilizadas em sala de aula podem estar relacionadas a questões, que se originam ainda na formação inicial, nas universidades. Pimenta e Lima (2006) apontam que os currículos de formação muitas vezes se apresentam de forma fragmentada, com teorias construídas apenas como saberes disciplinares nos cursos, o que os torna distantes das realidades do campo escolar e da prática profissional.

Conforme destaca Libâneo (1995), a aprendizagem depende também de gerar interesse no aluno, pois, quando baseada apenas em interesses espontâneos, os resultados tendem a ser dispersos e não sistematizados, pelos mesmos. Por isto,

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



a escola deve promover uma sistematização do estudo, que seja planejada e acompanhada pelo corpo docente. Dessa forma, busca-se que o estudo ativo se torne um mecanismo de autossatisfação para o aluno, estimulando-o a avançar em novos aprendizados. Esse estudo ativo consiste em atividades, como observação, compreensão e conversação sobre situações do cotidiano, estabelecendo ligações com a matéria e estimulando habilidades de pensamento e de percepção, fundamentais à aprendizagem. Além disso, torna-se relevante complementar estas estratégias com atividades lúdicas, que estimulem o imaginário e que proporcionem uma aprendizagem mais descontraída e menos tradicional, especialmente com turmas mais jovens.

Na primeira atividade, observamos o assunto já estudado pelos alunos, um conceito básico e muito importante da Geografia: a paisagem. Logo após, desenvolvemos um aprofundamento do assunto, descrevendo seu conceito, os elementos da paisagem, a classificação, entre outros. Na atividade, realizamos um questionário e pedimos, aos alunos, que retratassem, em forma de desenho, o que as paisagens natural e cultural (humanizada) representariam para eles. Nessa atividade, foi possível perceber que os alunos se interessaram pelo assunto, comprovando que, quando a aula é prática, o conteúdo acaba sendo assimilado mais rapidamente, o que é fundamental à prática docente. Por fim, também foram realizadas construções de trabalhos adaptados a alunos da Educação Especial, utilizando pinturas e desenhos, que representassem os conteúdos geográficos. Essa abordagem inclusiva reforçou a importância de diversificar os métodos de ensino, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas necessidades, possam compreender e se envolver com os temas trabalhados em sala de aula.

A segunda atividade de regência foi desenvolvida com uma turma do 6º ano e constituiu na primeira avaliação da disciplina de estágio. Essa proposta representou uma tentativa de romper com a metodologia tradicional, então utilizada pela turma. A atividade representou um desafio adicional ao estágio, pois consistiu na elaboração de uma proposta, que relacionasse o conteúdo a ser trabalhado, paisagem, a uma notícia e a uma charge atuais, retiradas de jornais ou sites, que mostrassem o conteúdo da disciplina de modo crítico. Essa realidade evidenciou os limites de determinadas estratégias pedagógicas e a necessidade de práticas mais eficazes para aproximar os alunos dos conteúdos geográficos de formas mais dinâmica e contextualizada.

A atividade incluiu a análise de uma notícia sobre a COP30, que será realizada em Belém do Pará, em novembro de 2025. Nesse contexto, foi solicitado, aos alunos, que respondessem, com suas próprias palavras, a um questionário

aberto, composto por duas perguntas, relacionadas ao tema central trabalhado em sala: o conceito de paisagem. As questões abordaram a compreensão da notícia e da charge apresentadas, ao mesmo tempo que abordou o conteúdo da Geografia Escolar. Em seguida, os alunos foram convidados a elaborar um desenho, que representasse os impactos causados pelas obras e pelas construções realizadas na cidade, em preparação para o evento. A turma, com aproximadamente 20 alunos, como mencionado, apresentou dificuldades para compreender a atividade, o que gerou dúvidas sobre as questões e sobre a realização do desenho. Essas dificuldades ocorreram principalmente pela falta de experiência com atividades semelhantes e pela pouca concentração, durante a explicação. Por fim, aos estudantes que se sentissem confortáveis, foi solicitado que expusessem seus desenhos à turma e que explicassem as ideias neles representadas. Foi notável que a maioria demonstrou confiança para apresentar seus trabalhos aos colegas, promovendo trocas significativas de percepções e de experiência sobre o tema do espaço vivido.

No período do estágio, na escola investigada, nossa participação em algumas turmas foi restrita à observação e ao apoio a atividades auxiliares, como leituras, correções de atividades, atribuições de notas e, em alguns momentos, composições de explicações sobre determinados assuntos, principalmente nas turmas do 8º e do 9º ano. Foi possível observar que o professor regente costuma cobrar os questionários da aula anterior para correção, porém os alunos demoram a entregá-los prontos, tanto por falta de interesse quanto por dificuldades de acesso ao livro didático, de onde geralmente são retiradas as respostas. Isso acaba demandando mais tempo de aula, já que o professor solicita a realização imediata das atividades pendentes em sala, para que possam ser corrigidas e posteriormente atribuídas pontuações avaliativas nas provas.

A situação da disciplina de Estudos Amazônicos é ainda mais precária, já que os alunos não possuem livro, tornando a aula mais dificultosa. Em alguns casos, o professor imprime partes dos conteúdos e as entrega aos alunos, para que haja o acompanhamento da aula, com leituras e com explicações; em outros casos, esses assuntos são enviados para estudo, via aplicativo WhatsApp, mesmo sabendo que nem todos os alunos possuem acesso a aparelhos e a smartphones com Internet. Por se tratar de uma disciplina com baixa carga horária, o desinteresse acaba sendo mais perceptível, tanto por parte dos alunos quanto do próprio professor.

Além das dificuldades relacionadas ao acesso e ao interesse nas aulas, a escola também enfrenta desafios no atendimento aos estudantes com necessidades especiais. A escola conta com uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), e o profissional que presta assistência aos discentes neurodivergentes da escola atua no suporte, dividindo-se entre todos os que necessitam de apoio profissional para efetivação da educação inclusiva. Na realidade, foram observadas deficiências nas aplicações de práticas pedagógicas e de recursos educacionais adequados aos alunos da Educação Especial. De acordo com Rodrigues (2012), tal demanda uma formação interdisciplinar, que



desenvolva compreensões mais ampla e integrada das necessidades educacionais dos estudantes, tornando as ações mais eficazes e inclusivas.

As atividades na escola também incluíram a aplicação de simulados da primeira avaliação e da prova da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). Nos dias 08, 09 e 10 de abril, foi realizada a aplicação dos simulados avaliativos das provas bimestrais, o que foi uma experiência à parte. Essas avaliações foram um meio importante para obter informações sobre a prática docente, que envolve diversas funções. Dessa forma, as avaliações serviram como ferramentas de acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes, permitindo planejar melhor as estratégias para superar as dificuldades encontradas. Embora, é relevante esclarecer que o que prevalece nas escolas é uma avaliação acompanhada por números, por notas. As instituições de ensino sofrem influências externas e devem prestar contas aos sistemas educacionais, que precisam de resultados, desse modo a atual prática da avaliação tem, como função, medir a classificação e, não, compor um diagnóstico escolar (Luckesi, 2005, p. 43).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o estágio docente em Geografia representa uma oportunidade fundamental para os primeiros passos e para os aprofundamentos da práxis docente e da pesquisa, permitindo, ao futuro professor, vivenciar a realidade escolar em suas formas mais autêntica, concreta e desafiadora. É neste momento que se deixa o campo das teorias acadêmicas, para mergulhar no cotidiano dinâmico da escola, que ultrapassa os limites físicos da sala de aula. A interação entre professor e aluno, bem como o processo de ensino-aprendizagem, torna-se o eixo central de tudo aquilo que foi construído, ao longo da formação universitária.

Portanto, nesse segundo período de estágio, acompanhado por um professor regente, foi possível observar a realidade escolar, que é bastante complexa e, ao mesmo tempo, gratificante. É perceptível que a educação pública, seja em um recorte micro ou no contexto mais amplo do Brasil, precisa urgentemente de uma reformulação, que desperte o interesse genuíno e o prazer pela busca do conhecimento, saindo da alienação e permitindo, aos cidadãos que estão sendo formados, a participação mais ativa e crítica no processo eleitoral e no cenário político do país. A educação, antes de tudo, é o alicerce para as formações da cidadania e de uma comunidade mais crítica e mais reflexiva sobre a sua realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio docente. Ensino fundamental II. Formação docente. Prática pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa gratidão, em primeiro lugar, à professora Claudiana Godoy, pela orientação, pelo apoio e pela companhia, ao longo de toda esta segunda etapa de estágio; sua organização, sua paciência e sua disponibilidade fizeram toda a diferença, para que nos sentíssemos seguros e confiantes em cada momento da experiência. Também somos gratos ao professor regente, pela confiança em nosso trabalho e pela liberdade que nos deu, para realizar intervenções em sala de aula, sempre aberto a ouvir e a acolher nossas ideias; essa parceria tornou o ambiente escolar mais leve e cheio de aprendizados, contribuindo muito para o nosso crescimento como futuros professores. Por fim, não poderíamos deixar de agradecer, com muito carinho, às turmas, com das quais tivemos o privilégio de conviver. Cada estudante, com seu jeito único de ser, tornou esta vivência muito especial; são rostos e momentos, que ficarão guardados com carinho em nossa memória e que, com certeza, marcarão positivamente nossas caminhadas pessoal, acadêmica e profissional.

REFERÊNCIAS

- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poíesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 2. ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.
- RODRIGUES, D. (org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2012.
- VIEIRA, Adriana; CAMPIGOTTO, Susana Muller; GODOY, Rosane Maria de; SOUZA, Arlindo de; ARAÚJO, Sergey Alex de. Estágio supervisionado: pesquisa da prática pedagógica Geografia. **REDIVI - Revista de Divulgação Interdisciplinar**, PARFOR, v. 2, n. 1, p. 1-27, 2014.



RELATÓRIO DO ESTÁGIO DOCENTE: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Jamilly Souza Guimarães

jamilly.uepa.2022@gmail.com; *Estagio Docente em Geografia II - 2025.1*

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)

rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um relato do segundo momento de estágio obrigatório, cujo objetivo vai além de observar; nessa etapa, os alunos de licenciatura passam pelo menos por duas regências, observadas pelo professor da escola-alvo. O foco deste estágio é o ensino fundamental II, então é interessante que o aluno passe por esta etapa, já que é importante que se tenha este primeiro contato; é uma prova do que ocorre na vida de um professor.

A EEEFM Prof. Clotilde Pereira foi a escola escolhida, e, apesar de ser uma escola que abriga os ensinos fundamental II e médio, atualmente estão na ativa apenas duas turmas do ensino fundamental II: um 8º e um 9º anos, nos dois turnos.

Assim como as outras escolas do município, a Clotilde também está em processo de transição do ensino regular para o integral, logo eu gostaria de comentar a dificuldade das escolas em se adaptar ao novo ensino médio. Em tese, o novo ensino médio traz novas base e perspectiva aos alunos, mas, na prática, ele desregula todo um sistema, há muito tempo colocado. Uma das questões é a de que grande parte dos alunos da rede pública depende de transporte escolar, e as escolas estão em um meio termo sobre isto, atualmente, pois os ônibus tem horários específicos e os horários do ensino integral não coincidem com os dos ônibus disponibilizados pelo governo. Cabe também comentar que a merenda escolar nem sempre é suficiente para manter os alunos na escola, pois a refeição que poderia ser considerada almoço é oferecida aos alunos apenas duas vezes por semana.

É interessante que o segundo estágio seja em uma escola pública, pois, como mencionado, o tal momento é uma amostra do que vem pela frente, por isto é importante que os discentes absorvam e observem todo o dia escolar, a rotina e os alunos que ali estudam.

A escola vai além de uma estrutura; ela é a base sobre a qual se constroem aprendizados e pessoas formadoras de suas próprias opiniões e é onde desenvolvemos os alunos. Desde a organização escolar à capacidade dos profissionais envolvidos, cada elemento contribui para a formação dos estudantes, portanto é de extrema importância que as escolas tenham recursos adequados, para acomodar os alunos e as suas necessidades, com qualidade e com boas condições a promover ensinamentos eficazes e proveitosos.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

A escola Clotilde Pereira é conhecida por ser uma ótima escola. Seu diretor e seus professores são os pilares centrais, porém a escola possui apenas duas turmas de ensino fundamental II, então houve um conflito inicial, por conta das horas de estágio a serem cumpridas, problema que foi resolvido e o estágio teve início sem mais questões.

Os alunos não se intimidaram com as duas pessoas novas em sala de aula, o professor fez as apresentações e alguns alunos ficaram curiosos, mas outros nem ouviram direito o que foi dito, comportamento que perdurou, durante todo o estágio. A observação foi muito importante, para se ter uma ideia do que iria ou não funcionar em sala de aula. Nesse sentido, habituar-se aos alunos foi um ponto positivo neste estágio, com certeza, e colaborou para que a regência fosse mais proveitosa, pois pudemos elaborar e pôr em prática o que pensamos que seria vantajoso em sala de aula.

Um dos desafios dos professores em sala de aula é o domínio. O professor nem sempre consegue prender e manter a atenção do aluno na aula, e as coisas pioram, se os 40 alunos de uma turma decidem que querem apenas conversar, sem se importar com o que o professor está tentando passar para eles. Na regência, o cenário tinha a tendência de ser igual ou pior, já que o professor habitual não levava a sala de aula à frente, mas isto foi uma exceção à regra. Obviamente, os alunos conversaram nas aulas, mas eram coisas relacionadas à aula e eram interações entre aluno e professoras, pois a primeira aula foi ministrada em conjunto, pela dupla do estágio.

As aulas foram preparadas, pensando no envolvimento e na eficácia do meio de ensino das metodologias ativas, em que o aluno participa do próprio aprendizado, o que é de bom proveito para o professor. É claro que tudo depende da disponibilidade do aluno, mas acredito que trabalhar com novas alternativas e com coisas fora do cotidiano pode atrair este aluno para a aula, bem como instigar e incentivar a imaginação e seu saber prévio, comportamentos igualmente proveitosos para o dia a dia em sala de aula.

Foi pensando nisso que, na primeira aula de Geografia, foi executada uma atividade interativa com os alunos, trabalhamos com um quiz sobre o assunto dado em sala de aula. Então, a sequência didática incluiu uma contextualização do assunto tratado e, logo após, houve a atividade em si, que valia um chocolate para quem acertasse a questão, o que deixou os alunos muito animados, e o final da aula foi mais divertido do que o esperado.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



Na segunda aula, sobre estudos amazônicos, a sequência didática foi parecida com a primeira, porém, no lugar da atividade, os alunos assistiram a um vídeo sobre um assunto já tratado em aula. Essa aula foi individual e, assim como a primeira, foi tranquila e houve colaboração, por parte dos alunos.

A partir das duas experiências, pôde-se notar a eficácia do novo em sala de aula. Nas aulas descritas, além do quadro e dos pincéis, foram utilizados slides, caixa de som e um documentário, retirado da plataforma YouTube.

A preparação do plano de aula é a parte mais simples da elaboração de uma aula, pois a grade curricular de um aluno de licenciatura possui várias matérias, que contribuem para que isto aconteça, então, na experiência aqui relatada, o plano de aula foi a etapa de maior afinidade.

Desse estágio, podemos tirar a utilização da ludicidade como experiência, pois tal se adequa muito bem ao trabalho com a Geografia, atraindo e envolvendo o aluno com coisas que ele considera melhor do que a escuta e a escrita de textos do quadro. A ludicidade e o novo, quando bem conduzidos, trazem um aprendizado mais memorável e de melhor absorção para a sala de aula.

3. DISCUSSÃO

O processo de ensino-aprendizagem supõe determinados conteúdos e certos métodos, porém, acima de tudo, é fundamental que se considere que a aprendizagem é um processo do aluno, e as ações que se sucedem devem necessariamente ser dirigidas à construção do conhecimento, por esse sujeito ativo (Callai, 2000, p. 93).

A partir deste estágio, foi possível perceber que os alunos são mais colaborativos, quando são instigados de formas diferentes. O ensino tradicional pode ser eficaz e um bom modelo a ser seguido, mas o ensino que envolve metodologias ativas se mostra mais proveitoso e mais harmonioso em sala de aula. Apenas bombardear os alunos com informações, enquanto se luta pelo silêncio na sala, é exaustivo para os professores e para os alunos, também.

O principal desafio do século XXI é a busca constante por métodos inovadores, que possibilitem uma prática pedagógica capaz de ir além do treinamento tradicional, visando a formação do indivíduo como um ser ético, histórico, reflexivo, transformador e humanizado (Gemignani, 2012).

Durante anos, a Geografia carregou a fama de ser uma disciplina decorativa e cansativa para os alunos, mas este novo olhar, composto de uma perspectiva mais dinâmica sobre o processo de aprendizado, é benéfico à mudança de uma opinião já posta, bem como pode incentivar os alunos a uma melhor forma de

aprendizado. A Geografia tem capacidade para isto; basta apenas disponibilidade, por parte dos professores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Por fim, as metodologias ativas significam uma transformação importante no cenário educacional, ao colocar o aluno como protagonista de seu aprendizado. Essas metodologias não incentivam apenas a participação ativa e o pensamento crítico, mas também são uma forma de preparar os alunos para as dificuldades do mundo atual, além de possuir a possibilidade de desenvolver, nos alunos, habilidades importantes para o século XXI. Ao se desvincular do modelo tradicional, em que o aluno é apenas um telespectador bombardeado com informações, as metodologias ativas promovem uma aprendizagem mais profunda, mais participativa e mais significativa.

Para que haja eficácia, o ensino deve se moldar e se adaptar aos novos padrões da sociedade. Para ensinar os jovens do século XXI, os professores devem usar o que mais chama a atenção destes alunos como arma, ou seja, adaptar-se deveria ser uma das características mais importantes de um professor ativo. Algumas escolas carecem de recursos, mas vem do professor a vontade de fazer a diferença na vida dos alunos, assim acredito que a Geografia é facilmente esquecível, se vier do maçante e do tradicional, então nada é mais interessante do que um professor, que se esforça e que procura ser uma exceção em sala de aula. A Geografia só tem a ganhar, quando o assunto é metodologia ativa, e este estágio foi uma clara forma de perceber isto.

Ao trabalhar com um quiz e com um vídeo, coisas consideradas simples, pudemos perceber que os alunos participaram e se esforçaram mais, para entender e para acertar as questões colocadas, apesar de serem coisas simples. Também foi perceptível que a absorção do conteúdo é melhor, quando se trabalhou desta forma. O lúdico pode se tornar uma ferramenta educativa de grande potencial para os ensinamentos mais participativo, mais eficiente e mais personalizado, pois promove o engajamento dos alunos e ajuda no reforço do conteúdo e na avaliação do aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Metodologia ativa. Alunos. Professores. Regência.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à escola Clotilde Pereira, por ter recebido estagiários, e a todo o corpo docente da escola, que me recebeu de braços abertos e com muitos incentivos. Agradeço, também, aos professores da faculdade, que tomaram a frente do estágio obrigatório; eles facilitaram muito a vida dos discentes, além de orientar e de aconselhar cada aluno da turma. E queria agradecer principalmente a minha família, que não deixou que eu desistisse do curso; graças a eles, um amor pela Geografia foi descoberto.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



REFERÊNCIAS

DE MORAES, Jerusa Vilhena; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella.

Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 2, p. 422-436, 2018.

GOIS, Douglas Vieira; BEZERRA, Jaldemir Batista. Metodologias ativas no

ensino de Geografia na Educação Básica. *In*: I COLÓQUIO

INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA e IV SEMINÁRIO

ENSINAR GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE. **Anais [...]**. V. 1, n. 1, p. 151-163, 2018.

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DOCENTE II EM GEOGRAFIA: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Izabelle Silva de Lima
Izabellegeomkt@gmail.com; *Estágio Supervisionado em Geografia II - 2025.1*

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)
rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

Esse relatório aborda o estágio supervisionado II na Escola Estadual Padre Salvador Tracaioli, localizada em Castanhal (PA), que atende aos ensinos fundamental, médio e EJA. A escola possui boa infraestrutura, promove projetos de sustentabilidade e incentiva a participação ativa dos alunos. No estágio, foram observadas metodologias ativas, como debates e trabalhos em grupo, que estimulam o aprendizado nas turmas do ensino fundamental. No entanto, um dos desafios mais evidentes na escola é a carência de recursos materiais e tecnológicos, que compromete significativamente a qualidade do ensino. A ausência de uma boa infraestrutura nas salas, como, por exemplo, portas com bom fechamento, livros didáticos e projetores adequados a aulas com slides, limita as possibilidades de desenvolver metodologias mais dinâmicas e mais interativas, fundamentais à aprendizagem significativa. A infraestrutura escolar é um dos elementos que mais influenciam no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o espaço escolar deve ofertar condições físicas e materiais adequadas à realização de atividades pedagógicas variadas e contextualizadas (Libâneo, 2013, p. 75). No caso do ensino de Geografia, as carências de mapas, de globos, de materiais e de recursos digitais dificultam a aproximação entre os conteúdos e as realidades concretas dos alunos. O ensino de Geografia requer os usos de diferentes linguagens e de recursos didáticos, que permitam, aos alunos, compreender a complexidade do espaço geográfico (Cavalcanti, 2008, p. 49) — sem estes instrumentos, o ensino tende a se restringir à memorização de conceitos descontextualizados. Outro problema observado foi o da falta de professores na área de Geografia. A Secretaria de Educação (SEDUC) não tem enviado novos profissionais para suprir esta demanda, o que faz com que os alunos fiquem sem aulas de Geografia por longos períodos. A falta de professores especializados impede o ensino dos conteúdos previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, também, a formação de pensamentos críticos sobre o espaço em que vivem, por parte dos alunos. Segundo Callai (2013), "[...] a ausência da Geografia na escola é uma grave lacuna, pois a disciplina é fundamental para que o aluno compreenda as relações sociais e ambientais que estruturam seu território".

O objetivo da pesquisa foi o de trazer, à discussão, os modos pelos quais o espaço de sala de aula e os recursos utilizados fazem a diferença na disciplina de Geografia, que é afetada pelas faltas de professores e de recursos didáticos.



Essa é uma questão muito complicada: ninguém nasce professor; nós nos formamos professores, assim não basta saber de conteúdos para exercer o papel de professor ou ter todos os materiais necessários para ministrar uma aula; a aula envolve conhecimentos e reflexões, que devem ser pautados nos cursos de formação. Em outras palavras, é importante e necessária a formação dos professores em nível superior (Cacete, 2015, p. 4), logo a docência é uma atividade de grande importância social, principalmente diante da constatação de seu papel estratégico no sentido de influenciar, de forma determinante, as possibilidades de progressos social e econômico do país (Cacete, 2015, p. 4). Tal situação torna o período de estágio ainda mais relevante, pois valorizar a educação está diretamente ligado a estimar o profissional da educação, por isto o estágio é tão importante para a graduação, pois leva os discentes à vivência da realidade escolar, pois não é possível formar professores de qualidade, se estes futuros profissionais não tiverem, ao menos, a oportunidade de vivenciar a prática pedagógica em sala de aula.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

O estágio foi realizado no período de 17 de março a 21 de maio de 2025, e a regência ocorreu, após observar todas as turmas do ensino fundamental, aprendendo sobre o funcionamento e o tempo de cada aula, sobre as dinâmicas dos alunos em cada turma, observando, por exemplo, que as aulas após o intervalo não rendem tanto, pois os alunos estão mais eufóricos e inquietos, logo se demanda um tempo, até que eles se acalmem, principalmente os das turmas de 6º e de 7º anos. A regência foi parte primordial neste estágio, pois as aulas de regência foram ministradas em todas as turmas do 6º, do 7º, do 8º e do 9º anos, tendo sido observado que, nas aulas dadas com o auxílio de recursos tecnológicos, slides, imagens ou vídeos, os alunos focam muito mais e se interessam pelo conteúdo apresentado, pois o visual deixa o ensino mais lúdico. Quanto a isto, Luckesi parte da ideia de que o ser humano é lúdico por natureza — ou seja, quem brinca, diverte-se, cria e imagina. Isso não é algo que só pertence à infância, mas acompanha toda a vida. O autor explica que as brincadeiras, os jogos, as artes, as imagens e a imaginação são formas essenciais de expressão humana — e isto deveria ser valorizado na Educação —, logo também houve trabalhos com brincadeiras, com recompensas simples, como bombons, para estimular a participação dos alunos em jogos de perguntas e de respostas, relacionados aos conteúdos das aulas. Na sala de professores, o ambiente era sempre descontraído e de muita comunhão, uma vez que a escola Tracaiolli se destaca neste sentido, pois seus professores são muito unidos e

amigos e todos se respeitam e valorizam a história de cada um; os que têm mais anos de profissão são sempre muito valorizados e reconhecidos, experiência que se mostrou um marco relevante na trajetória de estágio, contribuindo para a nossa formação profissional.

Diversos assuntos foram trabalhados nas regências do período do estágio, como Globalização e regiões, assim, após as aulas ministradas, foram feitos trabalhos, nos quais as turmas foram divididas em grupos e cada grupo ficou responsável por pesquisar sobre uma região. Na aula seguinte, os alunos levaram cartazes, apresentando comidas, tipos de vegetação de cada região, etc. Foram trabalhadas, também, as coordenadas geográficas, momento em que foi usado um globo, para ajudar dos alunos na compreensão do tema. A professora supervisora do estágio sempre informava os assuntos com antecedência, para que fosse possível apresentar o conteúdo com tempo e com qualidade, e ajudava no que fosse necessário. Nesse caminho, houve auxílio também na disciplina de Educação Ambiental, em que foi realizada uma atividade com tipos de poluições, na qual a sala foi dividida em grupos e cada grupo escreveu um texto colaborativo sobre poluição, com consequente apresentação para a turma.

O plano de aula contou com informações, como turma-alvo, metodologia ativa, conteúdos, recursos didáticos (apostilas, globo, slides), resumos dos conteúdos no quadro, etapas da aula, como uma pergunta norteadora, para iniciar o debate do conteúdo em sala, avaliação, feita por atividade em grupos ou teste de perguntas e de respostas, e o tempo de duração de cada aula, logo foi observado que, dessa forma, a aula teve êxito, pois o conteúdo não era apenas repassado, mas compartilhado.

É importante ressaltar que, como graduando, a experiência do estágio foi extremamente enriquecedora, pelo contato com cada criança, pelas conversas na sala dos docentes, por exemplo. Em uma destas conversas na sala dos professores, foi compreendido um pouco melhor o trabalho de professores de comunidades quilombolas, pois era uma professora que trabalhava em uma comunidade que estava relatando sua experiência. Pôde ser observado, também, como resolver conflitos em sala de aula, pois sempre havia um professor, relatando uma circunstância destas, que são cotidianas na vida docente.

3. DISCUSSÃO

A realização do estágio supervisionado na Escola Estadual Padre Salvador Tracaiolli proporcionou uma vivência fundamental à compreensão das dinâmicas escolares, das potencialidades e dos desafios enfrentados no cotidiano da educação pública. Conforme preconiza Libâneo (2013), o espaço escolar deve assegurar condições físicas e materiais adequadas à efetivação de práticas pedagógicas diversificadas e contextualizadas. No entanto, a experiência evidenciou que, apesar dos esforços institucionais, a escola ainda enfrenta limitações estruturais importantes. No ano passado, por exemplo, foram instalados ares-condicionados nas salas, porém as portas não fecham

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



corretamente, por falta de maçanetas adequadas, logo a sala não esfria corretamente, o que torna o ambiente térmico desconfortável para alunos e professores. A ausência frequente de materiais didáticos nas aulas observadas também foi notada, visto que não havia livros para todos, assim como a insuficiência de equipamentos tecnológicos, pois a escola conta com 1056 alunos, mas tem apenas dois projetores, o que restringe as possibilidades de uma prática pedagógica mais dinâmica e significativa, porque o projetor está quase sempre indisponível, sendo necessário agendar com antecedência para usá-lo.

Cavalcanti (2008) enfatiza que o ensino de Geografia demanda o uso de diferentes linguagens e recursos didáticos, para que os estudantes possam compreender a complexidade do espaço e as suas múltiplas dimensões. A falta destes instrumentos, somada à ausência de professor da área — reflexo da falta de envio de profissionais, pela Secretaria de Estado de Educação — agrava ainda mais a situação, resultando em lacunas significativas na formação dos estudantes.

Por outro lado, a vivência do estágio também revelou aspectos positivos, como a valorização de metodologias ativas, a exemplo de debates e de trabalhos em grupo, e o uso de atividades lúdicas, que despertam o interesse dos alunos e que tornam o processo de aprendizagem mais significativo. A utilização de recursos audiovisuais, como slides, vídeos e jogos, demonstrou, na prática, a importância da ludicidade no processo educacional, corroborando as ideias de Luckesi (1994), para quem o ser humano é, por natureza, um ser lúdico, e este aspecto deve ser valorizado na educação, pois favorece o desenvolvimento integral dos educandos. O planejamento das aulas, estruturado com base em metodologias ativas e na utilização de diversos recursos didáticos, mostrou-se eficaz, ao promover um ambiente de aprendizagem mais participativo e mais dialógico, em consonância com as perspectivas defendidas por Freire (1996), que ressalta a importância de uma educação, que não seja meramente transmissiva, mas que estimule a problematização e a construção coletiva do conhecimento. Outro aspecto marcante da experiência foi o da convivência na sala dos professores, espaço que se revelou um ambiente de apoio, de troca de saberes e de construção de uma identidade profissional.

Nóvoa (1992) destaca que a profissionalização docente se constitui, em grande medida, pela articulação entre a formação acadêmica e a experiência prática, sendo o estágio um momento privilegiado para esta construção. Além disso, situações observadas no dia a dia, como a necessidade de manejar a dinâmica comportamental das turmas após o intervalo, permitiram compreender melhor as especificidades do trabalho docente, que envolve os domínios de conteúdos e de

competências relacionais e pedagógicas, indispensáveis à gestão de sala de aula. Assim, pode-se afirmar que o estágio representou um importante momento de aproximação com a prática docente, tornando evidente que a formação de professores não se resume ao domínio de conteúdos teóricos, mas exige a vivência concreta das práticas pedagógicas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de estágio supervisionado na Escola Estadual Padre Salvador Tracaiolli se constituiu como um momento essencial à formação docente, permitindo a vivência concreta dos desafios e das potencialidades, que permeiam o ambiente escolar. A partir da observação e da regência, foi possível compreender, de maneira mais aprofundada, a complexidade do fazer pedagógico, que começa com o planejamento de aulas e acaba com o manejo das dinâmicas comportamentais dos estudantes, isto é, o lidar e o agir em qualquer contexto de sala de aula.

O estágio reforçou a importância da formação inicial pautada na articulação entre teoria e prática, conforme defendem autores, como Nóvoa (1992) e Freire (1996), pois somente com esta integração é possível construir uma identidade profissional crítica, reflexiva e comprometida com a transformação social. Além disso, confirmou-se a relevância dos recursos didáticos e da infraestrutura escolar como elementos fundamentais à promoção de uma aprendizagem significativa, especialmente no ensino de Geografia, que requer múltiplas linguagens para a apreensão das complexas relações espaciais.

Por fim, destaca-se que a vivência proporcionada pelo estágio foi profundamente enriquecedora, não apenas no aspecto técnico-pedagógico, mas também no desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, paciência e resiliência, indispensáveis à atuação profissional. Igualmente, saber ouvir e valorizar cada conselho ou conhecimento compartilhado daqueles que estão na docência há anos foram fundamentais, assim se reafirma a necessidade de valorizar os estágios supervisionados como espaços formativos indispensáveis à trajetória de futuros professores, pois possibilitam o confronto com a realidade escolar e estimulam o compromisso com uma educação pública de qualidade, inclusiva e transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Formação docente. Escola pública. Ensino de Geografia. Identidade profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à professora Edilene Peniche, que, com suas orientação e dedicação, foi fundamental à realização deste estágio, sempre oferecendo apoio, conhecimentos valiosos e incentivo ao longo do processo. Também expresso minha sincera gratidão ao professor Rodrigo Rafael, supervisor do estágio, por sua disponibilidade, sua orientação e sua contribuição indispensável ao crescimento acadêmico e à realização deste trabalho. Por fim,

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



estendo meus agradecimentos aos colaboradores da escola Tracaiolli, que me receberam com carinho, com respeito e com gentileza, tornando este período ainda mais significativo e acolhedor. A todos, minha profunda gratidão!

REFERÊNCIAS

CACETE, A. L. P. **A formação do professor e sua importância na sociedade**. 2015

CACETE, Núria Hanglei. Formação do professor de Geografia: sobre práticas de ensino e estágio supervisionado. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 17, n. 2, p. 3-11, jul. 2015. Disponível em: <http://uvanet.br/rcgs>. Acesso em: 21 maio 2025.

CALLAI, Helena Copetti. **Educação, espaço e cidadania**: reflexões sobre o ensino de Geografia. São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O lúdico na educação**: relações com a aprendizagem e o ensino. São Paulo: Cortez, 1994.

NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ESPECIFICIDADES DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ESCOLA PÚBLICA PERIFÉRICA DE CASTANHAL (PA)

Flávio Avelino de Sales Junior
flaviosales09990@gmail.com; Estágio Supervisionado - 2025.1

Milena de Nazaré Santos Quaresma (orientadora do estágio)
milena.dns.quaresma@uepa.br

Prof. Dr. Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)
rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado em Geografia constitui uma etapa fundamental à consolidação da formação de professores, pois permite o contato direto com a realidade escolar e as aplicações práticas de saberes pedagógicos e de conteúdos específicos da área. A realização do estágio na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Inês Costa, situada em uma região periférica e marcada por limitações econômicas e estruturais, proporcionou vivências profundas das adversidades e das potencialidades do cotidiano escolar. Segundo Oliveira (2008), a prática do estágio deve permitir uma leitura crítica do espaço educativo, promovendo reflexões sobre a função social da escola e sobre o papel do educador em contextos de vulnerabilidade. A carência de recursos didáticos e as elevadas taxas de evasão e de ausência dos alunos reforçam o caráter desafiador da prática docente nestes ambientes. A partir disto, a questão que norteou o presente relatório foi: como a segregação socioespacial interfere no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia? Nesse sentido, esse trabalho tem, como objetivo geral, analisar como a segregação socioespacial interfere no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia, a partir das vivências do estágio supervisionado em uma escola pública, localizada na região periférica da cidade de Castanhal (PA). Ademais, como objetivos específicos destacam-se:

- Compreender as manifestações da segregação socioespacial no território, em que a escola está inserida, e suas implicações no cotidiano escolar;
- Identificar de que forma as desigualdades socioespaciais impactam o desempenho escolar e as oportunidades de aprendizagem dos alunos;
- Refletir sobre a prática docente em contextos marcados por vulnerabilidades sociais, relacionando os conteúdos de Geografia à realidade vivida pelos estudantes;



2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Durante as 160 horas previstas para o estágio, ocorrido entre fevereiro e maio de 2025, foram desenvolvidas atividades de observação, de planejamento e de regência na disciplina de Geografia, voltadas a turmas do ensino fundamental II.

A observação inicial revelou um ambiente marcado por diversidades de experiências e de realidades, por parte dos estudantes.

No que se refere ao planejamento das aulas, foi adotada uma abordagem contextualizada, pautada nos princípios da BNCC e nos pressupostos da Geografia Crítica. A seleção de conteúdos buscou estabelecer conexões entre os conceitos trabalhados em sala e a realidade vivenciada pelos alunos, o que foi aproveitado na efetivação do ensino, posteriormente.

Castilho (2013) ressalta que o estágio supervisionado deve ser compreendido como espaço de experimentação e de aprendizagem, em que o futuro docente tem as oportunidades de aplicar teorias, de testar metodologias e de refletir criticamente sobre os resultados obtidos.

Para a realização desta afirmativa, foram utilizadas diversas estratégias didáticas, como produção de mapas mentais, análises de imagens e de vídeos, leituras compartilhadas e debates em grupo, com o objetivo de estimular o pensamento crítico e a construção coletiva do conhecimento. Segundo Libâneo (2001, p. 33), a prática pedagógica não deve ser apenas técnica, mas “[...] também política, ética e social”, reforçando o papel do estágio como processo formativo amplo.

A experiência, junto às turmas de transição entre os ensinos fundamental I e II, evidenciou a necessidade de atenções pedagógicas específicas, pois os estudantes apresentaram dificuldades de adaptação ao novo modelo de ensino, que exige maiores autonomia e responsabilidade. Tal transição demanda um olhar cuidadoso, já que o início do ensino fundamental II marca uma nova etapa nos desenvolvimentos cognitivo e social dos alunos.

Durante a regência, foram promovidos momentos de avaliação formativa, por meio de atividades escritas, de apresentações orais e de autoavaliações, as quais permitiram acompanhar a evolução dos alunos e ajustar os encaminhamentos pedagógicos. A reflexão sobre os resultados obtidos evidenciou que, mesmo diante de limitações, é possível construir um processo educativo significativo e transformador.

Além disso, o estágio oportunizou o desenvolvimento de competências profissionais, como organização, comunicação clara, responsabilidade e capacidade de planejamento, fundamentais ao sucesso das ações em sala e à construção de posturas ética e comprometida com a educação pública, desde a observação à regência.

Conforme destaca Melo (2004), o estágio supervisionado exige que o futuro docente se coloque em constantes processos de aprendizado e de ressignificação de sua prática, logo a prática desenvolvida no estágio se revelou enriquecedora e formadora, tanto do ponto de vista pedagógico quanto do humano, pois a vivência em uma escola pública periférica evidenciou a importância do professor, como agente de transformação social, e a necessidade de políticas públicas, que valorizem a educação básica, ao mesmo tempo que reafirmou os papéis da Geografia Escolar na construção de uma consciência crítica e de uma formação cidadã.

3. DISCUSSÃO

Analisar como a segregação socioespacial interfere no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia exige reconhecer o espaço como uma construção social, historicamente produzida. Segundo Santos (2006, p. 12), “[...] o espaço é o lugar da vida, mas é também o lugar da reprodução das desigualdades”, o que significa que o território vivido influencia diretamente as oportunidades, as experiências e as perspectivas dos sujeitos. No contexto da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Inês Costa, situada em uma área periférica de Castanhal (PA), essa realidade se manifesta diariamente, seja nas dificuldades de acesso dos alunos, seja na precariedade das condições estruturais, seja nas ausências recorrentes em sala de aula.

Durante o estágio supervisionado, foi possível observar como estas condições impactam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, pois muitos alunos demonstravam desinteresse e desmotivação, frequentemente associados a fatores externos à escola, como a necessidade precoce de assumir responsabilidades domésticas ou a falta de apoio familiar. Castilho (2012, p. 45) enfatiza, quanto a isto, que “[...] ensinar Geografia é mais do que transmitir conteúdos: é provocar os alunos a ler o mundo em que vivem”, o que exige uma prática pedagógica, que valorize a realidade local como ponto de partida.

Autores como Cavalcanti (2008) defendem que o ensino de Geografia deve partir da vivência do aluno, considerando o lugar como base para a construção de saberes, ao passo que a ausência desta mediação tende a aprofundar o desinteresse do aluno, que não se reconhece no conteúdo trabalhado. Nesse cenário, a atuação do professor de Geografia deve se voltar à articulação entre o conteúdo científico e o espaço vivido pelos estudantes.

A segregação socioespacial deve ser tratada como tema de aula e, também, como parte da vivência dos alunos. Ao discutir, por exemplo, a distribuição dos serviços públicos, a mobilidade urbana ou a concentração de renda, o professor pode estimular a análise crítica sobre o próprio território. Freire (1996, p. 30) reforça esta perspectiva, ao afirmar que “[...] ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, valorizando o cotidiano como fonte de conhecimento e de reflexão.

Problemas como a baixa frequência escolar, a evasão parcial de turmas, a descontinuidade nos estudos e a falta de recursos básicos para atividades



didáticas, todos observados na EMEF Maria Inês Costa, são reflexos diretos das desigualdades estruturais, que marcam o entorno da escola. Ao considerar a realidade da instituição educacional, percebe-se a importância de uma pedagogia comprometida com a transformação social. Para Saviani (2008, p. 65), “[...] a educação escolar é a mediação entre os conhecimentos historicamente sistematizados e a prática social dos educandos”. No caso da Geografia, essa mediação é particularmente poderosa, pois permite que os alunos entendam as contradições do espaço em que vivem e que se reconheçam como sujeitos capazes de transformá-lo.

Portanto, refletir sobre a prática docente em contextos de vulnerabilidade, como o da escola em questão, é também pensar sobre o papel da Geografia como instrumento de leitura e de intervenção no mundo, e, nesse sentido, o estágio supervisionado se revela uma oportunidade formativa essencial, para que futuros professores compreendam a escola como parte viva do território, para que desenvolvam sensibilidade, frente às desigualdades, e para que construam práticas pedagógicas alinhadas a uma educação crítica, emancipadora e socialmente comprometida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado em Geografia possibilitou a consolidação de aprendizagens fundamentais à prática docente, especialmente no que se refere ao planejamento de aulas, à condução de atividades em sala e à mediação de conflitos. A experiência permitiu compreender, na prática, os desafios enfrentados no contexto escolar público, como a carência de recursos, a evasão e o desengajamento discente.

Além disso, o estágio contribuiu para o desenvolvimento de habilidades, como organização, responsabilidade, escuta ativa e sensibilidade às realidades sociais dos estudantes, sobretudo na fase de transição entre os anos iniciais e finais do ensino fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Segregação socioespacial. Estágio supervisionado.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha imensa gratidão à escola Maria Inês Costa, por ter me recebido, ao professor Lucas, que me auxiliou da melhor maneira, fornecendo a mim um pouco da sua vasta sabedoria, e também aos professores Milena e Rodrigo Rafael, que me instruíram perfeitamente em todo o processo.

REFERÊNCIAS

- CASTILHO, Carlos. **Prática de ensino e estágio supervisionado em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CASTILHO, Maria Auxiliadora. **Ensino de Geografia: práticas e textualidades**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MELO, Amélia Bezerra de. **Estágio supervisionado na formação de professores**. Fortaleza: Edições UFC, 2004.
- OLIVEIRA, João Ferreira de. **Estágio e formação docente: desafios contemporâneos**. Goiânia: Ed. UFG, 2008.
- OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Desigualdades educacionais e políticas públicas: notas sobre os desafios da escola pública nas periferias urbanas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 58, 2014.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 6. ed. São Paulo: Ed. USP, 2006.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.



INCLUSÃO ESCOLAR E ENSINO DE GEOGRAFIA: DESAFIOS E PRÁTICAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Victor Gabriel Feitosa Ribeiro

gabrielvgfr11@gmail.com; Estágio Supervisionado II - 2025.1

Paola Nycole Brito Silva

paolanbsilva@gmail.com; Estágio Supervisionado II - 2025.1

Rodrigo Rafael de Souza Oliveira

rodrigo.oliveira@uepa.br (orientador do estágio)

1. INTRODUÇÃO

Segundo Barbosa, Fialho e Machado (2018), surge, na segunda metade do século XX, um maior engajamento global, quanto à defesa da inclusão como ação política, cultural, social e pedagógica. Em um contexto cada vez mais diverso, com maiores reconhecimento e aceitação das necessidades e das especificidades dos indivíduos, há um fortalecimento da promoção de políticas de adaptação de dispositivos sociais a Pessoas com Deficiência (PcD). Desse modo, a escola é ponto estratégico para inclusão deste aluno, assim como pode ser ferramenta de manutenção das desigualdades. Por isso, o estágio é um importante espaço, para que os futuros professores tenham primeiros contatos com práticas e com desafios de construção de aulas, que englobem esta pluralidade.

O presente texto foi construído, a partir do estágio na Escola Municipal de Ensino Fundamental Madre Maria Viganó, de ensino fundamental maior, em que foi perceptível a importância dos mediadores em sala de aula, pois a escola recebe grande contingente de alunos com algum tipo de deficiência. No início do estágio, o público atendido do sexto ao nono anos era de alunos da educação básica, porém o fechamento de uma escola próxima ocasionou a realocação de seus alunos à Viganó, que passou a ofertar turmas de todo o nível fundamental, recebendo alunos das áreas centrais de Castanhal, principalmente. A escola contava com 13 medidores — e apenas dois de Geografia —, ao fim do estágio, porém estava se reformulando, para atender ao novo público.

A escolha por abordar a inclusão escolar de alunos com deficiência no ensino de Geografia se justifica pelas necessidades de compreender e de superar os desafios enfrentados por professores e por mediadores na construção de práticas pedagógicas realmente inclusivas. A experiência vivenciada no estágio

supervisionado na escola evidenciou a importância do trabalho colaborativo entre os docentes e os mediadores, quanto às limitações das metodologias tradicionais, diante das demandas específicas dos alunos.

Desse modo, esse trabalho objetiva compreender a importância das práticas didáticas inclusivas no ensino de Geografia para alunos com deficiência, dentro do contexto do estágio supervisionado, analisando os papéis dos professores e dos mediadores no processo de inclusão escolar. Busca-se responder à seguinte questão central: de que maneira as estratégias pedagógicas adotadas pelos professores e pelos mediadores contribuem para a efetiva participação e para a aprendizagem dos estudantes Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) nas aulas de Geografia?

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho se baseou em uma abordagem qualitativa, fundamentada na observação participante realizada no estágio supervisionado na EMEF Madre Maria Viganó, no âmbito da disciplina de Estágio Supervisionado II, da Universidade Estadual do Pará (UEPA), mesclada a uma vasta pesquisa bibliográfica, que consultou os principais autores que debatem o tema.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

O estágio que originou este trabalho foi realizado na disciplina de Estágio Supervisionado II, da Universidade Estadual do Pará (UEPA), compreendendo quatro momentos: o primeiro, conhecendo as instalações da escola, junto a sua coordenação; o segundo, em sala de aula, com o professor responsável pela turma; o terceiro, junto ao professor, ajudando e auxiliando em suas aulas; e o quarto, realizando duas regências, com avaliação do professor — ocorridas em 22 de maio de 2025.

O estágio foi de grande importância, uma vez que as turmas trabalhadas eram diversas, contendo muitas crianças com deficiência, porém, diferentemente de grande parte das escolas, havia dois mediadores em cada sala de aula da Viganó. Já o docente de minha turma de estágio se utilizava de uma metodologia tradicional, em que os alunos respondiam, em seus cadernos, a questões escritas no quadro, pelo docente, às vezes intercalando com aulas expositivas.

Porém, essa abordagem tradicional não foi totalmente eficaz entre as crianças que possuíam deficiências, como autismo e hiperatividade, uma vez que a didática não prendia a atenção destes alunos, resultando na circulação destes pela sala. Assim, os mediadores tinham que criar formas de educar os alunos individualmente, o que se tornava uma tarefa difícil, já que demandava a construção muitas dinâmicas, para que o aluno pudesse adquirir conhecimentos.

Desse modo, fica evidente a importância do professor no ensino de jovens PAEE, uma vez que, mesmo com mediadores em sala, a função de educar ainda é dos docentes — o mediador é preparado apenas para auxiliar os alunos, ou seja, “[...] é aquele que acompanha o estudante durante o dia letivo. Ele medeia a relação da criança com a professora, com os coleguinhas, com as atividades etc.”



(Vargas; Rodrigues, 2018), sendo um intermediador entre os diversos agentes da escola e os jovens, apenas auxiliando e apoiando o professor e o aluno no processo de ensino-aprendizagem

Porém, foi perceptível a falta de formações, durante a graduação, que preparem para a realidade de sala, pois as disciplinas que conceituam a Geografia são formuladas apenas no repasse de conteúdos e, quando envolvem didática, são construídas de maneira-padrão, sem atender a necessidades de públicos distintos, como o das PcD, realidade que piora entre os professores formados em currículos mais antigos e que não são buscam novas formações. Consequentemente, quando o professor recém-formado se depara com a realidade, acaba não tendo habilidades de adaptar sua aula às demandas de sala, o que, somado à grande carga horária e ao baixo incentivo da profissão, faz com que o professor apenas deixe estes alunos de lado, propagando a exclusão.

3.1. DISCUSSÃO

Como demonstrado, o ensino brasileiro é pautado em um padrão de sala inexistente: “Qualquer outro aluno que apresente distúrbios, dificuldades de aprendizagem ou que necessite de processos de ensino e aprendizagem diferenciados é classificado como especial. Isso pode estar relacionado com a formação de um professor” (Gonçalves *et al.*, 2013), colocando um holofote ainda maior no professor, que é a ponta do sistema educacional e que, mesmo com o pouco incentivo que recebe e cansado, pelas cargas horárias exaustivas, tem que construir aulas plurais, mas sem uma estrutura que apoie seu desenvolvimento: “É um grande desafio aos professores o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, pois cabe a eles construírem novas propostas de ensino, atuar com um olhar diferente em sala de aula” (Oliveira; Araújo; Silva, 2019), ainda mais por serem múltiplas as deficiências, assim como suas intensidades e suas dificuldades.

A literatura sobre educação inclusiva destaca que o papel do professor é central na promoção de práticas pedagógicas, que contemplem a diversidade, cabendo-lhe planejar e adaptar suas metodologias, para garantir a participação efetiva de todos os alunos. No estágio, observou-se que a metodologia tradicional, baseada principalmente na exposição oral e na resolução de exercícios do livro, não atendia plenamente às necessidades dos alunos PAEE, especialmente aqueles com autismo e com hiperatividade. Esse cenário ressalta as necessidades de práticas pedagógicas diferenciadas e de recursos didáticos variados, para envolver e para estimular a aprendizagem de alunos com deficiência.

Além disso, a experiência evidenciou a lacuna existente na formação inicial dos professores, especialmente no que diz respeito à preparação para o trabalho com a inclusão. As disciplinas de didática não dão conta de preparar o professor para a realidade que ele vai encarar, o que se conecta a estudos, que apontam para a urgência de formações continuada e mais sensível às demandas da educação inclusiva (Glat; Pletsch, 2011). Essa deficiência na formação inicial contribui para a insegurança e para a adoção de práticas pouco inclusivas entre professores recém-formados.

A presença dos mediadores é uma estratégia que tem sua importância aumentada, de acordo com o grau de deficiência do aluno, mas esta também limitada, uma vez que a atuação destes com os estudantes é individual, cabendo somente ao professor os papéis de agenciar a inclusão destes nas discussões e de realizar a aula em si. Assim, o mediador deve atuar como facilitador da comunicação e das interações, promovendo a autonomia do aluno e apoiando o trabalho do professor, sem assumir a função docente, enquanto o professor deve criar estratégias de ensino, que incluam todos os alunos: “[...] o trabalho do professor generalista e do especialista deve estar intimamente articulado, para que o aluno com necessidades especiais seja atendido adequadamente no contexto de uma escola inclusiva” (Glat; Pletsch, 2011).

Durante o estágio, ficou evidente que, diante da falta de metodologias adaptadas pelo professor, os mediadores precisavam improvisar estratégias individuais para cada aluno, o que não era o suficiente para garantir o acesso pleno destes aos conteúdos próprios da Geografia, dificultando o entendimento dos alunos sobre os espaços em que vivem e em que se relacionam e sobre como estes espaços influenciam as suas realidades.

A implementação de programas de incentivo à especialização de professores na área da inclusão é fundamental para transformar a realidade das salas de aula e para garantir a todos os alunos o direito a uma educação de qualidade, especialmente àqueles com deficiência. Tais programas possibilitariam que os docentes adquirissem conhecimentos específicos sobre diferentes tipos de deficiências, sobre metodologias adaptadas e sobre estratégias de ensino inclusivas, superando as limitações das formações tradicionais iniciais, que muitas vezes não contemplam adequadamente as demandas da Educação Inclusiva. Além disso, o incentivo à formação continuada contribui para que o professor se sinta mais seguro e mais preparado para lidar com a diversidade, promovendo práticas pedagógicas inovadoras e colaborativas. Dessa forma, investir em especialização é investir na construção de uma escola mais justa, mais acessível e mais capaz de acolher as singularidades de cada estudante, fortalecendo o compromisso social com a educação e ampliando as possibilidades de aprendizagem a todos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é importante destacar que é essencial que o Estado crie incentivos, para que o professor busque novas especializações, preparando-o para construir

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



estratégias didáticas para aulas inclusivas. Por isso, as experiências de regência e a participação no estágio contribuíram para a minha formação docente, pois os contatos com a vivência escolar, com seus desafios e as práticas pedagógicas, permitiram desenvolver um novo olhar sobre o curso, assim como buscar formas de contornar os problemas de sala de aula, com criatividade e com capacidade de adaptação, fundamentais ao trabalho com turmas heterogêneas.

A experiência de estágio reforçou as necessidades de formações docentes mais voltadas à inclusão, de metodologias de ensino mais flexíveis e adaptadas e de fortalecimento do trabalho colaborativo entre professores, mediadores e demais profissionais da escola. O estágio, ao proporcionar o contato com as diversas realidades de sala de aula, contribuiu de maneira significativa para as compreensões dos desafios e das potencialidades do ensino de Geografia para todos os alunos, destacando a importância dos compromissos ético e pedagógico do professor na construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão escolar. Ensino de Geografia. Formação de professores. Alunos com deficiência. Mediação escolar.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Daniella de Souza; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. Educação inclusiva: aspectos históricos, políticos e ideológicos da sua constituição no cenário internacional. **Actualidades Investigativas en Educación**, San José, v. 18, n. 2, p. 1-20, maio 2018. DOI: 10.15517/aie.v18i2.33213.
- GLAT, Rosana; PLETSCHE, Marcia Denise. Formação de professores para atuar no atendimento educacional especializado. *In*: GLAT, Rosana; PLETSCHE, Marcia Denise (org.). **Educação inclusiva: cultura, políticas e práticas**. Marília: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2011. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/download/53/1279/2270?inline=1. Acesso em: 23 maio 2025.
- GONÇALVES, F. P.; REGIANI, A. M.; AURAS, S. R.; SILVEIRA, T. S.; COELHO, J. C.; HOBMEIR, A. K. T. A educação inclusiva na formação de professores e no ensino de Química: a deficiência visual em debate. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 264-271, nov. 2013. Disponível em: http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc35_4/08-RSA-100-11.pdf. Acesso em: 22 maio 2025.
- OLIVEIRA, Fabiola Rolim de; ARAÚJO, Michael Douglas Batista de; SILVA, José Lindemberg Bernardo da. O papel do professor na educação inclusiva. *In*:

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 6., 2019, Fortaleza.
Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em:
<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/61526>. Acesso em: 22 maio 2025.
VARGAS, Thamyres Bandoli Tavares; RODRIGUES, Maria Goretti Andrade.
Mediação escolar: sobre habitar o entre. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23,
2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/275/27554785078/html/>.
Acesso em: 23 maio 2025.



REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DOCENTE EM GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS EM ANANINDEUA, PARÁ, BRASIL

Christian Rafael da Silva Guimarães

christian.5689rafael@gmail.com; Estágio Docente II - 2025.1

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O processo de formação dos cursos de licenciatura contempla etapas de estágio docente, comumente sendo este o momento do primeiro contato com a educação básica em uma posição diferente da de aluno, fator que tende a estigmatizar este processo, encobrindo a sua importância, que vai além da relevante experiência de inserção no ambiente escolar.

Esse momento se caracteriza pelo surgimento dos mais diferentes sentimentos e percepções acerca do campo da educação, o que não é diferente no curso de Licenciatura em Geografia, se analisado pela perspectiva de que o estudo da Geografia permite a constituição de tais percepções, a partir de um olhar mais crítico sobre os aspectos sociais e sobre as dinâmicas, que envolvem as realidades do aluno e da escola, de maneira geral. Desse modo, o estágio permite observar aspectos organizacionais e estruturais de instituições de ensino em pleno funcionamento, permeados pelas mais diversas particularidades, que decorrem dos cotidianos das escolas, com reverberações nos seus mais diferentes personagens.

Relacionado aos aspectos estruturais e organizacionais, tem-se as Escolas Municipais de Ensino Fundamental São Paulo e Geraldo Manso Palmeiras, situadas em Ananindeua (PA), as quais compartilham de diferentes realidades, tanto em aspectos internos quanto locais, o que propiciou experiências de estágios significativamente distintas.

Observadas estas características, frisa-se que este estudo tem, por objetivo, promover uma reflexão acerca de como a preparação docente em escolas com diferentes estruturas físicas e organizacionais se reflete na experiência do estágio em Geografia, além de trazer uma possível resposta ao questionamento sobre as escalas, em que tal situação pode afetar o processo de formação dos estagiários,

em suas perspectivas para a futura atuação como docentes, e, em uma proporção maior, o ensino desta disciplina na educação básica.

2. METODOLOGIA

O trabalho aqui desenvolvido se baseou em duas experiências: a observação feita nas escolas, no período de estágio docente do curso de Licenciatura Plena em Geografia; e os estudos bibliográficos, feitos com artigos científicos sobre a temática do aprendizado docente em Geografia. A primeira porção do estágio docente, chamada Estágio Docente I, ocorreu na escola São Paulo, entre os meses de novembro de 2024 e fevereiro de 2025, e a segunda, o Estágio Docente II, na escola Geraldo Manso Palmeiras, durante os meses de março e junho de 2025, concluindo o primeiro momento, em que foram feitas observações dos aspectos físicos e organizacionais das instituições. A segunda fase ocorreu com os processos de análise e de estudo, feitos a partir de revisões de literatura em artigos científicos, que discutem acerca do treinamento docente em Geografia, abarcando as problemáticas do estágio, em relação a sua importância e suas dinâmicas, e alguns relatos de experiências.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Comumente, o estágio docente é classificado, e resumido, como o primeiro contato do estudante universitário com a educação básica, em posição e perspectiva diferentes: a de professor. Porém, esse entendimento se quebra, quando se compreende que a complexidade deste procedimento vai muito além, pois o processo de formação profissional precisa contemplar conhecimentos, que exigem um meio de construção, que se concretiza no cotidiano escolar, levando em consideração aspectos pessoais e desafios da docência; conhecimentos que, se usados na prática, poderão guiar as ações em sala de aula (Silva; Gaydeckza, 2024, p. 101).

Em um primeiro momento, esse processo pode causar certo estranhamento ao estudante universitário, que se depara com uma realidade escolar, que não está descrita em detalhes nas aulas teóricas da universidade — ou pelo fato de que um estudo bem aplicado não se equipara à prática, simplesmente. Além do mais, as realidades escolares carregam consigo particularidades, que propiciam as mais diversas formas de acontecimentos no estágio docente, com percepções igualmente variadas, incluindo fenômenos corriqueiros a eventos atípicos, que, no entanto, farão parte da experiência e terão sua parcela de influência na formação docente.

Nessa linha de pensamento, compreende-se que estes fenômenos são essenciais para que o estagiário compreenda a realidade escolar em sua totalidade, com seus aspectos positivos e negativos, desde os fatores mais simples aos problemas de escalas maiores, analisado a complexidade contemplada pela educação no país, em seus aspectos políticos, econômicos, sociais, organizacionais e estruturais. Desse modo, deve-se levar em consideração que, na realidade brasileira, as reflexões sobre o ensino se iniciaram com a

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



Constituição Federal de 1988 e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que teve o intuito de promover melhorias na qualidade educacional (Garcia, 2024, p. 137), processo que ainda precisa dar longos passos.

Em relação a estes aspectos, as particularidades de cada instituição podem ser inicialmente notadas na prática, por exemplo, em termos de extensão física, como no caso da escola São Paulo, instituição localizada no Conjunto Jardelândia II, no bairro Atalaia, em Ananindeua (PA), que pode ser considerada uma escola de porte pequeno a médio, caracterizada por carências estruturais e por ausências de recursos. Tais atributos a diferenciam da outra instituição de ensino envolvida neste relato de estágio: a escola Geraldo Manso Palmeiras, localizada no bairro Coqueiro, também no município de Ananindeua (PA), que apresenta uma estrutura de maior porte e um maior quantitativo de recursos e de suportes ao processo de ensino-aprendizagem, destacando o ensino de Geografia.

Constata-se, assim, a inequidade entre instituições de mesma categoria, pertencentes ao mesmo município, principalmente quanto a aspectos da estrutura e do ensino, o que redundará em diferentes performances entre as escolas: segundo dados do site QEDu, a escola São Paulo possui um IDEB de 5,4 para os anos iniciais, enquanto a Geraldo Manso Palmeiras possui um IDEB de 6,2 na mesma categoria. Compreende-se que as escolas podem ter focos diferentes, ao oferecer acesso ao ensino a populações, que se concentram em diferentes recortes espaciais de Ananindeua e que podem se diferenciar, quanto ao seu número de estudantes.

É relevante esclarecer que estruturas consideradas básicas se mostram ausentes na escola São Paulo, que não possui salas de informática e de Atendimento Educacional Especializado (AEE), enquanto a Geraldo Manso Palmeiras desfruta de uma estrutura mais completa, dispondo dos equipamentos ausentes na São Paulo, recursos essenciais ao desenvolvimento de atividades, que ultrapassem a barreira da sala de aula, possibilitando o desenvolvimento de atividades de ensino geográfico, com o auxílio da Internet como ferramenta, tais como jogos ou softwares, assim como trabalhos que possam dar suporte ou ser desenvolvidos para o ensino de Geografia a alunos neurodivergentes na sala de AEE.

As questões dos problemas estruturais são pautas importantes e foram observadas, durante o período de estágio, em que também foi possível notar certos problemas nesta comparação entre as instituições, pois a escola São Paulo possuía uma quadra, que ainda estava em fase de finalização, mas que já era utilizada para eventos da instituição. Outro aspecto observado se refere à presença de banheiros com estruturas deterioradas, mas funcionais, ainda que

sem suporte a alunos com deficiência física, sendo um significativo problema, visto que, segundo o art. 3º da LDBEN, o ensino deve ser ministrado, com base nos seguintes princípios: “I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (Brasil, 1996). Conclui-se, desse modo, que a precariedade desta instituição de ensino fere um dos direitos básicos das pessoas com deficiência.

Mas a questão que se mostrou mais diretamente prejudicial ao ensino de Geografia foi de ordem estrutural, pois a escola possui poucas salas de aula, o que gerou a necessidade de rodízio das salas restantes para uso entre as turmas, o que afetou significativamente as aulas da disciplina, que já sofre com a escassez de carga horária. Já na escola Geraldo Manso Palmeiras, não foram notados problemas estruturais significativos, além do não funcionamento ou ausência de trancas nas portas de algumas salas, pontos destacados como negativos na instituição.

Essa diferença entre as escolas confirma que, na realidade brasileira, existe uma iniquidade de recursos escolares, que varia de acordo com a rede local, o que certamente impacta a eficiência escolar, independentemente no nível deste impacto (Satyro; Soares, 2007, p. 9).

Organizacionalmente, as escolas possuíam diferentes dinâmicas. Na escola São Paulo, observou-se certa simplicidade, em relação ao repasse de avisos e aos diálogos entre coordenação e alunos, trabalho geralmente feito pelos coordenadores da escola, também responsáveis por organizar a escola, durante as entradas e as saídas dos alunos, e as liberações de turmas, em ocasiões de falta de merenda escolar ou ausência de professores, ao passo que a escola Geraldo Manso Palmeiras se mostrou mais organizada e com um melhor suporte, pois as entradas, as saídas, as liberações e a contagem de alunos, para a disponibilização de alimentos na merenda escolar, eram feitas por dois coordenadores e por outros funcionários, que trabalhavam no suporte a tais necessidades corriqueiras e/ou a outras, menos convencionais, conferindo maiores organização e fluidez ao ambiente da instituição.

Nesse sentido, as compreensões de que a realidade escolar possui certa complexidade e de que esta complexidade tem um papel significativo na atuação do docente, na construção de conhecimento com os alunos e no período de estágio dos alunos universitários — pois todo saber produzido na atuação docente permite que este aja como agente participativo e investigador, que sugere inovações para as situações contemporâneas da realidade escolar (Silva; Gaydeczka, 2024, p. 101) — torna necessária uma reflexão acerca de como estes fatores afetam a formação do professor em diferentes escalas e intensidades, de acordo com a realidade da escola trabalhada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizada esta premissa, destaca-se como os diferentes problemas, dinâmicas e características dos ambientes escolares influenciam a percepção do estagiário de Geografia, em relação à realidade da educação básica, no trabalho com uma



disciplina, que já sofre com a desvalorização e com a baixa carga horária. Desse modo, observa-se que o momento de primeiro contato do futuro professor de Geografia com o ambiente escolar — agora, na posição de educador —, pode trazer os mais diversos questionamentos, em relação à realidade e ao futuro na profissão, visto que um ambiente que não se mostra convidativo, quanto a seus aspectos estruturais e organizacionais, tenderia a gerar baixas expectativas para a atuação no campo educacional, mormente em uma área já depreciada, quanto a sua presença no currículo escolar.

Além disso, há o fato de que o grande tempo no estudo de teorias na universidade não prepara o docente para lidar com a realidade da educação básica no país, em meio a todos os problemas que ela enfrenta. Nesse sentido, experiências em escolas com precariedades em suas estruturas organizacional e física podem ser um divisor de águas para o estagiário, em relação à permanência ou não na profissão, após a conclusão da graduação, pois instituições que possuem característica iguais, semelhantes ou menos favorecidas do que as encontradas na escola São Paulo poderiam gerar percepções piores e expectativas inferiores às de estagiários, que tivessem a mesma experiência na Geraldo Manso Palmeiras, resultando em opiniões, em sensações e em experiências bastante distintas, podendo significar a perda de professores de uma disciplina, que já se encontra em um quadro de desprestígio na educação básica, cuja estrutura educacional já é fragilizada.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio docente. Geografia. Estudo de caso. Escola pública.

AGRADECIMENTOS

Deixo meus agradecimentos a todos os que colaboraram para o desenvolvimento e para o êxito deste trabalho, em seus mais diversos âmbitos: primariamente, à professora doutora Claudiana Godoy, por suas importantes orientações no processo de produção deste resumo; ao professor doutor Francisco Perpetuo Santos Diniz, que leciona nas escolas São Paulo e Geraldo Manso Palmeiras e que contribuiu, com seu conhecimento e experiência, para a construção de minhas percepções do ensino e do ambiente escolar; e às escolas São Paulo e Geraldo Manso Palmeiras e aos seus alunos, por colaborarem de maneira inquestionável nas questões e nas problemáticas aqui colocadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996.

GARCIA, P. S. Um estudo de caso analisando a infraestrutura das escolas de ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 23, p. 137-159, set./dez. 2014.

PORTAL QEDU. **[Várias páginas]**. Disponível a partir de: <http://www.qedu.org.br/>. Acesso em: 31 maio 2025.

SÁTYRO, N.; SOARES, S. **A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental**: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005. Brasília: Ipea, 2007. (Textos para Discussão, v. 1267)

SILVA, M. A.; GAYDECZKA, B. **Importância do estágio supervisionado**: integração entre teoria e prática e formação profissional de licenciandos. SciELO Preprints, 2024. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.9210. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/9210>. Acesso em: 28 jun. 2025.



VIVÊNCIAS E REFLEXÕES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Yago Ryan Silva Silveira

y.silvasilveira@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado II - 2025.1

Prof. Dr. Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)

rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto das vivências adquiridas na disciplina Estágio Supervisionado II, realizada no 7º semestre do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual do Pará. A experiência de estágio foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Profa. Doracy Leal, situada à rua João Coelho, n.º 1677, bairro Juazeiro, município de Santa Izabel do Pará, entre os meses de março e de maio de 2025.

A escola atende a 616 alunos nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA) e conta com um corpo docente composto por 35 professores, quatro dos quais são responsáveis pelas disciplinas de Geografia e de Estudos Amazônicos. Trata-se de uma das instituições de ensino mais procuradas do município, que dispõe de uma biblioteca com acervo limitado, de uma quadra de esportes, de um auditório e de uma sala voltada exclusivamente ao atendimento de alunos com necessidades especiais.

Durante o estágio, a convivência com os professores e com os demais profissionais da instituição foi bastante positiva, marcada por acolhimento e por disposição para auxiliar nas diversas demandas surgidas no período. A interação com os alunos foi igualmente valiosa, permitindo uma aproximação mais efetiva entre estagiário e estudantes — especialmente em comparação com a experiência no primeiro estágio. Tal proximidade revelou desafios e possibilidades relevantes ao exercício da regência.

Segundo autores como Scalabrini e Molinari (2013) e Gaspar e Silva (2018), o estágio supervisionado integra teoria e prática, sendo essencial à construção da identidade docente. Diante disto, esse trabalho visa analisar como as etapas de observação, de participação e de regência, realizadas durante este segundo estágio supervisionado, contribuem para a formação docente do licenciando em Geografia. A questão central, que orienta este trabalho, é: de que maneira as experiências vivenciadas no estágio supervisionado influenciaram a compreensão

do licenciando sobre o processo de ensino-aprendizagem e sobre a prática pedagógica no ensino de Geografia?

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

O estágio supervisionado foi marcado por diversos imprevistos, que comprometeram parcialmente sua execução, como feriados e dias letivos facultativos, que afetaram a continuidade das atividades. No mês de março, as aulas ocorreram apenas nos dias 20, 21, 27 e 28, sendo que houve apenas revisão de conteúdos na primeira semana, com o intuito de avaliar o que foi aprendido. Em abril, houve aula somente no dia 3, pois foi aplicada a avaliação contínua dos anos finais no dia 4. Os dias 10 e 11 foram destinados a revisões para a primeira avaliação — que ocorreu nos dias 24 e 25 — e a semana seguinte foi comprometida pela Semana Santa. Em maio, o feriado do Dia do Trabalho (no dia 1º) e a suspensão das aulas no dia seguinte também reduziram os encontros. Além disso, o professor responsável pela supervisão do estágio estava em vias de se aposentar e, por desejar manter contato com seus alunos, até o fim do semestre, acabou postergando o início da minha regência, que só pôde ser realizada nas últimas semanas de maio. As turmas acompanhadas foram as do 8º e do 9º ano, atendidas pelo professor no turno da manhã, às quintas e sextas-feiras, respectivamente. Contudo, devido aos diversos dias sem aula, foi necessário complementar a carga horária com observações em turmas da EJA, ministradas por outros professores nos demais dias da semana.

Durante o período de observação, foi possível acompanhar diferentes abordagens pedagógicas (no caso, dos professores das turmas da EJA), em sua maioria expositivas e baseadas nos usos do quadro e do livro didático. As interações entre professor e alunos foram respeitadas, embora o ritmo das aulas tenha sido impactado por ausências e por mudanças no calendário escolar. Mesmo diante das limitações, a observação permitiu compreender melhor o cotidiano escolar, as estratégias de ensino predominantes e os desafios enfrentados pelos docentes.

A etapa de participação, por sua vez, não foi realizada de forma alguma, uma vez que o professor acompanhado já possuía um roteiro de aula previamente estabelecido e não se mostrou disponível a dialogar sobre metodologias ou conteúdos. Isso dificultou minha inserção ativa nas atividades em sala, limitando-me a participações pontuais — auxiliando na organização dos alunos em sala, entregando provas, corrigindo exercícios e controlando entradas e saídas de alunos da sala de aula — e a observações. Ademais, as aulas ministradas pelo professor supervisionado consistiam no ciclo de copiar o conteúdo no quadro, explicá-lo, aplicar exercícios e corrigi-los individual ou coletivamente.

A regência foi planejada para ocorrer nos dias 8, 9, 15 e 16 de maio, mas a aula do dia 9 não foi realizada, devido a uma atividade comemorativa pelo Dia das Mães. Os assuntos trabalhados com os 8º anos foram dinâmica demográfica e fluxos migratórios da América Latina; nos 9º anos, foi discutido o mundo multipolar. No dia 8, a regência foi conduzida com as turmas A, B e C do 8º ano, com o conteúdo dinâmica populacional: taxas, crescimento e pirâmides etárias,



aula planejada com o objetivo de proporcionar, aos alunos, uma compreensão abrangente dos principais indicadores demográficos, como natalidade, mortalidade e fecundidade, além de capacitá-los a interpretar diferentes estruturas etárias e as relacionar aos desafios sociais e às políticas públicas, tudo constando no plano de aula entregue ao professor um dia antes da regência.

A aula se iniciou com uma exposição teórica, apresentando os conceitos fundamentais da dinâmica populacional. Em seguida, foi proposta uma atividade prática, que envolvia a divisão da turma em três grupos, cada um responsável por representar um tipo específico de pirâmide etária: jovem; adulta; e envelhecida. Em seus respectivos grupos, os alunos desenharam o formato correspondente à pirâmide designada no caderno, listaram suas principais características e elaboraram propostas de políticas públicas adequadas às realidades demográficas representadas. Cada grupo apresentou suas análises à turma, permitindo a discussão coletiva e o reforço dos conceitos abordados.

Para a realização da aula, foram utilizados o livro didático, o quadro, o pincel atômico, os cadernos dos alunos e os lápis de cor. A avaliação dos alunos foi conduzida de forma contínua: durante a atividade em grupo, acompanhou-se o envolvimento e a compreensão destes; e, por fim, analisou-se a coerência entre os desenhos, as características descritas e as propostas apresentadas, bem como a clareza nas apresentações orais.

Essa abordagem permitiu que os alunos aplicassem os conceitos teóricos em uma atividade prática e colaborativa, promovendo uma compreensão mais profunda da dinâmica populacional e das suas implicações sociais. Além disso, a atividade incentivou o desenvolvimento de habilidades, como trabalho em equipe, pensamento crítico e comunicação eficaz, essenciais na formação cidadã dos estudantes.

3. DISCUSSÃO

O estágio supervisionado proporcionou uma imersão significativa na realidade escolar, permitindo, ao licenciando, vivenciar os desafios e as complexidades do ambiente educacional. A prática da docência no período de regência representou um ganho substancial, não apenas em termos de experiência profissional, mas também no desenvolvimento de competências humanas e pedagógicas.

Segundo Xavier (2019), ensinar é transmitir conhecimento, por meio das comunicações oral, escrita e gestual, utilizando códigos linguísticos e técnicas didáticas. Em outras palavras, o ato de ensinar consiste na transferência de conhecimento — prático ou intelectual — de quem já o possui a quem ainda não o detém, assim quem ensina instrui aqueles que desejam aprender.

O saber é uma dádiva oferecida pelo mestre ao aprendiz; um privilégio, que deve ser valorizado. Aprender exige esforço e dedicação, e é essencial que o conhecimento transmitido seja recebido com gratidão, afinal existe alguém que deseja compartilhar o que sabe nesta relação (Xavier, 2019). No entanto, as dificuldades enfrentadas na formação de cada aluno muitas vezes resultam de práticas e de metodologias, que limitam a imaginação.

Nas aulas ministradas, o analfabetismo funcional e a semialfabetização foram os principais desafios. Não bastava tornar a comunicação acessível à turma; era necessário se adaptar às deficiências individuais de cada aluno. Frases e comandos simples eram frequentemente mal interpretados, levando alguns estudantes a ignorar o que acontecia em sala, por não conseguirem compreender as palavras e as expressões utilizadas. Esse cenário desafiador exigia estratégias pedagógicas específicas, para engajar e para incluir todos no processo de aprendizagem.

Nesse cenário, o estágio possibilitou uma profunda reflexão sobre o futuro da prática docente, evidenciando como a educação pode ser um caminho para superar os desafios encontrados. Educar é um ato de cuidado; um processo, que auxilia alguém a se tornar um ser humano melhor, no entanto esta transformação só pode acontecer, se houver amor do educador pelo educando (Xavier, 2019).

A experiência de estágio revelou a importância da docência como ato de transformação, no qual o educador transmite conhecimento e se adapta às necessidades individuais de cada aluno. Ensinar, portanto, é mais do que instruir: é possibilitar caminhos aos desenvolvimentos humano e social. A prática no estágio proporcionou olhares mais crítico e mais sensível sobre esta missão, consolidando a percepção de que educar exige empenho, dedicação e, acima de tudo, amor pelo ato de ensinar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado se revelou uma experiência enriquecedora, embora marcada por desafios, que exigiram resiliência e adaptação. As metodologias aplicadas não alcançaram plenamente os resultados esperados, evidenciando a necessidade de equilíbrio entre a acessibilidade e a complexidade dos conteúdos e das atividades. Na atividade sobre pirâmides etárias, por exemplo, a maioria dos alunos se limitou a reproduzir as informações apresentadas, sem demonstrar uma compreensão mais profunda ou capacidade de análise crítica.

Mesmo na exposição oral das atividades propostas, observou-se dificuldades significativas, por parte dos estudantes, em expressar suas ideias de formas clara e articulada, limitações que indicam a importância de estratégias pedagógicas, que considerem as habilidades e as competências prévias dos alunos, promovendo aprendizados mais significativo e mais contextualizado.

Apesar das dificuldades, houve avanços notáveis no desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como o trabalho em equipe e o senso de companheirismo, fundamentais à formação integral dos estudantes. Esses

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



aspectos positivos ressaltam a importância de práticas educativas, que valorizem a colaboração e o respeito mútuo.

Portanto, é essencial que o planejamento pedagógico seja fundamentado em diagnósticos precisos das capacidades e das potencialidades dos alunos, permitindo a elaboração de metodologias ativas, que promovam a autonomia, o pensamento crítico e a participação efetiva no processo de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Formação docente. Ensino de Geografia. Prática pedagógica. Processo de ensino-aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Esse estágio supervisionado foi possível, graças ao apoio de diversos profissionais e instituições. Agradeço à equipe gestora, ao corpo docente e aos funcionários da Escola Municipal Profa. Doracy Leal pelo acolhimento, e aos professores da UEPA, pela orientação acadêmica. A convivência com professores e com alunos foi essencial ao desenvolvimento das atividades e à aplicação prática do conhecimento adquirido no curso. A todos, que contribuíram direta ou indiretamente, meu sincero agradecimento.

REFERÊNCIAS

- SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013. Disponível em: http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf. Acesso em: 17 maio. 2025.
- SILVA, Haíla Ivanilda; GASPARG, Mônica. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 99, n. 251, p. 205-221, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/hX97HhvkMZnDnKxLyJtVXzr/>. Acesso em: 17 maio. 2025.
- XAVIER, C. S. Do ensino, da instrução, da escola e da educação. **Medium**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://arierbos.medium.com/do-ensino-da-instru%C3%A7%C3%A3o-da-escola-e-da-educac%C3%A7%C3%A3o-4f5c183ad46f>. Acesso em: 17 maio 2025.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO II: ENTRE DESAFIOS E DESCOBERTAS

Paola Nycole Brito Silva

paolanbsilva@gmail.com; *Estágio Supervisionado II - 2025.1*

Victor Gabriel Feitosa Ribeiro

gabrielvgfr11@gmail.com; *Estágio Supervisionado II - 2025.1*

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)

rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

A EMEF Madre Maria Viganó, localizada na travessa Ipiranga, próxima ao centro do município de Castanhal (PA), representa um importante espaço de ensino-aprendizagem e de formação cidadã para alunos do ensino fundamental maior, recebendo-os tanto da área urbana quanto das agrovilas da região. A instituição se configura como um ambiente de grandes diversidades cultural e social, em que os desafios e as potencialidades do processo educativo se manifestam de forma intensa. O estágio supervisionado realizado nesta escola, nos turnos manhã e tarde, foi uma oportunidade marcante de aproximação à realidade da prática docente, permitindo olhares sensível e crítico sobre o cotidiano escolar.

A vivência no estágio possibilitou compreender o funcionamento da sala de aula, as relações entre professores e alunos e os desafios enfrentados no processo de ensino-aprendizagem de Geografia de forma mais profunda, experiência que foi marcada por momentos de observação e de regência, nos quais pude vivenciar minha primeira prática em sala, quanto por reflexões e por inquietações, em relação às práticas pedagógicas adotadas e às dificuldades de diálogo com o professor regente. A ausência de aulas expositivas e o predomínio de atividades escritas limitaram a compreensão da metodologia docente, o que impactou diretamente a preparação para a regência. Ainda assim, esse percurso possibilitou uma importante aproximação ao universo escolar e revelou a complexidade do papel docente.

Assim, esse trabalho tem, como objetivo, relatar a experiência vivenciada no estágio supervisionado, destacando as dificuldades encontradas na comunicação, as estratégias desenvolvidas, durante a regência, e as aprendizagens construídas, ao longo do processo, partindo da seguinte questão: quais foram os desafios e os aprendizados construídos na experiência de estágio em turmas do ensino fundamental maior?

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho se baseou na observação participante e na experiência prática, vivenciada ao longo do estágio supervisionado. As atividades de estágio se desenvolveram em duas etapas fundamentais: observação; e regência, essenciais para construir percepções mais aprofundada do ambiente



escolar, das práticas pedagógicas e da complexidade das relações estabelecidas em sala de aula.

A etapa de observação teve foco em compreender o cotidiano escolar, as metodologias utilizadas pelo professor regente, a dinâmica das turmas e a relação entre docente e discentes. No entanto, um dos principais desafios enfrentados foi a limitação das trocas com o professor da escola, que se mostrou pouco acessível ao diálogo e que não realizou aulas expositivas, priorizando apenas o repasse de atividades, condição que restringiu o processo de aprendizagem, por restringir a observação das dinâmicas ou estratégias de mediação do conteúdo, por parte do professor.

Mesmo diante destas dificuldades, a observação se mostrou valiosa, pois permitiu analisar os comportamentos dos estudantes, identificar a presença de alunos com necessidades específicas, como autistas, e refletir sobre os impactos de turmas numerosas no gerenciamento da sala. A ausência de uma mediação mais ativa, por parte do professor, também trouxe um olhar crítico sobre as importâncias da escuta e do vínculo na construção do processo ensino-aprendizagem.

Na etapa de regência, elaborei planos de aula, considerando metodologias ativas, recursos visuais e atividades contextualizadas, o que representou um grande desafio, já que envolveu o preparo simultâneo de mais de um conteúdo para diferentes turmas, em um mesmo dia de aula. A prática foi marcada por momentos de tensão e de insegurança, mas também por aprendizagens intensas, especialmente no manejo de sala, na adaptação da linguagem a diferentes níveis e no enfrentamento de situações imprevistas, como ruídos e tempo reduzido.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

No estágio supervisionado realizado na escola Viganó, fui acolhida com atenção e com respeito, pela equipe gestora da escola; a coordenação pedagógica demonstrou disposição para me orientar e auxiliar, explicando a organização da instituição, os horários de aula e os professores responsáveis por cada turma de forma clara. Essa receptividade foi fundamental para o início das atividades e ajudou a construir um ambiente de confiança, essencial ao desenvolvimento do estágio.

Contudo, a relação com o professor regente de Geografia responsável pelas turmas se mostrou mais complexa, desde o início da observação, pois percebi que havia uma barreira comunicativa, tanto da parte dele quanto da minha, o que dificultou a construção de diálogos mais direto e mais colaborativo. Em nenhum momento, foi possível discutir suas metodologias, seus planejamentos ou suas percepções sobre os alunos com profundidade, distanciamento que comprometeu

o acompanhamento de sua prática docente e que limitou minha compreensão sobre sua forma de interação com a turma. A ausência de aulas expositivas, já que o professor apenas repassava atividades em todas as aulas, impossibilitou notar suas abordagens dos conteúdos e sua condução do processo de ensino-aprendizagem.

Durante a fase de observação, procurei ver comportamentos, identificar padrões nas interações entre alunos e refletir sobre a realidade educacional que se apresentava, pois as turmas eram compostas por mais de trinta alunos e eram bastante heterogêneas, incluindo estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) em diferentes níveis, alguns dos quais tinham acompanhamento de mediadores. Esse contato direto com a diversidade da sala de aula ampliou minha visão sobre a inclusão escolar e reforçou a importância de práticas pedagógicas sensíveis, que respeitem os tempos e os limites de cada estudante.

Na etapa da regência, fui responsável por planejar e por ministrar aulas a três turmas em um único dia, cujos conteúdos, definidos previamente com o professor, foram: sistema e estrutura da Terra, para o 6º ano; e modernização da Agricultura no Brasil, para o 7º ano. Para fazê-lo, preparei o conteúdo com algumas estratégias, como confecção de materiais e definição de atividades, processo que foi desafiador, especialmente por envolver dois temas distintos e por exigir diferentes abordagens. Era a minha primeira experiência em regência e a sobrecarga emocional foi inevitável, gerando insegurança e receio de cometer erros, durante as aulas.

Ainda assim, ao longo da regência, busquei aplicar uma metodologia, que integrasse explicações orais, recursos visuais e atividades escritas e senti que consegui transmitir o conteúdo para as turmas com clareza, especialmente para o 6º ano, em que percebi maiores participação e compreensão, por parte dos alunos. No entanto, tive dificuldades em controlar o tempo da aula e em manter o silêncio dos alunos em momentos específicos, sobretudo ao final, quando estes começaram a dispersar.

Apesar de tudo, a vivência permitiu compreender, na prática, as exigências de ser professor e de lidar com múltiplos conteúdos, adaptando-se ao perfil de cada turma, equilibrando atenções individual e coletiva, gerenciando o tempo e mantendo a disciplina. A experiência também proporcionou reflexões sobre a importância do acompanhamento de um professor regente aberto ao diálogo, já que a inexistência desta troca torna o processo mais solitário e mais inseguro. O desenvolvimento do estágio evidenciou os desafios enfrentados em sala de aula e também revelou o quanto cada situação contribuiu para a construção de uma identidade docente mais consciente e mais atenta às necessidades dos alunos.

4. DISCUSSÃO.

A experiência do estágio supervisionado evidenciou o quanto a formação docente ultrapassa os limites do conteúdo disciplinar e exige preparos emocional, técnico e relacional. O distanciamento na relação com o professor regente trouxe à tona um dos maiores desafios enfrentados: a ausência de diálogo, como barreira para



a construção de uma prática formativa colaborativa, ou seja, a falta de abertura, por parte do docente, impossibilitou a mediação pedagógica, essencial a quem está iniciando.

Freire (1996, p. 44) coloca, nesse sentido, que “[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento”, destacando que ensinar é, antes de tudo, um exercício de afeto, de presença e de escuta, e infelizmente a postura observada foi marcada por silêncio e por pouca interação com os alunos, o que gerou impactos diretos na condução da sala de aula e na aprendizagem. Ao contrário da escuta e da troca, o modelo era baseado na repetição de atividades escritas, sem intervenções pedagógicas significativas, e as ausências de regência ativa e de mediação dos conteúdos, pelos professores, reforça o que Pimenta e Lima (2005, p. 9) criticam: “[...] a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão”.

Essa prática limitada compromete as formações do aluno da educação básica e a do futuro professor, do mesmo modo que a falta de articulação entre teoria e prática se torna evidente, quando o estágio é reduzido a um espaço burocrático, de preenchimento de fichas. Sem análise crítica e sem intervenção na realidade escolar, “[...] o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa” (Pimenta; Lima, 2005, p. 6), e isto só é possível, se houver espaços de troca, de diálogo e de escuta, tanto por parte da escola quanto da universidade.

Apesar disso, a experiência na escola também revelou elementos positivos e desafiadores, que contribuíram para a minha formação, como a convivência com turmas grandes e diversas, incluindo alunos com TEA e com outras especificidades, aspecto que exigiu um olhar atento à inclusão, ao respeito ao tempo de cada um e ao planejamento de estratégias diferenciadas. Como observam Brait *et al.* (2010, p. 3), “[...] a interação estabelecida entre ensino/aprendizagem caracteriza-se pela seleção, preparação, organização e sistematização didática dos conteúdos para facilitar o aprendizado dos alunos”. Essa relação não foi plenamente observada nas práticas docentes acompanhadas, mas sua ausência também provocou importantes reflexões.

Minha vivência em sala, ainda que marcada por incertezas e por nervosismo, revelou-se um momento fundante na minha trajetória como futura educadora, pois, colocada diante de situações reais e complexas, percebi que ser professora vai muito além de dominar o conteúdo, exigindo equilíbrio emocional, organização, escuta ativa e capacidade de adaptação à imprevisibilidade da sala de aula. Essa compreensão dialoga com a proposta do professor-pesquisador, que, segundo Pimenta (1994), deve ser capaz de refletir criticamente sobre sua prática e de intervir na realidade em que está inserido, transformando-a.

Portanto, a análise da experiência revela que, mesmo com as limitações encontradas, o estágio se configurou como um espaço de aprendizado profundo, e as suas dificuldades não anularam os ganhos, mas provocaram inquietações, que impulsionaram a busca por uma docência mais humana, mais crítica e mais comprometida com o ensino de qualidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O estágio supervisionado representou uma etapa marcante e transformadora na minha trajetória de formação docente. Mais do que um requisito acadêmico, essa vivência possibilitou o contato direto com os desafios e com as complexidades do cotidiano escolar, permitindo imersões profundas na realidade da sala de aula, nos vínculos construídos (ou ausentes) com o professor regente e nas múltiplas demandas, que o ensino impõe.

A partir desta experiência, foi possível compreender que ser professora exige muito mais do que conhecimento teórico; requer sensibilidade, para lidar com a diversidade dos alunos, preparo emocional, para enfrentar a imprevisibilidade da prática, e disposição, para refletir criticamente sobre cada ação realizada em sala. A ausência de diálogo com o professor regente, inicialmente vista como um obstáculo, converteu-se em um ponto de reflexão sobre as importâncias da escuta, da mediação e do acolhimento no processo de formação de futuros educadores.

A regência, embora desafiadora, foi um espaço de grande aprendizagem, em que se preparar e ministrar aulas para turmas com mais de trinta alunos, com diferentes perfis e necessidades, especialmente estudantes com deficiência, exigiu adaptação, organização e empatia constantes. Foi neste momento que compreendi, com mais profundidade, a dimensão do trabalho do professor no ensinar, que exige envolvimento, presença e compromisso.

Encerrar esta etapa significa reconhecer que a formação docente é um processo contínuo de descoberta, de superação e de reinvenção, e cada dificuldade enfrentada no estágio se converteu em oportunidades de aprendizado e de conquista, por menor que fosse, fortalecendo minha convicção de que a docência é um ato de responsabilidade e de amor. O estágio me ensinou a ensinar e, principalmente, ensinou-me a aprender com a realidade, a escutar o outro e a me posicionar com ética e com compromisso, diante dos desafios educacionais, assim saio desta experiência mais consciente das minhas limitações, mas também mais fortalecida.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Regência. Observação. Ensino fundamental.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à coordenação da escola, ao professor, que me recebeu como estagiária, e a todos os profissionais, que me acolheram com atenção e com respeito. Agradeço, também, ao professor orientador de estágio na UEPA, pelo

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



acompanhamento e pelas orientações nesta etapa, e à UEPA, pela oportunidade de vivenciar esta experiência, tão importante para a minha formação docente.

REFERÊNCIAS

BRAIT, L.; SOUZA, A. M.; MACEDO, K. M. F.; SILVA, F. B.; SOUZA, A. L. R. A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, UFG, v. 8, n. 1, jan./jul. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 1-76. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 12 maio 2025.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2006.

QEDU. **EMEF Madre Maria Viganó**. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/15046150-emef-madre-maria-vigano>. Acesso em: 20 maio 2025.

VIVÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE BELÉM (PA)

Wagner Bruno Tavares

wagnerbruno3838@gmail.com; *Estágio Supervisionado em Geografia I - 2025.1*

Profa. Ma. Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro (orientadora do estágio)

larissa.ribeiro@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é uma etapa fundamental da formação docente, pois possibilita, ao futuro educador, a vivência concreta da prática pedagógica. Realizei meu estágio na Escola Estadual de Ensino Médio Alexandre Zacharias de Assumpção, localizada em Ilha do Combu, área ribeirinha de Belém do Pará, que atende a alunos do 1º e do 2º anos do ensino médio no turno da tarde.

O estágio permitiu compreender os desafios enfrentados pela educação em territórios insulares, marcados por dificuldades de acesso, por evasão escolar e por limitações estruturais. Com base nas ideias de Paulo Freire (1996) e de Milton Santos (1996), esse trabalho tem, como objetivo, refletir sobre os desafios sociais e geográficos da educação neste contexto, a partir da seguinte questão: como os desafios socioespaciais da Ilha do Combu influenciam a prática docente em Geografia?

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a qualitativa, com base na observação participante, nos registros reflexivos e na interação direta com o ambiente escolar, com os professores, com os alunos e com os demais profissionais da escola. Foram analisadas as práticas pedagógicas, as relações estabelecidas em sala de aula e os desafios enfrentados na vivência do estágio.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

No período de observação, foi possível identificar o comprometimento da equipe gestora, o acolhimento dos estagiários e a estrutura da escola, apesar das suas limitações, como a ausência de uma quadra própria. O professor regente da disciplina de Geografia demonstrou domínio dos conteúdos e boa relação com os alunos, utilizando metodologias acessíveis e contextualizadas.

Na etapa de participação, foram observadas aulas dinâmicas e baseadas no diálogo, com apoios de mapas, de imagens e de exemplos do cotidiano. Foi possível interagir com os alunos e compreender suas dificuldades, especialmente relacionadas à frequência escolar e à motivação.

O principal desafio observado foi o da evasão escolar parcial, com saídas frequentes de alunos no turno vespertino, o que compromete o processo de

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



ensino-aprendizagem. Também se destacaram aspectos positivos, como a presença de um psicólogo escolar e ações de formação continuada dos professores, que demonstram o compromisso da escola com a educação integral.

4. DISCUSSÃO

As contribuições teóricas de Paulo Freire (1996) e de Milton Santos (1996) foram fundamentais para compreender a prática docente, como ação crítica e situada. Freire (1996) propõe uma educação libertadora, baseada no diálogo e na valorização do saber do aluno, e Santos entende o espaço geográfico como resultado de relações sociais e defende o ensino de Geografia como ferramenta de consciência crítica.

A vivência no estágio confirmou que, mesmo diante de desafios estruturais e sociais, é possível desenvolver práticas pedagógicas significativas, humanizadas e comprometidas com a formação cidadã dos alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado contribuiu de forma decisiva para a construção da minha identidade docente, ao permitir uma aproximação concreta aos desafios e às possibilidades da educação pública. A partir da observação, da escuta e da reflexão crítica, foi possível entender a importância de uma atuação docente comprometida com a transformação da realidade escolar. A experiência reafirmou o papel da Geografia na formação de sujeitos críticos e conscientes do seu lugar no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Ensino de Geografia. Educação pública. Paulo Freire. Milton Santos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Larissa Ribeiro, pela orientação dedicada, ao professor regente, pela receptividade, e aos alunos e profissionais da escola, pela colaboração na realização deste estágio. Agradeço, também, à Universidade do Estado do Pará, pelo apoio à formação docente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n.º 9.795, de 27 de abril de 1999.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm. Acesso em: 22 out. 2017.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.



DESAFIOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO TURNO NOTURNO

Elen do Socorro Silva Oliveira

elen.dss.oliveira@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado I - 2024.2

Milena de Nazaré Santos Quaresma (orientadora do estágio)

milena.dns.quaresma@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado constitui uma etapa essencial à formação inicial do professor, pois promove a articulação entre teoria e prática, permitindo, ao licenciando, uma imersão crítica na realidade escolar. No curso de Licenciatura em Geografia, essa experiência é ainda mais significativa, por possibilitar o contato com a diversidade de contextos socioculturais e com a complexidade das práticas pedagógicas voltadas à compreensão do espaço geográfico. Conforme Freire (1968), a educação deve ser uma prática libertadora, e é neste sentido que o estágio atua, isto é, como ponte entre os conhecimentos acadêmicos e as necessidades reais da escola pública brasileira.

Esse trabalho decorre das vivências do estágio supervisionado realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Salvador Traccaioli, localizada no município de Castanhal (PA), instituição que atende a turmas dos ensinos fundamental II, médio regular e EJA, e que conta com um corpo docente de 64 professores e com 1.151 alunos matriculados. O estágio foi conduzido no turno noturno, sob orientação da Profa. Dra. Milena Quaresma e sob supervisão do professor regente Flávio Viana, totalizando 120 horas de observação e de participação em sala de aula, entre setembro e dezembro de 2024.

A relevância desta pesquisa reside na possibilidade de contribuir para os debates sobre as desigualdades educacionais e sobre os limites impostos pelas reformas curriculares, como o Novo Ensino Médio, que reduziram significativamente a carga horária da Geografia (BNCC, 2018). Autores como Cavalcanti (2012) e Passini (2015) defendem que a experiência do estágio é fundamental para que o licenciando compreenda a Geografia ensinada como construção social, que deve partir das vivências do aluno e do seu território.

Os principais achados revelam um cenário desafiador de falta de estruturas, de carência de livros didáticos, de desmotivação discente, de dificuldades de aprendizagem e de limitações de tempo, pela redução no número de aulas, que leva a questionamentos, como: em que as observações e as estratégias de

ensino contextualizadas, associadas à escuta ativa dos alunos e à compreensão da realidade local, podem favorecer a construção de saberes mais significativos?; e como a experiência de estar em sala de aula contribui, para reafirmar a importância de uma formação docente comprometida com a transformação social e com a valorização da escola pública?

2. METODOLOGIA

A pesquisa teve os caracteres qualitativo e exploratório, com foco nas práticas pedagógicas e nos desafios do ensino de Geografia em turmas do turno noturno da educação básica.

A observação em sala de aula foi o principal método utilizado, complementada por registros em cadernos e em fichas de estágio e por conversas informais com o professor regente. O referencial metodológico se apoiou em Davanço (2015) e em Nodari e Almeida (2012), que destacam o estágio como espaço formativo e a observação como prática essencial à construção da identidade docente.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Durante o estágio, acompanhei as aulas de Geografia do turno noturno, com o professor Flávio, observando desafios significativos para engajar os alunos, especialmente nas turmas da EJA e do ensino médio. O professor utilizava estratégias diversificadas e contextualizadas, relacionando os conteúdos, como mudanças climáticas e Globalização, aos cotidianos dos estudantes, no entanto fatores, como o cansaço dos alunos, a presença de crianças em sala e a falta de concentração, devido ao uso de redes sociais, por este, dificultavam os processos de ensino-aprendizagem. A ausência de livros didáticos foi parcialmente suprida com apostilas, mas o acesso aos conteúdos ainda era limitado. A leitura do PPP da escola revelou diretrizes voltadas à sustentabilidade e projetos, como o do debate sobre a COP30, que contribuiriam para enriquecer as aulas. Apesar dos desafios, a experiência reforçou as importâncias de estratégias inovadoras e de sensibilidade às realidades do turno noturno, para garantir uma aprendizagem significativa.

3.1. DISCUSSÃO

Os achados do estágio supervisionado evidenciam inúmeros desafios estruturais e pedagógicos, que interferem diretamente no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, sobretudo nos contextos do turno noturno e da Educação de Jovens e Adultos. A ausência de livros didáticos suficientes, a falta de recursos tecnológicos, o tempo reduzido de aula e as dificuldades de concentração dos estudantes — frequentemente agravadas pelo cansaço físico, pelas responsabilidades familiares e pela precariedade da merenda escolar — revelam um cenário de desigualdade educacional, que compromete a efetividade do ensino.

Segundo Cavalcanti (2012), o ensino de Geografia deve partir das realidades vividas pelos alunos, promovendo leituras críticas do espaço e das relações

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



sociais. No entanto, essa proposta é dificultada, quando os alunos não dispõem de condições básicas para acompanhar as aulas, como alimentação adequada, acesso a materiais e tempo disponível para os estudos. A observação em sala demonstrou que, apesar dos esforços do professor regente para contextualizar os conteúdos e para torná-los mais atrativos, muitos estudantes apresentavam baixa compreensão leitora e pouca participação nas atividades, o que se alinha às análises de Arroyo (2005), ao destacar que a escola pública brasileira ainda enfrenta grandes entraves para garantir uma educação de qualidade aos sujeitos historicamente excluídos.

Além disso, os achados corroboram a crítica de Freire (1968), para quem uma educação verdadeiramente transformadora deve estar atenta às condições concretas dos educandos e deve promover práticas pedagógicas libertadoras. A realidade observada indica que, embora a Geografia tenha papéis potencialmente crítico e formativo, sua efetivação depende de políticas educacionais comprometidas com a equidade, bem como de práticas docentes sensíveis às múltiplas realidades dos alunos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado proporcionou uma experiência valiosa, permitindo alinhar teoria e prática, além de aprofundar a compreensão da realidade do ensino de Geografia. A observação em sala revelou a importância de adaptar os conteúdos às vivências dos alunos, especialmente os do turno da noite, em que se destacam desafios, como a indisciplina e a necessidade de metodologias mais dinâmicas. A vivência escolar evidenciou, também, a importância do equilíbrio emocional do professor e reforçou o desejo de contribuir com soluções criativas para uma educação pública de qualidade, voltada à formação de cidadãos críticos e conscientes.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Estágio supervisionado. Ensino médio. EJA. Ensino noturno.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade do Estado do Pará, pela formação sólida e pelos aprendizados construídos, ao longo da caminhada acadêmica, à Escola Padre Salvador Tracaiolli, pelo acolhimento, durante o estágio supervisionado, a minha orientadora da disciplina de Estágio Supervisionado I, Profa. Dra. Milena Quaresma, pelas orientações sensível, comprometida e inspiradora, ao professor supervisor Flávio Viana, pelo apoio diário e pelas trocas enriquecedoras, e, com carinho especial, aos alunos, que tornaram esta experiência ainda mais significativa.

REFERÊNCIAS

- DAVANÇO, Carolina Valente. O estágio supervisionado como espaço de formação docente e reflexão crítica sobre a prática pedagógica. **Revista Pedagógica**, v. 17, n. 35, p. 91-104, jan./jun. 2015.
- NODARI, João Ivo; ALMEIDA, Maria Regina. Refletindo sobre a agência docente através da observação. **Revista X**, v. 2, ed. esp., p. 22-46, 2012.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A construção de conceitos geográficos no ensino: uma análise de conhecimentos geográficos em alunos de quinta e sexta séries do ensino fundamental**. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- PASSINI, Elisabete. **Geografia: práticas e reflexões para o ensino**. Campinas: Papirus, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- PARÁ (estado). Secretaria de Estado de Educação (SEDUC). **Diretrizes Curriculares do Ensino Médio da Rede Pública Estadual do Pará**. Belém: SEDUC, 2020.
- PARÁ (estado). Escola Estadual de Ensino Médio Padre Salvador Traccaioli. **Projeto Político-Pedagógico (2024–2028)**. Castanhal: EEEM Pe. Salvador Traccaioli, 2024.

**I JORNADA DE ESTÁGIO DO
CURSO DE
GEOGRAFIA**

**“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”**

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



CAPÍTULO III

Tecnologias, Inovação e Cartografia no Ensino de Geografia

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O USO DO JORNAL GEOGRÁFICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES DE UMA PRÁTICA DE ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Ana Paula Santos Cunha

anapaula2017.marketing@gmail.com; *Estágio Docente em Geografia II - 2025.1*

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O processo de ensinar-aprender, durante o estágio docente em Geografia, representa uma etapa fundamental à formação de futuros professores, especialmente no contexto do ensino fundamental II. Essa experiência proporciona um contato direto com a prática pedagógica, permitindo o desenvolvimento de competências essenciais à atuação em sala de aula. Conforme Libâneo (2013), a prática docente é um espaço privilegiado para a construção do conhecimento, em que teoria e experiência se articulam, para formar um educador crítico e reflexivo. Nesse resumo, venho expor as vivências do meu estágio docente em Geografia, realizadas em turmas do 6º, do 8º e dos 9º anos do ensino fundamental II, com ênfase na aplicação da atividade de ensino jornal geográfico, voltado à Educação Ambiental. A proposta busca compreender como estas abordagens contribuíram para o processo de aprendizagem dos alunos e para a formação do estagiário como futuro docente.

O presente resumo tem, como objetivos, relatar e refletir sobre as vivências e sobre as aprendizagens adquiridas na realização do estágio docente, discutindo os desafios enfrentados, as estratégias de ensino observadas e aplicadas e as descobertas realizadas nos processos de ensinar e de aprender Geografia. A questão que orienta esta reflexão é: de que maneira a vivência do estágio docente, com foco na aplicação do recurso metodológico jornal geográfico, direcionado ao tema Educação Ambiental, contribuiu para a formação do professor e para a construção de práticas pedagógicas significativas no nível Ensino Fundamental II?



2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

O Estágio Supervisionado em Geografia II, realizado entre os meses de março e de junho de 2025, foi vivenciado em turmas do 6º, do 8º e do 9º anos do ensino fundamental II, em uma escola pública da rede estadual, situada em Belém, no estado do Pará. O percurso foi dividido em três etapas: observação; participação; e regência, compondo uma experiência formativa, que permitiu a articulação entre teoria e prática, ou seja, contemplou a práxis na formação docente.

Durante o período de observação, foram analisados a infraestrutura da escola, o perfil dos alunos, os recursos pedagógicos disponíveis, as estratégias metodológicas adotadas pela professora regente e as formas de interação entre os sujeitos escolares. Identificou-se, nessa ação, a predominância de práticas tradicionalistas, centradas nos usos do quadro e do livro didático como principais instrumentos de ensino, com baixo uso de recursos didáticos complementares. Os estudantes demonstraram pouca participação ativa, o que refletia a desmotivação e o distanciamento, em relação aos conteúdos abordados. Como destaca Paulo Freire (1996), ensinar exige respeito à autonomia do educando e diálogo com a sua realidade, o que nem sempre se verifica em contextos escolares, marcados por limitações estruturais e metodológicas.

Na fase de participação, iniciou-se um processo mais direto de envolvimento com o planejamento e com a execução de atividades didáticas. Nesse momento, reuniões com a professora regente permitiram discutir conteúdos, estratégias de ensino e dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar, bem como foi possível colaborar em ações de sala de aula, como mediação de conteúdos, elaborações de exercícios e acompanhamentos individualizados de estudantes com dificuldades. A etapa também permitiu reconhecer as importâncias do planejamento consciente e da flexibilidade didática, diante da diversidade de realidades presentes em sala de aula. A prática revelou, como afirma Passini (2015), que o estágio não é apenas um espaço de aplicação de técnicas, mas um campo de investigação sobre o fazer docente e suas implicações pedagógicas.

Durante o período de regência, foram elaborados planos de aula, que tinham propostas metodológicas de vários temas como base, com atenção especial à Educação Ambiental, a partir da qual se elaborou um jornal geográfico, atividade feita, em comum acordo com a professora regente, com a turma 602 (do 6º ano), que se destacava, por contar com alunos bastante interessados e mais receptivos. O tema do exercício foi direcionado ao conteúdo “Educação Ambiental global”, e a proposta foi elaborada, para que os alunos pudessem ler o texto do jornal e responder a três perguntas sobre: o meio ambiente em geral; o que se poderia fazer para melhorar os seus ambientes de vivência; e o que se poderia

fazer para melhorar o ambiente escolar. Houve boas respostas, que contribuíram, por exemplo, para discussões sobre a produção e sobre o destino final do lixo, que muitas vezes é tratado com descaso, até mesmo pela escola, pois, embora a instituição de ensino tenha apresentado uma estrutura de funcionamento adequada, ela ainda se apresenta suja e precária. Além disso, a professora regente e eu abordamos a valorização do espaço vivido, pelos alunos, como ponto de partida para o ensino da Geografia. Cada plano detalhava objetivos de aprendizagem, conteúdos curriculares, metodologias ativas, recursos didáticos e formas de avaliação processual.

As aulas ministradas incluíram atividades, como produção de cartografias afetivas, leitura de paisagens do entorno escolar, construção de mapas mentais, rodas de conversa, correções de exercícios, e eu propus, ainda, a organização de uma aula de campo, ou uma aula externa, para que os estudantes tivessem a oportunidade de experienciar, de forma mais efetiva, a realidade do lixo nas ruas do bairro da escola, com seus consequentes alagamentos e transtornos urbanos, contudo a atividade não foi permitida pela gestão escolar.

Proposições de aulas de campo ou externas à sala de aula têm seus fins discutidos por Santos (2006) e incluem promover o protagonismo discente e aproximar os conteúdos da realidade local. Tal tipo de proposta dialoga com a concepção do referido autor, para quem o espaço é um campo de relações e de práticas sociais, e a apropriação crítica deste, pelos sujeitos, deve ser estimulada, desde a escola.

A avaliação destas práticas foi realizada de formas contínua e reflexiva, considerando as participações dos alunos, suas falas, suas dúvidas, suas produções escritas e seus envolvimento nas atividades, ao passo que a vivência da regência evidenciou que práticas pedagógicas contextualizadas podem gerar maior engajamento e favorecer a construção de saberes significativos.

Refletindo sobre a totalidade da experiência, compreende-se que o estágio é uma etapa de formação crítica, na qual o futuro docente é desafiado a articular saberes teóricos a situações reais, a repensar práticas cristalizadas e a experimentar possibilidades pedagógicas mais criativas e dialógicas. A vivência em uma escola pública, com todos os seus desafios, reafirmou a importância de uma prática docente comprometida com a realidade dos sujeitos escolares e com uma educação emancipadora, como propõe Freire (1996), pautada no diálogo, na escuta e na construção coletiva do conhecimento.

3. DISCUSSÃO.

A articulação entre Educação Ambiental e ensino de Geografia exige uma prática pedagógica comprometida com a formação crítica dos estudantes, especialmente em contextos escolares marcados por desigualdades socioambientais. A Geografia, enquanto área do conhecimento que estuda a relação entre sociedade

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



e natureza, apresenta grande potencial para promover a consciência ambiental e a compreensão dos territórios vividos. Nesse sentido, a Educação Ambiental deixa de ser apenas uma transmissão de conteúdos ecológicos e passa a assumir um caráter transformador, que considera o espaço como expressão das relações sociais, como defende Milton Santos (2006).

Inserir a metodologia do jornal geográfico neste processo pedagógico contribuiu para aproximar os conteúdos à realidade dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo e mais participativo. Elza Passini (2015) destaca que o ensino de Geografia deve considerar o cotidiano dos sujeitos como ponto de partida para a construção do conhecimento escolar, valorizando a criatividade, a experiência sensível e a pluralidade de saberes. Nesse caminho, os usos de jogos, de dinâmicas e de recursos lúdicos em sala de aula podem favorecer o envolvimento discente e estimular a leitura crítica do espaço geográfico, especialmente quando estas práticas estão conectadas às vivências territoriais dos alunos.

Paulo Freire (1996), por sua vez, reforça que ensinar exige acolhimento, escuta e diálogo entre os sujeitos do processo educativo. Para ele, uma prática pedagógica realmente emancipadora é aquela que reconhece o estudante como sujeito ativo da aprendizagem, respeitando suas experiências e incentivando sua leitura crítica do mundo. Assim, ao integrar a Educação Ambiental, a atividade do jornal geográfico e a Geografia Escolar, o estágio docente se torna um espaço de possibilidades para experimentar metodologias mais abertas, mais sensíveis à realidade socioespacial dos alunos, contribuindo para uma formação mais humanizada e transformadora.

A experiência também reforçou os papéis da escola como espaço de produção de saberes e da docência como prática intencional, criativa e comprometida com a transformação social. Como propõe Freire (1996), ensinar exige coragem, escuta, diálogo e humildade — elementos essenciais à formação de professores conscientes de seus papéis histórico e educativo. Do mesmo modo, Milton Santos (2006) lembra de que o espaço não é apenas palco, mas produto de relações sociais, e educar para sua compreensão crítica é um ato político e libertador.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A realização do Estágio Supervisionado em Geografia II representou uma etapa formativa fundamental à construção da identidade docente. Ao longo do processo, foi possível vivenciar os desafios e as potencialidades da prática educativa em escolas públicas de forma concreta, especialmente no nível Ensino Fundamental

II. As etapas de observação, de participação e de regência permitiram o contato direto com a realidade escolar e o exercício de uma postura crítica, diante das condições estruturais, metodológicas e humanas do cotidiano da sala de aula.

A análise da prática docente revelou a permanência de métodos de ensino centrados na transmissão de conteúdos e no uso reduzido de recursos didáticos, o que muitas vezes dificulta o envolvimento dos estudantes e limita o desenvolvimento do pensamento crítico. Por outro lado, a introdução de propostas metodológicas alternativas, como o uso do jornal geográfico na abordagem da Educação Ambiental, mostrou-se eficaz para tornar o ensino mais próximo à realidade dos alunos, valorizando suas vivências territoriais e promovendo maior participação destes nas aulas de Geografia.

Em síntese, o estágio não se limitou ao cumprimento de uma exigência curricular, mas constituiu em um processo de formação integral, que envolveu reflexão, experimentação e aprendizado coletivo. As experiências vividas ampliaram a percepção sobre o papel do professor de Geografia na mediação entre o conhecimento científico e os saberes cotidianos, contribuindo de forma significativa para a consolidação de uma prática pedagógica mais humanizada, mais territorializada e mais crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental. Ludicidade. Ensino de Geografia. Prática de estágio. Ensino fundamental II.

AGRADECIMENTOS

Profa. Dra. Claudiana Godoy, Profa. regente de Geografia Dilci Maria Santos e Profa. coordenadora pedagógica Eloan Verçosa.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 27. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Ed. USP, 2006.



A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POTENCIALIDADES NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL EM BELÉM (PA)

Jatniel Balieiro Martins

jatniel.martins@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado em Geografia I - 2025.1

Rafael Yuri Gomes Mendes

rafael.yg.mendes@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado em Geografia I - 2025.1

Vitor Oliveira de Castro

vitor.od.castro@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado em Geografia I - 2025.1

Profa. Ma. Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro (orientadora do estágio)

larissa.ribeiro@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é uma etapa imprescindível à formação do professor, pois permite que o licenciando integre a teoria e a prática em seu contexto real. Esses contatos diretos com a escola, com os alunos e com os desafios cotidianos acabam desenvolvendo competências profissionais, habilidades didáticas e posturas éticas, frente ao ato de educar. No caso da formação em Geografia, o estágio possibilita, ao futuro educador, o domínio dos conteúdos específicos da área e, sobretudo, a capacidade de articular saberes geográficos à realidade dos estudantes, promovendo educação crítica, emancipadora e conectada às dinâmicas socioespaciais. Pimenta e Lima (2011) destacam que o estágio é a base para a construção da identidade do profissional docente, fazendo desta etapa um elemento fundamental para os saberes e para as posturas no exercício da profissão de professor.

A Escola Estadual de Ensino Integral Avertano Rocha, utilizada como campo de estágio, pertence à rede estadual de ensino e está localizada na travessa Itaboraí, bairro Icoaraci, Belém (PA), e iniciou sua trajetória em 16 de maio de 1962, no antigo prédio Tavares Cardoso, situado na rua Siqueira Mendes. Comemorando 63 anos de história em 2025, a instituição se consolidou como referência no ensino público, na região, atendendo principalmente aos bairros Icoaraci, Pratinha, Outeiro e Cotijuba. Inicialmente voltada ao ensino médio regular, a escola passou a oferecer os ensinos médios integral (manhã e tarde) e regular/Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno. Esse modelo de ensino integral permitiu o desenvolvimento de diversas atividades pedagógicas e culturais, como o projeto Diversidade no AR: tempo de abraçar, que aborda o

empoderamento feminino, e a campanha Fluxo da vida, voltada a auxiliar alunas em situação de vulnerabilidade social.

A escola Avertano Rocha tem sido reconhecida por suas ações educativas, recebendo a comenda da medalha Paulo Frota de Direitos Humanos, por desenvolver projetos, que promovem os direitos humanos no estado do Pará. Além disso, o programa Bora estudar premiou estudantes da escola com incentivos financeiros, contribuindo para a melhoria das condições de estudo e de motivação dos alunos.

Os projetos de Educação Ambiental desenvolvidos na escola têm, como principais objetivos, sensibilizar e conscientizar os alunos sobre questões ambientais, promovendo práticas sustentáveis e respeito ao meio ambiente, e estimular o protagonismo juvenil, envolvendo os estudantes na criação e na execução de projetos, que impactem positivamente a comunidade escolar e o entorno, integrando a Educação Ambiental ao currículo escolar e utilizando metodologias ativas e interdisciplinares, que conectem teoria e prática.

A partir desta situação, surge a seguinte problemática, que orienta o presente trabalho: como integrar a Educação Ambiental ao currículo escolar, de forma a promover aprendizagens significativas, a estimular o protagonismo estudantil e a contribuir para a formação cidadã dos alunos, diante dos desafios educacionais existentes?

Frente à questão exposta, os objetivos deste trabalho incluem identificar e compreender os meios e as formas de construção de um ensino ambiental significativo, promovendo o entendimento do meio vivenciado pelos estudantes, a partir das experiências obtidas na escola Avertano Rocha. Essa questão busca entender em que medida as práticas pedagógicas adotadas pela instituição de ensino, especialmente no campo da Educação Ambiental, conseguem articular teoria e prática, mobilizar a participação dos estudantes e superar limitações comuns às escolas públicas, como a escassez de materiais didáticos e as dificuldades socioeconômicas do alunado.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

A escola desenvolve diversos projetos, que integram ensino e cultura. Por exemplo, em 2023, foi realizado o II Festival de Visagens e Assombrações Paraenses, no qual alunos produziram e exibiram curtas-metragens baseados em lendas e em narrativas orais da Amazônia. Além disso, o projeto Diversidade no AR: tempo de abraçar abordou temas, como empoderamento feminino, igualdade de gênero e combate à violência, incluindo ações, como palestras, rodas de conversa e campanhas de arrecadação de absorventes para alunas em situação de vulnerabilidade social.

A I Jornada Avertariana Afro-brasileira, realizada em novembro de 2023, focou na educação de gênero e na diversidade, promovendo debates, exibição de filmes e apresentações culturais, com ênfase na Educação Antirracista.

A escola também oferece aulas gratuitas de reforço para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), aos sábados pela manhã, abertas a toda a comunidade,



independentemente de serem alunos da instituição. O projeto, iniciado em 2010, já contribuiu para a aprovação de diversos estudantes em universidades públicas. Ademais, a escola promove a conscientização para a preservação do meio ambiente, por meio de aulas expositivas e de trabalhos de campo com os alunos. Com palestras e debates, a semana do meio ambiente 2025 na escola Avertano Rocha tem sido rica, em seus conteúdos, para tornar o olhar do alunado sensível a nossa sociedade como um todo. Percebe-se uma parte colaborativa na realização de tais projetos, de modo a se alinhar ao novo sistema de ensino estadual do nível médio, aplicado como método de ensino em sala de aula e tendo, como matéria de aprendizagem/ensino, “Educação para o Meio Ambiente, Sustentabilidade e Clima”, que se aplica em atividades, em exercícios e em meios avaliativos (provas e/ou simulados), enquanto procedimento de aplicação de conteúdo aos discentes.

Com base neste contexto de engajamentos social, cultural e ambiental, o estágio supervisionado desenvolvido na referida instituição evidenciou a importância da formação docente, articulada às práticas pedagógicas significativas. As atividades de observação permitiram acompanhar metodologias diversas, como aulas expositivas dialogadas, uso de recursos audiovisuais e práticas de correção coletiva de exercícios, além de interações constante entre professores e alunos, fortalecendo o vínculo pedagógico. No período de participação, a atuação, junto ao corpo docente, incluiu elaborações de itens avaliativos, análises de desempenho discente e reuniões pedagógicas, voltadas às organizações de conteúdos e de estratégias. Já na etapa de regência, a construção do plano de aula buscou integrar objetivos claros, metodologias participativas e avaliações coerentes com a proposta educativa da escola, refletindo a compreensão do processo de ensino-aprendizagem como algo dinâmico, contextualizado e voltado à formação crítica dos estudantes.

3. DISCUSSÃO

A experiência vivenciada no estágio na Escola Estadual Avertano Rocha evidenciou como o Novo Ensino Médio, baseado no protagonismo estudantil e na interdisciplinaridade, busca formar sujeitos críticos, autônomos e conscientes de seus papéis sociais. Nesse modelo, os projetos pedagógicos são fundamentais, ao integrar aspectos sociais, culturais e ambientais ao processo de ensino-aprendizagem.

A disciplina “Educação para o Meio Ambiente, Sustentabilidade e Clima”, integrada ao currículo da escola, mostrou-se relevante, não apenas por abordar conteúdos atuais, mas também por incentivar metodologias ativas, como

palestras, trabalhos de campo, rodas de conversa e experimentos científicos. Essas práticas pedagógicas conectam teoria e vivência cotidiana, alinhando-se à concepção de aprendizagem significativa de Ausubel (1963), que defende que o novo conteúdo só é plenamente assimilado, quando relacionado aos conhecimentos prévios do aluno.

Apesar deste potencial, foram observadas dificuldades, como baixa participação de parte do alunado, especialmente nas etapas que exigiam interpretação textual, e pouco envolvimento em atividades reflexivas e de expressão crítica. Isso evidencia a necessidade de estratégias para engajar os estudantes, sobretudo em contextos marcados por desafios sociais e estruturais. A prática de estágio, nesse sentido, revelou que a presença física em sala não garante a aprendizagem, logo o verdadeiro desafio está em mobilizar o interesse dos estudantes para além da avaliação tradicional, despertando neles o sentido formativo das propostas pedagógicas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do estágio supervisionado na Escola Estadual de Ensino Integral Avertano Rocha proporcionou vivências concreta e formativa sobre os desafios e as potencialidades da prática docente, especialmente no que se refere à integração da Educação Ambiental ao currículo escolar do ensino médio. As observações, as participações e as atividades de regência permitiram compreender que a efetividade deste processo está diretamente relacionada à adoção de metodologias ativas, à valorização do protagonismo estudantil e ao engajamento do corpo docente na articulação entre teoria e realidade local.

Embora a escola apresente práticas relevantes, como a disciplina "Educação para o Meio Ambiente, Sustentabilidade e Clima", e diversos projetos interdisciplinares, foi possível identificar desafios significativos, como desinteresse do alunado, dificuldades de interpretação e pouca participação em atividades reflexivas.

Dessa forma, conclui-se que, apesar das limitações estruturais e sociais presentes no contexto educacional, é possível integrar a Educação Ambiental ao currículo escolar de forma efetiva, por meio de ações, que valorizem a participação ativa dos alunos, que favoreçam o diálogo entre saberes e que ampliem a consciência crítica sobre as questões socioambientais. Essa compreensão, construída ao longo do estágio, reforça a importância de uma formação docente comprometida com a transformação social e com a construção de práticas pedagógicas, que ultrapassem os limites da sala de aula, contribuindo para o desenvolvimento de sujeitos críticos, conscientes e atuantes em sua realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Geografia. Projetos. Educação Ambiental.

AGRADECIMENTOS

Os discentes Jatniel Balieiro Martins, Rafael Yuri Gomes Mendes e Vitor Oliveira de Castro agradecem à Universidade Estadual do Pará (UEPA), à coordenação

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



do curso de Licenciatura em Geografia, representada pelo professor Rodrigo Rafael, e à professora Larissa Oliveira, orientadora da disciplina de Estágio Supervisionado I, pelos suportes teórico e pedagógico, ao longo desta formação. Agradecemos, também, à equipe da Escola Estadual Avertano Rocha, em especial à professora regente da escola-campo de estágio, pela acolhida, pela mediação e pelo incentivo à participação nos projetos escolares. Aos colegas de estágio, pela parceria e pelo apoio mútuos, e à comunidade escolar e aos alunos, pelo acolhimento e pelas experiências, que enriqueceram esta vivência formativa.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David Paul. **The psychology of meaningful verbal learning**. Nova York: Grune & Stratton, 1963.

PIMENTA, S. G.; LIMA LUCENA, M. S. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 29 de maio. 2025.

SANTOS, Adaelson. **Projeto Político-Pedagógico da EEEI Avertano Rocha**. Belém: [s. n.], 2025.

GEOGRAFIA FEITA À MÃO: ATIVIDADES MANUAIS COMO FERRAMENTAS DE ENSINO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Hemilly Campos da Silva
hemillycampossilva@gmail.com; *Estágio Supervisionado em Geografia II - 2025.1*

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)
claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa compreender como as atividades manuais, ou feitas de maneira artesanal, são fundamentais e impulsionam positivamente o processo de ensino-aprendizagem de Geografia. Com o uso de diferentes ferramentas, é possível transformar a forma como o aluno se interessa pela ciência geográfica (Lemos; Valente, 2023). A proposta de metodologia ativa neste trabalho se utilizou de materiais, como folhas de papelão, lápis de cor e canetas coloridas, materiais simples, que foram capazes de impulsionar a aprendizagem de alunos do 7º ano do ensino fundamental da EEEFM Jarbas Passarinho sobre o conceito geográfico de região. Por meio do desenho das regiões, os estudantes conseguiram aprender de forma significativa.

A experiência do estágio é necessária a alunos de licenciatura em Geografia, pois alinha a prática à teoria aprendida nas salas da universidade (Carneiro, 2022). Dessa forma, o estágio se fundamenta em quatro pilares: o estágio como vivência do ensino em Geografia; a correlação entre teoria e prática; o ensino para além da universidade e a sua ligação com as escolas da educação básica; e o estágio como formador de experiências para novos docentes.

Assim, o principal objetivo deste trabalho é o de analisar a importância da atividade manual na aprendizagem dos alunos. Por fim, levanta-se ainda uma questão central sobre o trabalho elaborado em sala de aula: a atividade manual impulsionou o interesse dos alunos pelo conteúdo abordado em sala de aula?

Esse trabalho tentará responder a esta questão, demonstrando que a solução encontrada para mobilizar os alunos do 7º ano da EEEFM Jarbas Passarinho para a Geografia Escolar foi o ensino da divisão territorial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): os "cinco Brasis". A partir da divisão da turma em dois grupos, cada um recebeu uma folha de papelão, que deveria desenhar e colorir o mapa do Brasil, com seus respectivos estados, siglas e divisões territoriais do IBGE, fomentando um estudo participativo e um ensino significativo.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

A disciplina de Estágio Docente em Geografia II é um importante caminho para a construção do ensino-aprendizagem dos graduandos da licenciatura em Geografia. Assim, o estágio é o processo, no qual são vivenciadas experiências,



que foram estudadas na universidade de forma teórica. Desse modo, os estudantes poderão conciliar o teórico à realidade, principalmente no caso das escolas públicas dos municípios. Entende-se que o estágio supervisionado é uma prática, que permite, aos graduandos, uma formação, que contempla aspectos empíricos e científicos, fundamentais à formação docente.

O lócus deste estágio foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jarbas Passarinho, que teve início em março e término em maio de 2025, totalizando três meses de estágio supervisionado. O primeiro contato com a escola aconteceu na entrega dos ofícios, com excelente receptividade e com boa comunicação com a Universidade do Estado do Pará (UEPA) e com a coordenação de estágio. A organização da escola também foi fundamental ao bom desenvolvimento do estágio.

A escola Jarbas Passarinho está localizada no bairro Marco, no município de Belém (PA). Segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica de 2023 (Inep, 2023), a escola superou a meta projetada de 4,5, alcançando a média de 4,8. Apesar desta boa avaliação, o índice ainda indica certa precariedade no ensino, considerando que a escala do Ideb vai de 0 a 10. No entanto, merece destaque o fato de que os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) apresentaram quase 100% de evolução de fluxo entre 2007 e 2023.

A escola conta com uma boa estrutura, que inclui salas climatizadas, salas multimídia, quadra poliesportiva e de Atendimento Educacional Especializado (AEE), para alunos com necessidades específicas.

O primeiro mês de estágio, março, foi dedicado à adaptação e à observação, com acompanhamento do professor de Geografia responsável pelo período de estágio. Nesse momento, foram observados horários, dinâmicas e metodologias utilizadas no ensino fundamental II, em que as principais dificuldades, como a falta de recursos didáticos, foram enfrentadas com propostas, como a da atividade descrita neste trabalho: ensinar o conceito de região, por meio de desenhos em papelão.

As aulas de março foram predominantemente expositivas. No turno da tarde, o número de alunos era pequeno; a turma do 6º ano, por exemplo, contava com oito alunos, e, após a mudança de uma aluna para outra escola, restaram sete, sendo três com necessidades específicas e quatro do ensino regular. Em muitas aulas, apenas quatro alunos estavam presentes. Já a turma do 7º ano, foco deste trabalho, possuía 20 alunos. Nas primeiras observações, notou-se grande desinteresse pelas aulas de Geografia: muitos alunos pediam para sair da sala ou usar o celular ou não prestavam atenção.

Diante disto, elaboraram-se três perguntas objetivas, para investigar as percepções dos alunos sobre as aulas de Geografia: a) Você gosta de Geografia? — dezenove alunos responderam que não e apenas um respondeu que sim —; b) Você acha a matéria interessante? — todos responderam que sim —; e c) O que você acha que deveria ser feito nas aulas? — a maioria pediu mais interação, por parte do professor, e atividades com jogos. A partir disto, surgiu a proposta de utilizar atividades manuais com desenho para despertar o interesse dos alunos.

Destaca-se, aqui, as importâncias de conhecer os alunos pelo nome e de interagir individualmente com cada um, aspectos que contribuíram significativamente para o respeito mútuo e que facilitaram a aplicação da atividade, resultando em uma aprendizagem significativa. Essa experiência foi essencial a minha formação como educadora, pois evidenciou que alunos considerados "barulhentos" ou "desinteressados" precisam ser escutados, para que suas potencialidades sejam valorizadas.

Durante a regência, as atividades solicitadas pelo professor se baseavam na cópia de perguntas do livro didático no quadro, para que os alunos as respondessem em seus cadernos. As conversas com o professor sobre metodologias foram poucas, havendo apenas dois momentos: um, para discutir a atividade com papelão; e outro, sobre o uso de vídeos da Internet.

Observou-se que a atividade manual com papelão teve maior adesão dos alunos, em comparação à dos vídeos, mesmo que fossem lúdicos e didáticos. O papelão, sendo um recurso didático diferente, despertou maiores interesse e envolvimento dos estudantes.

3. DISCUSSÃO

O estágio supervisionado é uma importante ferramenta para a construção do ensino-aprendizagem dos graduandos de licenciatura; é o momento em que as experiências teóricas estudadas na universidade são vivenciadas na prática, permitindo que os estudantes conciliem o conhecimento teórico e a realidade escolar, principalmente das escolas públicas. É uma etapa essencial para consolidar uma formação, que atenda a aspectos empíricos e científicos.

O estágio é o período da formação que exige, dos alunos, a competência de avaliar os conhecimentos teóricos adquiridos, ao longo do curso, bem como proporciona oportunidades de analisar novas formas de ensino, de aprofundar áreas de interesse e de testar habilidades no contexto escolar (Roesch, 1996).

Percebe-se, de acordo com o supracitado, que a formação acadêmica vai além de capacitar teoricamente o aluno, já que passa a integrar o mesmo entre social, profissional e cultura no sentido de ser capaz de atuar também na prática (Figueiredo, 2010).

De acordo com Figueiredo (2010), a formação acadêmica vai além da capacitação teórica, pois integra o aluno aos aspectos sociais, profissionais e culturais, preparando-o para atuar também na prática. Assim, o estágio é o momento, em que o estudante da licenciatura em Geografia pode aplicar seus



conhecimentos em sala de aula e compreender o processo de ensino-aprendizagem. Ele proporciona novas experiências, desenvolvimento de aptidões, respostas e questionamentos sobre a educação nas escolas brasileiras. Espera-se que o discente consiga superar os desafios da realidade escolar e, com isto, adquira uma perspectiva crítica sobre sua atuação profissional no momento do estágio.

No contato inicial com os 20 alunos do 7º ano do ensino fundamental II, observou-se, nas duas primeiras aulas, um certo desinteresse pelas exposições teóricas. Em seguida, foi realizada uma breve conversa individual com os estudantes, compostas das três perguntas abordadas na seção anterior, em que a maioria declarou não gostar da disciplina, mas, curiosamente, achava seu conteúdo interessante e desejava aulas mais interativas. Isso motivou minha escolha por uma atividade manual, que promovesse maiores envolvimento e curiosidade.

Esse trabalho buscou mostrar como as atividades manuais, realizadas de forma artesanal, são fundamentais para impulsionar o ensino e a aprendizagem. Utilizando duas folhas de papelão, a proposta de metodologia ativa permitiu que os alunos do 7º ano compreendessem o conceito geográfico de região, sensibilizando-os e promovendo uma aprendizagem significativa.

Frente ao desinteresse inicial, foram organizadas duas aulas de 45 minutos, divididas em três momentos pedagógicos, conforme Gahlen, Maldaner e Delizoicov (2012). O primeiro momento, denominado "codificação", investigou os conhecimentos prévios dos alunos, considerando suas vivências e sua cultura sobre as regiões do Brasil. O segundo momento, "problematização", contextualizou a regionalização brasileira, incentivando os alunos a refletir criticamente e a desenhar o mapa com os cinco grandes agrupamentos regionais e os seus estados. O terceiro momento, "descodificação", teve, como objetivo, avaliar a aprendizagem, com base na atividade manual com papelão.

Assim, os alunos desenharam e coloriram o mapa do Brasil, consolidando seus conhecimentos. Como afirmam Araújo e Molinari (2017), o uso de metodologias ativas, como atividades manuais, é fundamental ao processo de ensino. O ato de “colocar a mão na massa” desperta a curiosidade e potencializa a aprendizagem.

Após os dois primeiros momentos, a conclusão da atividade foi bastante positiva. Os alunos se mostraram motivados com o uso do papelão, um material inusitado em sala de aula, o que aumentou ainda mais seu interesse. A divisão da turma em dois grupos resultou em dois mapas distintos, e se observou o envolvimento e a concentração dos grupos na confecção dos trabalhos.

Para avaliar a eficácia da atividade, foi realizada uma dinâmica de perguntas e de respostas sobre as regiões do Brasil, com seus estados e siglas. A proposta teve

adesão total da turma, que participou ativamente e demonstrou domínio sobre o conteúdo trabalhado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o estágio supervisionado e a experiência de aplicação da atividade manual com papelão foram fundamentais para compreender a realidade dos alunos e a forma como eles se relacionam com o ensino da Geografia. A aplicação da atividade se mostrou proveitosa para os estudantes, que passaram a se aproximar mais da disciplina e que se tornaram mais participativos em sala de aula.

Por fim, é importante destacar que é possível proporcionar uma aprendizagem significativa com recursos simples, valorizando a interação entre alunos e atividades manuais. É notável, ao longo deste trabalho, o ótimo aproveitamento das atividades manuais, pelos estudantes, o que demonstra o potencial transformador de metodologias ativas no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação-básica. Metodologias ativas. Estágio supervisionado. Licenciatura. Atividades manuais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente pelo suporte e pelas orientações da Profa. Dra. Claudiana Godoy, cujas observações sobre o trabalho foram fundamentais. Além disso, agradeço a todos os professores, os alunos e à coordenação da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jarbas Passarinho.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Rosalvo Nobre. Estágio supervisionado e formação docente em Geografia: uma proposta geoetnográfica e emancipadora. **Revista Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 23, n. 89. p. 290-305, out. 2022.
- FIGUEIREDO, André Henrique Damião de. **O estágio supervisionado e sua importância para a licenciatura em geografia**. 2010. 47 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2010.
- GEHLEN, S. T.; MALDANER, O. A.; DELIZOICOV, D. Momentos pedagógicos e as etapas da situação de estudo: complementaridades e contribuições para a Educação em Ciências. **Ciência & Educação**, v. 18, n. 1, p. 1-22, 2012.
- INEP. **Ideb Resultados**. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiMGVjMzlwZWQtM2IzZS00NmE0LTkwNjUtZjI1YjYjMyNTVhZ0liwidCI6IjI2ZjczODk3LWM4YWMTNGlXS05NzhmLWVhNGMwNzc0MzRiZiM9>. Acesso em: 27 maio 2025.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



LEMOS, Silvana Donadio Vilela; VALENTE, José Armando. Estudo da Cultura Maker na Escola. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 21, p. 1-27, 2023.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração**: guia para pesquisas, projetos e trabalho de conclusão de curso. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

ENTRE SABERES E PRÁTICAS: O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA, NA ESCOLA JOSÉ MARCELINO DE OLIVEIRA, EM ANANINDEUA (PA)

Jouvane Mateus Silva do Nascimento

jouvanenascimento111@outlook.com; Estágio Supervisionado em Geografia II - 2025.1

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

Prof. Me. Genisson Rodrigues (orientador do estágio)

profgenisson@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente manuscrito parte das experiências obtidas na disciplina de Estágio Docente em Geografia II, referente ao curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade do Estado do Pará. O local de desenvolvimento das atividades de estágio foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Marcelino de Oliveira, localizada no bairro Centro, em Ananindeua (PA).

A práxis docente é uma etapa fundamental na formação de professores, pois é nesse momento que toda a prática possui efeito, e é lócus das relações do processo de ensino-aprendizagem, em concordância com Martins *et al.* (2016), ao proporem o estágio docente como construção do saber-fazer. É a união entre a prática e a teoria por excelência, envolvendo toda a construção do profissional em formação.

Partindo de um processo de ambientação escolar, os primeiros contatos com a escola partem de gestores e de professores, com os intuitos de apresentar e de conhecer o ambiente de prática. Durante o período vivido no campo escolar, destaca-se o processo coeso de ambientação escolar, desde o período inicial de observação aos períodos intermediários e finais, principalmente pela regência desenvolvida.

Nesse contexto, a problemática de pesquisa está estruturada, a partir da seguinte indagação: como o uso do jornal geográfico como recurso didático pode contribuir para as melhorias do ensino e da aprendizagem de Geografia no contexto do estágio docente em uma escola pública, situada em Ananindeua (PA)?

O objetivo geral consiste em analisar o uso de metodologias ativas no contexto educacional, tendo foco na aplicação do jornal educativo geográfico, enquanto recurso didático, no período do estágio docente em Geografia II, com o propósito de compreender a contribuição deste método para a formação crítica dos alunos.

A metodologia se destaca nas análises descritivas e explicativas, referentes às experiências desenvolvidas no período de estágio. Inicialmente, destaca-se as fontes bibliográficas, referentes aos aspectos teóricos trabalhados, incluindo:



Callai (2010), sobre o cotidiano e o lugar; Carlos (1999), sobre a relação entre cidade e sala de aula; Cavalcanti (2010), sobre a realidade escolar; Martins (2016), a respeito do estágio docente; e Razani (2024) e Urias e Azevedo (2017), sobre as metodologias ativas.

Nesse estudo, o enfoque central é nas experiências adquiridas no estágio, dialogando com os aspectos teórico-conceituais, que fortalecem as vivências e as práticas desenvolvidas. Diante disto, as práticas destacadas na pesquisa, com ênfase nas salas de aulas, tiveram, como preparação, planos de aulas, os quais foram compartilhados com o professor responsável, como forma de orientar sobre os conteúdos trabalhados, bem como sobre os recursos usados, como apostila, quadro, pincéis e data show, que serviram de aportes para o desenvolvimento das aulas.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Momento prático da formação do discente, o estágio supervisionado permite, ao aluno de graduação, uma inserção em seu campo de atuação, mais especificamente no ensino fundamental II, que vai do 6º ao 9º ano, podendo incluir outras séries, que agregarão substantivamente a sua formação. Como já destacado, a disciplina tem, entre seus objetivos, auxiliar os discentes do curso de Geografia, com relação a sua prática, inserindo-os no campo escolar, possibilitando vivências e aprendizados em seus períodos de formação acadêmica, o que certamente contribuirá para os seus desenvolvimentos, enquanto profissionais e futuros educadores, seja pelas práticas vivenciadas, seja pelas reflexões sobre a realidade educacional, associada aos desafios pressupostos.

Durante o período de estágio, destaca-se o processo de ambientação, fundamental ao desenvolvimento da prática, com o contato com as gestoras da escola e com a compreensão inicial do ambiente escolar, em sua estrutura e em seu corpo docente, como forma de conhecer o local de efetivação da prática docente.

No decorrer das vivências adquiridas, é de fundamental importância destacar a orientação realizada pelo professor regente, servindo como aporte pedagógico direcional. Nas vivências do estágio, as atividades iniciais ocorreram de forma gradual, a partir da fase de ambientação, auxiliando os alunos com conteúdos trabalhados nas aulas e recebendo maior liberdade, por parte do professor regente, para que o estagiário pudesse atuar de forma mais autônoma com as turmas, saindo do papel de auxiliar para adquirir a função de condutor das aulas, sempre orientado pelo professor responsável.

Ademais, é importante ressaltar o compartilhamento da turma entre o professor responsável e o estagiário, a respeito de práticas pedagógicas. Ao elaborarem a aula de Globalização em conjunto, foi abordado, durante o diálogo, que uma metodologia nem sempre vai surtir o efeito esperado, ou seja, é necessário avaliar o rendimento da turma, após a aplicação de certa atividade, para saber se o que foi pensado atingiu o resultado esperado.

Durante as aulas sobre Globalização, em seu aspecto cultural, foi aplicada uma atividade à turma do 9º ano, que objetivou promover a igualdade entre os alunos, rompendo com os estereótipos e com os preconceitos sociais, a partir do contato com as diferentes culturas do mundo. Inicialmente, em uma roda de conversa, foram apresentados os modos de vida e as práticas culturais de alguns países aos alunos. A seguir, foi pedido que eles realizassem seus juízos de valor sobre os aspectos colocados, para, então, começar o processo de desconstrução. Nesse sentido, foi descrito que a diversidade cultural serve como manifestação identitária de cada país e que o hibridismo cultural possibilita o contato e o respeito entre as diferentes nações.

2.1. DISCUSSÃO

A Geografia Escolar possui interfaces das mais variadas com as realidades vividas, contudo a falta destas conexões acaba acarretando vastas dificuldades no campo educacional, o que influencia as aulas, criando um ambiente rígido entre professores e alunos. Carlos (1999) aponta que a cidade se apresenta como um local de intensas relações, marcado por uma vida urbana diversa e frenética, envolvida por construções, por veículos, por capitais, por mercadorias e por pessoas.

Nas análises sobre as estruturas que compõem a cidade, foi desenvolvida uma atividade sobre as características dos indicadores de qualidade dos países, buscando relacioná-los à realidade local. Tal prática fortalece as ideias de Cavalcanti (2010), ao afirmar que é necessário que o professor saiba contextualizar o conteúdo a ser ministrado na realidade de seus alunos, buscando relações e criando conexões necessárias, para que o aluno possa enxergar o que está sendo tratado com nitidez, isto é, não pode haver distanciamento entre o espaço vivido e os assuntos abordados, uma vez que a cultura do saber passa por estes espaços.

Além disso, destaca-se uma ação relevante realizada na escola, de fundamental importância na formação docente: a participação na elaboração de um projeto de Educação Ambiental, o qual possibilitou a participação nas reuniões e nas outras fases, que antecederam o projeto, até a sua primeira etapa de culminância.

Outra experiência a ser destacada no estágio se refere ao jornal educativo geográfico. Sua aplicação teve, como base, o conhecimento prévio dos alunos a respeito da COP30, a partir do que a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, e a sua importância, foi explicada passo a passo, assim como as suas contradições sociais. Como etapa final, a turma foi dividida em oito grupos, que tiveram a missão de criar reportagens sobre meio ambiente e sobre o

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



evento da COP30, com toda liberdade e criatividade, culminando na apresentação dos trabalhos, pelos alunos, no dia determinado.

A atividade teve um método ativo como base, buscando dialogar com o que Urias e Azevedo (2017) destacam: a proposta transforma a dinâmica em sala de aula, incentivando o protagonismo dos estudantes e ressignificando os papéis do professor, como organizador e como facilitador da aprendizagem, buscando criar possibilidades mais interativas. Destaca-se, nesse sentido, o uso deste material didático, dentro do objetivo de compor interações com a Geografia, uma vez que os assuntos da política, da economia, da saúde e da educação possuem total relação com os conteúdos abordados pela ciência.

Rompendo com os enclaves escolares e com o imagético das aulas massivas e cansativas, a prática de levar os cotidianos dos alunos para a sala de aula é uma estratégia, que possibilita a imersão dos estudantes nas aulas, fazendo com que suas participações se façam mais significativas, proporcionando um ambiente com condições mais estimulantes e construtivas à constituição de um saber integrado, unindo o vivido pelos alunos aos saberes científicos (Callai, 2010).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades realizadas no período de estágio tiveram, como fundamento, uma Geografia viva e presente na vida dos estudantes, possibilitando um maior aprendizado na formação cidadã destes. Ademais, mesmo diante dos enclaves escolares aqui evidenciados, destaca-se o campo de possibilidades que este espaço proporciona, a partir da relação entre educadores e gestores, em busca de diálogos sobre estratégias possíveis, para tornar o ambiente escolar mais interativo. Portanto, são fundamentais os debates acerca dos desafios educacionais, buscando a construção de uma escola cada vez mais presente na vida dos estudantes, realizando conexões com as realidades dos alunos e tornando o aprendizado mais significativo.

Com base nisso, busca-se a construção de um saber coletivo, passando pela valorização do conhecimento de mundo de cada aluno (Callai, 2010), somada às estratégias e aos conhecimentos científicos do professor, de modo a inter-relacionar estes saberes, a partir de uma variedade de recursos, que dinamiza as aulas, provocando uma quebra no protagonismo do professor e tornando os alunos sujeitos ativos nesta construção.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia. Relatos de experiência. Ensino-aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Universidade do Estado do Pará, por oferecer os recursos necessários à realização da disciplina, bem como à orientadora da disciplina, por todo o aporte oferecido. Em segundo lugar, agradeço às gestoras da escola, que se disponibilizaram a aceitar a presença do estagiário, e ao professor responsável, cuja participação foi de fundamental importância no período, com seus conselhos e com suas partilhas educacionais, as quais contribuíram para a minha formação profissional docente de maneira significativa.

REFERÊNCIAS

- CALLAI, Helena Copetti. **Escola, cotidiano e lugar**. BUITONI, M. M. S. (coord.). **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 25-41.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Seminário Nacional: Currículo em movimento—perspectivas atuais**, v. 1, p. 1-16, 2010.
- MARTINS, Rosa; TONINI, Ivaine Maria. A importância do estágio supervisionado em Geografia na construção do saber/fazer docente. **Geografia: Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 20, n. 3, p. 98-106, 2016.
- RANZANI, Rui César *et al.* Reflexões Sobre as Metodologias Ativas Na Educação. **Revista Ilustração**, v. 5, n. 1, p. 239-249, 2024.
- URIAS, F. S.; AZEREDO, C. M. O Ensino ativo e a percepção de estudantes do ensino superior: o caso da administração em um contexto internacional. **Gestão & Planejamento**, v. 18, 2017.



JORNAL ESCOLAR COMO ESPAÇO DE CIDADANIA: PERCEPÇÕES E ENGAJAMENTO DOS ALUNOS DA ESCOLA PAULINO DE BRITO

Túlio Araújo Monteiro

tulio.amonteiro@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado em Geografia II - 2025.1

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O estágio realizado na Escola Paulino de Brito teve foco na criação de um jornal escolar multidisciplinar, como ferramenta pedagógica de promoção da participação cidadã e do engajamento dos alunos nos contextos escolar e social. A experiência buscou integrar disciplinas, como Geografia, História, Língua Portuguesa e Ciências Sociais, com o objetivo de desenvolver habilidades críticas, colaborativas e comunicativas. A questão norteadora foi: como a construção coletiva de um jornal escolar pode ampliar a percepção dos alunos sobre seus papéis como cidadãos ativos?

A relevância do tema reside na necessidade de fortalecer práticas educativas, que incentivem as vozes dos estudantes, promovendo debates sobre questões locais e globais. O jornal foi estruturado como um projeto interdisciplinar, envolvendo professores e alunos do ensino médio da instituição, com o intuito de consolidar a escola como espaço de formação cidadã.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

A experiência de estágio na Escola Paulino de Brito, localizada no bairro Marco, em Belém do Pará, centrou-se na criação de um jornal escolar bimestral, como ferramenta pedagógica interdisciplinar, visando promover a participação cidadã e o protagonismo juvenil. O projeto envolveu alunos do 6º ano do ensino fundamental e buscou integrar disciplinas, como Língua Portuguesa, Geografia, História, Arte e Ciências, posicionando os estudantes como agentes ativos na produção de conteúdos e na reflexão sobre questões sociais, ambientais e culturais. A iniciativa buscou responder à questão: como um jornal escolar pode ampliar a percepção dos alunos sobre seu papel como cidadãos críticos e participativos?, e a relevância do projeto reside em sua capacidade de articular teoria e prática, utilizando a educação midiática e a interdisciplinaridade como

eixos estruturantes, alinhados às discussões de autores, como Nascimento e Nascimento Junior (2021), sobre o uso de imagens no ensino de Geografia, e Richter e Matos (2023), acerca da Cartografia escolar como instrumento de pensamento espacial.

A fundamentação teórica focou autores, que destacam a importância da educação midiática e da leitura crítica de imagens. Ferrari *et al.* (2020), por exemplo, enfatizam a necessidade de formar alunos capazes de analisar e de produzir informações em um mundo saturado de dados, enquanto Nascimento e Nascimento Junior (2021) reforçam que as imagens não são meras ilustrações, mas narrativas que interpretam a realidade. Essa perspectiva foi aplicada ao projeto, ao incentivar os alunos a analisar mapas e fotografias de alagamentos em Belém, seguindo a abordagem de Cosgrove (2008), que ressalta a importância da leitura crítica do espaço geográfico, por meio de imagens. A interdisciplinaridade, por sua vez, foi embasada por Gadotti (2000), que defende a superação da fragmentação do conhecimento, integrando, por exemplo, a Geografia (análise de mapas) e a Arte (diagramação), alinhando-se a Oliveira Junior (2009), que propõe a "[...] Geografia pelo olhar" como forma de compreender o espaço, por meio de múltiplas linguagens. O protagonismo juvenil, por fim, foi fundamentado em Freire (1996) e em Almeida (2017), garantindo que os alunos fossem coautores do jornal, agenciando a escolha de pautas, como bullying, acesso à educação, assédio, entre outras, com produção de artigos editoriais opinativos.

O desenrolar desta experiência contou com a participação da professora de Geografia Ocy Aguiar, em suas aulas de Projeto de vida, que integra conhecimentos da ciência geográfica a seus conteúdos. Os alunos foram apresentados à proposta de atividade da matéria jornalística pela professora Ocy e por mim, destacando a necessidade da construção de leitura e de reflexão críticas como um exercício didático de apoio à compreensão do editorial sugerido. Os alunos receberam um pequeno jornal impresso em folha A4, com uma única matéria, intitulada COP-30 no Reflexo do Bueiro: Quem Cumpre as Promessas? cuja leitura foi feita em conjunto, pelos alunos duas turmas do 6º ano do ensino fundamental, 601 e 602, os quais foram organizados em duplas. Após a leitura, os alunos foram conduzidos a refletir sobre os dois mapas: um, sobre os riscos de alagamentos; e outro, sobre o índice de cobertura vegetal, ambos correlacionados aos problemas ambientais de alagamentos e de enchentes na cidade de Belém.

A análise dos mapas de alagamentos e de cobertura vegetal de Belém (CPRM, 2015; Miranda, 2018) foi inspirada no estudo jornalístico do G1 PA (2020), que destaca a relação entre planejamento urbano insustentável, desigualdade social e impactos ambientais. Os mapas revelaram que as áreas mais afetadas pelos alagamentos coincidem com regiões de baixa renda e baixa cobertura vegetal, conforme discutido por Ximenes e Miranda (G1 PA, 2020). Essa correlação reforça a importância da Cartografia escolar como ferramenta crítica, capaz de conectar dados geográficos a debates sobre justiça socioambiental, alinhando-se às reflexões de Richter e Matos (2023) sobre a necessidade de integrar mapas à educação cidadã.



3. DISCUSSÃO

A discussão evidenciou que o jornal escolar, aliado à educação midiática, é uma ferramenta potente para promover a cidadania crítica. Ao analisar imagens de alagamentos em Belém, os alunos compreenderam a relação entre ocupação urbana desordenada e desastres ambientais, dialogando com Castellar (2017) sobre cartografia social e Nascimento e Nascimento Junior (2021) sobre a imagem como narrativa geográfica. A interdisciplinaridade, por sua vez, permitiu que os alunos relacionassem conteúdos teóricos a problemas reais, como observado em Fazenda (2001), enquanto a metodologia participativa, próxima à pesquisa-ação, fortaleceu a colaboração entre alunos e professores. Desafios como a resistência inicial de alguns estudantes e a necessidade de infraestrutura tecnológica foram superados com oficinas de capacitação e parcerias com professores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Superar desafios, como a resistência inicial de alguns estudantes e a necessidade de infraestrutura tecnológica, exigiu realizar oficinas de capacitação e estabelecer parcerias com professores. Nesse sentido, expandir a participação no exercício a outras turmas e incluir parcerias com veículos de comunicação locais poderão consolidar o projeto como uma prática permanente de educação cidadã.

Igualmente, continuar este trabalho como um projeto de ensino de longo prazo implica introduzir os alunos à ética na comunicação e a técnicas de entrevista, seguindo Buckingham (2007), razão pela qual discutir conceitos, como o do papel da mídia na sociedade, com referência a McLuhan (2003), que ressalta o poder dos meios de comunicação em moldar percepções, torna-se fundamental. Em sala de aula, trabalhar na produção colaborativa entre professores e estudantes, dividindo-os em equipes responsáveis por seções, como Notícias locais, Voz do aluno e Meio ambiente, permite aplicar metodologias críticas.

Na seção Notícias locais, por exemplo, pode-se utilizar mapas e imagens de satélite para contextualizar reportagens sobre impactos ambientais, possibilitando aplicar a metodologia de Richter e Matos (2023), que defendem a Cartografia como instrumento de análise espacial, ao passo que integrar a Geografia à análise de dados geográficos e explorar ferramentas digitais na Arte, seguindo Fernandez (2019), enriquece a interdisciplinaridade, enquanto a lógica de publicar o jornal nos formatos impresso e digital, acompanhada de debates com a comunidade escolar, amplia o diálogo sobre temas, como sustentabilidade e divulgar o projeto via redes sociais, seguindo as recomendações de Ladeira

(2020), avigora a conexão entre a Geografia Escolar e o universo midiático dos alunos.

Assim, consolidar o jornal como prática educativa requer manter focos na participação ativa dos estudantes, na crítica aos processos de produção midiática e na articulação entre conhecimento teórico e ação transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal escolar. Cidadania. Participação estudantil. Educação interdisciplinar. Educação crítica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores e aos alunos da Escola Paulino de Brito, pelo envolvimento e pela contribuição, bem como à coordenação do estágio da UEPA, pelo suporte metodológico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. D. *et al.* Cartografia escolar e o pensamento espacial. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, 2017.
- BUCKINGHAM, D. **Alfabetização midiática: a educação no século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CASTELLAR, S. M. V. Cartografia escolar e o pensamento espacial. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, 2017.
- COSGROVE, D. **Geography and Vision: seeing, imagining and representing the world**. Londres: I. B. Tauris, 2008.
- FERRARI, A. C. *et al.* **Guia da Educação Midiática**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2000.
- LADEIRA, F. F. As relações entre discurso midiático e geografia escolar: um diálogo possível. **Revista Educação**, v. 15, 2020.
- McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- NASCIMENTO, F. C.; NASCIMENTO JUNIOR, F. A. Imagens no ensino de Geografia a partir da educação midiática: vislumbres iniciais. *In*: XIV ENANPEGE, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78346>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M. Geografias Menores: potências de expressão - entre imagens, pesquisa, educação. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 9, n. 17, 2019.
- RICHTER, D.; MATOS, C. H. C. A Cartografia Escolar no ensino de Geografia: uma análise da produção científica em periódicos online entre os anos 2000 a 2020. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 43, e73540, 2023.



RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

Darsayewen dos Santos Farias

darsayewen.farias@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado II - 2025.1

Jonatas Costa Cavalcante

jonatas.c.cavalcante@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado II - 2025.1

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)

rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Rotary Clube, localizada na rua Coronel Leal, bairro Centro, na cidade de Castanhal (PA), instituição que oferece ensino presencial a turmas do 6º aos 9º anos do nível ensino fundamental II nos turnos manhã e tarde, atendendo a alunos dos bairros Novo Estrela, Parque dos Castanhais, Parque dos Buritis, Ana Júlia, Caiçara, São José, Japim e KM 7, bem como das agrovilas circunvizinhas. Frise-se, aqui, que a escola conta com uma equipe pedagógica comprometida com o ensino de qualidade.

Em relação à importância do estágio supervisionado, é necessário destacar que ele é de extrema importância na formação de professores, pois proporciona a vivência prática da profissão de educador no ambiente escolar. No estágio supervisionado, o estagiário tem as oportunidades de participar e de ministrar aulas, fazendo com que ele desenvolva habilidades de sala de aula e com que coloque os conhecimentos teóricos adquiridos no curso de Geografia na prática.

O filósofo John Dewey defende a importância do aprendizado prático, pois é na prática que se aprende, ou seja, é na prática, ou quando o indivíduo se envolve ativamente na aplicação e na experiência direta, que o conhecimento é mais bem absorvido.

Os principais objetivos deste trabalho são os de relatar o processo vivenciado no estágio supervisionado de forma detalhada, de refletir sobre as práticas pedagógicas observadas e executadas e de compreender como a experiência contribuiu para a minha formação como futuro professor de Geografia.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido com turmas do 6º aos 9º anos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Rotary Clube, e as metodologias utilizadas incluíram a observação participante e a prática docente, em que tive a oportunidade de ministrar aulas para turmas do ensino fundamental. Durante o estágio, foi possível identificar e perceber as práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola e pelo professor, assim como vivenciá-las na prática, tendo as oportunidades de desenvolver planos de aulas, de ministrar aulas aos alunos e de usar os ensinamentos que obtive na universidade.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

No primeiro dia de estágio supervisionado, tive a oportunidade de observar a aula ministrada pelo professor Flávio e, no segundo dia, pude vivenciar a regência na prática, ministrando minha primeira aula a uma turma do 9º ano.

Durante o período de observação, acompanhei aulas de diferentes turmas do 6º aos 9º anos, atentando às metodologias utilizadas pelos professores, as interações entre estes e os alunos, o uso de recursos didáticos e as estratégias de ensino práticas pelos professores. Foi nítido, desde o primeiro dia de estágio, o uso de aulas expositivas, sempre dialogando com os alunos e fazendo com que estes pudessem interagir com os assuntos trabalhados. Também eram perceptíveis as dinâmicas utilizadas em sala de aula.

Em relação à equipe pedagógica, essa sempre foi acolhedora e prestativa, o que ajudou e possibilitou um desenvolvimento muito bom de meu trabalho na escola.

Já no período de participação, tive a oportunidade de contribuir com atividades em sala de aula, podendo auxiliar os alunos com dificuldades nos assuntos.

Em relação à interação com os estudantes, não tive dificuldades em me conectar a eles, à exceção dos primeiros minutos de aula com a turma do 6º ano, questão que foi logo resolvida, resultando em um bom envolvimento dos alunos na aula. Também tive a oportunidade de montar planos de aula e de os compartilhar com o professor, fazendo com que as aulas fossem planejadas e abordadas de formas clara e objetiva com os alunos, sempre buscando aplicar métodos, que tornassem o ensino mais dinâmico e mais interativo, utilizando mapas e imagens e promovendo debates em sala de aula. Um destes debates foi realizado na turma do 9º ano, o qual foi proveitoso e no qual todos os alunos interagiram, fazendo com que entendessem os assuntos abordados na prática. Também me utilizei de apresentações de seminários e de vídeos com os estudantes, os quais contribuíram muito com as suas aprendizagens, como também com as minhas, enquanto professor em formação. Outra experiência trazida pelo estágio supervisionado incluiu a aplicação e a correção de avaliações, junto ao professor, etapa essencial e primordial para compreender melhor o processo de avaliação por ele utilizado.

De modo geral, o estágio supervisionado foi muito enriquecedor e contribuiu de forma direta com a minha formação profissional como professor. Através do



estágio, descobri que a prática docente exige planejamento, paciência e empatia com os alunos e, principalmente, ter domínio dos conteúdos.

3.1. DISCUSSÃO

A experiência do estágio supervisionado permitiu uma reflexão sobre a prática docente. Segundo a teoria do filósofo John Dewey, é preciso ter a prática para aprender mais rápido — o famoso “aprender fazendo” —, isto é, as pessoas precisam interagir com o ambiente e aprender na prática. É nítido que, para o professor aprender a ministrar aulas, ele precisa ter as vivências da prática, as quais incluem desenvolver habilidades, estar em sala de aula, interagir com os alunos, lidar diretamente com problemas e com situações concretas de ensino. Assim, como professor em formação, pude desenvolver habilidades, que são possíveis de adquirir apenas na prática docente, durante o estágio. Desse modo, percebi que a Geografia pode ser ensinada, conforme a vivência do aluno, aproximando o conteúdo a sua realidade. Além disso, as convivências com o professor supervisor e com os profissionais da escola foram essenciais para aprender sobre as práticas pedagógicas, sobre o uso do tempo em sala de aula e sobre a organização dos conteúdos, troca de experiência que contribuiu para a minha formação como professor. Enfim, foram nítidas a importância do estágio supervisionado e a compreensão do quanto ele é primordial à formação de profissionais em educação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado foi uma experiência nova e muito marcante, que serviu para a minha formação e que foi extremamente proveitosa. Através do estágio supervisionado, tive o privilégio de colocar em prática todos os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade. Desde o início do estágio, os contatos diretos com os alunos e com o cotidiano da escola me ensinaram muito sobre os desafios da vida docente, então saio desta experiência muito mais confiante do que entrei, sentindo-me mais preparado para seguir na profissão docente. Finalizo este resumo, ressaltando a importância do estágio na vida do profissional em formação, que ajuda a vivenciar a prática e a desenvolver os conhecimentos adquiridos.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Docência. Sala de aula. Educação básica. Oportunidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade de poder me desenvolver profissionalmente, à direção, à coordenação pedagógica e ao professor Flávio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Rotary Clube, que me acolheram com respeito e que colaboraram com o meu período de estágio, e em especial ao professor supervisor da escola, pela confiança e pela orientação. Estendo meus agradecimentos ao professor Rafael, da universidade, que foi fundamental a minha formação, até aqui, e especialmente aos meus amigos, que estiveram comigo no estágio.

REFERÊNCIAS

- BERNARDY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira. Importância do estágio supervisionado para a formação de professores. *In: XVII SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. Anais [...]*. [S. l.]: Unicruz, 2012. p. 1-4.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire**: uma vida entre aprender e ensinar. [S. l.]: Ideias e Letras, 2021.
- DOS SANTOS, Josely Alves; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DE PAIVA, Adriana Borges. O pensamento educacional de John Dewey. **Cadernos da FUCAMP**, v. 21, n. 52, 2022.
- SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista UNAR**, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.



ENSINO DE GEOGRAFIA, FRENTE À VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DOS MUNICÍPIOS DE BELÉM E DE ANANINDEUA

Wisla Dias Barbosa
Pesquisadora-bolsista PIBIC/UEPA
wisla.d.barbosa@aluno.uepa.br

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora PIBIC/UEPA)
claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

De acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 32,6% da população se encontra em situação de vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Belém (IBGE, 2022), espaço que compõe um núcleo urbano complexo inserido na Amazônia brasileira e que enfrenta desafios socioambientais profundos, que se refletem diretamente no âmbito escolar e no cotidiano de alunos e de professores.

Essa pesquisa, que se propõe a analisar o ensino de Geografia e os aspectos da vulnerabilidade socioambiental nos espaços escolares, selecionou nove escolas, sete das quais estão situadas em Belém (PA) e duas, em Ananindeua (PA), e envolveu a participação de professores atuantes em instituições privadas e públicas, das redes municipais e estaduais. O seu delineamento foi transversal e os seus dados foram coletados, através de entrevistas, com perguntas direcionadas a docentes atuantes na educação básica, sobre aspectos dos espaços escolares, do ensino de Geografia e da vulnerabilidade socioambiental em Belém e na sua região metropolitana. A entrevista foi dividida em quatro eixos temáticos: I - Conceitos e abordagens; II - Vulnerabilidade socioambiental em Belém e na sua região metropolitana; III - Perspectivas e soluções; e IV – A COP30 e a comunidade escolar.

Dessa forma, essa pesquisa é de grande relevância, por buscar identificar de que forma os docentes da educação básica desenvolvem práticas pedagógicas, frente aos processos de vulnerabilidade socioambiental dos alunos e dos bairros, nos quais as escolas estão localizadas. A compreensão destas estratégias é fundamental, para fomentar políticas educacionais mais inclusivas e mais

contextualizadas, que considerem as realidades adversas enfrentadas por muitas comunidades.

Ao todo, sete bairros foram visitados: Guanabara; Batista Campos; Parque Verde; Marex; Una (Valparaíso); Tenoné; e Cruzeiro (em Icoaraci), e o objetivo do estudo foi o de identificar os processos de vulnerabilidade socioambiental nos alunos e nos bairros das escolas, além de relacionar esta problemática à COP30 — as colaborações recebidas dos professores e das direções pedagógicas das instituições foram de extrema importância para o êxito da pesquisa.

A presente pesquisa fará a exposição de dois dos eixos temáticos: vulnerabilidades socioambientais em Belém e na sua região metropolitana; e perspectivas e soluções.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 Vulnerabilidades socioambientais em Belém e em sua região metropolitana

Os processos de urbanização de Belém e da RMB, marcados por continuidades históricas de segregação espacial e por pressões contemporâneas de metropolização, estabeleceram as bases para a geração de vulnerabilidades socioambientais multidimensionais (Sathler *et al.*, 2009). Essas vulnerabilidades se materializam de forma crítica em bairros periféricos e em escolas públicas, em que a sobreposição de riscos ambientais, de carências infraestruturais e de limitações institucionais expõe populações já marginalizadas a ciclos de precarização.

A análise das entrevistas aplicadas aos professores da educação básica revelou padrões cruciais de vulnerabilidade socioambiental em Belém e em Ananindeua, pois, quando questionados sobre os bairros com maiores índices de vulnerabilidades e, de acordo com os informantes, extensos volumes de precariedade, foram referidos os bairros mais periféricos e as áreas de baixada, a exemplo de Jurunas e de Guamá, citados por 80% dos entrevistados como espaços de pobreza e de precariedade, seguidos de Aurá (40%), associado ao lixo urbano, e de Tapanã (30%). Esses dados se sustentam, quando relembramos do estudo de Souza (2015), que apontou que a segregação socioespacial na Amazônia se apresenta principalmente em espaços de periferias urbanas, mormente na concentração de riscos ambientais e nas exclusões socioambiental e espacial.

Durante as pesquisas nos espaços de vulnerabilidades escolares, recordamos de Dias (2008), que nos traz uma reflexão acerca da cidade, evidenciando a acentuada desigualdade socioespacial, observada na concentração de serviços urbanos em áreas historicamente privilegiadas, em detrimento de demandas das periferias, pelas gestões públicas, que priorizam atração de investimentos e desenvolvimento econômico. Os problemas socioambientais relatados pelos professores refletem sobreposições de vulnerabilidades nos bairros de alocação das escolas, como violência e tráfico de drogas, além disso os problemas



ambientais, como a poluição de canais, o acúmulo de lixo, por falta de coleta, e o esgoto a céu aberto, acabam por trazer doenças, como a dengue, que também foi relatada.

A infraestrutura precária, que caracteriza a cidade de Belém e a sua região metropolitana, é um problema grave e recorrente, citado por quatro dos professores entrevistados. Nesse caminho, a falta de saneamento básico e os alagamentos frequentes, agravados pela expansão urbana desordenada, também são marcantes nas cidades amazônicas, cujo crescimento populacional não é acompanhado por políticas públicas eficientes. No entanto, como argumenta Lefebvre (1974, p. 46), “[...] o espaço urbano é produzido por relações desiguais de poder”, o que exige análises críticas sobre as formas pelas quais a marginalização territorial impacta a qualidade da educação — e os modos pelos quais os docentes estão trabalhando para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos inseridos nestes locais.

Essa realidade reflete descasos históricos dos poderes públicos, que priorizam investimentos em áreas centrais e elitizadas, enquanto bairros periféricos sofrem com ausências de serviços essenciais. A falta de drenagem urbana adequada, por exemplo, aumenta riscos de doenças, como a dengue, que foi relatada pelos entrevistados, e reforça a exclusão socioespacial, já que as condições precárias afetam diretamente a qualidade de vida e o desenvolvimento educacional dos alunos.

Assim, concordando com Dias (2008), pode-se perceber o descaso do poder público, sendo evidentes a prioridade dada a bairros elitizados, como visto no Batista Campos, e as faltas de infraestrutura e de desenvolvimento dos demais bairros da pesquisa, como o Tenoné e o Cruzeiro, de Icoaraci.

A violência estrutural, mencionada por 60% dos entrevistados, é um reflexo da marginalização socioeconômica, na qual o tráfico, os assaltos, a presença do crime organizado, além dos conflitos familiares, tornam-se parte do cotidiano. Esse cenário reforça a ideia de que a insegurança e a desigualdade socioespacial caminham juntas, já que muitos estudantes acabam por não se perceber nos processos de desenvolvimento social, afetivo, econômico e cognitivo de seus bairros, em razão da precariedade e das vulnerabilidades socioespacial e ambiental ocasionadas pelos referidos problemas. A presença constante destes desafios impede o estabelecimento de um ambiente seguro à educação formal, aumentando a evasão escolar e reduzindo o engajamento dos alunos em sala de aula, aspecto debatido por Amartya Sen (1999, p. 23), para quem “[...] a privação de liberdade econômica, na forma de pobreza extrema, pode tornar a pessoa uma presa indefesa na violação de outros tipos de liberdade”, o que aponta que a

vulnerabilidade está direcionada a questões econômicas e sociais, principalmente.

2.2 Presenças de projetos e de iniciativas locais: mitigação das vulnerabilidades nos espaços escolares?

Sete dos dez entrevistados disseram que há projetos de sustentabilidade nas escolas, o que corresponde a 70% de escolas com atuações de projetos, contudo os informantes pontuaram que estes são desenvolvidos por professores, logo não possuem vínculos institucionais e apoios dos corpos administrativos das escolas, incluindo suas direções. Segundo Santos (2007), uma boa prática de Educação Ambiental deve guiar o indivíduo ao conhecimento da problemática ambiental, entretanto se percebem os descasos públicos com bairros de áreas periféricas, a exemplo do seguinte relato:

“Às vezes eu tenho a impressão de que Icoaraci é um lugar abandonado e muitas vezes, por ser um lugar muito distante, é praticamente uma das últimas pontas da parte de Belém, então às vezes esses projetos não chegam em bairros que estão distantes, mas sim os muito mais próximos aos centros de Belém” (informação verbal, 2025).

Assim, reconhece-se o abandono, visto e vivenciado pelo professor de uma escola localizada no distrito de Icoaraci, situada em uma área afastada do centro e inserida em um contexto de vulnerabilidade socioespacial. Essa realidade evidencia as desigualdades territoriais, que marcam a urbanização de Belém, cuja periferia sofre com precariedades de investimentos públicos, refletindo-se diretamente nas condições de trabalho docente e no direito à educação de qualidade dos alunos residentes na região, problemática não presenciada em um bairro elitizado do centro de Belém:

“Aqui no centro, eu acredito que existe esse projeto por conta da limpeza que tem que ser regular e não poder ficar na rua mais nessa região. A gente tem preocupação com a poluição do ambiental nos bairros aqui, por conta que há essa atenção maior” (informação verbal, 2025).

É importante lembrar de que, embora 70% das escolas entrevistas possuam projetos vinculados ao meio ambiente, as 30% restantes não os possuem — embora se considere dez entrevistados uma amostra ínfima —, o que evidencia as faltas de estruturas e de apoios, por parte das coordenações escolares e, principalmente, das gestões públicas. Os sete entrevistados mostram um cenário otimista, entretanto há espaços para crescimento e para conscientização. Segundo Tozoni-Reis (2012), a aplicação da Educação Ambiental em escolas da rede pública acaba se tornando um grande desafio, mais complexo do que a própria educação básica de qualidade, porém se pode perceber que os próprios



professores estão à frente de tais projetos, tanto na escola, incentivando os alunos, quanto nos seus bairros de moradia.

Mesmo com avanços, é importante garantir que todas as escolas implementem ações para mitigação dos problemas aqui descritos, que acabam por afetar a comunidade escolar e toda a população destes espaços. A Escola Estadual Instituto Bom Pastor, por exemplo, situada no município de Ananindeua, teve uma turma de sexto ano apoiada pela Polícia Militar, em um projeto de combate à violência e de coleta correta de resíduos, os quais seriam trabalhados pela reciclagem.

2.3 Políticas escolares a vulnerabilidades dos alunos

Sete dos dez entrevistados afirmaram a ocorrência de projetos de sustentabilidade em suas escolas, mas expressaram, contudo, que tais projetos são desenvolvidos por professores e, não, pelas direções das instituições. Isso deixa uma parcela significativa, de 30%, ausente destes projetos, o que, mesmo sendo uma parcela pequena da amostra, evidencia as faltas de estruturas e de apoios das coordenações escolares, como relatado por um docente de escola pública:

“A gente faz a escuta, a gente se esforça, mas, é até uma crítica que eu faço aos outros entes como a família, ao estado, é que muitas vezes o professor se sente sozinho nesse processo porque a secretaria não dá o apoio. [...] então muitas vezes é como nadar contra a correnteza onde às vezes a gente consegue ou somos afogados por esse caminho” (informação verbal, 2025).

Sorrentino *et al.* (2005) afirmam que a transformação social, da qual a Educação Ambiental trata, tem a superação das desigualdades e das injustiças sociais e ambientais como objetivo, logo os sete entrevistados engajados em projetos revelam um cenário positivo, mas apontam para as faltas de políticas públicas e de amparo das próprias gestões das escolas em situação de vulnerabilidade socioambiental. Desse modo, mitigar riscos ambientais nestes bairros, através de políticas públicas adequadas, e evitar riscos futuros se torna importante, para garantir, aos cidadãos, o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado previsto na Constituição Federal brasileira (Brasil, 1998).

Embora haja iniciativas locais, como as mencionadas pelos discentes, como a coleta de lixo, a ausência de programas voltados aos alunos em vulnerabilidade, que se dá em 70% das escolas, demonstra descontinuidades nas políticas

públicas. Esse dado é alarmante, pois indica que, apesar das intenções e dos esforços pontuais, as faltas de estrutura e de continuação impossibilitam mudanças reais e sustentáveis para as comunidades e para os discentes. Entre as nove escolas visitadas, apenas uma tinha uma horta comunitária implementada, de grande ajuda à população, ou projeto de uso sustentável de resíduos sólidos e orgânicos, voltado aos desenvolvimentos do bairro e da escola. No decorrer da pesquisa, ficou notória a presença de investimentos em escolas mais próximas do centro urbano, enquanto as mais afastadas são desconsideradas, pelo poder público. Exemplares disto são as iniciativas para o melhor desenvolvimento de alunos em situação de vulnerabilidade socioambiental, com presenças de psicopedagogos em apenas quatro das nove escolas — na rede pública, apenas duas instituições de ensino apresentavam tal profissional, consagrado ao apoio socioemocional do alunado. Diante da grande quantidade de famílias em condição de vulnerabilidade nestas escolas, cresce a demanda colocada a governantes e a profissionais da educação, por medidas de intervenção, que evitem ou atenuem as consequências negativas de tal problema (Stengers, 2015). Programas ou serviços de ajuda a alunos nesta condição foram constatados em oito entrevistas (80% da amostragem), somando sete escolas com projetos, que incluem, por exemplo, distribuições de cestas básicas.

Assim, como mencionado por Cavalcanti (2012), a formação inicial do professor de Geografia, para atender a tais pressupostos, deve estar ligada a um ensino de caráter crítico, voltado ao desenvolvimento do intelecto dos alunos, buscando uma construção de conhecimentos e os colocando como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Porém, o poder público também precisa estar inserido em tais soluções, para que haja o desenvolvimento das estruturas ambiental e social dos bairros dos estudantes, assim como o possível avanço das realidades destes e das suas comunidades escolares.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A pesquisa desenvolvida permitiu as análises crítica e contextualizada das formas pelas quais as escolas públicas e privadas de Belém e de Ananindeua enfrentam os desafios das vulnerabilidades socioambientais. Os resultados evidenciaram um cenário marcado por profundas desigualdades territoriais, econômicas e estruturais, em que as escolas de bairros periféricos e de baixadas sofrem com falta de infraestrutura, com violência estrutural e com ausência de políticas públicas efetivas, enquanto instituições de áreas centrais da Região Metropolitana de Belém concentram investimentos e projetos institucionalizados.

Apesar das adversidades, os professores demonstram resiliência e criatividade, ao desenvolver iniciativas pontuais, como hortas escolares, oficinas de reciclagem e projetos de produção de gases, através da decomposição de resíduos orgânicos, como visto na escola Dom Pedro I, de iniciativa do docente entrevistado. No entanto, essas ações, embora valiosas, são insuficientes para romper o ciclo de exclusão, que afeta os alunos destes contextos de vulnerabilidades. Em contraposição, a ausência de psicopedagogos em grande

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



parte das escolas e a descontinuidade das políticas públicas reforçam a necessidade de abordagens integradas, que articulem educação, saúde, assistência social e planejamento urbano.

Em síntese, essa pesquisa reforça a urgência de políticas educacionais, que reconheçam a escola como espaço de resistência e de transformação social, o que demanda compromissos políticos e ações coordenadas entre poderes públicos, comunidades e instituições de ensino. A Geografia, como ciência crítica do espaço, tem um papel fundamental neste processo, ao evidenciar as desigualdades e ao fomentar práticas pedagógicas, que empoderem alunos e professores na construção de territórios mais justos e mais sustentáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Vulnerabilidade socioambiental. Educação geográfica. Desigualdades urbanas. Políticas públicas. COP30.

AGRADECIMENTOS

À Universidade do Estado do Pará e à orientadora Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy, pela oportunidade de fazer parte desta pesquisa e por me desafiar, a cada dia, a ser uma boa pesquisadora e, assim, a me aprofundar na área da educação, aos professores e aos gestores escolares, que colaboraram com esta pesquisa, e ao meu amigo e companheiro de pesquisa Anthony Luciano, por estar nesta jornada.

REFERÊNCIAS

- ALVES, H. P. F.; TORRES, H. G. Vulnerabilidade socioambiental na metrópole paulistana: uma análise sociodemográfica das situações de sobreposição espacial de problemas e riscos sociais e ambientais. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 23, n. 1, p. 43-59, jan./jun. 2006.
- BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm. Acesso em: 10 jun. 2025.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia escolar**. Campinas: Papirus, 2012.
- DIAS, J. A. M. Conflitos ambientais urbanos em Belém/PA. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 4., 2008, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: ANPPAS, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 1968.

- SANTOS, B. S. **Para uma revolução democrática da justiça**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SATHLER, D. *et al.* Urbanização e metropolização na Amazônia brasileira: processos e tendências. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 11, n. 1, p. 45-66, 2009.
- SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SORRENTINO, M. *et al.* Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, 2005.
- STENGERS, I. **O tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SOUZA, M. L. Metropolização e segregação na Amazônia: o caso de Belém. Belém: NAEA/UFPA, 2015.
- TOZONI-REIS, M. F. C. Educação Ambiental na Escola Básica: reflexões sobre a prática dos professores. **Revista Contemporânea de Educação**, n. 14, p. 112-128, ago./dez. 2012.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE **GEOGRAFIA**

**“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”**

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



CAPÍTULO IV

Formação Docente e Desafios Contemporâneos

A REDEFINIÇÃO DO ESTEREÓTIPO SOCIAL DA AMAZÔNIA, A PARTIR DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO NÍVEL FUNDAMENTAL II

Athos Salviano Maia Pinheiro

athosmaia1@gmail.com; Estágio Docente II - 2025.1

Karen Cristina Braga da Silva

braga.karen00@gmail.com; Estágio Docente II - 2025.1

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

A maneira como os alunos percebem o mundo ao seu redor está profundamente ligada às representações sociais e às relações com o ambiente (Cavalcanti, 2005). No caso da região amazônica, essa percepção é frequentemente moldada por ideias pré-concebidas da mídia, que tende a apresentar estereótipos sobre a região, como as ideias de que a Amazônia é um paraíso intocado, sem intervenção humana, ou um espaço de destruição e de conflitos ambientais. No cotidiano escolar, percebe-se que muitos estudantes possuem uma percepção empírica da região amazônica, partindo de suas experiências locais, da observação da natureza ao redor, das dinâmicas que ocorrem em seu bairro ou das atividades presentes em seu entorno. Entretanto, essa visão empírica muitas vezes possui pressuposições, que limitam uma compreensão mais crítica e mais contextualizada da Amazônia, que é uma região complexa, diversa e historicamente construída.

No dia 11 de março de 2025, na escola EEEFM Instituto Bom Pastor, localizada no bairro Guanabara, em Ananindeua (PA), no decorrer de uma aula sobre estudos amazônicos, com o tema "Espaço Geográfico Amazônico: conceitos e importâncias", o professor em sala, durante a explicação de alguns conceitos geográficos, relacionados à Amazônia, observou que os alunos ainda enxergam a região do ponto de vista natural, sem a intervenção do homem em seu meio; apenas com a presença das populações originárias e tradicionais, sem grandes mudanças naturais. Ao longo da explicação, essa visão foi se diluindo e se relacionando a mudanças artificiais, feitas na relação natureza-homem.

Historicamente, a região amazônica tem sido representada, a partir de visões estereotipadas, construídas sob uma lógica externa, que invalida os saberes tradicionais e que nega a diversidade presente no território (Porto-Gonçalves, 2001). Esses discursos, frequentemente oriundos de interesses políticos e econômicos, contribuíram para justificar a exploração e a dominação, sustentadas por discursos, como "vazio demográfico", "terra sem gente, para gente sem terra" ou "inferno verde", muito disseminados, durante a ditadura militar. Tais estereótipos negam a presença e a (re)existência histórica dos povos amazônidas e acentuam estruturas desiguais de poder, que seguem presentes no cenário

**I JORNADA DE ESTÁGIO DO
CURSO DE
GEOGRAFIA**
“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



atual. Essa dinâmica também se manifesta nas vivências cotidianas, especialmente nos centros urbanos da Amazônia, em que parte da população, influenciada por representações midiáticas, encontra dificuldade em perceber os meios natural e urbano. Isso também se deve à mídia, que, ao insistir em narrativas, como as da floresta intocada, do “pulmão do mundo” e da Amazônia atrasada, reforça imagens, que desumanizam e que marginalizam os sujeitos amazônicos. De acordo com Porto-Gonçalves (2001), essas representações reduzem a complexidade da região e apagam suas expressões culturais, sociais e históricas, desconsiderando a pluralidade, que constitui as diversas “Amazônias” existentes.

Nesse sentido, as aulas de Estudos Amazônicos assumem um papel importante, ao buscar desconstruir criticamente os discursos propostos pela mídia e ao fomentar, nos estudantes, uma visão mais reflexiva, mais crítica e mais situada sobre o território amazônico (Brasil; Oliveira, 2024). Nesse sentido, a proposta deste texto é a de averiguar como os imaginários dos estudantes estão atravessados por estereótipos e quais fontes midiáticas levaram a estas percepções.

O presente artigo, apoiado nas dinâmicas propostas por Rêgo da Rocha e Raiol Amoras (2006), tem o objetivo principal de problematizar estas concepções, possibilitando a desconstrução de imagens estereotipadas e contribuindo para que os alunos reconheçam a si mesmos como sujeitos amazônidas conscientes de sua identidade, de sua história e do papel que desempenham na construção e na transformação do território amazônico. A pesquisa foi desenvolvida no âmbito da disciplina de Estudos Amazônicos, em uma turma do 8º ano do ensino fundamental da escola investigada, durante o primeiro semestre letivo de 2025, sob proposição do componente curricular Estágio Docente em Geografia II, do curso de Licenciatura em Geografia da UEPA. A escolha da turma considerou o conhecimento prévio dos alunos, tendo em vista que estes já abarcam conhecimentos de séries anteriores e têm acesso fácil a informações.

2. METODOLOGIA.

A metodologia partiu da atividade proposta por Rêgo da Rocha e Raiol Amoras (2006), atualizada para interpretar ocorrências de mudanças no cenário escolar, com o passar do tempo. Dessa maneira, ela foi estruturada em dois momentos: no primeiro, foi realizada uma socialização em sala de aula, na qual os alunos puderam compartilhar seus conhecimentos sobre a Amazônia — esse momento inicial foi fundamental para mapear representações já formadas no imaginário dos estudantes, bem como para identificar o vocabulário, as referências culturais e as concepções de cada aluno sobre a região; e, no segundo momento, os alunos participaram de uma atividade prática, em que foi solicitado que realizassem um desenho livre sobre a Amazônia, permitindo representações diversas, como humana, cultural ou paisagística — a proposta da atividade foi comunicada da seguinte forma:

“Façam um desenho livre sobre a Amazônia, podendo representar aspectos humanos, culturais ou paisagísticos, e, com base em diversas fontes de informação, como Internet, televisão, livros, redes sociais, filmes ou conversas com familiares, escreva um breve texto, descrevendo seu desenho e revelando de quais fontes ele foi retirado”.

Nessa etapa, buscou-se analisar como as representações construídas pelos alunos se relacionam a mídias e a fontes de informação, às quais estes têm acesso, problematizando a questão de como estas contribuem para a constituição de visões mais crítica e mais diversificada sobre a Amazônia ou se, ao contrário, elas reforçam estereótipos recorrentes.

As análises dos desenhos e dos textos descritivos permitiram observar a pluralidade de percepções dos estudantes e avaliar o grau de influência externa na construção de suas ideias sobre o território amazônico. Segundo Cavalcanti (2002), uma das formas de se trabalhar a Geografia em sala de aula é por meio da representação social do cotidiano, pois ela transforma o aluno em sujeito ativo do processo educativo. Nesse sentido, destaca-se a relevância de desconstruir estereótipos acerca da Amazônia, permitindo que o docente adote uma postura crítica, diante do espaço geográfico, compreendendo-o como um lugar vivido, dinâmico e construído pelas ações humanas.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

O estágio é uma etapa fundamental à formação acadêmica, durante a graduação e a formação profissional, pois permite, ao discente, perceber as diferentes relações entre teoria e prática em sala de aula, podendo utilizar os conhecimentos teóricos na prática (Passini, 2015, p. 29). Durante o período de estágio, todo processo de experiência observada em sala de aula se mostrou positivo, no que cabe à disciplina, que se mostra necessária para perceber as relações presentes na Educação Básica e as diferentes formas de trabalhar com realidades distintas, além de observar como o ensino é desenvolvido na atualidade, devido a mudanças nas estruturas curriculares.



Com o início do período de estágio em 11/03/2025 e com a sua inconclusão no corrente momento, o tempo de sua realização contará com 30 dias de atividades em sala de aula, com os alunos, seja em observação ou em regência, contando com cinco aulas ministradas, sob supervisão do professor regente da disciplina de Geografia, junto da aplicação da atividade Jornal Geográfico para os alunos, o qual foi elaborado e apresentado em aula da Universidade do Estado do Pará (UEPA), sob supervisão da professora responsável pela disciplina de Estágio Docente em Geografia II. Do período de observação inicial nas turmas de 6º a 9º anos do nível fundamental II, foi importante ressaltar o acompanhamento, nas disciplinas de Estudos Amazônicos e de Educação Ambiental, além da de Geografia, de todos os conteúdos e as atividades colocadas neste momento; voltadas, em sua totalidade, para as avaliações bimestrais. Após o período de observação inicial, o processo de regência se deu de forma gradual, sob supervisão do professor em sala, para auxiliar nas aulas, além de reuniões, para planejamento e para construção das aulas seguintes, dando continuidade ao conteúdo.

Em um segundo momento, durante uma aula de Estudos Amazônicos sobre o tema “Espaço geográfico amazônico: conceitos e importâncias”, em que se discutia a importância da Amazônia e os seus significados, foi possível ter uma primeira percepção sobre os conhecimentos dos alunos acerca da Amazônia, consoante as formas como compreendem a região e os próprios conhecimentos sobre ela, obtendo nova percepção, durante aula com o tema “Estereótipos brasileiros”, que com explicações sobre estereótipos do Brasil e seus impactos, também evidenciando aspectos sobre a região amazônica. Nesse momento em especial, foi possível observar como estas representações ainda estão presentes nas visões de estrangeiros e dos próprios brasileiros. No decorrer da atividade, alguns alunos reproduziram certos estereótipos, o que só evidencia a força destas construções sociais.

4. DISCUSSÃO.

Observou-se que, apesar dos esforços realizados em sala de aula, para promover uma visão crítica sobre a Amazônia, a mídia continua exercendo forte influência na formação de estereótipos sobre a região.

Um exemplo disto pôde ser visto no Desenho 1 (Anexo A), em que o aluno escreve: “Esse desenho é uma casa da Amazônia que eu vi na TV canal 7 da Globo”. Essa afirmação revela o papel da mídia como fonte de informação, que, muitas vezes, reforça representações simplificadas ou distorcidas da realidade amazônica. A mídia atua como uma das principais difusoras de representações,

construídas a partir de interesses econômicos ou políticos (Porto-Gonçalves, 2001). O desenho não faz considerações sobre aspectos sociais, culturais e históricos do território; a imagem retratada demonstra uma visão apenas naturalizada da região. Essa representação dialoga com as reflexões de Cavalcanti (2005), para quem é necessário desconstruir a ideia da Amazônia como espaço unicamente natural, exótico ou distante da realidade dos alunos, e apresentar a compreensão de sua complexidade, enquanto território vivido, ocupado por diversas populações e repleto de múltiplas dinâmicas econômicas, sociais e ambientais.

Já o Desenho 2 (Anexo B) revela que as informações utilizadas em sua elaboração foram obtidas na rede social TikTok, pois o aluno afirma: “Animais: leopardo, gato, girafas, passarinhos, gaviões, elefante isso me lembra a Amazonia porque é uma floresta aleatória vejo no tik tok toda hora”. Com isto, evidencia-se, mais uma vez, a predominância de representações naturalizadas da Amazônia, mostrando apenas elementos da natureza, especialmente animais, que, em sua maioria, não estão presentes na fauna amazônica, como leopardos, elefantes e girafas. Esse desenho reforça a ideia de como as plataformas de vídeos curtos invisibilizam as diversidades cultural, social e histórica locais, assim os alunos constroem percepções, a partir de conteúdos descontextualizados, o que compromete uma compreensão mais crítica. Como afirma Porto-Gonçalves (2001), as representações construídas de fora frequentemente ignoram os sujeitos que vivem a Amazônia e acabam revelando mais sobre quem as produz do que sobre a própria região, contribuindo para a difusão de ideias colonizada e homogênea da floresta.

Portanto, a persistência destes estereótipos evidencia o desafio enfrentado pelos professores na construção de um ensino de Geografia, que vá além do senso comum, promovendo leituras mais críticas do espaço e das representações veiculadas pelos meios de comunicação. Para isto, faz-se necessário o reconhecimento dos seres amazônidas, objetivando romper com os estereótipos, assim o vivido ajuda os sujeitos a se verem como protagonistas, rompendo com as ideias midiáticas, objetos de discursos externos (Porto-Gonçalves, 2001).



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

É possível perceber que os estereótipos relacionados à Amazônia ainda persistem no imaginário social, inclusive entre os próprios estudantes locais, analisando a permanência de reflexões sobre a região ainda associadas à floresta, apenas, seja na questão da falta de desenvolvimento, seja no aspecto do isolamento da região. A identificação e a reprodução destes estereótipos, durante as atividades, evidenciam a urgência de práticas pedagógicas, que proporcionem a valorização da complexidade amazônica e a reflexão crítica sobre esta, desvinculando-a de ideias preconcebidas.

Nesse sentido, é importante destacar a relevância da matéria de Estudos Amazônicos, que desempenha um papel fundamental, ao apresentar a Amazônia como um espaço vivo e dotado de grande diversidade, ao abordar temas, que trabalhem questões, como as das populações tradicionais, da organização social, das formações econômica e política, além dos desafios socioambientais atuais e da formação urbana, contribuindo significativamente para a desconstrução de visões simplistas e para a formação de estudantes mais conscientes, que saibam reconhecer e valorizar a pluralidade amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipos. Ensino. Amazônia. Vivido. Mídia.

AGRADECIMENTOS

Queremos deixar nossa gratidão e nosso reconhecimento à Universidade Estadual do Pará, junto do curso de Geografia, pelos aprendizados e pelas vivências ofertados pela disciplina de Estágio Docente em Geografia II, e à professora da disciplina, Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy, e ao professor orientador, Glauco Araújo; sua experiência e sabedoria foram fundamentais ao nosso desenvolvimento profissional, bem como tornaram possível compreender as dinâmicas encontradas em sala de aula. Por fim, agradecemos ao Instituto Bom Pastor, que disponibilizou o espaço, para que pudéssemos desenvolver nossas habilidades em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL, A. de P. de M. dos S.; OLIVEIRA, E. da S. Estudos amazônicos: uma análise da disciplina escolar como estratégia para a abordagem regional em sala de aula. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 257-271, 2024. DOI: 10.35701/rcgs.v26.939. Disponível em: [//rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/939](http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/939). Acesso em: 31 jul. 2025.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 25, n. 65, p. 185-207, maio/ago. 2005.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

RÊGO DA ROCHA, G. O.; RAIOL AMORAS, I. C. O ensino de geografia e a construção de representações sociais sobre a Amazônia. **Terra Livre**, [s. /], v. 1, n. 26, p. 143-164, 2015. DOI:10.62516/terra_livre.2006.212. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/212>. Acesso em: 1 jun. 2025.



RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DOCENTE SUPERVISIONADO: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MARIA DAS MERCÊS DE OLIVEIRA CONÔR, EM CASTANHAL (PA)

Hemanoely Sthefany da Silva Mendes

hemanoely.sdsmdendes@aluno.uepa.br; Estágio Docente Supervisionado II - 2025

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)

rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

Esse resumo expandido é fruto das atividades desenvolvidas na disciplina de Estágio Docente em Geografia II, cursada pela turma do sétimo semestre do curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no ano de 2025. Sua elaboração foi parte da avaliação final da disciplina, tendo, como principal objetivo, refletir sobre as experiências vivenciadas no estágio supervisionado.

Nesse sentido, o texto busca apresentar as principais práticas pedagógicas realizadas, os desafios enfrentados no ambiente escolar e as contribuições que este período de formação prática proporcionara à construção da identidade docente dos alunos envolvidos. A partir desta vivência, torna-se possível compreender o papel do professor de Geografia na escola com mais profundidade, além de reconhecer a importância do estágio como etapa fundamental na articulação entre teoria e prática, no processo de formação docente.

A instituição de ensino Maria das Mercês de Oliveira Conôr é uma escola, que oferta os ensinos fundamental maior e médio, que está localizada no município de Castanhal, no estado do Pará, na travessa Elias Damasceno, s/n, bairro São José, e que contém uma boa infraestrutura (o que proporciona um bom aprendizado nas aulas), incluindo um quantitativo de 41 professores, quatro dos quais atendem à disciplina de Geografia, distribuídos entre os níveis fundamental e médio (EEEFM..., 2024).

A escola Maria das Mercês de Oliveira Conôr começou a funcionar no dia 29 de março de 2000, com um total de 22 turmas, sendo seis, de ensino médio, cinco, de EJA e 11, de fundamental, tendo as professoras Edna Cristina e Norma Coeli de Moura e o professor Osvaldo Favacho no seu corpo técnico administrativo. A escola se localiza em uma área de invasão populosa e carente, com famílias

oriundas de diversas regiões. Grande parcela da comunidade escolar é formada por filhos de famílias de baixa renda e sem empregos, muitas vezes, pertencentes à base da pirâmide social, que moram em áreas de risco, ocupadas pelo tráfico de drogas e sujeitas a violências de todo tipo, bem como portadores de diplomas de ensino fundamental, iletrados, com pouco acesso a bens de consumo, à Internet e a assistência à saúde (EEEFM..., 2024).

Atendendo a um total de 1.500 alunos da comunidade local, o currículo da escola se utiliza da realidade para debater, para instigar, para discutir o ensino, isto é, coloca esta realidade no processo de interação entre a escola, as famílias e a comunidade, buscando promover o desenvolvimento pleno do ser humano nas mais diversas competências, enxergando o aluno como ser livre, pensante, capaz de mudar sua realidade, face a estímulos positivos e motivadores, realizados pela escola (EEEFM..., 2024).

O estágio se deu entre 27 de março e 23 de maio de 2025, período de observação em sala de aula no qual foi possível compreender a própria necessidade de o graduando ter este tempo de experiência, pois este cenário fará parte de sua vida profissional, futuramente.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

Antes do início das atividades do estágio supervisionado em sala de aula, o professor supervisor reuniu os estagiários, para repassar orientações importantes sobre o seu desenvolvimento. Nesse momento, foram apresentados os objetivos da prática, as expectativas, quanto à postura profissional, os procedimentos de observação e de intervenção, além das diretrizes para o registro das experiências vivenciadas. Essas instruções foram fundamentais para que todos compreendessem a importância do estágio como parte essencial à formação docente, proporcionando maiores segurança e clareza, quanto às responsabilidades que cada um assumiria, ao ingressar no ambiente escolar.

O primeiro passo para o início do estágio supervisionado incluiu as assinaturas do termo de compromisso, da ficha de avaliação e da ficha de registro das atividades desenvolvidas nas aulas. Toda a documentação foi impressa em três vias, garantindo que uma cópia ficasse arquivada na Universidade do Estado do Pará (UEPA), que outra fosse para o estagiário e a última, para a escola, em que o estágio seria realizado. Esse procedimento foi essencial para formalizar a participação no estágio e para assegurar a organização e o acompanhamento das atividades, por todas as instituições envolvidas — todos estes procedimentos foram obrigatórios.

Cada estagiário ficou responsável por reger, ao menos uma vez, uma turma em sala de aula, sendo necessário entregar previamente, ao professor supervisor, um plano de aula detalhado. Em contrapartida, para a validação do estágio na disciplina, exigia-se do professor da escola que acompanhou o estagiário o mínimo de dois planos de aula entregues, além de duas fichas de avaliação devidamente preenchidas, nas quais constassem observações sobre o desempenho do aluno, durante as intervenções pedagógicas. Essa troca de

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



registros garantiu os acompanhamentos mais efetivos do processo de aprendizagem e da atuação prática dos estagiários.

A experiência de regência é fundamental ao desenvolvimento do futuro professor, proporcionando-lhe uma compreensão prática do controle e da dinâmica de sala de aula. Durante este período, foi possível aprender a organizar e a conduzir as atividades de forma eficiente, administrando o tempo disponível e cronometrando as diferentes etapas, que compõem uma aula. Além disso, o contato direto com a rotina escolar permitiu, ao professor em formação, familiarizar-se com o cronograma pedagógico da instituição, aprendendo a adaptar seu planejamento às exigências e ao ritmo da escola. Essa vivência contribuiu significativamente para o amadurecimento profissional, oferecendo uma base sólida ao exercício da docência, com responsabilidade e com autonomia.

O cronograma de conteúdos, tanto da disciplina de Geografia quanto da de Estudos Ambientais, foi disponibilizado pelo professor orientador às estagiárias, o que possibilitou uma organização mais eficaz das aulas. Juntos, construímos a agenda do semestre, definindo quem ministraria cada aula e em quais dias de forma colaborativa — essa divisão de responsabilidades favoreceu o planejamento e a integração da equipe. No entanto, enfrentamos uma dificuldade significativa, ao tentar associar corretamente as turmas às respectivas salas da instituição, o que comprometeu a fluidez das atividades planejadas, por vezes; ainda assim, a experiência contribuiu para o desenvolvimento das habilidades de adaptação e de resolução de problemas em um ambiente escolar real.

Os planos de aula elaborados foram pensados, de acordo com a realidade vivida no ambiente escolar. Em algumas turmas, por exemplo, eu tinha a intenção de utilizar o datashow como recurso didático, mas a intensa iluminação natural da sala dificultava a visualização dos slides. Já em outras salas, a situação era oposta: não havia iluminação adequada — nem natural, nem elétrica —, o que exigia que a porta fosse fechada, para melhorar a visibilidade da projeção, medida que tornava o ambiente extremamente quente e desconfortável a todos os presentes. Essas limitações exigiram flexibilidade e criatividade na adaptação das estratégias pedagógicas, reforçando a importância de planejar, considerando os conteúdos e, também, as condições físicas e estruturais da escola. Essas situações evidenciam o que autores, como Tardif (2002) e Nóvoa (1992), destacam sobre a importância do professor como sujeito que aprende continuamente com a realidade escolar e que adapta sua prática às condições concretas em que atua.

A experiência de regência mais desafiadora ocorreu em um momento, em que fui aplicar uma atividade sobre um conteúdo, que, segundo orientação do professor,

já havia sido trabalhado com a turma, no entanto percebi que os alunos ainda não tinham tido contato com aquele tema, ao chegar à sala de aula. Nessa situação inesperada, precisei adaptar rapidamente minha abordagem para ensinar o conteúdo naquele momento, sem um preparo prévio específico. Apesar da dificuldade inicial, consegui conduzir a explicação de formas clara e objetiva, permitindo que os alunos compreendessem o assunto, assim cumpri com o que o professor havia solicitado: aplicar e corrigir a atividade relacionada ao conteúdo. Essa vivência reforçou minhas capacidades de improvisação, de domínio de conteúdo e de segurança em sala de aula, mesmo diante de imprevistos — características fundamentais ao exercício docente, conforme destacam autores, como Libâneo (2013).

3.1. DISCUSSÃO.

De acordo com Oliveira (2020), no processo de ensino-aprendizagem, o professor assume um papel central na construção do conhecimento escolar, sendo o responsável por orientar a dinâmica em sala de aula. Os saberes adquiridos na formação docente são articulados às experiências práticas vivenciadas, o que possibilita o compartilhamento significativo do conhecimento. Nesse contexto, o professor não se limita a transmitir conteúdos geográficos de forma mecânica, mas envolve os alunos na construção conjunta do saber, valorizando suas vivências e promovendo uma postura ativa, diante dos estudos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Em síntese, o estágio supervisionado não apenas me aproximou da realidade da sala de aula, mas também me ensinou as importâncias da flexibilidade, do trabalho em equipe e da reflexão constante sobre a prática. Foi uma vivência rica, desafiadora e essencial ao meu crescimento como futura educadora.

A vivência do estágio supervisionado foi um marco essencial em minha trajetória de formação docente. Ao longo do processo, enfrentei desafios reais, que exigiram flexibilidade, criatividade e capacidade de adaptação — elementos que não se aprendem nos livros, mas na prática cotidiana da escola. Compreendi que ser professor vai muito além de transmitir conteúdos: é assumir as responsabilidades de mediar, de provocar reflexões e de construir, junto aos alunos, conhecimentos significativo e contextualizado.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Regência. Supervisão. Observação.

REFERÊNCIAS

EEEEFM Maria das Mercês de Oliveira Conôr. **Home**. Disponível em: <https://escolaconor.blogspot.com/>. Acesso em: 16 nov. 2024.
LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
NÓVOA, A. **Profissão professor**. Porto: Porto, 1992

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



OLIVEIRA, G. M. Vivências na formação docente em geografia: conhecendo o espaço escolar e os sujeitos da sala de aula no estágio supervisionado. **Revista Iniciação & Formação Docente**, Uberaba, v. 7, n. 2, p. 1-14, 2020.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 13, jan./abr. 2000.

ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

Ana Julia Lima da Rocha
ana.jl.rocha@aluno.uepa.br; *Estágio Supervisionado II - 2025.1*

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)
rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O estágio supervisionado desempenha um papel central na formação de professores, sendo um momento de articulação entre os conhecimentos teóricos adquiridos na graduação e a prática docente em sala de aula. Essa etapa permite, ao futuro educador, desenvolver competências pedagógicas e compreender melhor os desafios da profissão, integrando-se ao ambiente escolar e à realidade dos alunos.

Na licenciatura em Geografia, o estágio supervisionado é essencial para que o acadêmico compreenda as complexidades das relações espaciais e desenvolva estratégias de ensino, que aproximem os conteúdos geográficos ao cotidiano dos estudantes. Conforme enfatiza Pimenta (2012), o estágio é “[...] um espaço de aprendizado significativo, no qual o futuro docente vivencia e reflete sobre os diferentes aspectos da prática pedagógica”.

Esse relatório apresenta observações e atividades realizadas, durante a disciplina de Estágio Supervisionado II, integrante do curso de Licenciatura Plena em Geografia, cumprindo as exigências da formação docente. O estágio foi realizado na Escola Rotary Club de Castanhal, localizada na cidade de Castanhal (PA), instituição que oferece ensino presencial no turno diurno, atendendo do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, e que conta com 206 alunos e 23 professores, dois dos quais são responsáveis pela disciplina de Geografia.

Esse trabalho tem o objetivo de analisar a contribuição do estágio para a formação docente, com base em referenciais teóricos da área, além de descrever as práticas pedagógicas observadas e implementadas na escola.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

O estágio supervisionado teve início no dia 17 de março e foi concluído no dia 09 de maio de 2025, proporcionando vivências intensa e significativa na escola de execução. Durante o período, a experiência foi dividida em três momentos essenciais: observação; participação; e regência, cada um contribuindo de maneira fundamental para a minha formação docente.

No momento de observação, acompanhei o trabalho do professor Flávio com turmas do 6º ao 9º ano. Tais aulas eram marcadas por uma abordagem participativa, com destaque para os debates e para o estímulo ao pensamento crítico, por parte dos alunos. O professor frequentemente se inseria nas discussões, criando ambientes de diálogo e de construção coletiva do

**I JORNADA DE ESTÁGIO DO
CURSO DE
GEOGRAFIA**
“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



conhecimento. Essa metodologia despertou em mim uma nova compreensão sobre o processo de ensino-aprendizagem, especialmente sobre o papel do professor como mediador e como incentivador do protagonismo discente.

Na etapa de participação, fui incentivada a colaborar ativamente no planejamento e na condução das aulas, pelo professor. Em todas as oportunidades, ele me convidava a ministrar conteúdos e a desenvolver atividades com os alunos, sempre promovendo momentos de troca de experiências e de orientação. Colaborei com elaborações de exercícios, com aplicações de atividades e com discussões dos conteúdos abordados em sala de aula, o que possibilitou um contato mais próximo com os desafios e com as responsabilidades da prática docente.

Durante a regência, ministrei aulas sobre diversos temas da Geografia, entre eles Globalização, Educação Ambiental, aquecimento global e efeito estufa. Os planos de aula foram cuidadosamente elaborados, com base nos objetivos pedagógicos, propondo os usos de metodologias ativas, de recursos visuais (como slides e cartazes) e de formas de avaliação diversificadas. Uma das experiências mais marcantes aconteceu com a turma do 9º ano, quando desenvolvi uma atividade sobre Globalização, que envolvia as produções de cartazes e de apresentações em grupo, na qual o empenho e a dedicação dos alunos revelaram o quanto estavam engajados e interessados no tema.

Outro momento significativo ocorreu com a turma do 7º ano, que envolveu uma apresentação sobre a formação da população brasileira. Os alunos utilizaram cartazes, fizeram pesquisas e até pintaram os rostos, para representar os povos formadores, demonstrando criatividade e compreensão do conteúdo. Essas vivências reforçaram a importância de metodologias dinâmicas, que dialoguem com o universo dos estudantes e que tornem o aprendizado mais significativo.

Ao refletir sobre esta trajetória, reconheço o quanto o estágio contribuiu para os meus amadurecimentos profissional e pessoal, pois as experiências vividas permitiram desenvolver habilidades, como planejamento, organização de aulas, gestão de turma e escuta ativa. Compreendi que ser professora de Geografia vai além da transmissão de conteúdos: envolve sensibilidade, escuta, adaptação e, acima de tudo, compromisso com a formação crítica dos estudantes.

A principal lição, que levo desta jornada, é a de que a docência se constrói na prática, na escuta e na constante reflexão sobre o que fazemos em sala de aula, nesse sentido o estágio foi essencial para fortalecer minha identidade como educadora e para reafirmar minha paixão pelo ensino.

O estágio também foi uma excelente oportunidade para aprender com o docente Flávio, que compartilhou suas práticas e seus métodos, sempre me incentivando

a refletir sobre minha atuação como futura educadora. O aprendizado que obtive com ele foi fundamental ao desenvolvimento das minhas competências pedagógicas.

2.1. DISCUSSÃO.

O estágio supervisionado foi uma experiência fundamental para consolidar os conhecimentos teóricos adquiridos na formação acadêmica, proporcionando uma vivência prática do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Ao longo do estágio, pude perceber que as práticas pedagógicas são altamente influenciadas por uma série de fatores, incluindo as características da turma, o contexto escolar e as metodologias de ensino adotadas pelos docentes.

A primeira regência, ministrada para a turma do 9º ano, sobre Globalização, foi um exemplo claro de como o ensino de Geografia pode ser desenvolvido de maneiras interativa e prática. A teoria da Globalização, abordada por autores como Steger (2008), sugere que este processo não é apenas econômico, mas também social, cultural e ambiental. Ao relacionar este conteúdo à realidade dos alunos, que vivem em uma sociedade globalizada, pude perceber como é importante trabalhar os temas de forma contextualizada, permitindo que os estudantes compreendessem as implicações da Globalização em suas próprias vidas. As apresentações realizadas pelos alunos, utilizando slides e cartazes, também demonstraram o quanto a metodologia ativa, que envolve o aluno no processo de ensino-aprendizagem, é eficaz para tornar os conceitos mais significativos e mais compreensíveis.

Outro aspecto importante do estágio foi a abordagem de temas, como meio ambiente, Educação Ambiental e aquecimento global, que são centrais no currículo de Geografia. A literatura sobre Educação Ambiental, por exemplo, enfatiza a importância de informar os alunos sobre os impactos ambientais e sobre suas soluções possíveis de maneiras crítica e reflexiva. Em aula, foi possível observar que os estudantes se mostraram bastante engajados, ao discutir estas questões, refletindo sobre os desafios que o mundo enfrenta e sobre como suas ações podem contribuir para mitigar os problemas ambientais. A teoria de John Dewey sobre aprendizagem experiencial contribui para a compreensão de como o ensino de Geografia pode ser mais eficaz, quando os alunos são incentivados a refletir criticamente sobre temas e a desenvolver soluções para problemas reais.

Além disso, o estágio me permitiu vivenciar os desafios da profissão docente na prática, especialmente ao tentar manter a atenção dos alunos e garantir que todos compreendessem o conteúdo de maneira adequada. A diferenciação pedagógica, que propõe a adaptação do ensino para atender às diversas necessidades dos alunos, foi uma prática constante. Embora tenha sido desafiador, aprendi a importância de planejar aulas, que contemplem diferentes estilos de aprendizagem e que busquem envolver os alunos ativamente no processo.

O acompanhamento do docente Flávio também foi crucial para o meu desenvolvimento, enquanto futura docente. Ele me forneceu orientações

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



pedagógicas e dicas práticas sobre gestão de sala de aula, sobre estratégias de ensino e sobre a lida com as diversidades do grupo de alunos. Sua experiência foi uma fonte valiosa de aprendizado, confirmando a importância da orientação de professores mais experientes no processo de formação inicial dos docentes.

Em suma, o estágio me permitiu aplicar o conhecimento adquirido na graduação e, também, proporcionou-me uma compreensão mais profunda do ensino de Geografia, especialmente no que diz respeito à abordagem de temas complexos e atuais.

A interação com os alunos e o trabalho colaborativo com o professor orientador foram elementos-chave para meu crescimento como futura professora.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A realização do estágio supervisionado foi uma experiência transformadora, tanto no âmbito acadêmico quanto no pessoal. Ao longo do percurso, foi possível vivenciar os desafios e as potencialidades da docência na prática, enquanto a interação direta com os alunos, a construção de planos de aula, a vivência em sala e o acompanhamento de um professor experiente permitiram compreensões mais profunda e mais realista da profissão.

Durante as etapas de observação, de participação e de regência, foi possível refletir sobre o papel do professor como mediador do conhecimento, sobre a importância de metodologias ativas, que valorizem o protagonismo dos alunos, e sobre a necessidade de adaptar as estratégias de ensino às características e às necessidades de cada turma. O contato com diferentes turmas e temas contribuiu para ampliar minha visão sobre o ensino da Geografia e para fortalecer as capacidades de planejamento, de escuta, de flexibilidade e de criatividade no processo educativo.

Diante disso, concluo que o estágio supervisionado foi fundamental para reafirmar meu compromisso com a educação e para fortalecer minha identidade, enquanto futura educadora. Mais do que uma exigência curricular, a etapa representou um momento de amadurecimento, de descobertas e de construção de saberes, que levarei comigo para toda a vida profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Formação docente. Prática pedagógica. Ensino de Geografia.

AGRADECIMENTOS

A realização deste estágio só foi possível, graças ao apoio e à colaboração de diversas pessoas, às quais expresso minhas mais sinceras gratidões.

Agradeço ao diretor Dennis e à vice-diretora Raíci de forma especial, pela calorosa recepção e pela forma tão receptiva, com que me acolheram na Escola Rotary Club de Castanhal.

Ao docente Flávio, deixo meu profundo agradecimento pela orientação, durante todo o estágio. Sua generosidade, ao compartilhar conhecimentos, seus conselhos valiosos e, sobretudo, sua confiança, ao me permitir ministrar aulas, desde o início, foram essenciais ao meu crescimento como futuro docente.

Aos queridos alunos

REFERÊNCIAS

DEWEY, John. **Democracia e educação**: uma introdução à filosofia da educação. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência-teoria e prática: diferentes concepções. *In*: BRABO, Tânia Suely Antonelli; CORDEIRO, Ana Paula; MILANEZ, Simone Ghedini Costa (ed.). **A formação da pedagoga e do pedagogo**: pressupostos e perspectivas. [S. l.]: Oficina Universitária, 2012. p. 133-152.

STEGER, Manfred B. **A Globalização**. 4. ed. São Paulo: Zahar, 2008.



O EVENTO COP30 E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA: A VISÃO DOS EDUCADORES DE ESCOLAS DE BELÉM E DE ANANINDEUA

Anthony Luciano Ferreira da Conceição
Universidade do Estado do Pará
Pesquisador - voluntário PIBIC
anthony.conceicao@aluno.uepa.br

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy
Orientadora - PIBIC/UEPA/DGEO
claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

A realização da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas de 2025 (COP30), prevista para acontecer em novembro de 2025, na cidade de Belém, coloca a cidade amazônica como espaço principal no debate sobre preservação ambiental, dando visibilidade mundial aos desafios ambientais encontrados na própria cidade e, também, às questões sociais e estruturais, objetos de debates e de discussões há anos.

Um dos pontos de bate-boca é o da participação popular, em relação às decisões que serão tomadas no evento, a fim de que estas não se restrinjam a decisões meramente individuais e com fins lucrativos. Contudo, é notória a invisibilidade do assunto na educação básica. É de suma importância, nesse sentido, que os municípios adotem a agenda climática no seu desenvolvimento, para que possam construir políticas públicas voltadas à mitigação e à adaptação às mudanças climáticas, e implementá-las, considerando a urgência do enfrentamento a tais problemas e a busca da resiliência como forma de transformação das cidades (Gonçalves, 2017, p. 372), entretanto é perceptível a ausência destas políticas públicas nas redes de educação públicas, o que incitaria debates sobre a temática e a compreensão de sua importância.

Usando este referencial, foi realizada uma pesquisa qualitativa, entrevistando dez professores de escolas das redes pública e privada dos bairros Tenoné, Batista Campos, Icoaraci, Marex, Una, Guanabara e Parque Verde, para compreender como a COP30 está inserida e explorada no âmbito escolar, usando quatro eixos temáticos e variadas perguntas como conteúdo. No quarto e no primeiro eixos, intitulados “Conceitos e abordagens” e “COP30 e a comunidade escolar”, foram utilizadas perguntas voltadas diretamente ao evento, cuja análise de resultados

comprovou a existência de precariedade, por parte das entidades educacionais públicas, em inserir a comunidade escolar no debate ambiental, aspecto que o professor precisa usar em seu trabalho individual, isto é, em sua aplicação ao contexto educacional, com um mínimo de apoios financeiro e institucional neste aproveitamento. Nas entrevistas, os professores afirmaram, sem exceção, que não receberam qualquer orientação ou parâmetro oficial sobre como integrar a temática ao trabalho em sala de aula, porém, embora possuam pouco apoio, em meio a muitos desafios, os professores de algumas escolas tentam constantemente inserir pontos da Educação Ambiental no contexto e na realidade dos alunos, desenvolvendo seus sentidos críticos e seus papéis sociais, quanto à situação.

De maneira geral, é perceptível que os professores, embora estejam diretamente envolvidos nos contextos e nos desafios na educação, muitas vezes são os últimos a participar da formulação de políticas públicas, o que os coloca em situação vulnerável, frente a estas políticas públicas (Freitas, 2014).

Nessa situação, o presente trabalho tem o objetivo geral de obter a compressão de como os educadores das redes pública e privada de Belém e de Ananindeua percebem o ensino da Geografia no contexto da COP30, assim como o modo pelo qual a pauta ambiental entra no cotidiano escolar.

A questão norteadora desta pesquisa é, pois: de que maneira os professores, diante dos seus muitos desafios, enxergam a implementação e a inserção da Educação Ambiental no currículo estudantil, dentro do contexto da ocorrência da COP30 na cidade de Belém?

2. DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES.

2.1. A comunidade escolar e os seus desafios estruturais na ocasião da COP30.

Com a aproximação da COP30, foram geradas expectativas em diferentes setores da sociedade, como as da valorização da pauta ambiental e da inclusão da educação neste debate. No entanto, as entrevistas com os docentes participantes da pesquisa, e atuantes em escolas públicas e privadas de Belém e de Ananindeua, revelaram lacunas entre as realidades estudantil e do evento.

A ausência de políticas públicas eficazes e que definam parâmetros para um debate mais aprofundado se torna principal agente causador disto, conforme relatado por uma professora: “[...] *essas políticas públicas até existem, no papel, mas são ineficazes de fato*” (informação verbal), aspecto que pode comprometer a aplicação da temática em sala de aula.

O currículo estudantil da instituição possui uma matéria obrigatória, mas esta não é suficiente para o estabelecimento de debates, visto que sua carga horária é mínima, ocorrendo o mesmo com a do professor de Geografia, que, de acordo com a Secretaria de Estado de Educação do Pará (2023), é de duas aulas por semana, em média, acarretando em dificuldades para o professor introduzir assuntos obrigatórios ao currículo de Geografia, além de desenvolver o aspecto



crítico do aluno nos diversos temas da Geografia Escolar, como descrito por um docente: “*Não há espaço na grade curricular para se aprofundar no tema, porque o foco é o vestibular*” (informação verbal). Assim, a escola, que deveria ser um local essencial à formação de qualquer indivíduo, que procura adquirir uma visão crítica de sua realidade e de questões sociais, fica restrita ao cumprimento de metas, como a atenção a disciplinas, as aprovações em vestibulares ou a imposição de atividades avaliativas: “A escola, em vez de formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade, tem sido reduzida a um espaço de preparação para provas e avaliações, esvaziando seu potencial educativo mais profundo” (Arroyo, 2005, p. 76).

Em referência aos dados coletados, e dando continuidade ao assunto já descrito, observou-se que apenas três dos dez entrevistados receberam alguma orientação, em relação ao evento, as quais, levando em consideração seus relatos, foram superficiais e pontuais, assim como descrito por um dos entrevistados, de uma escola situada no bairro Tenoné, em Belém: “*Sim, infelizmente as orientações foram limitadas e inconclusivas*” (informação verbal). Isso evidencia mais uma falha do estado na educação básica.

2.2. Vulnerabilidade socioambiental.

Um ponto ressaltado com muita frequência nas entrevistas é o da notória vulnerabilidade socioambiental, que afeta o cotidiano dos alunos das escolas observadas. Algumas das escolas participantes da pesquisa estão em bairros marcados por desigualdades históricas, sociais e culturais, que passam por deficiências na infraestrutura básica, como saneamento, drenagem e coleta de lixo, além de serem marcados por altos índices de violência, por insegurança alimentar e por exclusão social.

Essa situação não fica restrita às casas, alcançando as escolas, aspecto apontado por um outro professor que participou da pesquisa, que abordou mais explicitamente esta realidade. Segundo ele, tudo isto é enfrentado na sala de aula, o que revela o peso desta situação na escola. Como aponta Silva (2010), as questões sociais e espaciais vividas pelos discentes não ficam restritas ao lado de fora da escola; ao contrário, elas se refletem no cotidiano pedagógico, rotulando as possibilidades de aprendizagem e de permanência dos alunos no ambiente escolar.

Deve-se corrigir o ideário popular, pelo qual problemas socioambientais estão exclusivamente ligados a atividades da natureza, pois, de acordo com Acselrad (2004), os desafios socioambientais não podem ser restritos apenas como consequências da natureza, mas devem ser debatidos como reflexos de

desigualdades na exclusão territorial e das formas como diferentes grupos acessam recursos básicos, que são direitos seus — se tais grupos não possuem este entendimento, a culpa do poder público será reduzida.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Foram observadas diferenciações nas respostas de cada professor, conclusão explicitada, ao analisarmos as respostas dos profissionais das redes pública e privada, em conjunto com as distintas localizações das suas escolas de trabalho. Os desafios e as exigências se tornam sujeitas a cada realidade, em virtude das diferenças social e econômica dos espaços. As injustiças ambientais e de infraestrutura são bastante nítidas entre estas escolas, o que também foi trazido pelos docentes depoentes, o que acarreta dificuldades, aos alunos, de estarem mais próximos das escolas e, conseqüentemente, de participar em diversos temas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental. COP30. Comunidade escolar. Desafios ambientais. Vulnerabilidade socioambiental.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual do Pará e a minha professora orientadora Claudiana Viana Godoy, pela contribuição e pela oportunidade de realizar este trabalho, bem como a minha companheira de pesquisa Wisla Dias, que me ajudou nesta construção. Também devo agradecer às escolas e aos professores, que me receberam e que aceitaram compartilhar suas experiências e contribuir na pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. **Meio ambiente, lutas e políticas**. São Paulo: Contexto, 2004.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **A escola deve ser reinventada?** Campinas: Mercado de Letras, 2014.
- PARÁ (estado). Secretaria de Estado de Educação. **Resolução n.º 504, de 9 de novembro de 2023**. Aprova as matrizes curriculares dos Ensinos Fundamental e Médio no Estado do Pará. Belém: SEDUC, 2023. Disponível em: https://www.seduc.pa.gov.br/site/public/upload/arquivo/saeb/MATRIZES%20ENSINO%20REGULAR-23_01_2024-f4e09.pdf. Acesso em: 14 jul. 2025.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos da geografia**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.



VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL: CAMINHOS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Brenda Barros Teixeira

brenda.teixeira@aluno.uepa.br; *Estágio Docente em Geografia II - 2025.1*

Profa. Dra. Claudiana Viana Godoy (orientadora do estágio)

claudiana.v.godoy@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O presente artigo tem, como proposta, detalhar as experiências vividas na disciplina de Estágio Docente em Geografia II, que se destaca como uma das principais disciplinas do curso de Licenciatura Plena em Geografia ofertado pela Universidade Estadual do Pará.

Com base na perspectiva histórico-cultural, de Lev Vygotsky, entende-se que o processo de aprendizagem decorre de interações socioculturais, sendo o professor um mediador entre o aluno e o conhecimento. Assim, o estágio foi orientado, com as intenções de analisar e de atuar, como mediador, de modo a favorecer o desenvolvimento dos discentes, partindo do que os alunos já sabem, para construir novos conhecimentos de formas colaborativa e contextualizada. Entretanto, dificuldades surgem neste processo, fazendo com que a dualidade ensino-aprendizagem nem sempre ocorra de forma efetiva.

A autora Lana Cavalcanti (2022) contribui de forma significativa, para compreender a importância de um ensino de Geografia, que esteja ancorado na realidade vivida pelos estudantes, destacando que o ensino geográfico deve estar voltado à formação de sujeitos críticos, capazes de compreender o espaço em que vivem e de atuar sobre ele de maneiras reflexiva e consciente. Assim, a Geografia Escolar deve ir além da memorização de conteúdos, a qual ainda é fortemente trabalhada em sala de aula, caracterizando o ensino dito “tradicional”.

Portanto, a experiência de estágio se revelou um espaço fértil à experimentação das práticas pedagógicas debatidas no âmbito acadêmico, comprometidas com os desenvolvimentos social e crítico dos alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental II e pautadas na mediação significativa do conhecimento e na valorização do saber geográfico escolar. Ao relatar estas vivências, esse artigo

busca contribuir para os debates sobre a formação docente e sobre os desafios de tornar o ensino de Geografia mais próximo e mais relevante a estudantes e a professores da Educação Básica.

A base teórico-metodológica, que sustentou o percurso formativo do estágio, foi composta por autores, cujas contribuições dialogam com a construção do conhecimento, a partir da experiência e da mediação pedagógica de Lev Vigotski (1984), que propõe uma abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano, destacando as centralidades das interações sociais e da linguagem como instrumentos de mediação no processo de aprendizagem, elementos que orientaram a concepção das atividades pedagógicas realizadas no exercício de estágio. Jean Piaget (1966), por sua vez, oferece subsídios para compreender os modos, pelos quais os sujeitos em idade escolar constroem ativamente o conhecimento, a partir de estruturas cognitivas em desenvolvimento. Por fim, Lana Cavalcanti (2002) contribui, com perspectivas crítica e contextualizada do ensino de Geografia, defendendo que o conteúdo geográfico escolar deve estar vinculado ao espaço vivido, favorecendo a leitura e a interpretação do mundo, pelo educando.

A escolha por esta abordagem metodológica se justifica, pela sua adequação ao objetivo central do artigo: compreender como a vivência de estágio pode contribuir para a formação docente crítica e para a construção de estratégias de ensino pautadas na aprendizagem significativa. Ao valorizar a experiência concreta, a reflexão sobre a prática e a escuta ativa dos sujeitos, busca-se, aqui, construir um conhecimento situado e comprometido com a melhoria do ensino de Geografia na educação básica.

2. METODOLOGIA.

A pesquisa teve um teor qualitativo, de natureza descritivo-interpretativa, centrado na análise das experiências pedagógicas vivenciadas no componente curricular Estágio Docente em Geografia II, ofertado pelo curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual do Pará (UEPA). O lócus empírico da investigação foi a escola Physics, unidade Três Corações, em que se desenvolveu o trabalho de campo, com turmas do ensino fundamental, e a metodologia adotada partiu da premissa de que a prática docente, enquanto campo de conhecimento e de ação, exige articulação contínua entre a teoria apreendida na formação inicial e os desafios concretos da realidade escolar. Assim, o processo investigativo se fundamentou na observação participante, no registro sistemático das atividades realizadas em sala de aula e na elaboração de planos de ensino voltados à promoção da aprendizagem significativa.

O estágio se constituiu, pois, em um campo de experimentação pedagógica, no qual foram elaboradas e aplicadas sequências didáticas, baseadas em metodologias ativas e em recursos didático-visuais, como o jornal trabalhado, dentro do objetivo de tornar o conteúdo de Geografia acessível e próximo à realidade dos alunos, além de intelectualmente estimulante. A análise das práticas foi realizada, a partir dos registros reflexivos produzidos em diários de



campo, das devolutivas dos alunos e das observações das dinâmicas interativas em sala de aula.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

Como mencionado, o estágio docente em Geografia foi realizado na unidade Três Corações da escola Physics, em que as receptividades dos alunos e da equipe pedagógica foram acolhedoras. Desde o primeiro momento, os alunos do ensino fundamental II demonstraram curiosidade, participação ativa e disposição para o diálogo, o que favoreceu os estabelecimentos de vínculos positivos e de um ambiente propício à construção coletiva do conhecimento. Essa boa recepção foi essencial ao início das atividades pedagógicas e contribuiu significativamente para o processo de adaptação ao contexto escolar.

O período inicial do estágio ocorreu em março e foi marcado pelas fases de observação e de familiarização com a rotina escolar, com as práticas docentes e com os perfis dos alunos. Essa etapa de adaptação se revelou extremamente enriquecedora, pois permitiu compreender as dinâmicas específicas do ensino fundamental II, que muitas vezes não são devidamente exploradas no ambiente acadêmico. Durante a formação universitária, os conteúdos e as práticas voltados a esta etapa do ensino básico tendem a ser tratados de maneiras puramente científica e acadêmica, o que se revela uma deficiência na base da grade curricular, que pouco trabalha o ensino, o que torna o estágio uma oportunidade valiosa para o aprofundamento e para a reflexão crítica sobre os desafios reais da docência.

No decorrer das observações e das intervenções, foi possível identificar que os conteúdos de Geografia trabalhados no ensino fundamental II demandam abordagens didática e lúdica, que envolvam recursos visuais, exemplos cotidianos e estratégias, que tornem os temas mais acessíveis e atrativos aos alunos. Questões como Cartografia básica, paisagens naturais e humanizadas e conceitos de território, de lugar e de meio ambiente exigem constantes adaptações, por parte do professor, especialmente para tornar estes conteúdos significativos e compreensíveis à faixa etária atendida.

Dessa forma, o estágio permitiu o contato direto com as dificuldades enfrentadas pelos alunos, como falta de exposição às realidades por eles vividas ou materiais didáticos, que pouco falam sobre a Região Norte ou a Amazônia, bem como sobre a sua exploração, as quais se revelam, a partir da forma pela qual o professor trabalha determinados conceitos e temáticas, pois a estrutura da escola supre todas as expectativas dos responsáveis e dos alunos, pois se trata de uma instituição privada, de classe média-alta. A partir do estágio, o planejamento de

atividades, que partissem dos universos dos estudantes, respeitando seus saberes prévios e utilizando metodologias ativas, buscou trabalhar assuntos, como divisão regional brasileira, em consonância com os princípios defendidos por Vigotski (2001), ao afirmar que o desenvolvimento cognitivo ocorre na interação entre sujeitos, sendo o professor responsável por organizar situações, em que o aluno seja desafiado, dentro de sua "[...] zona de desenvolvimento proximal", o que caracterizo, nesse resumo expandido, como "espaço vivido".

Por sua vez, o estudo de Lana Cavalcanti (2002) também foi fundamental para orientar a prática pedagógica, ao enfatizar que o ensino de Geografia deve estar ancorado na realidade dos estudantes, valorizando o espaço vivido como ponto de partida para a leitura do mundo.

A partir destas referências, buscou-se elaborar intervenções, que articulassem teoria e prática, promovendo a compreensão do espaço geográfico como algo dinâmico e presente no cotidiano das crianças, trabalhando a Geografia como uma realidade proximal.

Essa vivência prática no estágio ampliou significativamente as compreensões dos licenciandos sobre os desafios e sobre as possibilidades do ensino de Geografia no ensino fundamental. Mais do que aplicar conteúdos, foi necessário desenvolver sensibilidades às necessidades singulares de cada aluno, juntamente do senso de adequação de metodologias e de criatividade, para transformar o cotidiano escolar em um espaço de aprendizagem ativa e significativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A realização do estágio docente em Geografia na instituição de ensino Physics constituiu um momento formativo fundamental na minha formação como professor de Geografia, permitindo a vivência concreta da prática educativa em sala de aula. Mais do que um requisito curricular, o estágio se configurou como um espaço de construção de saberes sociopedagógicos, de ressignificação de conteúdos aprendidos na universidade e de desenvolvimento de uma identidade profissional docente.

Ao participar do ambiente e do cotidiano escolares, pude compreender os desafios presentes no ensino, no cotidiano da educação básica, de formas mais ampla e mais profunda, assim como a recepção dos alunos, o processo de adaptação e as experiências em sala permitiram perceber que a prática educativa exige planejamento, sensibilidade, escuta ativa e constante disposição para aprender com a realidade vivida.

Conclui-se que o estágio docente é um espaço privilegiado para o amadurecimento profissional, pois oferece, ao futuro professor, as oportunidades de experimentar, de refletir, de errar, de ajustar e de aprender continuamente, logo este deve ser valorizado, não apenas como um momento de aplicação de conhecimentos, mas como parte essencial ao processo de formação crítica, ética e comprometida com a qualidade da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem. Estágio. Espaço vivido.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



AGRADECIMENTOS

Agradeço à instituição de ensino Physics, desde a coordenação pedagógica aos professores, pela recepção, pelo acolhimento e pelas trocas diárias, que foram significativas em minha formação como profissional da educação, ao professor Caique Lisboa, que esclareceu muitos assuntos e que me fez compreender a dinâmica docente da melhor forma possível, com aulas extremamente enriquecedoras e dinâmicas, aproximando os alunos da realidade, e à professora e orientadora Claudiana Godoy, que ministrou a disciplina de Estágio Docente em Geografia II de formas significativa e organizada, fazendo com que a experiência fosse agradável.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2002.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2022.
- PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1966.
- VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- VIGOTSKI, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PRÁTICAS EDUCATIVAS SIGNIFICATIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: VIVÊNCIAS NA DISCIPLINA ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Carlos Wesley Piedade Medeiros
carlos.medeiros@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado II - 2025.1
Emili Camila Menezes de Souza
emili.souza@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado II - 2025.1

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)
rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O estágio supervisionado representa um momento fundamental na formação docente, pois possibilita, ao licenciando, vivenciar, refletir e intervir diretamente no contexto escolar. De acordo com as normas da Universidade do Estado do Pará (UEPA), o estágio é dividido igualmente entre observação e regência, o que possibilitou que os estagiários pudessem vivenciar a prática docente e ver de perto a realidade das escolas. Durante o estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Geografia, da UEPA, foi possível conhecer de perto os desafios enfrentados pelas escolas públicas das cidades estudadas, especialmente no que diz respeito à infraestrutura e à ausência de materiais didáticos. A escola de realização do trabalho de campo está localizada em uma área distante do centro da cidade e possui uma estrutura física precária, salas com poucos recursos e escassez de materiais pedagógicos, o que exige criatividade e adaptação, por parte dos professores.

Nesse cenário, o presente trabalho tem, como objetivo, relatar a experiência de uma atividade lúdica desenvolvida com uma turma do 6º ano do ensino fundamental, abordando os temas de orientação e de localização no espaço geográfico, e a questão que norteia este relato é: como desenvolver uma prática significativa de ensino em Geografia, diante da pouca disponibilidade de materiais didáticos?

Para responder a esta questão, recorreremos à perspectiva da aprendizagem significativa, segundo a qual "[...] a maior parte da aprendizagem ocorre de forma receptiva" e depende da ativação dos conhecimentos prévios dos alunos (Sousa *et al.*, 2025).

Para que a aprendizagem significativa ocorra, é necessário romper com o modelo tradicional de ensino, centrado na transmissão de conteúdo. Isso exige que o docente adote estratégias, que considerem os conhecimentos prévios dos alunos, proporcionando sentido às novas aprendizagens.

Ausubel, Novak e Hanesian (1980) destacam que a aprendizagem se torna mais eficaz, quando o conteúdo novo se conecta a conhecimentos já estruturados na mente do aluno, tornando a experiência de aprendizagem mais rica e mais duradoura.



2. METODOLOGIA.

Diante das limitações estruturais da escola, optou-se por uma atividade lúdica, que não exigisse materiais físicos complexos. A proposta teve o objetivo de revisar conceitos e termos da Cartografia de formas acessível e interativa, por meio de um jogo oral adaptado.

A dinâmica foi planejada, considerando a realidade da turma do 6º ano do ensino fundamental e contou apenas com os usos do quadro e da participação oral dos alunos. A turma foi dividida em cinco grupos, com cinco alunos cada, organizados em formato de competição. A professora enunciava uma palavra, relacionada a conteúdos de Cartografia, como pontos cardeais, bússola, coordenadas, entre outros, e um representante de cada grupo deveria soletrá-la corretamente, dentro do tempo-limite de 15 segundos. Caso acertasse, o grupo marcava ponto.

Essa metodologia favoreceu o trabalho em equipe, o raciocínio rápido e a memorização de conteúdos, ao mesmo tempo em que respeitou as condições materiais da escola. Além disso, ela promoveu o engajamento dos estudantes, por meio da ludicidade, reforçando os aprendizados de forma significativa.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

O estágio foi dividido entre as fases de observação, de participação e de regência. Durante a observação, foi possível perceber que a metodologia predominante na escola era a tradicional, com usos limitados de recursos visuais e de atividades interativas. As aulas aconteciam em ambientes com mobiliário desgastado e sem recursos tecnológicos, o que dificultava a aplicação de metodologias mais modernas. Na fase de participação, houve diálogo constante com a professora regente, discutindo possibilidades de atividades alternativas e acessíveis. Já na fase de regência, foi elaborado um plano de aula, com o objetivo de revisar, de forma lúdica, os conteúdos de orientação e de localização no espaço geográfico, como pontos cardeais, coordenadas, bússola e localização relativa.

A aula foi aplicada, seguindo a metodologia do “Soletrando Geográfico”, na qual os alunos, divididos em equipes, eram convidados a soletrar corretamente os termos geográficos trabalhados e explicar os seus significados. A atividade teve grande aceitação entre os estudantes, que participaram com entusiasmo e demonstraram compreensão dos conceitos revisados.

3.1. DISCUSSÃO.

A experiência reforçou a importância de práticas significativas no ensino de Geografia, sobretudo em contextos escolares marcados por carências de recursos didáticos e tecnológicos. A atividade realizada demonstrou que, mesmo diante de limitações materiais, é possível desenvolver práticas pedagógicas significativas, desde que estejam alicerçadas no planejamento criativo, no conhecimento do conteúdo e na sensibilidade ao contexto social dos alunos. O uso de dinâmicas que despertem a curiosidade e que promovam a interação favorece a aprendizagem ativa, estimulando o raciocínio, a observação, a escuta, a fala e a cooperação entre os estudantes.

Nesse sentido, destaca-se a relevância da educação significativa, defendida em Ausubel, Novak e Hanesian (1980), a qual ocorre, quando o aluno consegue relacionar o novo conteúdo aos seus conhecimentos prévios, atribuindo sentido real às aprendizagens. Isso se concretiza, por exemplo, quando os alunos compreendem a utilidade de termos da Cartografia em sua vivência cotidiana, como na localização de lugares ou na orientação espacial.

Mais do que transmitir conteúdos, o papel do professor, nesse cenário, inclui mediar processos, facilitar a construção coletiva do conhecimento e incentivar a autonomia dos educandos. Nesse sentido, metodologias lúdicas não devem ser vistas apenas como um recurso para tornar a aula mais “divertida”, mas como uma estratégia intencional de ensino, que contribui para os desenvolvimentos cognitivo, social e afetivo dos alunos. Em atividades como as desenvolvidas no estágio, os estudantes não memorizam termos, apenas, mas mobilizam saberes prévios, interagem em grupo, exercitam a oralidade e vivenciam a Geografia, em suas dimensões mais concretas e mais acessíveis.

Esse tipo de proposta evidencia que, com intencionalidade pedagógica e com compromisso com a realidade educacional, é possível promover aprendizagens potentes, mesmo em contextos de vulnerabilidade. Assim, práticas simples, quando bem elaboradas e quando conduzidas com propósito, tornam-se ferramentas valiosas para enfrentar os desafios da sala de aula e para fortalecer a qualidade do ensino.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade evidenciou que é possível promover o aprendizado de forma lúdica, mesmo em ambientes escolares com estrutura precária. A experiência contribuiu significativamente para a formação dos estagiários como futuros professores, ao mostrar as importâncias da criatividade, do planejamento e da sensibilidade, diante das realidades escolares. O entusiasmo dos alunos e a sua participação ativa reforçam a eficácia das metodologias acessíveis e interativas no ensino da Geografia.

Ao longo do estágio, foram desenvolvidas atividades nas etapas de observação, de participação e de regência, totalizando uma carga horária de 160 horas. Durante a observação, foram registradas as dinâmicas da sala de aula, as metodologias utilizadas e os desafios enfrentados no cotidiano escolar. Na fase de participação, contribuimos com o planejamento e com o apoio em atividades, dialogando com o professor regente sobre estratégias pedagógicas. Já na regência, foi possível aplicar a atividade desenvolvida neste trabalho, assumindo a condução da aula e avaliando a aprendizagem dos alunos. Esse percurso permitiu a experimentação prática da docência e a constatação de que o papel do professor é essencial para estimular a motivação do aluno, para identificar seus conhecimentos prévios e para selecionar materiais significativos, conforme defendem Silva e Corrêa (2023 apud Sousa *et al.*, 2025).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia. Aprendizagem significativa. Estágio supervisionado. Escola pública. Orientação e localização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à equipe da escola-campo, especialmente ao(à) professor(a) regente, pela receptividade e pelo apoio na realização do estágio, bem como à Universidade do Estado do Pará, pela formação ofertada.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, David Paul; NOVAK, Joseph Donald; HANESIAN, Hanesian. **Psicologia Educacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MARTINS, Gercimar. **Metodologias ativas**: métodos e práticas para o século XXI. 1. ed. Quirinópolis: IMG, 2020.
- SOUSA, M. P. M. *et al.* **Aprendizagem significativa proposta por David Ausubel e sua contribuição na EPT**. Goiânia: [s. n.], 2025.

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DOCENTE EM GEOGRAFIA: A RELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA E A TEORIA

Breno Kauan Braga Paiva

breno.kbpaiva@aluno.uepa.br; Estágio Docente II - 2025.1

Prof. Dr. Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)

rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO.

O presente texto aborda alguns relatos de experiências vivenciadas na disciplina de Estágio Docente II, realizado na Escola Dr. Ângelo Cesarino, situada na cidade de Igarapé-Açu (PA), que desempenha um papel importante, atendendo a alunos da região urbana e das áreas rurais, porém em número consideravelmente reduzido, haja vista que a escola se encontra em situação de reforma há cerca de dois anos.

O estágio docente proporciona, ao formando, uma visão para além do conteúdo aprendido em sala de aula, a partir do qual o professor em formação associa a teoria à prática e experiencia a docência em sua plenitude, lidando com os diversos desafios que surgem presentes nas aulas. Nesse sentido, a autora Lana de Souza Cavalcanti destaca que os desafios encontrados em sala não são simples de serem resolvidos, por isto o professor precisa de estratégias, para contornar e para resolver estas situações, daí surge a necessidade de colocar as teorias estudadas na formação em prática (Cavalcanti, 2010).

Dessa forma, o texto aqui colocado tem o objetivo de relatar as contribuições que o estágio proporcionou a minha formação, enquanto acadêmico e professor em desenvolvimento, analisando como a prática se relaciona à teoria e onde elas se esbarram, considerando uma sequência metodológica de cinco momentos: no primeiro momento, serão apresentados os aspectos físicos da escola, observando como a estrutura da instituição de ensino contribui para o aprendizado dos alunos; o segundo momento trará análises da estrutura e do funcionamento da gestão escolar, fator indispensável à organização do ambiente educativo e ao bom andamento das atividades pedagógicas; o terceiro momento incluirá observações feitas em sala, relativa à didática e postura do professor supervisor, aos conteúdos ministrados, à utilização de recursos didáticos e às relações professor-aluno, tendo em conta suas influências no processo de aprendizagem; no quarto momento, relatar-se-ão as experiências proporcionadas na regência, os conteúdos trabalhados, as atividades propostas e os desafios enfrentados em sala de aula; e, no quinto momento, serão apresentadas as considerações finais, em que serão retomadas a importância do estágio na formação docente e os aprendizados adquiridos, a partir das vivências no ambiente escolar.



2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Ângelo Cesarino é um patrimônio cultural e um ponto turístico da cidade de Igarapé-Açu, pois possui aproximadamente 118 anos de existência, sendo um símbolo histórico para a região. Apesar da importância histórica da escola, ela vem sendo constantemente negligenciada no âmbito local, visto que, segundo relatos de alguns professores e funcionários, está em reforma há aproximadamente dois anos, a qual modificou o espaço escolar, a estrutura e os horários das aulas, pois somente as salas da parte de trás da escola funcionam.

Em relação às salas, notou-se que, na parte da tarde, principalmente, há um grande desconforto térmico, tanto por parte dos alunos quanto dos professores, pois os ventiladores das salas nem sempre davam conta de manter o ambiente agradável. Os professores entrevistados revelaram que, no ano de 2024, foram levados a liberar os alunos mais cedo, por conta do calor extremo. Outrossim, observou-se que as mesas não condizem com os tamanhos dos alunos, além de serem materiais gastos.

Outro ponto importante observado no estágio é o da gestão escolar, que deve trabalhar para que o ambiente escolar seja propício ao aprendizado. Durante o período do estágio, houve algumas reuniões de planejamento — que foram de suma importância para o alinhamento das atividades bimestrais e semestrais —, que também funcionavam para traçar estratégias para lidar com o aspecto de que a escola não possui estruturas para atender a alunos com deficiência, razão pela qual estes não são frequentes na instituição.

Um dos papéis mais importantes em uma instituição de ensino é o desempenhado pelo corpo docente, portanto é necessário que os conteúdos e os aprendizados sejam passados de formas clara, didática e objetiva, ou seja, as aulas precisam ser construídas, levando em consideração a totalidade dos alunos, sem focar apenas no conteúdo ensinado em sala, mas compreendendo suas realidades culturais e seus cotidianos (Cavalcanti, 2010).

A observação é o primeiro passo para compreender o que Cavalcanti coloca como papel do professor, portanto este foi um dos melhores instrumentos para conhecer as realidades dos alunos e da escola, ao longo do período de estágio. Observou-se que o desempenho do professor supervisor em sala é um ponto fora da curva, pois ele consegue manter a atenção dos alunos e apresenta os conteúdos com maestria. Outro ponto que faz diferença no ambiente escolar é o da relação professor-aluno, que precisa ir além das relações profissionais, criando uma ponte entre o aluno e o conteúdo ensinado (Cavalcanti, 2010).

Ensinar não se resume a preparar um conteúdo e explicá-lo ao aluno; o ensino precisa ser significativo, o que só ocorre, quando o professor olha para os alunos e os vê como indivíduos, cada um com suas características e peculiaridades, cujas valorizações preparam o ambiente, para que o aprendizado e as horas ocupadas tenham significado. Nas observações, constatou-se que o professor cumpre com esta demanda, tornando o ensino de Geografia leve e proveitoso, pois desempenha boas relações com os alunos e faz com que eles se interessem pelas aulas. Além disso, ele também possui uma didática relevante, utilizando materiais, como slides, jogos, vídeos e músicas, e tornando o ensino lúdico e interessante para os seus alunos. Um artifício utilizado, e que funciona consideravelmente, é a recompensa por responder corretamente alguma das questões colocadas. O professor faz uma série de perguntas sobre o assunto previamente explicado e os alunos que respondem corretamente ganham um bombom de brinde, estratégia que se faz efetiva, pois, apesar do interesse em receber algo em troca, o aluno se esforça para entender o tema e para responder às questões colocadas.

3. DISCUSSÃO.

O contato direto com a escola possibilitou experimentar como é estar na pele do professor e enfrentar os mesmos desafios destes profissionais — isso traz um diferencial à formação de qualquer trabalhador. A regência foi um ponto-chave para esta compreensão, pois, por mais que os alunos da Escola Ângelo Cesarino fossem tranquilos, os desafios de manter sua atenção, de preparar conteúdos e de ensiná-los não são simples.

Os conteúdos ministrados foram os de Cartografia (no 6º ano) e de população (no 7º). Nas aulas, procurou-se utilizar uma metodologia lúdica, para que os alunos mantivessem sua atenção na explicação, e os materiais didáticos usados foram: slides; pincéis; papéis em tamanho A4; cartolinas; imagens; colas; tesouras; pó de café; e lápis de cor.

Na aula sobre Cartografia, após a introdução do assunto, foi proposta uma atividade, em que os alunos tinham que desenhar algum de seus locais de vivência. Após desenhar e colorir, o próximo passo seria o de identificar os elementos no mapa, com posterior mergulho dos mapas construídos em uma solução de água com café. O objetivo da atividade era o fazer os estudantes compreenderem noções básicas da Cartografia e identificarem seus locais de vivência, e a mistura de água com café tinha o intuito de criar um mapa com aspecto antigo. Observou-se que os alunos mantiveram sua atenção, tanto na explicação quanto na atividade, pois ambas tinham elementos que interessavam às crianças: os slides continham desenhos de que eles gostavam e as atividades de desenho e de pintura naturalmente prendem as atenções dos alunos.

Quanto ao conteúdo sobre população, após a explicação do assunto, propôs-se uma exploração, através do programa Google Earth, com os objetivos de compreender o conceito de população e de vê-lo “na prática”, através da análise



de densidades demográficas — a atividade proposta se deu, através da aplicação de um quiz sobre a temática.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Encerrar a etapa de estágio docente é, acima de tudo, reconhecer o quanto este momento foi transformador para a minha trajetória, enquanto professor em formação. Estar na Escola Estadual Dr. Ângelo Cesarino, mesmo diante das dificuldades enfrentadas pela instituição, foi uma oportunidade rica em aprendizados, em que a realidade concreta do fazer docente se apresentou, em todas as suas nuances. As convivências com professores, com alunos e com os demais profissionais da escola possibilitou observar e vivenciar os desafios cotidianos da docência, compreendendo que ensinar vai muito além de repassar conteúdos; é construir pontes entre saberes, afetos e vivências.

As experiências vividas no estágio me permitiram perceber que cada aula planejada, cada atividade aplicada e cada conversa trocada com os alunos carrega um valor inestimável à formação de um professor. A prática também me mostrou que a teoria ganha sentido, quando colocada em movimento, e que a sala de aula é um espaço em que se aprende, tanto quanto se ensina. A escuta atenta, o olhar sensível e o desejo genuíno de fazer a diferença no cotidiano dos estudantes foram elementos que marcaram profundamente esta caminhada, e levo comigo os conhecimentos adquiridos e, também, as histórias, os sorrisos, os desafios e a certeza de que escolhi um caminho repleto de sentido e de compromisso com a educação.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio docente. Prática. Geografia.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: [s. n.], 2010.



RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EEEFM PROFA. MARIA PIA DOS SANTOS AMARAL

Ademildo de Oliveira Silva

ademildooliveira399@gmail.com; Estágio Supervisionado II - 2025.1

Rodrigo Rafael de Souza Oliveira (orientador do estágio)

rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O estágio é uma parte crucial na formação docente; é onde o graduando vai conhecer a realidade escolar e a prática, através da observação e das primeiras docências. A experiência do estágio supervisionado foi fundamental para consolidar minha formação docente, permitindo os contatos diretos com a prática pedagógica e com os desafios do cotidiano escolar. Durante o estágio, foi possível planejar e aplicar aulas, observar metodologias utilizadas por professores experientes e refletir sobre o papel da Geografia na formação crítica dos alunos. De acordo com Antônio Nóvoa (1992), a formação de professores não deve se restringir à teoria, sendo essencial a vivência prática no ambiente escolar, pois é neste espaço que o docente constrói sua identidade profissional, a partir da experiência concreta.

O estágio supervisionado foi realizado na EEEFM Profa. Maria Pia dos Santos Amaral, localizada na av. Barão do Rio Branco, 245, no bairro Apeú, na cidade de Castanhal (PA). A escola oferece aulas nos turnos manhã, tarde e noite e possui 44 professores — dois dos quais são de Geografia — e 832 alunos matriculados, atualmente.

O objetivo deste trabalho é o de relatar as experiências vividas neste estágio, que incluíram observação e prática docente.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

O estágio foi realizado, através de observação, de participação e de regência de aulas em turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Na fase de observação, fez-se o acompanhamento do cotidiano de sala de aula e as análises do comportamento dos alunos, das estratégias de ensino utilizadas pelo professor e da dinâmica escolar como um todo. Esse momento foi importante para compreender o contexto educacional e a realidade da escola.

Na etapa de participação, houve interações diretas com os alunos e colaborações com o professor nas atividades, auxiliando na organização das aulas, na

aplicação de exercícios e no suporte aos estudantes, durante as tarefas — essas vivências permitiram um maior envolvimento com o processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, na fase de regência, tive as responsabilidades de planejar e de ministrar aulas de Geografia, escolhendo conteúdos adequados a cada ano, preparando materiais didáticos voltados a algo mais lúdico, pois se tratava de turmas de ensino fundamental, e avaliando o desempenho dos alunos, através da participação e da compreensão da aula — a elaboração dos planos de aula sempre atentou a cada ano escolar.

As experiências descritas foram essenciais para desenvolver técnicas de ensino, para aprimorar práticas pedagógicas e para fortalecer minha identidade como educador. O estágio, como um todo, proporcionou uma vivência concreta da profissão docente e contribuiu significativamente para a minha formação como professor.

2.1. DISCUSSÃO

O estágio supervisionado é importante para mostrar que devemos ter um olhar diferente, de atenção, em cada sala de aula, uma vez que temos turmas diferentes, com alunos diferentes, cada um dos quais exigirá uma forma de educar, para conseguir sair com o mínimo possível de conhecimentos absorvidos, ao final da aula. Segundo Freire (1987), o processo de ensino-aprendizagem deve considerar a realidade e as particularidades de cada aluno, reconhecendo que ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas criar condições para que os educandos construam o conhecimento de forma significativa. Dessa forma, o estágio supervisionado se configura como uma etapa essencial à trajetória formativa, possibilitando, ao professor, vivenciar a prática pedagógica, refletir sobre os desafios do cotidiano escolar e compreender a importância de uma educação mais humanizada, mais crítica e mais transformadora.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado é uma fase enriquecedora e decisiva à formação de um futuro professor de Geografia. Ao longo das suas etapas, de observação, de participação e de regência, tive as oportunidades de compreender a realidade escolar, de enfrentar os desafios da prática docente e de aplicar, de forma concreta, os conhecimentos teóricos adquiridos na graduação.

Os contatos com alunos, com professores e com o ambiente escolar ampliaram minha visão sobre o papel do educador na construção de educação crítica, reflexiva e significativa. Além disso, o estágio permitiu o desenvolvimento de habilidades pedagógicas essenciais, como o planejamento de aulas, o manejo de turmas e a adaptação de estratégias didáticas aos contextos de cada turma.

Concluo, pois, que o estágio é uma etapa indispensável à formação docente, pois possibilita os amadurecimentos profissional e pessoal, fortalecendo o compromisso com práticas educativas ética, democrática e transformadora.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



PALAVRAS-CHAVE: Docência. Observação. Práticas. Educação.

AGRADECIMENTOS

À professora Maria das Graças Jaques Rodrigues, da Escola Profa. Maria Pia dos Santos Amaral, e ao professor Rodrigo Rafael de Souza Oliveira, da Universidade do Estado do Pará.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PERÍODO DE ESTÁGIO NA ESCOLA MONSENHOR AZEVEDO

Felipe Otavio Pantoja de Sales
felipe.opdsales@aluno.uepa.br; Estagio Docente em Geografia I - 2025.1

Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro (orientadora do estágio)
larissa.ribeirogeo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse relatório busca apresentar experiências vivenciadas, durante a disciplina Estágio Docente I, fundamental à formação de futuros professores, pois oferece a oportunidade de vivenciar os desafios e as dinâmicas do ambiente escolar na prática. Durante o estágio, os estudantes podem aplicar teorias pedagógicas aprendidas no curso, desenvolver habilidades de ensino e aprender a lidar com diferentes situações em sala de aula, desde o uso de dinâmicas, durante as discussões na faculdade, até a socialização com os alunos em geral.

No período de abril a maio de 2024, foi realizada a docência nas dependências da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Azevedo, localizada na av. Alcindo Cacela, bairro Condor, em Belém do Pará. Nesse período, o discente foi supervisionado pelo professor Hugo Albuquerque nas disciplinas de Geografia e Estudos Amazônicos e de Educação Ambiental, ministradas às turmas 601, 602, 701, 702, 801 e 901 do ensino fundamental.

O objetivo principal do relatório é o de documentar as experiências vivenciadas no estágio docente em Geografia, destacando as do âmbito escolar e as colaborações e trocas de saberes entre professor, estagiário e alunos, conhecimento que auxiliará nos processos de formação e de amadurecimento do estagiário, em relação à execução do ensino em sala de aula.

O relatório possui segmentos, que contextualizam a EEEFM Monsenhor Azevedo, bem como descrevem as atividades exercidas nas dependências da escola, destacando as experiências e discorrendo sobre situações de sala de aula e discussões observadas entre membros do corpo docente da instituição, visando melhorias no ensino e na estrutura da escola.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO.

Na chegada à escola, fui muito bem recepcionado pelo professor Hugo, tal qual por todo o corpo docente, pelo coordenador e pelo setor pedagógico.

Nos horários matinais, o professor Hugo cuida de grande parte das turmas de Geografia e Estudos Amazônicos da escola, e o período que lá passei foi enriquecedor e esclarecedor, sendo possível notar todos os desafios enfrentados pelos alunos, os quais significam a profissão de educador, incluindo o prazer de repassar conhecimentos. Durante meu ciclo na escola, fiz regência participativa nas turmas 701, 801, 802 e 901, com destaque para a turma 802, na qual executei a maioria das dinâmicas aprendidas na universidade.



Nessa turma, auxiliei o professor Hugo Albuquerque, participando de dinâmicas, com foco em explicações sobre a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025 (COP30), que terá a cidade de Belém como sede; na turma 701, durante aula com o tema Migração e Imigração, juntamente ao professor, colocamos questões sobre tais processos e os diferenciamos, usando o ponto dos cidadãos venezuelanos presentes em terras brasileiras, desde meados de 2017; e, nas turmas 801 e 802, em aulas de Estudos Amazônicos, destacamos alguns crimes e focamos na região paraense como “coração da Amazônia”, com sua influência, em relação ao resto do Brasil.

Nesse período, houve muitos outros eventos, porém, mesmo com os esforços do professor Hugo, que, além de professor, exerce a profissão de advogado nos contratuos e participa da coordenação pedagógica da escola, foi notável que os problemas na infraestrutura prejudicaram diretamente as aulas, a exemplo do calor, que afeta a concentração dos alunos, que pedem constantemente para sair e para ir aos bebedouros, que funcionam corretamente; infelizmente, durante estas saídas, alguns optam pelo não retorno, o que é totalmente compreensível, devido às temperaturas das salas, que beiram o insuportável.

Apesar dos problemas, a escola conta com um corpo docente e com uma coordenação extremamente competentes, que buscam sempre soluções para os problemas enfrentados na instituição.

3. DISCUSSÃO

Como afirma Pimenta (2001), “[...] o estágio não é um momento de aplicação de conhecimentos prontos, mas de reconstrução, reelaboração e produção de novos saberes, a partir da realidade concreta vivida pelo estagiário”. Sob esta ótica, é notório que todas as dificuldades passadas em sala de aula tornam o professor mais flexível às mais diversas situações, e as particularidades da escola Monsenhor Azevedo tornam a experiência de cada estagiário única.

Muito disso decorre da dificultosa situação ocasionada pelo ambiente, pois é nele que o professor desenvolverá os seus limites e as suas dinâmicas, a serem utilizadas em qualquer espaço. Nesse sentido, Tardif (2002) afirma que estas ocasiões “[...] são plurais, construídos na prática e na relação com o outro, e não apenas transmitidos pelas instituições de formação”, valorizando fortemente as experiências vividas no estágio docente.

Sendo assim, o ambiente escolar não é apenas consolidado pela transferência de saberes, pois a prática docente é polidimensional, por conta dos afetos construídos e das relações políticas e éticas, que também constituem este espaço. Freire (1996) contribui com este pensamento afirmando que “[...] ensinar

não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Portanto, o estágio docente não é apenas uma matéria a ser finalizada, mas uma experiência moldadora de dinâmicas e de relações entre professor, alunos e lousa, com ou sem a estrutura necessária, muitas vezes, mas sempre com os mesmos objetivos: ensinar e aprender, pois Freire (1996) nos recorda de que “[...] ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada de estágio na escola Monsenhor Azevedo foi enriquecedora, quanto aos desafios encontrados no ambiente escolar, pelo professor. Nela, foi possível observar as diversas dinâmicas desenvolvidas em um ambiente escasso de ferramentas, assim como o valor de uma roda de conversas e a forma pela qual o conhecimento é passado de um para o outro.

Fica o meu elogio a todo o corpo docente, em especial ao professor Hugo Albuquerque, pelos conhecimentos repassados em sala de aula, que incluíram as formas de abordar alunos que demonstram dificuldades de socialização e o carisma do professor, frente aos alunos, peça fundamental no repasse do ensino, pois, em geral, a escola é um palco inicial de introdução social e cabe ao professor auxiliar o aluno a aderir mais facilmente a este meio. Sob esta ótica, Cavalcanti afirma: “Parece que não há saída, que os problemas são insolúveis. No entanto, os professores percebem que a escola é parte da sociedade, é integrante da lógica e da dinâmica sociais, e que suas dificuldades não se resolvem com medidas pontuais” (Cavalcanti, 2010).

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Sala de aula. Desafios. Ambiente escolar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus todo poderoso, que abençoa todos os nossos dias, e a minha família, que dá forças diárias para seguir em frente.

Quanto à unidade escolar, gostaria de agradecer aos corpos pedagógico e docente, que sempre me receberam com carinho e respeito, em particular ao professor Hugo Albuquerque, que me consagrou com importantes conhecimentos sobre a sala de aula.

Quanto à Universidade do Estado do Pará, agradeço a todos os colegas de turma, que me receberam e foram prestativos nos momentos de necessidade, bem como à professora Larissa Ribeiro, pelos ensinamentos sobre o ambiente de sala de aula.

Um grande obrigado a todos os citados.

REFERÊNCIAS

BELÉM (cidade). Secretaria da Educação (SEDUC). **Relatório das Matrículas Detalhado**. Belém: SEDUC, 2023.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica 2023**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 23 jun. 2025.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. *In*: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, Belo Horizonte, novembro de 2010. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 25-43.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**: interfaces na formação de professores. São Paulo: Cortez, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA: VIVÊNCIAS E DESAFIOS

Vivianne Cristine de Jesus Amorim
vivianneamorim0515@gmail.com; *Estágio Supervisionado II - 2025.1*

Rodrigo Rafael Souza de Oliveira (orientador do estágio)
rodrigo.oliveira@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz o relato de experiência na disciplina de Estágio Supervisionado II do curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), através da observação e da atuação prática no ensino básico, com foco de atuação no ensino fundamental, principalmente.

O estágio supervisionado foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria das Mercês de Oliveira Conôr, que atende aos ensinos fundamental maior e médios regular, integral e de jovens e adultos (EJA) nos turnos matutino, vespertino e noturno e que possui cerca de 622 alunos, estando localizada no bairro São José, no município de Castanhal (PA), em uma área de ocupação e de vulnerabilidade da cidade, assim grande parte da comunidade escolar é composta por filhos de famílias de baixa renda (Pará, 2024).

Para Libâneo (2017), a prática de ensino é um elemento das dinâmicas sociais, donde vem a importância da escola, enquanto ambiente que proporciona práticas de ensino efetivas e integradas à comunidade, com papel fundamental na vida dos estudantes. Na prática do estágio supervisionado, foi possível realizar reflexões sobre a atuação do professor e sobre o papel deste na educação, além de alinhar teoria e prática, em sua aplicação ao ensino.

Esse resumo visa relatar minha experiência no estágio supervisionado, tendo em vista as práticas da observação, da participação e da regência de aulas, buscando analisar as contribuições que esta experiência pôde me proporcionar e os principais desafios à educação encontrados neste período.

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada neste trabalho é de caráter qualitativo. Para a execução deste relatório, foram realizadas observações diretas do dia a dia escolar no período de estágio, participações e acompanhamentos às aulas, que foram realizadas em aproximadamente três meses. Além disso, foi feita uma revisão bibliográfica de artigos e de livros e uma análise do Projeto Político Pedagógico da escola Maria das Mercês.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Como mencionado, o estágio supervisionado foi realizado na EEEFM Escola Maria das Mercês de Oliveira Conôr, durante um período de aproximadamente

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



três meses, iniciando-se em 27 de março e tendo seu término em 22 de maio de 2025, envolvendo turmas do 8º e do 9º ano do ensino fundamental da instituição, ocorrendo nos horários matutino e vespertino (em alguns dias).

O estágio contou com observação, com participação e com prática de regência em sala de aula, pela discente do curso de Licenciatura em Geografia, revelando-se de extrema importância, principalmente em sua parte prática, que possibilitou estabelecer um maior contato entre a discente e a sua futura área de atuação profissional: a docência.

Ao iniciar o estágio supervisionado, as discentes se deslocaram à escola, apresentando e entregando os documentos necessários à formalização e ao início do estágio, dentro das normativas previstas.

Durante o período de observação, pôde-se analisar a atuação do professor supervisor em suas aulas, cujas metodologias aplicadas se apresentaram positivas e significativas, principalmente ao observar a participação dos alunos nas aulas; as metodologias por ele aplicadas colaboraram para que a aprendizagem se tornasse produtiva, assim as aulas eram dinâmicas e provocavam interesse pelo conteúdo nos alunos, de modo que estes participavam e interagiam com o professor nas aulas, através de questionamentos e de contribuições.

Ao observar a didática empregada pelo professor supervisor, durante o estágio, foi possível perceber que a interação entre os alunos e os conteúdos produziu bons resultados, assim como a relação ensino-aprendizagem observada em sala de aula foi bastante efetiva, corroborando o colocado por Cavalcanti (2010, p. 3): “Por Didática, compreende-se um campo do conhecimento que se ocupa da reflexão sobre o processo de ensino, entendido como uma prática social, dinâmica e subjetiva [...]”. Outro ponto a destacar é o do aspecto da escola como fundamental, ativa e participativa na vida dos alunos, através da sua gestão e dos seus funcionários, constatado nas observações diretas, realizadas durante todo o estágio.

Ainda nos períodos de observação e de participação, houve reuniões para estabelecer o planejamento e a organização das aulas ministradas pelo professor supervisor, bem como das aulas ministradas pelas estagiárias, pois cada estagiária deveria reger três aulas em turmas do 8º e do 9º ano do ensino fundamental, durante este período.

Em relação aos conteúdos ministrados, o professor supervisor orientou as estagiárias, quanto a questões de planejamento, dialogando com estas sobre propostas de conteúdos e de atividades, que seriam aplicadas às turmas, momento que foi crucial e essencial, pois trouxe reflexões sobre as relevâncias da

organização das aulas e do planejamento docente, pontos vistos como indispensáveis no auxílio a uma construção produtiva do conhecimento com os alunos.

No período de regência, as estagiárias puderam ter um contato mais próximo com a realidade docente, assim foram elaborados planos de aula especiais para cada regência, organizados estruturalmente com os seguintes pontos: dados de identificação; tema; objetivos (geral e específicos); conteúdo; procedimentos metodológicos; recursos didáticos; avaliação; e bibliografia.

Durante a regência, buscou-se alinhar as metodologias e as didáticas às necessidades de cada turma, principalmente visando uma boa qualidade de ensino, tendo em vista que eram turmas diferentes, com públicos de faixa etária diferentes, logo havia a necessidade de abordagens, que pudessem lhes proporcionar um ensino significativo e que trouxessem clareza sobre os conteúdos ministrados.

Os recursos utilizados nas aulas, pela estagiária, concentraram-se somente no quadro branco e no pincel, devido a intercorrências, relacionadas ao tempo de aula e, principalmente, à impossibilidade do emprego de apresentações de slides na sala, devido à claridade natural do espaço. Nas aulas ministradas pela estagiária, também foram realizadas atividades e aplicações de exercícios, para a melhor fixação dos conteúdos, pelos alunos, bem como para avaliação do ensino. A partir disso, pôde-se observar, através da vivência em sala de aula, que as metodologias empregadas foram positivas, em sua maioria, pois houve participação ativa dos alunos nas aulas, que trouxeram perguntas e contribuições sobre as temáticas das aulas.

Entre os desafios encontrados em sala de aula, pode-se destacar, desde o primeiro dia de regência, a questão da manutenção da atenção dos alunos, tornando a aula mais difícil. A experiência de regência no estágio trouxe um novo olhar e uma nova perspectiva à carreira docente, pois este contato direto com as turmas possibilitou uma reflexão sobre o papel do docente em despertar o olhar crítico dos alunos sobre a realidade, e a abordagem de conteúdos e a reflexão crítica são importantes vias, pelas quais o ensino pode ser efetivo: “São meios para que o aluno compreenda o mundo em sua complexidade” (Cacete, 2015, p. 8).

3.1. DISCUSSÃO

O estágio supervisionado trouxe uma experiência única, tendo em vista que ele faz extremamente importante na formação do futuro profissional em Educação, representando o momento em que a teoria aprendida na universidade pode ser alinhada à prática na realidade escolar. Para Lima e Pimenta (2006), a articulação entre teoria e prática no desenvolvimento do estágio contribui para a investigação, alinhada ao conceito, da práxis. A partir da observação e da execução das aulas, tornou-se possível aplicar os conhecimentos adquiridos na universidade, bem como desenvolver a construção do papel docente na atuação em sala de aula, em termos de mediação do conhecimento.



Para Pontuschka (2000), o professor exerce o papel de mediador, buscando levar o aluno a pensar criticamente as representações sociais presentes em seu cotidiano, e o estágio supervisionado em relato possibilitou um aprimoramento deste papel de construir o conhecimento, juntamente aos alunos, validando suas experiências e suas vivências cotidianas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, destaca-se que a experiência neste estágio supervisionado, que contou com as etapas de observação e de regência, revelou a relevância da atuação do professor em sala de aula, assim como fez perceber que os conteúdos aprendidos na universidade podem ser articulados à prática escolar, e “sair” da universidade, proporcionando um contato mais próximo com os alunos e fazendo pensar sobre as realidades escolar e particular de cada aluno, sobre a forma como as aulas foram ministradas, sobre a adequação da linguagem à cada turma, bem como sobre as maneiras de abordar o conteúdo e a didática, enfim, a troca com os alunos possibilitou a minha aprendizagem significativa e a construção dos meus conhecimentos, pois trabalhar com alunos da faixa etária entre 13 a 14 anos de idade foi uma experiência única. Dito de outro modo, poder observar a prática docente do professor titular e alinhar o aprendizado às demandas da turma atendida foram ações muito importantes para a minha formação.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Ensino. Aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Deixo meus agradecimentos a Deus, primeiramente, que me deu a oportunidade de vida; à Universidade Estadual do Pará, por me proporcionar e permitir este momento de experiência e de vivência no campo da educação; ao professor orientador, pelo conhecimento compartilhado e pelas orientações; ao corpo da unidade escolar EEEFM Maria das Mercês de Oliveira Conôr, diretora, secretários e demais funcionários, pela acolhida; ao professor supervisor, pela experiência única de trabalhar com turmas do ensino fundamental desta unidade; e a todos que fizeram deste estágio uma experiência significativa e importante para a minha carreira profissional, enquanto discente do curso de Licenciatura Plena em Geografia.

REFERÊNCIAS

- CACETE, Núria Hanglei. Formação do professor de Geografia: sobre práticas de ensino e estágio supervisionado. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 17, n. 2, p. 3-11, 2015.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Seminário Nacional: Currículo em movimento—perspectivas atuais**, v. 1, p. 1-16, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2017.
- LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poíesis pedagógica**, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2006.
- PARÁ (estado). Secretaria de Estado de Educação. **Projeto Político Pedagógico: 2024–2028**. Castanhal: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria das Mercês de Oliveira Conôr, 2024.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia, representações sociais e escola pública. **Terra Livre**, n. 15, p. 145-154, 2000.



O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA

Bruna Vasconcelos de Sousa

bvds1416@gmail.com; *Estágio Supervisionado em Geografia I - 2025.1*

Ellen Rodrigues Farias

ellenfar3@gmail.com; *Estágio Supervisionado em Geografia I - 2025.1*

Profa. Ma. Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro (orientadora do estágio)

larissa.ribeiro@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é uma etapa fundamental na formação dos licenciandos, pois permite vivenciar a realidade da sala de aula e os desafios da docência na prática. Mais do que uma exigência curricular, ele representa uma experiência formativa, que aproxima o futuro professor aos contextos e às responsabilidades do ensino. Nesse viés, a disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Parque das Palmeiras, localizada no bairro Nova Marituba, em Marituba (PA), entre março e junho de 2025, nos turnos da manhã e da tarde, com turmas do 6º ao 9º ano. Durante o estágio, foi possível acompanhar o processo de ensino-aprendizagem, identificar desafios da prática docente e refletir sobre o papel do professor como mediador do conhecimento.

Segundo Martins e Tonini (2016), a trajetória profissional na docência é construída, ao longo do tempo, e exige a assimilação de diversos conhecimentos, que vão se consolidando na prática diária da sala de aula. Esses saberes não surgem apenas da teoria, mas também da experiência, sendo moldados pelas características individuais de cada professor e pelos desafios enfrentados na profissão. Além disso, nos momentos de adversidade e de conflito, são justamente esses conhecimentos acumulados que ajudam a definir a melhor forma de agir e a tomar decisões em sala de aula.

A participação ativa nas atividades escolares possibilitou a análise crítica das práticas pedagógicas e a identificação de fatores, que impactam diretamente a qualidade do ensino de Geografia. O professor-orientador, que acompanhou esta jornada, enfatizou a importância do uso do atlas geográficos, tanto nas aulas quanto nas avaliações, com o propósito de auxiliar os alunos na identificação e na interpretação de mapas. Sendo a Geografia uma disciplina que integra espaço, território, sociedade e natureza, sua abordagem demanda metodologias

diversificadas, incluindo os usos de mapas, de tecnologias digitais, de saídas de campo e de dinâmicas interativas, proporcionando uma aprendizagem mais significativa e mais contextualizada.

2. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste trabalho se caracteriza como descritiva, buscando compreender e analisar os fenômenos observados no ambiente escolar. Para isso, foi realizado um trabalho de campo na escola, permitindo a observação e proporcionando a visão detalhada da realidade investigada. A interação direta com o ambiente educacional possibilitou uma abordagem mais aprofundada sobre os aspectos estudados e envolveu uma visão crítica sobre os desafios, que os docentes enfrentam nas suas rotinas escolares, portanto garantindo maior precisão na interpretação dos resultados obtidos.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Durante o período de observação, foi possível acompanhar a rotina escolar, os métodos de ensino aplicados pelos professores e as relações interpessoais estabelecidas no ambiente educativo de forma atenta. Observou-se, assim, cooperações entre os profissionais da educação, o que favorece um ambiente harmonioso e propício ao aprendizado. As aulas de Geografia foram especialmente relevantes, sendo ministradas com o uso de recursos variados, como mapa-múndi, atlas geográfico, vídeos, televisão e materiais visuais, que facilitaram a compreensão dos conteúdos, por parte dos alunos. Em suas abordagens, os professores da escola-campo de estágio evidenciaram a importância da mediação docente, para despertar o interesse dos estudantes, especialmente ao relacionar os temas trabalhados ao cotidiano dos alunos.

Ademais, foi possível participar de momentos extracurriculares significativos, como a I Feira do Empreendedorismo Sustentável, realizada no dia 25 de abril, a qual envolveu alunos de diferentes turmas, incluindo os do 8º ano A, orientados pelo professor Humberto Queiroz, com o tema “Confecção de brinquedos e artigos”. Os estudantes demonstraram criatividade e engajamento nas produções de brinquedos, de jogos de tabuleiro e de artigos decorativos com materiais recicláveis, promovendo reflexões sobre sustentabilidade e sobre consciência ambiental.

O estágio também proporcionou as observações de reuniões pedagógicas e de eventos escolares voltados à integração entre escola e comunidade, fortalecendo a gestão democrática e a participação familiar no processo educativo. Notou-se que a escola realiza constantes ações para aproximar as famílias do cotidiano escolar, reconhecendo a importância deste vínculo para o bom desempenho acadêmico dos alunos.

O professor regente foi uma referência em todo o processo, apresentando posturas ativa, dinâmica e acolhedora. Ele estimulava constantemente a participação dos alunos, utilizando estratégias, como gincanas, jogos educativos, perguntas orais e desenhos, em sala de aula. Um exemplo marcante foi



observado na turma do 6º ano, no dia 21 de março, quando foi trabalhado o conceito geográfico de lugar, com o uso da bandeira do município de Marituba. A aula foi enriquecedora, pois aliava identidade local ao conteúdo, trazendo um aprendizado significativo aos estudantes.

Embora a regência não tenha sido realizada nesta etapa do estágio (por se tratar de um momento voltado à observação e à participação), a vivência no contexto escolar permitiu reflexões profundas sobre o planejamento das aulas, sobre a escolha de recursos didáticos e sobre a avaliação da aprendizagem. Foi possível compreender como os objetivos pedagógicos são traçados, em conformidade com as necessidades da turma, e como o uso de recursos variados pode facilitar a compreensão dos conteúdos, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais atrativo.

Durante a experiência, foi evidente o comprometimento dos professores em superar os desafios existentes. A falta de professores substitutos e a limitação de recursos tecnológicos foram algumas das dificuldades enfrentadas, além de questões sociais, que impactam diretamente o rendimento dos alunos. Ainda assim, a escola busca desenvolver projetos, que minimizem estas desigualdades, como ações ambientais, culturais e pedagógicas, promovendo a inclusão e o fortalecimento do processo educativo.

Refletindo sobre a experiência, foi possível compreender que o ensino de Geografia exige domínio dos conteúdos e sensibilidade, para adaptar os seus métodos aos contextos social e cultural dos alunos. A utilização de exemplos locais, os estímulos à oralidade e ao pensamento crítico, bem como as integrações de tecnologias e de materiais concretos, revelaram-se estratégias eficazes ao engajamento dos estudantes. Essa vivência contribuiu significativamente para a minha formação como educadora, ampliando meu olhar sobre a prática docente e fortalecendo meu compromisso com uma educação pública crítica, inclusiva e de qualidade.

3.1. DISCUSSÃO

O estágio supervisionado representa um momento essencial à formação docente, pois permite, ao licenciando, vivenciar a realidade da prática educativa de formas direta e reflexiva. Ao longo da experiência na Escola Municipal de Ensino Fundamental Parque das Palmeiras, foi possível observar e participar de diferentes dimensões do trabalho pedagógico, o que proporcionou compreensões mais aprofundadas sobre o processo de ensino-aprendizagem, sobre a organização do espaço escolar e sobre os desafios cotidianamente enfrentados pelos educadores.

No período de observação, foi notável a intencionalidade dos professores em aplicar metodologias diversificadas, com o objetivo de atender às especificidades das turmas. Conforme destaca Tardif (2014), o saber docente é constituído por múltiplas dimensões, que se entrelaçam entre os conhecimentos disciplinar, pedagógico e experiencial. Nesse sentido, os professores observados demonstraram domínios dos conteúdos de Geografia e das didáticas necessárias a torná-los compreensíveis aos alunos, utilizando-se de recursos, como mapas, vídeos, desenhos e objetos concretos, contribuindo para a construção de uma aprendizagem significativa.

A realização da I Feira do Empreendedorismo Sustentável, por exemplo, reafirmou a importância dos projetos interdisciplinares e do uso de metodologias ativas. Os alunos foram desafiados a construir brinquedos e artigos com materiais recicláveis, exercitando sua criatividade e refletindo sobre práticas sustentáveis. De acordo com Freire (1996), a educação deve ser um ato de transformação e de conscientização crítica, e atividades como esta promovem a autonomia e a formação cidadã dos estudantes, ao dialogar com questões socioambientais do cotidiano.

Além disso, a experiência possibilitou observar de perto a importância das relações interpessoais no ambiente escolar. Nesse sentido, o envolvimento dos professores com os alunos, a participação ativa das famílias nas reuniões e nos eventos e o compromisso da gestão com o funcionamento da escola demonstram que a educação de qualidade é fruto de cooperação entre diferentes agentes. Como afirma Libâneo (2013), a prática educativa não se resume à sala de aula, mas envolve toda a estrutura organizacional da escola e os vínculos estabelecidos entre seus atores.

Outro aspecto observado foi o da necessidade constante de adaptação, por parte dos professores, diante da diversidade presente em sala de aula. Os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem exigem estratégias pedagógicas flexíveis e contextualizadas. Nesse ponto, o uso de exemplos locais e a aproximação dos conteúdos à realidade dos alunos se mostraram fundamentais para estimular seus interesse e participação — tal prática dialoga com a perspectiva da pedagogia histórico-crítica, que valoriza o conhecimento como instrumento de leitura e de transformação do mundo.

Segundo Nóvoa (1992), o professor é um sujeito em constante formação, e sua prática é continuamente reconstruída, a partir das experiências vividas e dos contextos enfrentados. Dessa forma, o estágio supervisionado cumpriu seu papel formativo, ao proporcionar uma imersão concreta na realidade escolar. As aprendizagens obtidas transcendem o conteúdo teórico da formação inicial, pois envolvem a construção de uma identidade docente comprometida com uma educação crítica, sensível às demandas sociais e pautada no diálogo constante entre teoria e prática.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estágio supervisionado, foi possível vivenciar a realidade do ambiente escolar de maneira profunda, compreendendo seus desafios e potencialidades e a importância do papel docente na formação dos estudantes. Cada experiência compartilhada, cada observação feita e cada interação entre alunos e professores contribuiu para o desenvolvimento de uma visão mais sensível e reflexiva sobre o ensino de Geografia.

A prática pedagógica mostrou que ensinar vai muito além da transmissão de conteúdos; trata-se de construir caminhos, para que o conhecimento faça sentido na vida dos alunos, permitindo que se tornem cidadãos críticos e conscientes do mundo ao seu redor. A diversidade de perfis estudantis revelou a necessidade de metodologias flexíveis e inclusivas, que respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem e que estimulem o protagonismo dos estudantes. Enfim, essa jornada se mostrou fundamental ao universitário, pois proporciona a oportunidade de aprender com profissionais mais experientes na área e permite a compreensão de diferentes didáticas e metodologias, que muitas vezes não são abordadas na teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Formação docente. Recursos didáticos. Metodologias ativas. Ensino-aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos a Deus e as nossas famílias, que vêm nos incentivando, e à professora Larissa Ribeiro, pela orientação obtida. Foi de extrema importância acompanhar os professores regentes da escola, que nos ensinaram diversas didáticas e metodologias de ensino, ao longo desta jornada.

REFERÊNCIAS

MARITUBA (cidade). Escola Municipal de Ensino Fundamental Parque das Palmeiras. **Projeto Político-Pedagógico**. Marituba: [Prefeitura Municipal de Marituba], 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 6. ed. Goiânia: Alternativa, 2013.

MARTINS, Rosa; TONINI, Ivane. A importância do estágio supervisionado em Geografia na construção do saber/fazer docente. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v. 20, n. 3, p. 98-106, 2016.

NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.



O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR EM FORMAÇÃO: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS

Aline Isabela Mota

aline.santos@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado I - 2025.1

Sabrina de Oliveira de Alencar

sabrina.alencar@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado I - 2025.1

Profa. Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro (orientadora do estágio)

la.mesquita@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Amparada pela Lei n.º 11.788/2008 e aprovada pelo Congresso Nacional em 25 de setembro de 2008, a disciplina de Estágio Supervisionado I não é apenas mais um dos deveres obrigatórios a cumprir no decorrer de um curso para discentes de licenciatura, mas é fundamental, tanto por permitir aprimorar o olhar acadêmico do indivíduo quanto por prepará-lo para os entraves e para as imprevisibilidades, que acompanham a vida de um professor no cenário educacional contemporâneo. No contexto geográfico, o estágio ajuda a entender como os conteúdos são abordados no ambiente escolar, além de abrir espaço para reflexões acerca da prática pedagógica, dando, ao discente, as oportunidades de investigar, de pesquisar e de desenvolver didáticas próprias, para alinhar os conceitos geográficos e os repertórios social e pedagógico dos alunos à realidade escolar. O processo do estágio não deve ser descrito apenas como a aplicação ativa dos conhecimentos, mas também deve ser usado como instrumento de construção profissional e de reflexão crítica sobre a prática, como descrevem Pimenta e Lima (2004).

Nesse sentido, o Estágio Supervisionado I se mostra uma disciplina essencial, para que o discente de Geografia possa entender a realidade escolar e refletir sobre sua participação, bem como, sobretudo, fomentar suas bagagens teórica e social, para a construção de sua identidade docente.

A Escola Estadual de Ensino Médio Avertano Rocha, utilizada como campo de estágio, pertence à rede municipal de ensino de Belém (PA) e está localizada na travessa Itabiraí, n.º 722, no bairro Cruzeiro/Icoaraci. Instaurada em 16 de maio de 1962, a escola foi nomeada, a partir de seu patrono, Prof. Avertano Rocha, e passou a se denominar EEEM Avertano Rocha no ano de 2015, durante a gestão

do ainda diretor Adelson Santos, aludindo à implantação progressiva do Ensino Médio em Tempo Integral.

Nesse contexto, a pergunta, a que este trabalho busca responder, é: de que maneira o estágio supervisionado contribui para a construção da identidade de um professor em formação?

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Além de observar as dinâmicas estabelecidas entre alunos e docente em sala de aula, tivemos a oportunidade de acompanhar as abordagens e as práticas adotadas no ensino de Geografia, pela professora e supervisora Flávia Gomes, durante o estágio.

A respeito da participação nas aulas, pudemos colaborar na criação de apostilas, na edição de slides, na programação de eventos, no planejamento de conteúdos e na correção de exercícios. A metodologia empregada pela professora é, em boa parte, a da aula expositiva tradicional, mas apostilas, vídeos e apresentações de slides no programa Powerpoint são materiais bastante utilizados, para tornar as aulas mais didáticas e instigantes aos alunos. Ao longo das explicações, a professora sempre busca convidar os estudantes a contribuir com histórias, com conhecimentos e com exemplos, muitas vezes baseados em suas próprias realidades, mediante perguntas, que mantêm o engajamento destes no processo de ensino-aprendizagem. Após a exposição dos conceitos, como ocorreu com o tema dos sistemas agropecuários intensivo e extensivo, foram utilizados vídeos do YouTube sobre propriedades e fazendas brasileiras, permitindo que os alunos identificassem intuitivamente as diferenças e as características de cada sistema.

Na questão da avaliação, há uma diversidade de métodos aplicados, para auxiliar os discentes a obter ou ultrapassar a média de 7,0 pontos empregada na instituição, como provas, simulados, seminários, atividades teóricas e práticas, entre outros. Observamos, no entanto, que as atividades práticas se mostraram as mais engajadoras e descontraídas. Por exemplo: durante o seminário de lideranças femininas indígenas proposto pela professora, muitos alunos demonstraram dificuldades em apresentar seus trabalhos, em razão da pressão e do medo de uma possível avaliação negativa, vinda da educadora, que repercutiria significativamente na nota final, logo, ao pedir que confeccionassem, em conjunto, um mural para exibir suas pesquisas no pátio escolar, os nervosismos se dissiparam e as reações dos estudantes foram mais favoráveis, permitindo que a criatividade fluísse e que o exercício fosse concluído de maneira satisfatória.

Ainda, quando se reconhece que a disciplina de Estágio Supervisionado I incrementa as bagagens profissional e social do educador em formação, também há a necessidade de se constatar que, assim como em qualquer outra profissão, há dificuldades ou obstáculos a se enfrentar no cotidiano, e que, no cenário educacional, especificamente, esses problemas podem comprometer o processo de ensino e a experiência escolar, tanto do alunado quanto do estagiário.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025
(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



Ocasionalmente, aulas são canceladas a pretexto de faltas de gás ou de comida para almoço e/ou merenda, além de muitos indivíduos precisarem faltar o segundo período de aulas, pois possuem trabalhos assalariados — alunos de baixa renda têm a necessidade de priorizar ganhos imediatos aos de longo prazo, resultantes das formações médio e/ou superior.

A descrença na educação continuada é outro desafio presente entre os alunos da atualidade. A ascensão à fácil estabilidade financeira, através de jogos de apostas, de serviços de influencer digitais e de cursos independentes, largamente propagados pelas mídias sociais, surge como alternativa ao método tradicional, desmotivando o ensino. Além disso, a juventude contemporânea também tem se tornado quase dominada pelos aparelhos celulares e, mesmo com a Lei n.º 15.100/2025, que proíbe o uso de smartphones em sala de aula, disputar a atenção dos alunos com este recurso, que seria usado somente para fins educacionais na teoria, ainda é uma constante na instituição.

Portanto, respondendo à pergunta proposta neste trabalho, pode-se dizer que a condução e a vivência advindas do estágio na EEEM Avertano Rocha foram essenciais e muito enriquecedoras para a compreensão da realidade da profissão de educador, pois apenas pela inserção no ambiente escolar que foi possível desconstruir noções pré-formadas sobre educação básica, observar diferentes práticas de ensino e, com base nelas, começar a arquitetar métodos próprios de lecionar, de aprender a planejar aulas, que se adequem a horários limitados e que também empatizem com o nível de conhecimento dos estudantes — e nos identificarmos como “professoras”, de fato. Ademais, tal experiência colaborou para relacionar a teoria aprendida no curso de licenciatura à prática, além, claro, de fortalecer o compromisso com a prática docente e com a educação.

3. DISCUSSÃO

O estágio é um dos principais pilares da formação de professores, logo as necessidades de atentar e de vivenciar as características que moldam o ambiente escolar marcam a experiência, ajudando nas análises de práticas, de ações e de abordagens em instituições de ensino. A partir das vivências do estágio, é possível perceber a presença de diferentes saberes, que estão totalmente ligados a ele e, posteriormente, ao trabalho. Tardif (2002) discute estes saberes, que constituem o trabalho do professor, como saberes da experiência, que se fundamentam na prática cotidiana e no conhecimento da realidade vivida, saberes curriculares, saberes pedagógicos e saberes disciplinares.

Durante o estágio, vivenciamos momentos, que requeriram paciência, criatividade e sensibilidade, perante os alunos. Lidamos com dificuldades, como a questão de

manter a atenção dos estudantes na sala, a falta de recursos, etc., mas, além disso, também notamos a força de uma comunidade escolar, que, mesmo frente às adversidades, esforça-se todos os dias, para ofertar uma educação de qualidade a todos. Esses momentos foram cruciais e nos ensinaram que ser professora é, acima de tudo, um ato contínuo de escuta, de empatia e de adaptação.

Callai (2013) defende uma Geografia, que ultrapassa o tradicionalismo e que se reinventa, indo além da memorização de conteúdo, ademais a promoção da leitura crítica do espaço geográfico permite, ao aluno, entender relações, desigualdades e transformações. Nesse caminho, é necessário que a Geografia se apresente como instrumento de problematização, de interdisciplinaridade, e que se aproxime, enquanto conhecimento científico, da realidade do estudante, das suas vivências e do seu contexto socioespacial, como escreve Libâneo (1985), ao argumentar a favor da pedagogia crítico-social dos conteúdos. Dessa forma, a experiência de estágio se revela fundamental para que o docente em formação compreenda a importância de contextualizar os conteúdos geográficos, tornando-os relevantes à realidade dos alunos e estimulando a reflexão crítica sobre questões espaciais e sociais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, pode-se refletir sobre as principais competências e noções adquiridas no tempo ofertado, logo é importante trazer à baila as percepções externa e interna da comunidade escolar. Observamos que a escola partilha de inúmeros componentes distintos, que buscam trazer o êxito ao processo de ensino-aprendizagem a todo momento. Estar presente no ambiente escolar, acompanhando de perto as rotinas de alunos e de professores, ajudou-nos a enxergar a educação, além da teoria aprendida nas disciplinas de graduação; foi neste contato direto com a realidade da escola pública que pudemos pensar sobre os papéis transformadores da educação e do próprio professor.

O professor possui a fundamental função de criar ligações entre as teorias e as realidades dos alunos, fazendo a aprendizagem significativa e efetiva e os colocando como protagonistas de suas próprias histórias. Nesse sentido, saímos deste processo de estágio mais preparadas para lidar com os empecilhos encontrados na prática de ensino e, também, mais motivadas para concluir o caminho trilhado, até a formação profissional.

Ademais, a experiência de estágio foi extremamente efetiva, ao contribuir com a percepção realista da prática de ensino, ao apreender as dimensões das dificuldades, dos desafios, dos obstáculos, dos acertos e, também, compreender os compromissos do professor na sala de aula e fora dela, como um processo contínuo, que não se restringe apenas ao âmbito escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Identidade docente. Desafios da docência. Ensino-aprendizagem. Formação em Geografia.

I JORNADA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA

“Vivências, Diálogos e Novos
Desafios”

25 de JUNHO de 2025

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

De 02/06/2025 a 20/06/2025

PERÍODO DE SUBMISSÃO:

De 02/06/2025 a 16/06/2025

(Prorrogado até dia 18/06)

REALIZAÇÃO



AGRADECIMENTOS

O estágio supervisionado em Geografia foi iniciado no dia 14 de março de 2025, na EEEM Avertano Rocha, no turno vespertino, com as turmas do 2º ano do ensino médio, sob a excelente orientação da Profa. Larissa Ribeiro, que lecionou a disciplina com maestria, e sob supervisão da professora regente da matéria, que se mostrou uma excelente profissional e que pôde nos direcionar, no decorrer do processo; foi graças as suas orientações e ao seu auxílio, que pudemos nos preparar para adentrar no espaço escolar, para nos aprofundar na rotina de um educador e para conhecer as diversas facetas do ensino integral atual, o que tornou esta experiência menos vaga e muito mais enriquecida e inspiradora. Agradecemos aos ensinamentos e ao tempo disponibilizado por ela, para que esta prática fosse possível, e saímos deste processo mais dispostas a fazer a diferença nas vidas dos nossos futuros alunos, levando as experiências vivenciadas na escola para a graduação.

REFERÊNCIAS

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, v. 1, n. 16, p. 133-152, 2015. DOI: 10.62516/terra_livre.2001.353.

Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/353>. Acesso em: 26 jun. 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VALORES E DESAFIOS NA DOCÊNCIA: RELATÓRIO DA DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I EM GEOGRAFIA, EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE BELÉM (PA)

Allan Wesley Lima de Sarges

allan.sarges@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado I - 2025.1

Ruan de Sousa Santana da Silva

ruan.ss.silva@aluno.uepa.br; Estágio Supervisionado I - 2025.1

Profa. Ma. Larissa Oliveira Mesquita Ribeiro (orientadora do estágio)

larissa.ribeiro@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

Entre os meses de março e de maio de 2025, desenvolveram-se os trabalhos da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I, período no qual foi possível conceber a importância prática do estágio na formação do docente.

O Estado brasileiro define o estágio como uma ação de cunho educativo a ser supervisionada, desempenhada no próprio ambiente de trabalho, visando à preparação profissional de discentes de vários graus, desde a Educação de Jovens e Adultos, até o ensino superior (Brasil, 2008).

Além disso, Scalabrin e Molinari (2013) afirmam que o estágio é um importante instrumento, que proporciona, ao aluno de graduação, uma oportunidade de aproximação entre a teoria ensinada em sala de aula e a prática do cotidiano escolar, bem como é uma chance para que o graduando obtenha mais domínio sobre os recursos técnicos e teóricos, que lhe foram previamente ensinados.

A escola que serviu como campo ao estágio se situa no bairro Souza, em Belém (PA), e atende a mais de mil alunos, especialmente do bairro Curió-Utinga. Apesar de estar em obras e de ter sua capacidade de atendimento comprometida, ainda oferece uma estrutura razoavelmente competente ao exercício da educação. Um indício importante deste êxito é sua nota mais recente no Ideb, 4,9, que a coloca acima das médias das escolas estaduais paraenses de ensino médio (4,3) e brasileira (4,4) (Brasil, 2023).

No entanto, há diversos condicionantes, que impactam a qualidade da escola pública, entre eles a própria ação do Estado, com as políticas de educação e com as diretrizes, que estão presentes na escola. Assim sendo, pergunta-se: como a ação do Estado, articulada à do grande capital, afeta o trabalho docente?

Como objetivo principal deste texto, busca-se analisar os mecanismos, que materializam a influência do capital sobre o Estado, para tornar a educação pública sujeita à lógica do mercado, e, de maneira específica, pretende-se: 1) Verificar como tais mecanismos estão presentes no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da instituição e na oferta de materiais didáticos; e 2) Compreender as



experiências vivenciadas no campo de estágio, mediante diálogo com a literatura especializada.

2. METODOLOGIA

A investigação proposta envolveu uma metodologia qualitativa, tanto exploratória quanto descritiva, valendo-se dos procedimentos de pesquisa bibliográfica e de estudo de campo. Segundo Gil (2008), uma pesquisa exploratória tem, como objetivo, promover familiaridade com o tema, visando à posterior investigação, ao passo que a pesquisa descritiva intenta identificar possíveis relações entre variáveis. Segundo o mesmo autor, a pesquisa bibliográfica, por mais que tenha ampla gama de fenômenos mensuráveis, tem a desvantagem de ser passível da reprodução ou intensificação dos vieses dos autores; o estudo de campo, por sua vez, vale-se da observação empírica para, entre outras coisas, identificar elementos, como relações de poder.

3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

O período de realização da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I, entre os dias 18 de março e 29 de maio de 2025, sempre às terças e às quintas-feiras, foi de enorme importância para a consolidação, via prática escolar, dos conhecimentos teóricos obtidos sobre educação.

Os professores envolvidos na tarefa se mostravam sensivelmente distintos em suas abordagens: o primeiro, fazia maior uso de recursos tecnológicos, ao passo que o segundo, usava predominantemente recursos analógicos; e o primeiro professor, ao tratar de um tema, primeiramente o resumia, antes de esmiuçá-lo, enquanto o segundo professor dispunha o tema em tópicos, a serem explicados um a um. Apesar das diferenças, um fator comum aos dois profissionais foi o da objetividade, a qual visava à facilitação da compreensão dos conceitos e dos temas abordados em sala, pelos alunos, em outras palavras, suas abordagens decerto obtinham a atenção dos alunos com uma efetividade muito similar.

A priori, segundo previamente orientado aos estagiários, o período deveria abranger obrigatoriamente apenas observações em sala de aula, além de reuniões com os professores e de eventuais atividades internas da instituição, que envolvessem questões administrativas. Em um primeiro momento, os temas e as metodologias das aulas eram discutidos de maneira bastante descontraída com ambos os professores, sendo normalmente feitas aproximações à realidade, inclusive com eventuais intervenções de professores de outras disciplinas.

Cabe ressaltar que ambos os profissionais acompanhados ministravam Geografia e Educação Ambiental e, como não houvesse tempo à disposição em sala de

aula, dada a drástica redução na carga horária da disciplina de Geografia e na já diminuta carga horária de Educação Ambiental, não restava ocasião para atividades mais elaboradas, cabendo aos docentes usar habilmente o tempo disponível para discussões acerca dos temas abordados. De qualquer forma, isso mostrou, aos partícipes do estágio, meios de melhor administrar o tempo em aula. Como já colocado, os estagiários foram previamente orientados a realizar apenas observações das dinâmicas em sala, contudo um dos professores, ao notar certa desenvoltura e domínio dos temas ministrados, por parte dos estagiários, resolveu ceder-lhes espaço para a prática da regência, tanto em Geografia quanto em Educação Ambiental. O problema do pouco tempo disponível a ambas as disciplinas foi prontamente sentido, pelos estagiários, que tiveram de fazer o gerenciamento do tempo, ora tralhando a regência individualmente, ora realizando-a em grupo. As aulas foram ministradas com alguma regularidade, às terças-feiras, passadas as primeiras semanas de adaptação.

Como os dois professores acompanhados estivessem incumbidos de ministrar aulas apenas a turmas do terceiro ano do ensino médio nos dias de estágio, os temas eram os mesmos em Geografia e em Educação Ambiental: geopolítica e blocos econômicos, na primeira; e geopolítica ambiental, na segunda. A progressão dos temas nas disciplinas era praticamente a mesma entre os professores, o que facilitava a comunicação entre os estagiários e a discussão de formas de gerenciamento de tempo.

Normalmente, o professor que oportunizou a breve regência aos estagiários utilizava um projetor em suas aulas, apresentando slides, versões digitais de apostilas e, eventualmente, vídeos e documentários, contudo o projetor era antigo e pouco funcionava em ambientes muito iluminados. No penúltimo dia de estágio, foram instalados televisores de 72 polegadas em cada sala de aula, o que dispensava o uso do projetor, dados o som e a imagem de melhores qualidades, mas pouco pôde ser visto do manejo deste novo instrumento.

As práticas realizadas foram de suma importância para o refinamento das compreensões dos temas particulares, veiculados em sala de aula, e da expansão dos domínios da técnica e dos pressupostos teórico-metodológicos, outrora ensinados no ambiente acadêmico. Além das experiências em sala de aula, cabe pontuar que os estagiários também se mantiveram a par das questões administrativas do colégio, debruçando-se sobre as atividades de leitura e de análise do PPP da escola, além dos desafios mais importantes notados pelos acadêmicos: a falta de livros didáticos; e a completa responsabilização do professor em fornecer materiais de estudo aos alunos, demandando mais tempo e mais trabalho do docente. Por fim, a despeito dos problemas, todos os profissionais educadores envolvidos no funcionamento da instituição mantinham o ambiente leve e descontraído, permitindo um bom desempenho das atividades estudantis e uma rica relação entre professores e alunos, mesmo além da sala de aula.



4. DISCUSSÃO

É possível asseverar que a escola pública passa por um processo de privatização, na medida em que sua gestão institucional e a elaboração e a condução das políticas públicas sofre cada vez mais influência de instituições privadas, às quais interessa o amplo nicho de mercado do setor educacional. Em nível nacional, esse processo ocorre pelo menos, desde o período que imediatamente sucede à redemocratização, mas, especialmente após o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, houve uma grande janela de oportunidades para a intervenção do grande capital, notadamente sobre o currículo, com ampla participação do mercado na elaboração da Base Nacional Comum Curricular. Isso atende, de modo mais amplo, a uma agenda geopolítica global, em que o grande capital se vale de seus poderes político e financeiro, especialmente via Banco Mundial, para fazer valer seus interesses de criar sistemas educacionais, que, em vez de formarem cidadãos críticos, formam indivíduos produtivos e aptos ao trabalho. A agenda neoliberal por trás desta orquestração também visa criar um ambiente de individualização de responsabilidades, o que, em última instância, torna o professor o grande responsável pelo sucesso ou fracasso do sistema educacional, razão pela qual a desmobilização da classe também faz parte da referida agenda (Hypólito, 2019; Lombardi; Lima, 2016; Peroni; Caetano; Arelaro, 2019; Weiner; Compton, 2016).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do estágio serviu, entrar outras coisas, para outorgar uma maior compreensão, aos acadêmicos, das questões estruturais, tanto no tocante ao ensino quanto às condições de trabalho, cada vez mais afetadas pelas dinâmicas de mercado. Se, por um lado, a infraestrutura da escola se mostrou, em vias gerais, satisfatória, por outro, a influência cada vez maior do capital sobre a coisa pública mexe com as possibilidades dos professores em sala. Uma das formas mais eficientes, pelas quais a grande estrutura influi na dinâmica de sala de aula, reside na diminuição sistemática da carga horária das disciplinas de Filosofia e de Ciências Humanas, substituindo-as por outras, como Projeto de Vida, patentemente orientada ao mercado de trabalho.

No que pesem tais percalços, tanto a adaptação às dinâmicas de sala de aula quanto a familiarização com o ambiente escolar e os seus desafios foram de suma importância para os estagiários, no sentido de lhes conferir técnica e, acima de tudo, pensamento crítico, no que tange às relações instituições da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Geografia. Docência. Mercantilização da educação.

AGRADECIMENTOS

À professora Larissa Ribeiro, que oportunizou e que acompanhou o processo de estágio; aos professores regentes da escola, que pacientemente receberam os estagiários; e ao diretor, que primeiramente permitiu a realização do estágio.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)**. Brasília: Ministério da Educação, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areasde-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em 18 abr. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT (...). Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 12 abr. 2025.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HYPÓLITO, Álvaro Moreira. BNCC, agenda global e formação docente. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 187-201, 2019.
- LOMBARDI, José Claudinei; LIMA, Marcos R. Golpes de Estado e educação no Brasil: a perpetuação da farsa. In: KRAWCZYK, Nora; LOMBARDI, José Claudinei (org.). **O golpe de 2016 e a Educação no Brasil**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.
- PERONI, V. M. V.; CAETANO, M. R.; ARELARO, L. R. G. BNCC: disputa pela qualidade ou submissão da educação? **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 35, n. 1, p. 35-56, 2019.
- SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.
- WEINER, L.; COMPTON, M. Understanding the aims and assumptions of the World Bank's Report "Great Teachers" for Latin America and the Caribbean. **Critical Education**, v. 7, n. 11, p. 1-17, 2016.



CEGEO
Coordenação de Estágio do
Curso Geografia



CCSE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
UEPA

UEPA

Pró-Reitoria de Graduação
PROGRAD

PROPESP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação da UEPA

UEPA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ

**GOVERNO DO
PARÁ**
PORTO TODO O PARÁ